

HANNAH FITERMAN

**O NASCIMENTO DO PAI:
ENVOLVIMENTO PATERNO NA GESTAÇÃO, NO PARTO E AOS TRÊS MESES
DO BEBÊ, NO CONTEXTO DE SALVADOR/BAHIA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, Universidade Católica do Salvador, para defesa no curso de Doutorado.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira

Apoio: FAPESB

Salvador

2016

UCSAL. Sistema de Bibliotecas.

F546 Fiterman, Hannah.

O nascimento do pai: envolvimento paterno na gestação, no parto e aos três meses do bebê, no contexto de Salvador/Bahia/ Hannah Fiterman . – Salvador, 2016.

206 f.

Tese (Doutorado) - Universidade Católica do Salvador.
Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientação: Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira.

1 Família 2. Envolvimento paterno 3. Transição para a paternidade
4. Nascimento do primeiro filho. I. Título.

CDU 316.356.2-055.1

TERMO DE APROVAÇÃO

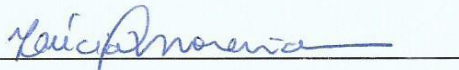
Hannah Fiterman

“O Nascimento do Pai: envolvimento paterno na gestação, no parto e aos três meses do bebê, no contexto de Salvador/Bahia.”

Tese aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

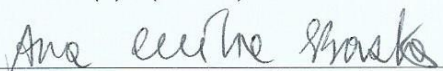
Salvador, 15 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

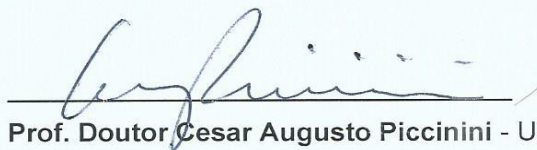


Prof.^a. Doutora Lúcia Vaz de Campos Moreira

Orientador(a) - (UCSal)




Prof.^a Doutora Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos - UCSAL



Prof. Doutor Cesar Augusto Piccinini - UFRGS



Prof. Doutor Giancarlo Petrini - UCSAL



Prof. Doutor Marcos Antônio Ferreira do Nascimento – IFF - Fiocruz

*À memória de minha avó,
Dulcinéia Rodrigues Fiterman.*

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer:

Deus, por me dar força interior para superar os momentos difíceis e mostrar os caminhos para todas as felicidades que vivo.

À Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira, pela forma carinhosa de conduzir o processo de orientação, que sempre me colocou instigantes reflexões, e por sua experiência compartilhada no Grupo de Pesquisa Família e Desenvolvimento Humano (UCSal), possibilitando em mim o despertar, o início de um caminho belíssimo no doutorado, impulsionando a busca pelo conhecimento.

À Profa. Dra. Ana Cecília de Sousa Bittencourt Bastos, que desde o curso de mestrado acompanha meu percurso acadêmico sempre tão gentilmente, dando-me valiosas sugestões para aprimorar minha tese e para aprender por toda a vida.

Ao Prof. Dr. Cesar Augusto Piccinini, por me aceitar na UFRGS para a realização do meu Doutorado Sanduíche, fato este que me possibilitou entrar em contato com o seu Grupo de Pesquisa e os diversos estudos sobre o tema investigado, contribuindo para o aperfeiçoamento da minha tese.

Ao Prof. Dr. Giancarlo Petrini, por ser uma referência nos estudos sobre família e também por aceitar participar da banca examinadora, contribuindo com a finalização da minha tese.

Ao Prof. Dr. Marcos Antônio Ferreira do Nascimento, grande incentivador, que marcou importante presença em minha vida acadêmica, gentilmente me apresentando ao PROMUNDO, e contribuiu para a produção de novos conhecimentos.

Ao Prof. Dr. Michael E. Lamb, pelas sugestões por ocasião do exame de qualificação e pela gentil colaboração, compartilhando a sua produção teórica e tornando possível o diálogo por meio tecnológico (e-mail).

Ao Prof. Dr. Jonathan Tudge, por compartilhar reflexões que enriqueceram a construção da minha tese.

Ao Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos, pelas constantes demonstrações de sabedoria e humildade: “Calma, coragem, oração e serenidade”.

À Izanéia Fiterman, minha mãe, por escolher ser mãe. Sua fé em Deus e em Nossa Senhora me ensina a ter esperança. Agradeço suas orações, sua dedicação e amor incondicional. Também agradeço à minha família materna.

Ao Ronald Silva Marques, meu pai, e à minha família paterna, por crescerem em afeto comigo.

Ao Cristiano Miranda Nogueira, carinhoso Cris, meu companheiro de todas as horas, pelo seu sorriso ensolarado e confortante.

À Universidade Católica do Salvador – UCSal, pelo precioso Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea.

Aos professores, colegas e funcionários, pela solidariedade e trocas de saberes.

Aos pais, que confiaram em mim para falar sobre suas vidas.

A você, leitor, e a tantas pessoas que contribuíram, de diversas maneiras, para a realização deste trabalho, a minha gratidão.

RESUMO

Diversas transformações familiares, culturais e históricas ocorridas na sociedade contemporânea tornaram mais complexo e plural o papel do pai na família. Com essas mudanças acontecendo, fica cada vez mais relevante estudar o envolvimento paterno no período de transição para a paternidade. Nesse sentido, a presente Tese de Doutorado tem por objetivo geral investigar, na perspectiva do pai, o envolvimento paterno durante a gestação, o parto e o terceiro mês do bebê. Para alcançar tal propósito, foi utilizado o método de pesquisa qualitativa longitudinal. Participaram da investigação 30 homens que estavam sendo pais pela primeira vez. Eles residiam em Salvador (BA) e foram acessados em uma clínica particular de ginecologia e obstetrícia, localizada em um bairro de classe média-alta de Salvador. Foram construídos três roteiros de entrevista semiestruturadas, contendo questões abertas, cada um deles foi aplicado em um dos seguintes momentos: (a) último trimestre de gestação; (b) uma semana após o parto; (c) aos três meses do bebê. As entrevistas foram gravadas e realizadas em local de conveniência para os pais e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Maternidade Climério de Oliveira, número do parecer 482.943. As gravações foram transcritas e foram construídas categorias a partir das respostas obtidas. Os dados foram analisados por análise de conteúdo qualitativa. Os principais resultados foram: o envolvimento paterno na gravidez se deu por meio do desejo e afetividade do pai em relação ao filho imaginado e do bom relacionamento com a mãe do bebê. Já no parto, o envolvimento foi constatado desde a primeira vez que o pai viu o filho e o segurou colo. Por fim, aos três meses do bebê, tal envolvimento se mostrou nas diversas formas de interação, na qualidade do envolvimento no tempo disponível para a criança e nas responsabilidades adquiridas ao cuidar do filho. Conclui-se que os pais estavam de um modo geral envolvidos com seus filhos, que tanto no desejo quanto na prática mostravam-se bastante envolvidos, apresentando um movimento crescente de envolvimento ao se considerar os três momentos de coleta de dados.

Palavras-chave: Família. Envolvimento paterno. Transição para a paternidade. Nascimento do primeiro filho.

ABSTRACT

Various family, cultural, and historical transformations in contemporary society have made the father's role in the family more complex and plural. With these changes happening, it becomes increasingly relevant to study paternal involvement in the transition to paternity. In this sense, the present doctoral thesis has as general objective to investigate, from the perspective of the father, the paternal involvement during the gestation, the delivery and the third month of the baby. To achieve this purpose, the longitudinal qualitative research method was used. 30 men who were about being parents for the first time took part in the research. They resided in Salvador (BA) and were addressed in a private gynecology and obstetrics clinic, located in a middle-upper class neighborhood of Salvador. For the data collection, three semi-structured interview scripts were built; containing open questions, each of them was applied in one of the following moments: (a) the last trimester of pregnancy of the first child; (B) one week after delivery; (C) three months of the baby. The research project was approved by the Research Ethics Committee of Maternity Climério de Oliveira, whose opinion number was 456,434. The interviews were recorded and held in a place of convenience for the parents and all signed the Term of Free and Informed Consent. The recordings were transcribed and categories were constructed from the answers obtained. Data were analyzed through qualitative content analysis. The main results were: paternal involvement in pregnancy occurred through the desire and affection of the father in relation to the imagined child and the good relationship with the baby's mother. Already in the delivery, the involvement was verified from the first time the father saw the son and he held him on his lap. Finally, when the baby was three months old, the involvement was shown in the different forms of interaction, in the quality of the involvement and in the time available to the child and in the responsibilities acquired when caring for the child. It was concluded that parents were generally involved with their children, both by the desire and in the practice they were quite involved, presenting a growing movement of involvement when considering the three moments of the data collection.

Keywords: Family. Parental Involvement. Transition to Paternity. Birth of the First Son.

RESUMEN

Varias transformaciones familiares, culturales e históricas de la sociedad contemporánea hicieron más complejo y plural el papel del padre en la familia. Con estos cambios que están ocurriendo, es cada vez más importante estudiar la participación del padre en la transición de paternidad. En este sentido, la presente tesis de doctorado tiene como objetivo investigar, en la perspectiva del padre, la participación paterna durante el embarazo, el parto y el tercer mes del bebé. Para lograr este propósito, se utilizó el método de investigación cualitativa longitudinal. La investigación incluyó a 30 hombres que serían padres por primera vez. Ellos residían en Salvador (BA) y se les accedió en una clínica privada de ginecología y obstetricia, ubicado en un barrio de clase media alta de Salvador. Para la recogida de datos, se construyeron tres guiones de entrevistas parcialmente estructuradas con preguntas abiertas, cada uno de esos guiones se aplicó en los siguientes tiempos: (a) en el último trimestre de la gestación del primer hijo o hija; (B) en la primera semana después del nacimiento; (C) en los tres primeros meses del bebé. El proyecto de investigación fue aprobado por el Comité de Ética de Investigación de la maternidad Climério de Oliveira, cuya opinión fue el número 456.434. Las entrevistas fueron grabadas y se aplicaron en el lugar de mayor comodidad para los padres y todos firmaron el consentimiento libre de gravámenes. Las grabaciones fueron transcritas y se construyeron categorías de las respuestas obtenidas. Los datos fueron analizados por análisis y contenido cualitativo. Los principales resultados fueron: la participación de los padres en el embarazo se produjo a través del deseo y el afecto del padre por el hijo imaginario y la buena relación con la madre del bebé. En el parto, se observó la participación a partir de la primera vez que el padre vio a su hijo y lo tuvo en su regazo. Finalmente, después de tres meses del bebé, la participación se demostró en varias formas de interacción, la calidad de la participación en el tiempo disponible para el niño y las responsabilidades adquiridas en el cuidado del niño. Se concluye que los padres estuvieron generalmente vinculados con sus hijos, y tanto en el deseo como en la práctica demostraron haber participado bastante, confirmando un movimiento creciente de participación al considerar los tres momentos de la recopilación de los datos.

Palabras clave: Familia. Participación paterna. Transición hacia la paternidad. Nacimiento del primer hijo.

SOMMARIO

Diverse trasformazioni familiari, culturali e storiche accadute nella società contemporanea hanno fatto diventare più complesso e plurale il ruolo del padre nella famiglia. Con questi cambiamenti in corso, si torna sempre più rilevante lo studio riguardo il coinvolgimento del padre nella transizione verso la genitorialità. In questo senso, la presente tesi di dottorato ha l'obiettivo generale d'indagare, in prospettiva del padre, il coinvolgimento paterno durante la gravidanza, il parto e il terzo mese del figlio. Per raggiungere questo obiettivo, abbiamo utilizzato il metodo di ricerca qualitativa longitudinale. La ricerca ha incluso 30 uomini che dovranno diventare o essere genitori per la prima volta. Loro abitavano in Salvador (BA) e sono stati raggiunti in una clinica privata di ginecologia e ostetricia, che si trova in un alto quartiere borghese di Salvador. Per la raccolta dei dati, sono stati costruiti tre script semi-strutturati intervista contenendo domande aperte, ciascuno di essi script è stato applicato ad ogni uno dei seguenti tempi: (a) all'ultimo trimestre della gravidanza del primo figlio o della prima filha; (B) ad una settimana dopo la nascita; (C) ai tre primi mesi del bambino. Il progetto di ricerca è stato approvato dal Comitato Etico di ricerca della maternità Climério de Oliveira, il cui parere è stato il numero 456.434. Le interviste sono state registrate e fatte in luoghi i più comodi per i genitori e tutti hanno firmato il consenso d'informare libera e consapevolmente. Le registrazioni sono state trascritte e le categorie sono state costruite dalle risposte ottenute. I dati sono stati analizzati mediante analisi qualitativa. I principali risultati sono stati: il coinvolgimento dei genitori in gravidanza si è verificato attraverso il desiderio e l'affetto del padre riguardo il figlio immaginato e anche attraverso il buon rapporto con la madre del bambino. Invece nella nascita, il coinvolgimento è stato osservato dal momento che per la prima volta che il padre ha visto il figlio e l'ha tenuto in grembo. Infine, dopo tre mesi del bambino, tale coinvolgimento è stato mostrato in varie forme di interazione, la qualità del coinvolgimento nel tempo a disposizione per il bambino e le responsabilità acquisite nella cura per il bambino. Si è concluso che i genitori sono stati generalmente coinvolti con i loro figli, e sia nel desiderio come nella pratica hanno dimostrato essere abbastanza coinvolti, dimostrando avere un movimento crescente di coinvolgimento a considerare i tre momenti di raccolta dei dati.

Parole chiave: Famiglia. Coinvolgimento paterno. Transizione alla genitorialità. La nascita del primo figlio.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados de identificação dos pais. Salvador, 2015.....	71
Tabela 2 - Concepções de família apresentadas no período de gestação. Salvador, 2015.....	77
Tabela 3 – Dados sobre a composição familiar onde ou com quem o entrevistado residia na infância e na adolescência e com quem reside atualmente. Salvador, 2015.....	79
Tabela 4 – Dados referentes às composições sobre pessoas que fazem parte da família, no período da gestação. Salvador, 2015.....	79
Tabela 5 - Concepções sobre o que é ser pai. Salvador, 2015.....	81
Tabela 6 - Concepções sobre os deveres de um pai. Salvador, 2015.....	82
Tabela 7 - Concepções sobre os direitos de um pai. Salvador, 2015.....	83
Tabela 8 - Concepções sobre pai ideal. Salvador, 2015.....	84
Tabela 9 – Concepções sobre envolvimento paterno no período da gestação do primeiro filho. Salvador, 2015.....	87
Tabela 10 – Concepções sobre como os pais costumam se envolver com seus filhos. Salvador, 2015.....	88
Tabela 11 – Considerações sobre ser pai no período de gestação do filho. Salvador, 2015.....	89
Tabela 12 – Reação do pai com a notícia da gravidez de sua esposa/companheira. Salvador, 2015.....	91
Tabela 13 – Participação do pai no período de gestação do primeiro filho. Salvador, 2015.....	98
Tabela 14 – Como o pai tem sido inserido no contexto de gravidez. Salvador, 2015.....	100
Tabela 15 – Envolvimento do pai com o(a) filho(a) no período da gestação. Salvador, 2015.....	102
Tabela 16 – Como o pai pretende se envolver com seu filho depois de nascido. Salvador, 2015.....	104
Tabela 17 – O que favoreceu o envolvimento do pai com o filho no período da gestação. Salvador, 2015.....	105
Tabela 18 – O que dificultou o envolvimento entre pai e filho no período da gestação. Salvador, 2015.....	107
Tabela 19 – De que forma o pai busca informações. Salvador, 2015.....	108
Tabela 20 – Justificativa dos pais que conseguiram estabelecer algum tipo de relação com o/a médico/a que acompanhava a gestação. Salvador, 2015.....	109
Tabela 21 – Como será a vida do pai após o nascimento do bebê. Salvador, 2015.....	113
Tabela 22 – Projetos dos pais para depois do nascimento do bebê. Salvador, 2015.....	114
Tabela 23 – Expectativas dos pais sobre o relacionamento deles com a mãe do bebê após o nascimento do filho. Salvador, 2015.....	115
Tabela 24 – Como foi o parto do filho. Salvador, 2015.....	119
Tabela 25 – Envolvimento paterno no momento do parto. Salvador, 2015.....	121
Tabela 26 – Experiência do pai ao ver o seu filho pela primeira vez. Salvador, 2015.....	122
Tabela 27 - Experiência do pai de segurar o bebê no colo pela primeira vez. Salvador, 2015.....	123
Tabela 28 – Como tem sido para o pai se deparar com o bebê concreto, real. Salvador, 2015.....	125
Tabela 29 – O que favoreceu o envolvimento paterno no parto. Salvador, 2015.....	126
Tabela 30 - O que dificultou o envolvimento paterno no momento do parto. Salvador, 2015.....	128
Tabela 31 - Relacionamento com a esposa na primeira semana de vida do filho. Salvador, 2015.....	129
Tabela 32 – Apoio à esposa na primeira semana do nascimento do filho. Salvador, 2015.....	129
Tabela 33 - Envolvimento paterno nos primeiros dias de vida da criança: Cuidados Físicos. Salvador, 2015.....	131
Tabela 34 – Brincar com o bebê na primeira semana de vida. Salvador, 2015.....	134
Tabela 35 – Envolvimento paterno durante a primeira semana de vida do bebê em termos de Interação. Salvador, 2015.....	135

Tabela 36 – Envolvimento paterno durante a primeira semana de vida do bebê em termos de Acessibilidade/Disponibilidade. Salvador, 2015.....	140
Tabela 37 - Envolvimento do pai com seu filho em termos de responsabilidade na primeira semana após o parto. Salvador, 2015.....	142
Tabela 38 – Como havia sido o período entre o nascimento do bebê até os três meses de vida dele. Salvador, 2015.....	145
Tabela 39 - Envolvimento paterno no terceiro mês de vida do bebê: Cuidados Físicos. Salvador, 2015.....	149
Tabela 40 – Brincar com o bebê no terceiro mês de vida. Salvador, 2015.....	150
Tabela 41 - Envolvimento paterno durante o terceiro mês de vida do bebê em termos de Interação. Salvador, 2015.....	151
Tabela 42 - Envolvimento paterno durante o terceiro mês de vida do bebê em termos de Acessibilidade/Disponibilidade. Salvador, 2015.....	153
Tabela 43 - Envolvimento do pai com seu filho no terceiro mês de vida em termos de responsabilidade. Salvador, 2015.....	154
Tabela 44 - O que favoreceu o envolvimento paterno com o bebê aos três meses de idade. Salvador, 2015.....	156
Tabela 45 – O que dificultou o envolvimento paterno aos três meses do bebê. Salvador, 2015.....	157
Tabela 46 - Relacionamento com a esposa e repercussões para o desenvolvimento do bebê. Salvador, 2015.....	158
Tabela 47 – Apoio à esposa no terceiro mês de vida do bebê. Salvador, 2015.....	158
Tabela 48 – Concepções de família apresentadas aos três meses do bebê. Salvador, 2015.....	160
Tabela 49 – Dados referentes às concepções sobre pessoas que fazem parte da família, nos períodos de gravidez e aos três meses do filho. Salvador, 2015.....	160
Tabela 50 – Concepções sobre envolvimento paterno aos três meses do bebê. Salvador, 2015.....	161
Tabela 51 - Dados sobre as companheiras dos pais. Salvador, 2015.....	200
Tabela 52 - Dados sobre a gravidez, o sexo do bebê e o parto. Salvador, 2015.....	201

LISTA DE SIGLAS

CNS	Conselho Nacional de Saúde
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INED	<i>Institut Nationale d'Études Démographiques</i>
MS	Ministério da Saúde
ONG	Organização Não-governamental
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UCSAL	Universidade Católica de Salvador

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REVISÃO DE LITERATURA	20
2.1	A FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE	20
2.2	A ARTICULAÇÃO DA PATERNIDADE COM AS MASCULINIDADES	25
2.3	O LUGAR DO PAI NA FAMÍLIA	27
2.4	DEFINIÇÕES E PESQUISAS SOBRE O ENVOLVIMENTO PATERNO	37
2.4.1	Envolvimento paterno na gestação	44
2.4.2	Envolvimento paterno no parto	58
2.4.3	Envolvimento paterno no terceiro mês de vida do bebê	61
2.5	O ESTUDO	67
3	MÉTODO	68
3.1	DELINEAMENTO	68
3.2	LOCAL E PARTICIPANTES	69
3.3	INSTRUMENTOS	73
3.4	PROCEDIMENTOS	74
3.5	ANÁLISE DOS DADOS	74
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	76
4.1	DADOS OBTIDOS NO PERÍODO DA GESTAÇÃO DO PRIMEIRO FILHO	76
4.1.1	Concepções do pai sobre família durante o período da gestação do primeiro filho e composição familiar	76
4.1.2	Concepções sobre o que é ser pai e experiências da paternidade	80
4.1.3	Concepções sobre envolvimento paterno durante o período da gestação do primeiro filho	86
4.1.4	Planejamento da gravidez e desejo de ter filhos	93
4.1.5	Informações sobre gravidez	108
4.1.6	Expectativas quanto à criança, ao projeto de vida do pai e ao relacionamento do casal	111
4.1.7	Apoio ao casal na gestação do primeiro filho	117
4.2	DADOS OBTIDOS NA SEMANA POSTERIOR AO PARTO	118
4.2.1	Envolvimento paterno no parto	119
4.2.2	Envolvimento paterno nos primeiros dias de vida do bebê	130
4.3	DADOS OBTIDOS AOS TRÊS MESES DO BEBÊ	144
4.3.1	Mudanças advindas com a experiência da paternidade	145
4.3.2	Envolvimento do pai com o bebê aos três meses de idade	148

5	DISCUSSÃO GERAL – ASPECTOS LONGITUDINAIS DA INVESTIGAÇÃO.....	162
5.1	FAMÍLIA.....	163
5.2	PATERNIDADE.....	164
5.3	ENVOLVIMENTO PATERNO.....	165
5.4	CONJUGALIDADE E PARENTALIDADE.....	173
5.5	REDE DE APOIO.....	175
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	176
	REFERÊNCIAS	182
	APÊNDICES	
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	194
	APÊNDICE B - Roteiro de entrevista para os pais – Período da gestação do(a) primeiro(a) filho(a).....	195
	APÊNDICE C - Roteiro de entrevista para os pais – Semana após o parto.....	198
	APÊNDICE D - Roteiro de Entrevista para os pais – Filho(a) com três meses.....	199
	APÊNDICE E – Tabela 51 - Dados sobre as esposas/companheiras dos pais. Salvador, 2015.....	200
	APÊNDICE F – Tabela 52 - Dados sobre a gravidez, o sexo do bebê e o parto. Salvador, 2015.....	201
	ANEXO 1 – PARECER CONSUBISTANCIADO DO CEP COM/UFBA.....	202

1 INTRODUÇÃO

Estudos sobre o pai vêm ganhando espaço não somente na comunidade científica mundial como também nos debates realizados em instituições educacionais e na sociedade em geral. O interesse em pesquisar homens enquanto pais se ampliou a partir da década de 70 do século XX, com estudiosos tentando compreender as novas formas de paternidade (PARKE, 1986; SHAPIRO, 1987; ZAYAS, 1987). Tais estudos têm levado em consideração a pluralidade de formas atuais da família e demonstrando paternidades mais diversificadas e complexas do que as do passado, sendo que mudanças de atitude e de comportamento de homens enquanto pais são evidenciadas nessas pesquisas (SHWALB; SHWALB; LAMB, 2013).

As investigações iniciais sobre paternidade priorizaram estudos com pais biológicos, casados e heterossexuais que residiam com seus filhos (PLECK, 2013). Essas pesquisas focavam o desenvolvimento infantil, fazendo considerações sobre pais ausentes e pais presentes na vida da criança em termos quantitativos. Pesquisas posteriores também investigaram sobre pais imigrantes (GONZALEZ-LOPEZ, 2004), pais homossexuais (GOLDBERG; TAN; THORSEN, 2009), pais recasados, além de buscarem compreender a família monoparental masculina (CARVALHO, 2007) e a paternidade em diversos contextos socioeconômicos.

Também cabe destacar que há estudos sobre a paternidade realizados por vários pesquisadores do mundo, refletindo os impactos vivenciados pelos pais em diversas culturas, gerando, por exemplo, o livro “Fathers in Cultural Context” (SHWALB; SHWALB; LAMB, 2013), que contém o capítulo “Fathering in Brazil: a diverse and unknown reality” (BASTOS et al., 2013) e o livro “Fathers across cultures: the importance, roles, and diverse practices of dads” (ROOPNARINE, 2015), que contém o capítulo “Fathering in Brazil” (CARVALHO; MOREIRA; GOSSO, 2015).

No Brasil, algumas coletâneas e livros acadêmicos foram produzidos sobre o tema, como por exemplo: “O pai está esperando?” (TONELI; MEDRADO; TRINDADE; LYRA, 2011), “Observando a Interação Pais-Bebê-Criança” (PICCININI; MOURA, 2007), “O Pai na Sociedade Contemporânea” (MOREIRA; PETRINI; BARBOSA, 2010), “Novo pai: percursos, desafios e possibilidades” (GOETZ; VIEIRA, 2015), “Paternidade na Sociedade Contemporânea: o envolvimento paterno e as mudanças na família” (MOREIRA;

RABINOVICH; ZUCOLOTO, 2016) e “O papel do pai e as políticas voltadas à paternidade” (CARVALHO; MOREIRA, 2016).

É relevante frisar que a paternidade se transforma ao longo do tempo e é influenciada pela cultura na qual está inserida. A família tradicional formada por um pai provedor e por uma mãe cuidadora do lar e dos filhos, não condiz mais com a realidade vivenciada por grande parte dos casais brasileiros na contemporaneidade. Assim, são necessários estudos sobre as mudanças nas famílias, sobre a transição para a paternidade e sobre o envolvimento paterno.

Historicamente, o patriarca foi o detentor do poder, sendo posteriormente alocado para um novo lugar em decorrência de mudanças advindas do capitalismo, do mundo globalizado, da ascensão da mulher no mercado de trabalho e das concepções sobre infância (GIDDENS, 2003). Atualmente, o pai é requisitado para o sustento financeiro, para o reconhecimento da prole e para a afetividade e cuidado com os filhos. Entretanto, Gomes e Resende (2004) apontam que embora diversas transformações repercutam na concepção de maternidade e de paternidade, subsistem, ainda, no imaginário social, marcas da estrutura familiar tradicional.

Segundo Gomes e Resende (2004), o modelo de família organizado com base na hierarquia e regido pela severidade de princípios, foi substituído por formas diferenciadas de organização familiar, sem deixar lugar para o autoritarismo do antigo pai, o provedor, que exercia domínio sobre o grupo. Por ser autoritário, o pai se isentava de maiores compromissos e de manifestações afetivas para com os filhos. Sua supremacia era imposta tanto para os filhos, como para a mulher, que dele dependiam economicamente e a quem se submetiam de acordo com as regras estabelecidas. Por sua vez, a mulher tinha os afazeres da casa e o cuidado com os filhos como principal ocupação.

Somente após 1950, com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho, esse quadro começou a se modificar. Segundo Moraes (2001), a inserção cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho e a conseqüente independência econômica delas propiciaram o surgimento de novos arranjos familiares, com significativa mudança nas relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, Samara (2002) ressalta que os movimentos feministas vieram a consolidar esta situação, acirrando ainda mais o debate sobre o lugar dos homens e das mulheres nas relações sociais, no trabalho, na reprodução, nas questões demográficas e em outras tantas. Essa nova postura feminina contribuiu, em grande escala, para as mudanças na estrutura familiar contemporânea.

Dessa forma, com a mulher adentrando os espaços públicos, o homem passou a ser mais requisitado tanto para os serviços domésticos quanto para os cuidados das crianças.

Além disso, os próprios pais passaram a requerer o direito a um maior envolvimento com os filhos. Nesse sentido, conforme afirma Moraes (2001), as novas formas de parentalidade são fruto das modificações ocorridas na família nuclear, baseadas nos ideais de igualdade dos direitos entre homens e mulheres, nas exigências do mundo capitalista e nas influências do feminismo. De acordo com este autor, as mudanças sociais induziram modificações na percepção das funções paternas e maternas.

É importante mencionar, ainda, que a chegada do primeiro filho transforma o casal em uma nova família, sendo este um momento que implica em mudanças para todos os envolvidos. No entanto, é importante destacar que os novos papéis e funções assumidos ocorrem de forma única em cada família (CERVENY; BERTHOUD, 2010). Nesse sentido, conforme Giddens (2003), não dá para considerar a maternidade e a paternidade da mesma forma em diversas classes sociais ou culturas ou mesmo gerações.

Quando um casal de “primeira viagem” começa a cuidar do bebê, as questões de gênero são postas em evidência. É como se, instintivamente, a mulher se tornasse mãe e com o dever de saber cuidar do bebê e o pai não tivesse jeito para isso, mas devesse garantir o sustento da família. Nesse contexto, quais são as fronteiras que o homem tem que ultrapassar para ser pai? O contraste é maior no período gravídico-puerperal, pois tradicionalmente não se espera grande participação paterna nesta circunstância. Para compreender melhor como se dá a novidade cultural de o homem se envolver com a gravidez, o parto e os cuidados com o recém-nascido, será preciso, como destacam Brasileiro et al. (2010), contextualizar as questões de gênero em uma abordagem interdisciplinar. Nesse período gravídico-puerperal, o envolvimento paterno está em construção, em desenvolvimento e é possível e enriquecedor entrelaçar diversos olhares para este objeto.

Quando nasce uma criança, em termos legais, geralmente dois adultos passam a ser o pai e a mãe biológicos desse indivíduo. Entretanto, não é o fato de ter um filho biológico que faz o homem assumir instantaneamente o papel de pai. Esse homem demanda de tempo para se reestruturar cognitivamente e ajustar seus comportamentos ao passar pela transição para a paternidade. Nesse sentido, o título desta Tese salienta o nascimento do pai, partindo do pressuposto de que o homem que se envolve com seu(sua) filho(a), assumindo ser presentes na vida dele e investindo na parentalidade, passará por mudanças psicológicas e comportamentais, demandando tempo e ajustes constantes para desempenhar o papel de pai. Dessa forma, o homem se torna alguém diferente do que ele era antes, alguém que ele não conseguiria imaginar ser se não fosse pai. Os homens que passam pela transição para a paternidade começam tanto a pensar diferentemente acerca de si, quanto a agir diferente em

suas vidas e relacionamentos, conforme salienta Palkovitz (2007). Portanto, o homem nasce como pai nessa transição.

Diante disso, o presente estudo de doutorado tem por objetivo investigar, na perspectiva do pai, o envolvimento paterno na gestação, no parto e aos três meses do(a) primeiro(a) filho(a), no contexto de Salvador (BA).

Considerando as mudanças ocorridas na sociedade ocidental contemporânea e as novas concepções de envolvimento paterno, levantou-se a hipótese de que seriam encontrados altos níveis de envolvimento do pai com o(a) filho(a), desde a gravidez até os três meses do bebê. Além disso, acreditava-se que o envolvimento paterno fosse influenciado por características pessoais do pai, da mãe, do bebê, por outros familiares, pelo contexto do trabalho do pai e por sua vida social.

Além da relevância científica desta investigação, houve também uma trajetória pessoal da doutoranda, Hannah Fiterman, cuja família de origem foi constituída por mãe solteira, avó e tias maternas. Assim, diante de uma convivência menor com o pai, ela desejou ampliar o olhar dela sobre a paternidade. Teve destaque para o aprofundamento deste tema, sua participação no Grupo de Pesquisa “Família e Desenvolvimento Humano”, da Universidade Católica do Salvador (UCSal), que é coordenado pela Professora Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira e tem focalizado, nos últimos anos, investigações sobre a paternidade contemporânea.

A doutoranda pretendeu aprofundar os estudos que iniciou no curso de mestrado também realizado no Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, que é interdisciplinar. A dissertação intitulada “Reescrevendo o pai na sociedade contemporânea: uma representação social da paternidade em Salvador-BA” (FITERMAN, 2012) investigou a representação social da paternidade a partir da perspectiva do pai e foi orientada pela Professora Dra. Mary Garcia Castro. Os resultados do referido trabalho indicaram a necessidade de pesquisar a transição para a paternidade, o que está sendo feito neste estudo ao dar enfoque ao envolvimento paterno na gravidez, no parto e aos três meses do primeiro filho.

É importante destacar, ainda, a relevância de o pai ser objeto de estudo levando-se em consideração as mudanças ocorridas no seio da família. Assim sendo, esta pesquisa pretende colaborar para o debate do ponto de vista da produção científica sobre família, paternidade e, em especial, envolvimento paterno, na perspectiva do próprio homem/pai. Os dados obtidos poderão colaborar com a construção de políticas públicas que promovam o reconhecimento social da paternidade. Além disso, os conhecimentos sobre o exercício da paternidade podem

promover a maior participação dos homens no processo do nascimento dos filhos e nos cuidados infantis. Ou seja, poderão reconhecer o direito se envolverem no acompanhamento da gravidez, do parto e do pós-parto de seus filhos.

A presente tese está subdividida em cinco capítulos abarcando a Introdução, a Revisão de Literatura, o Método, Resultados e Discussão, além das Considerações Finais. Na Revisão de Literatura investigou-se a família na contemporaneidade, a articulação da paternidade com as masculinidades, o lugar do pai na família, as definições e pesquisas sobre envolvimento paterno, envolvimento paterno na gravidez, no parto e nos três primeiros meses do(a) filho(a). No Método são descritos seu delineamento, local e participantes, instrumentos, procedimentos da pesquisa e como foram analisados os dados obtidos.

Nos Resultados e Discussão, analisaram-se os dados obtidos nas três entrevistas realizadas, cada uma em um período distinto: terceiro trimestre de gestação, uma semana após o parto e no terceiro mês de vida do bebê. Essa análise percorreu os dados de identificação do entrevistado, a compreensão das relações que ocorreram e como se estruturava a família de origem, as concepções do pai sobre família, paternidade e envolvimento paterno, as noções que eles tinham de direitos e deveres, a relação conjugal, as expectativas quanto ao filho, o envolvimento propriamente dito entre pai e filho ao longo dos três períodos de coleta de dados, assim como a reflexão sobre o que favorece e o que dificulta tal envolvimento e a rede de apoio social.

Por fim, nas Considerações finais, os objetivos da pesquisa são retomados, procurando respondê-los sinteticamente, há uma crítica ao método utilizado e são apresentadas sugestões para pesquisas futuras e intervenções relativas ao envolvimento paterno.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A paternidade se transforma ao longo do tempo e é influenciada pela cultura na qual está inserida. A família tradicional formada por um pai provedor e por uma mãe cuidadora do lar e dos filhos, não condiz mais com a realidade vivenciada por grande parte dos casais brasileiros na contemporaneidade. Atualmente, transitam na paternidade aspectos relacionados ao cuidado e ao afeto com a prole. Assim, são necessários estudos sobre as mudanças nas famílias, sobre a transição para a paternidade e sobre envolvimento paterno. Diante disso, neste capítulo de revisão de literatura serão abordados: a família na contemporaneidade, a articulação da paternidade com as masculinidades, o lugar do pai na família, definições e pesquisas sobre o envolvimento paterno, o envolvimento paterno na gestação, no parto e com o filho aos três meses de idade.

2.1 A FAMÍLIA NA CONTEMPORANEIDADE

Estudar a família é uma tarefa desafiadora, por se tratar de um sistema complexo de relações e de mútua influência com o contexto sócio-histórico-cultural no qual está inserida. A família é constituída pelas relações e pela transmissão de padrões de uma geração para outra (DESSEN; BRAZ, 2005).

De acordo com Dessen e Lewis (1998), as pesquisas trabalham com as literaturas sobre a “família” e sobre o “pai” de forma separada, sem levar em consideração que as concepções de pai são construídas a partir das perspectivas das funções e dos papéis paternos dentro de um sistema familiar. De fato, o sistema familiar influencia o homem ao tornar-se pai, assim como o pai interfere na formação familiar, de modo bidirecional. Então, parte-se do pressuposto de que:

Para compreender o que é ser ‘pai’ é preciso, primeiro, conhecer o que acontece dentro da ‘família’, levando em consideração as interações e as relações desenvolvidas entre os seus diferentes subsistemas, bem como o contexto social no qual as ‘famílias’ estão inseridas. (DESSEN; LEWIS, 1998, p. 105)

Dessa forma, o pesquisador que reflete sobre o contexto familiar do pai, busca entender o homem na transição para a paternidade de maneira integral, observando como se dá a formação de valores, crenças e práticas do pai nas relações que se estabelecem na família. Portanto, discutir o conceito de família na contemporaneidade é essencial e relevante para abordar a dinâmica existente do pai em desenvolvimento no seu curso de vida.

Em um estudo sobre as concepções de família, Rabinovich e Moreira (2008) entrevistaram 45 crianças paulistas com idades entre seis e dez anos, oriundas de diversas camadas sociais. As referidas autoras identificaram cinco conceitos principais que as crianças atribuíram à família: uma visão afetiva; a ajuda que presta; companhia; sentido da vida e pessoas que fornecem sustento.

Outra pesquisa, realizada por Moreira, Rabinovich e Silva (2009), investigou os significados atribuídos aos pais, mães, irmãos, avós e família por 60 crianças baianas. Estas tinham entre seis e 12 anos e seus pais tinham nível sócio educacional baixo e alto. As crianças concebiam família como:

(a) pessoas que cuidam: significando pessoas que colaboram umas com as outras, que se ajudam; (b) significado afetivo: lugar onde as pessoas manifestam amor, carinho, respeito, bondade e não maltratam; (c) grupo de pessoas que vivem juntas: família enquanto grupo de pessoas que vivem juntas, que coabitam e são unidas, compartilhando, dividindo as experiências pessoais, ajudando-se mutuamente e tendo objetivos comuns; (d) fornece sustento: grupo de pessoas que dão alimento, vestimenta, moradia, ou mesmo que dão brinquedos, dentre outros; (e) educa a nova geração: família como função de educar sua prole; (f) sentido da vida: elemento mais importante, razão da própria vida; (g) estrutura/definição legal: definição de família a partir de seus componentes; (h) diverte, passeia: família composta por pessoas que propiciam momentos agradáveis incluindo a realização de passeios e relacionamentos descontraídos e brincadeiras. (MOREIRA; RABNOVICH; SILVA, 2009, p. 80).

Investigações sobre família realizadas por Rabinovich, Moreira e Franco (2012) com 170 universitários do Estado da Bahia (Brasil), provenientes da capital e do interior do Estado; oriundos de Instituições de Ensino Superior (IES) particulares e públicas; de ambos os sexos e que tinham em média 25 anos. O resultado que emergiu dessa investigação foi o de uma família ideal relacionada principalmente à convivência harmoniosa, afeto, suporte incondicional, apoio, cuidado e proteção. A família foi definida principalmente como base segura.

As mudanças na estrutura familiar vêm gerando um novo contexto de relação de poder e inter-relações, um universo diferente de expectativas e de representações subjetivas. Se já existiam divisões desiguais de tarefas voltadas para o ambiente familiar antes do nascimento da prole, a chegada do primeiro filho amplia essas desigualdades de gênero. Investigar as percepções reais e ideais entre comportamento de cuidado paterno e materno, observando as possíveis implicações para o desenvolvimento infantil, pode oferecer maior entendimento na construção dos papéis familiares. Mesmo porque a socialização não é um processo unidirecional, no qual apenas os pais transmitem normas sociais para seus filhos. As crianças também são agentes ativos nesse processo. Elas são biologicamente preparadas para serem socializadas em diferentes aspectos de suas vidas. Processam informações relevantes para a socialização, aceitando ou rejeitando-as, impondo sua própria estrutura, influenciada pela dos pais. Por sua vez, as crianças também socializam seus cuidadores, alterando pelo menos algumas das crenças e valores deles (GRUSEC, 2011).

Segundo Singly (2007), que aborda a individualização das relações familiares ao longo das últimas décadas, o debate sobre a crise da família, no Ocidente, foi propiciado pelos efeitos da generalizada aceitação social do divórcio, pelo declínio da instituição do casamento e da baixa taxa de fecundidade. Esses acontecimentos tanto indicaram a compreensão de que se delineara o enfraquecimento da família tradicional nuclear, quando se deu o surgimento de novos modelos familiares, caracterizados, por sua vez, pelas mudanças nas relações entre os sexos e as gerações, tais como: controle mais intenso da natalidade, autonomia relativa da sexualidade referente à esfera conjugal (posto que o exercício da atividade sexual deixa de estar circunscrito à esfera do matrimônio), inserção massiva da mulher no mercado de trabalho, questionamento da autoridade paterna, atenção ao desenvolvimento das necessidades infantis e dos idosos, entre outras.

Também Jablonski (1998) destaca que as diversas mudanças sociais ocorridas nos últimos tempos geraram novos acontecimentos e novas formas de pensar e sentir. O autor aponta para o aumento das separações, de divórcios, de recasamentos, assim como para o menor número de filhos e a entrada da mulher no mercado de trabalho. Segundo ele, a modernização e a urbanização fomentaram transformações nos valores, nas normas sociais, nos papéis sexuais, na família e no casamento.

Singly (2007) estabeleceu associações entre as mudanças da contemporaneidade e seus efeitos na família, considerando a dimensão relacional presente no processo constitutivo da identidade dos indivíduos, em que os outros significativos são, em geral e prioritariamente, o cônjuge ou o parceiro para um homem ou uma mulher, os pais para os filhos e

reciprocamente. O autor aponta como aspecto em comum entre a família antiga e a família moderna, o reforço para o lugar da reprodução biológica e social da sociedade e ambas procuram manter ou melhorar a posição da família no espaço social de uma geração para a outra.

A família tem sido estudada nas discussões sobre políticas públicas, principalmente em grupos mais vulneráveis à pobreza, tratando-se de um lugar social com a qual a pessoa pode encontrar um suporte para atingir os objetivos de desenvolvimento desejados pelo contexto social. Diante disso, Dias (2016) salienta a importância de conhecer melhor as famílias, percebendo as condições que elas têm para satisfazer as suas necessidades básicas e sendo base de suporte e enfrentamento para os riscos sociais que o indivíduo pode sofrer.

Singly (2007) destaca, ainda, a relevância da expressão de sentimentos e emoções no âmbito da família durante o século XX, predominantemente a partir da segunda metade desse século, no qual as relações se tornaram menos hierarquizadas, quer entre o casal, quer entre pais e filhos, ambas sob o olhar atento dos agentes do Estado (demógrafos, psicólogos, assistentes sociais e sociólogos). No entanto, os conflitos não deixaram de existir no contexto familiar. Para Bourdieu (1996), “o real é relacional” (p.16), portanto a reprodução do espaço social e do espaço simbólico pode estar na base das contradições, transformações e conflitos desses dois espaços e de suas relações.

A família se mostra para a Psicologia como um objeto de pesquisa precioso nos estudos sobre desenvolvimento humano, entendendo a família e a cultura como contextos essenciais para a compreensão do indivíduo em sua singularidade. Assim, focalizar a singularidade e a complexidade da rede relacional familiar permite vislumbrar a família como um grupo específico em desenvolvimento, inserido em um contexto cultural que também está em desenvolvimento (DESSEN; SILVA NETO, 2000).

Roudinesco (2003) aborda três grandes períodos na evolução da família. O primeiro deles refere-se à família tradicional que se estruturava visando assegurar a transmissão de um patrimônio. Os casamentos eram arranjados e a família era submetida à autoridade patriarcal.

O segundo período incluía a família moderna, fundada no amor romântico, esteve presente entre o final do século XVIII e meados do XX e representa uma ruptura com o modelo tradicional. Vale ressaltar que a modernidade impôs duas grandes mudanças que estabeleceram, definitivamente, a divisão entre conjugalidade e parentalidade e que representaram uma reorganização dos aspectos públicos e privados destas relações. Nesse segundo período, a conjugalidade passa a ser orientada pela escolha dos cônjuges. Nessa conjuntura, o caráter privado se acentua paralelamente à entrada do terceiro social, que passa

a dividir a responsabilidade, a autoridade sobre as crianças, inscrevendo a parentalidade em um âmbito público. De fato, cada vez mais, os representantes da sociedade intervêm na relação entre pais e filhos.

Por último, no terceiro período, verifica-se o surgimento da família contemporânea ou pós-moderna. Roudinesco (2003) descreve a família contemporânea como democrática, frágil e consciente de sua desordem. A democracia se configura como aspecto central, não só nos laços conjugais, mas também no exercício da parentalidade.

Também o processo de transição em direção à parentalidade foi objeto de inúmeros trabalhos, principalmente com as mães e mais recentemente também com os pais. A partir de suas pesquisas sobre maternidade e paternidade, Houzel (2004) subdividiu a parentalidade em três eixos que serão descritos a seguir:

O primeiro eixo consiste no *exercício da parentalidade*, que implica o “exercício” de direitos e deveres. Tal aspecto define um domínio que transcende o indivíduo, sua subjetividade e seus comportamentos, situando-o nos seus laços de parentesco. Segundo o autor, em toda sociedade há uma definição precisa de laços de parentesco que designa o lugar de cada indivíduo numa sociedade concebida como um conjunto organizado.

O segundo eixo é a *experiência da parentalidade* que se refere à experiência subjetiva consciente e inconsciente do fato de vir a ser pai ou mãe e de preencher papéis parentais. Compreende aspectos como: o desejo pela criança e o processo de transição em direção à parentalidade. Comporta também um conjunto de tendências, de sensibilidades, de fantasias, de medos e de desejos específicos.

O último eixo é a *prática da parentalidade* que está relacionada às tarefas cotidianas que os pais devem executar junto à criança. É a área dos cuidados maternos e paternos. Mais recentemente, a noção de interação descreve as trocas entre pais e filhos, destacando a parte ativa que o bebê tem.

Cabe também destacar que, nos diferentes tipos de família, os pais exercem vários papéis, multidimensionais e complexos, em distintos tempos e culturas, conforme salientam Dessen e Lewis (1998). Segundo esses autores, o modelo ecopsicológico, por exemplo, apresenta 196 formas possíveis de família, as quais são o resultado da combinação de 14 variáveis que contribuem para a caracterização da família atual. Neste contexto, os papéis que o pai exerce devem ser investigados levando em consideração as relações diádicas, triádicas e poliádicas e as interações desenvolvidas entre os subsistemas familiares.

Essas relações interpessoais, de acordo com Dessen e Lewis (1998), acontecem em um determinado contexto cultural e envolvem pessoas com particularidades individuais e

histórias distintas de relacionamentos. Assim, são diversas as conexões entre variáveis que transformam o curso destas relações ao longo da vida e que precisam ser analisadas para compreender as mudanças do papel do pai ao longo do tempo.

Dessen e Lewis (1998) salientam a importância de compreender o envolvimento paterno no qual a criança está sujeita e seus diversos aspectos, pois favorece o desenvolvimento infantil. As trajetórias de vida de cada membro e as influências sociais sobre estas mostra a dinâmica das interações e a complexidade do termo família. Assim, a paternidade como um exercício também deve ser vista em uma perspectiva cultural e histórica.

Diante disso, ressalta-se a complexidade das mudanças familiares e a necessidade de estudos sobre a paternidade nesse contexto de modificações.

2.2 A ARTICULAÇÃO DA PATERNIDADE COM AS MASCULINIDADES

Forte, ativo, destemido, confiante, realizador, determinado, independente, racional, profissionalmente competente, sexualmente impositivo, financeiramente bem-sucedido, objetivo, pragmático e emocionalmente equilibrado são algumas características do modelo ideal de masculinidade (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006).

Os mesmos ideais que restringiam o homem ao espaço público limitavam a mulher no espaço doméstico (DANTAS; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004). Nesse sentido, masculinidade e feminilidade foram igualmente vistos como sexo, traços de personalidade apropriados que foram manifestados no comportamento, ao invés de atribuições suscitadas por atos de dominação e subordinação (SCHROCK; SCHWALBE, 2009).

Assim, de acordo com Gomes e Resende (2004), a criança é identificada com o sexo desde o seu nascimento, mas isso não confirma uma identidade masculina para o homem. A masculinidade é tida como uma conquista cultural, enquanto a feminilidade como um dado da natureza. O gênero é descrito não como um atributo de indivíduos, mas como o nome que se dá às práticas culturais que constroem as mulheres e os homens como diferentes.

É na observação da dinâmica entre o casal parental, na forma como os seus pais interagem e nos papéis que assumem na relação um com o outro que o menino constrói sua visão de mundo (NOLASCO, 2001).

No processo de aprendizagem para significar a masculinidade quando as crianças nascem, machos, meninos, homens são diferenciados das fêmeas, meninas, mulheres. As crianças devem aprender a definir o que pertence ao menino e à menina. Nestes termos, aprendem a transmitir aos outros que eles entendem esse sistema de categorização e seu lugar dentro dele. Uma grande quantidade de pesquisa examinou como este aspecto da cultura simbólica é aprendido durante a infância na interação e por meio da exposição às imagens da mídia (MEDRADO-DANTAS, 1997). Assim, as personagens masculinas de desenho infantil são normalmente retratadas como assertivas e agressivas, raramente carinhosas, e com características mais propensas do que as mulheres para trabalhar fora de casa (ANDERSON; HAMILTON, 2005).

Inicialmente, grande parte deste trabalho de identidade é feito pelos pais, que oferecem aos recém-nascidos e crianças pequenas nomes, roupas e brinquedos de gênero. Por exemplo, usar vestido ou fita de cor rosa, brincar de bonecas é censurado para meninos. Eles crescem repreendidos por seus pares com esse policiamento do que pode ou não usar e como se comportar. Rejeitam e desvalorizam símbolos da identidade feminina a fim de confirmar suas identidades, como meninos. Meninos e meninas são muitas vezes classificados como grupos segregados. As meninas tendem a jogar em pequenos grupos que têm cooperação e intimidade, enquanto os meninos jogam em grupos maiores, que são mais competitivos e violentos, policiando a expressão da emoção, afirmando o princípio de que os meninos não devem demonstrar medo ou dor (SCHROCK; SCHWALBE, 2009).

Entre meninos pré-adolescentes e adolescentes, o comportamento masculino é representado principalmente por meio de fala sobre o ato sexual com mulheres, por meio da partilha de pornografia, e por apresentar-se como heterossexual ativo (PASCOE, 2007). Sexualizar as mulheres se torna uma forma de significar a heterossexualidade e marcar a fronteira entre os grupos do gênero, mas também protege os homens contra o abuso de homofobia por seus pares. Esses comportamentos ajudam a perpetuar os mesmos comportamentos estereotipados de gênero e a legitimá-los como algo natural. Mesmo os homens que rejeitam os ideais hegemônicos podem sentir-se compelidos, quando em grupos só de homens, a se mostrarem sem emoção, competitivos e dispostos a sexualizar as mulheres. Diante disso, conforme Schrock e Schwalb (2009), os comportamentos cobrados socialmente do “macho” dificultam muitas vezes para os homens pedirem e aceitarem o apoio social e emocional, sendo prejudiciais para eles, colocando-os em alto risco, inclusive de morte e suicídio.

A desigualdade de gênero pode, portanto, ser traduzida em desigualdade em termos de tomada de decisões de gênero, poder e de distribuição de trabalho dentro da casa (COLTRANE, 2000), um ato masculino que envolve a recusa em fazer o que é definido como o trabalho das mulheres. Assim sendo, as expectativas com relação à masculinidade estão diretamente atreladas à paternidade, de forma que o modelo tradicional de família e a manutenção dos papéis de pai e de mãe são reforçados pelas dicotomias entre os gêneros masculino e feminino. A cultura constrói crenças e formas masculinas para significar o que é ser pai. Nesse sentido, de acordo com a cultura e com o tempo histórico, pode haver um maior ou um menor incentivo social para o envolvimento do pai no cuidado direto dos seus filhos.

No próximo tópico, será abordado o lugar do pai na família, levando em consideração a complexidade da rede de relações familiares.

2.3 O LUGAR DO PAI NA FAMÍLIA

Nesta pesquisa é imprescindível analisar a família como ela se apresenta, observando o contexto em que a mesma se encontra, tendo em vista as relações e as dinâmicas que se apresentam nos laços familiares. Pensando na família como recurso, mas também como geradora de conflitos, esta pesquisa debruça o olhar para um ator da cena familiar que instiga a sociedade: o pai.

Por muito tempo as mulheres eram vistas como propriedade dos homens, devendo viver para a família. Segundo Gomes e Resende (2004), o modelo de família, organizado com base na hierarquia e regido pela severidade de princípios, foi substituído por formas diferenciadas de organização familiar, sem deixar lugar para o autoritarismo do antigo pai, o provedor, que exercia domínio sobre o grupo. Por ser autoritário, o pai se isentava de maiores compromissos e de manifestações afetivas para com os filhos. Sua supremacia era imposta tanto para os filhos como para a mulher, que dele dependiam economicamente e a quem se submetiam de acordo com as regras estabelecidas. A mulher, de modo subserviente tinha os afazeres da casa e o cuidado com os filhos como ocupação primaz.

Somente após 1950, esse quadro começou a se modificar, com o ingresso das mulheres no mercado de trabalho. Segundo Moraes (2001), a inserção, cada vez maior das mulheres no mercado de trabalho e a conseqüente independência econômica delas propiciaram o surgimento de novos arranjos familiares, com significativa mudança nas relações entre homens e mulheres. Nesse sentido, Samara (2002) ressaltou que os movimentos

feministas vieram a consolidar esta situação, acirrando ainda mais o debate sobre o lugar dos homens e o das mulheres nas relações sociais, no trabalho, na reprodução, nas questões demográficas e outras tantas. Esta nova postura feminina contribuiu, em grande escala, para as mudanças na estrutura familiar contemporânea.

Conforme Giddens (2003), o casamento passou a ser visto com fundamento no amor romântico e não mais como contrato econômico (considerando que nas sociedades agrícolas a mulher não tinha o direito de escolher seu marido e geralmente sua vida familiar estava submetida aos negócios do pai). Assim, as relações conjugais contemporâneas estão fundamentadas na intimidade e na comunicação emocional, visto que, atualmente, as pessoas se preocupam com a ideia de relacionamento e não com a de compromisso, como ocorria há tempos. O compromisso ainda existe, mas não é a base principal da união, contudo reflete a convivência estável do casal. Gomes e Resende (2004) apontam que embora tais transformações repercutam na concepção de maternidade e paternidade, subsistem, ainda, no imaginário social, marcas da estrutura familiar tradicional.

Giddens (2000) relata que “a família é um grupo de pessoas unidas diretamente pelo parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças” (p. 176). Frizzo et al. (2005) nos orientam a respeito do “subsistema parental”. Para eles, se inicia uma nova etapa no ciclo de vida familiar com o nascimento do primeiro filho. Assim, nesse momento, os pais devem desempenhar tarefas de socialização da criança, sem perder o apoio mútuo que deveria caracterizar o sistema conjugal. Nesse sentido, as principais funções do subsistema parental são a educação e a socialização dos filhos. À medida que a criança cresce, suas exigências de desenvolvimento, de autonomia e de orientação impõem demandas ao subsistema parental, que deve ser modificado para atendê-las. Inicialmente predominam as funções de nutrição para posteriormente aparecerem as de controle e orientação. Assim, a parentalidade parece ser um processo de acomodação mútua entre pais e filhos, quando se deve buscar um equilíbrio entre o controle por parte dos pais e a autonomia dos filhos. Desta forma, a criança pode aprender a lidar com conflito e negociação, que estarão presentes nos diferentes ambientes, ao longo de sua vida.

Também é importante destacar que Lamela, Nunes-Costa e Figueiredo (2010) citam que, nas últimas décadas, vários estudos tentaram demonstrar a relação direta entre a qualidade da relação conjugal, a parentalidade e as trajetórias desenvolvimentais das crianças no seio da família. No entanto, os autores referem que pesquisas mais recentes têm comprovado que os percursos de desenvolvimento das crianças podem ser mais bem

explicados pela qualidade da relação do casal e pelo seu impacto nas relações sistêmicas do que a qualidade conjugal e parental *per se*.

Ao pesquisar sobre coparentalidade, Lamela, Nunes-Costa e Figueiredo (2010) trazem definições, apreciando-a pelo envolvimento conjunto e recíproco de ambos os pais na educação, formação e decisões sobre a vida dos seus filhos. Esse conceito avança nas interações interparentais em relação às funções e expectativas dos adultos no desempenho do papel de pai/mãe. Os pais participam como uma verdadeira equipe na condução da educação dos filhos, seja de forma instrumental, seja de forma emocional e valorativa.

Os referidos autores relatam que a coparentalidade remete para a organização dos adultos na prestação de cuidados e educação dos filhos imprimindo prioridade ao bem-estar dos filhos, enquanto criam e mantêm uma relação construtiva, com fronteiras mais flexíveis entre si. Tal maleabilidade é apontada por Pedro e Grossi (1998) quando afirmam que o conceito de parentalidade rompe o paradigma de que apenas homem é pai e mulher é mãe. Segundo estas autoras, essas funções podem ser realizadas por pessoas que estão desenvolvendo o papel de cuidar de uma criança, independentemente do sexo.

Moraes (2001) afirma que essas novas formas de parentalidade são fruto das modificações ocorridas na família nuclear, baseadas nos ideais de igualdade dos direitos entre homens e mulheres, oriundos do iluminismo, das exigências do mundo capitalista e das influências do feminismo. De acordo com este autor, as mudanças sociais induziram na percepção da função de pais e da função de mães. Ceccarelli (2007) pontua que a humanidade está sempre em crise de referências simbólicas tendo, constantemente, que produzir “reorganizações coletivas” para responder à nova leitura do mundo.

No livro intitulado “Fathers in cultural contexts”, organizado por Swalb, Shwalb e Lamb (2013), diversos autores estudaram vários contextos culturais e observaram que os homens contemporâneos estão desenvolvendo a paternidade cada vez mais diversa e complexa que a do passado. Tal literatura discute influências culturais e históricas relacionadas às variações nos conceitos atribuídos ao papel do pai.

Sobre o pai na China, Li e Lamb (2013) iniciam o estudo com o caso de um pai que foi encorajado a aprender no pré-natal, junto com sua esposa, técnicas importantes a serem realizadas no nascimento do filho. A participação no nascimento se constitui numa experiência de empoderamento desse pai e dessa mãe. Mudanças no envolvimento paterno em torno do nascimento da criança são destacadas na paternidade chinesa.

Conforme os referidos autores, há décadas passadas, o pai chinês diferia de outros por suas tradições, estrutura familiar e papéis de gênero. Os pais, em todos os lugares, são

profundamente influenciados pelas crenças culturais. Pais chineses com frequência assumem um papel autoritário e disciplinador. A cultura chinesa tem uma forte tradição patriarcal, na qual as mães são “naturalmente” as que nutrem e cuidam da criança calorosamente e com afeto e os pais se envolvem na educação das crianças, sendo que a mãe também ajuda monitorando o comportamento delas e disciplinando-as.

Li e Lamb (2013) consideram que influencia a paternidade: o aumento de família nuclear e a ausência do pai que se move das áreas rurais para a cidade em busca de trabalho. Na China, várias gerações vivem na mesma residência, geralmente com os avós por parte do pai. No entanto, há pais chineses que querem ser mais engajados, que desempenham tarefas de cuidado com os filhos e estão mais envolvidos com o trabalho doméstico, embora ainda façam pouco em relação às mães. Tais estudos sugerem que o envolvimento paterno depende da idade da criança, que se torna maior quando o filho atinge a idade escolar. Os pais chineses expressam muita satisfação no papel de educador de seus filhos.

O crescimento das mulheres no mercado de trabalho pode ter influenciado o declínio da família extensa e também a participação maior dos pais que se tornaram mais envolvidos com o cuidado e criação de suas crianças. Por outro lado, fatores culturais e históricos do contexto afetaram completamente o comportamento do pai e suas relações familiares.

O Japão, assim como a China, é uma potência internacional, mas a influência do ocidente combinada à sua cultura tradicional teve um desenvolvimento singular. O pai japonês, em termos de interação, encoraja a criança a comer. Em relação aos estudos, são menos assertivos que as mães. Eles expressam emoções positivas para seus filhos e são colaborativos. A contribuição de pais japoneses para o desenvolvimento social da criança apresenta efeitos positivos para as habilidades sociais do filho. Muitos japoneses migram para o Brasil em busca de trabalho, aumentando a ausência do pai. Dessa forma, percebe-se que forças econômicas continuam tendo um grande impacto no envolvimento paterno. No entanto, os jovens pais japoneses são mais propensos a participar dos cuidados com a criança do que no século XX (NAKAZAWA; SHWALB, 2013).

O estudo de Chaudhary (2013) descreve a interação entre pai e filho na Índia. O que norteia esta relação diádica são todas as outras pessoas ao seu redor, pois o posicionamento do pai no grupo social circundante guia essa socialização. O sistema familiar indiano mais comum é formado pelo pai tradicional que se caracteriza por seu distanciamento, extrema responsabilidade e autoridade inquestionável sobre os membros da família. Há sérios obstáculos culturais e da estrutura hierárquica da família indiana que perpassam essa interação. Em famílias tradicionais indianas, muitos pais jovens ficaram envergonhados em

estar com seus filhos pequenos na presença de membros mais velhos, pois é um tabu qualquer expressão direta de certos sentimentos, porque essa interação indicaria sua sexualidade. No entanto, é possível observar mudanças no tratamento com a criança quando o homem se torna avô e começa a desempenhar o papel de patriarca afetuoso com os netos, o que não foi como pai.

Por sua vez, as famílias árabes contemporâneas enfrentam inúmeras dificuldades sociais e econômicas que, segundo Ahmed (2013) podem afetar negativamente o papel do pai, pois alguns homens tornam-se incapazes de cuidar efetivamente de suas famílias e de cumprir suas funções tradicionais de educar seus filhos e atender às necessidades das crianças. Mudanças associadas à migração acarretam conflitos nos valores do sistema familiar e contribuem para o declínio da influência paterna no filho, devido à ausência de pais/maridos, o que reflete na qualidade de vida e no comportamento da criança. As crianças árabes têm uma imagem fragilizada dos pais, com frequência já sofreram abuso e agressões, há baixo envolvimento paterno e há aumento da delinquência entre os filhos de pais migrantes.

Vários estudos na África, que tiveram o enfoque etnográfico para investigar aspectos da comunidade, das famílias e das crianças, descreveram o pai e examinaram as variações individuais e culturais no investimento e no envolvimento paterno, conforme aponta Fouts (2013). Nesse contexto, o envolvimento paterno é geralmente definido como as interações diretas dos pais com as crianças, incluindo as interações sociais, emocionais e as relacionadas ao cuidado. A cultura africana tem um sistema de distribuição coletivo que enfatiza e reforça a paternidade, com divisões de trabalho e de atividades sociais. Neste contexto é esperado que o homem participe e desenvolva seu papel na vida das crianças. No entanto, as condições econômicas na África causam um impacto na paternidade, sendo que a maioria das crianças não convive com o pai biológico. Deste modo, é comum famílias africanas monoparentais femininas nas quais o irmão mais velho desenvolve uma forte ligação com os mais novos, que o têm como uma figura paterna e também famílias com a mulher, tendo ou não marido, que o avô materno é quem representa essa figura.

As mudanças socioculturais nos Estados Unidos durante o século XX, como o aumento do divórcio, provocaram uma preocupação sobre a presença/ausência do papel do pai no desenvolvimento infantil, o que foi discutido nos estudos de McFadden e Tamis-LeMonda (2013). Conforme essas autoras, a maioria dos estudos americanos revelou efeitos negativos da ausência paterna na vida da criança. No entanto, muitos pais não residentes com seus filhos não necessariamente estavam ausentes na vida da criança, mostrando-se envolvidos e engajados, causando um impacto positivo no aprendizado e no desenvolvimento social da

criança. O provimento financeiro dos pais continuou na contemporaneidade como a forma mais importante de envolvimento paterno, com efeitos sobre os recursos da família e sobre o desenvolvimento das crianças. Foi constatado pelas referidas autoras que, em famílias nas quais pai e mãe trabalham, o nível de engajamento e acessibilidade paternos é maior do que naquelas em que a mulher não trabalha, pois é esperado do pai que ele compartilhe as responsabilidades pela criança.

Conforme McFadden e Tamis-LeMonda (2013), há evidências de que pais e mães oferecem experiências diferentes aos filhos. O envolvimento paterno vai trazer implicações para o desenvolvimento da linguagem, cognitivo, emocional, para a regulação de comportamentos e as competências sociais na criança. Políticas sociais voltadas para a paternidade vêm sendo criadas nos Estados Unidos com o objetivo de oferecer suporte ao envolvimento entre pai e filho. Os valores americanos e os direitos constitucionais centrados na igualdade e na liberdade é o que diferenciam o envolvimento do pai dos Estados Unidos daquele encontrado em outros países. No entanto, papéis tradicionais de gênero caracterizam muitas famílias americanas, nas quais a mãe tem responsabilidades com as tarefas de casa e os cuidados com a criança e o pai gasta a maior parte de seu tempo trabalhando. Mesmo assim, há um aumento de famílias americanas em que homens e mulheres se esforçam para divisões de trabalho equitativas e negociações de seus papéis na criação dos filhos.

Já estudos que abordam a discussão contemporânea da paternidade na Rússia foram realizados por Utrata, Ispa e Ispa-Landa (2013) que observam o quanto a paternidade foi negligenciada nesse País e sofreu mudanças dramáticas, acompanhadas pelo capitalismo, pois foi bastante influenciada pelo contexto. O comportamento da mãe e da avó pode contribuir para o pai russo não se engajar nos cuidados com o filho. De acordo com essa estrutura social, os pais são vistos como infantis, fracos, irresponsáveis e não essenciais para cuidar dos filhos, reforçando normas culturais que fazem dos pais invisíveis em outros papéis que não sejam o de prover financeiramente a família, o que faz com que os pais se sintam supérfluos em relação às mães para os cuidados com a criança.

Por sua vez, Haas e Hwang (2013), estudaram a paternidade na Escandinávia, e salientam que, antes de 1960, os pais não se envolviam em atividades de cuidados com as crianças, depois, mudou dramaticamente e se expandiu para incluir o envolvimento dos homens nas atividades cotidianas de cuidado. Em uma perspectiva internacional, as nações escandinavas são as únicas em que seus governos têm sido pioneiros na ideia de que a paternidade ativa pode e deve ser moldada pela política social. No Reino Unido, Lewis (2013)

fala sobre a importância do feminismo para o envolvimento paterno, dando visibilidade aos pais, inclusive no cuidado de crianças pequenas, a partir da equidade de gênero.

Para analisar como tem sido desempenhada a paternidade em diferentes contextos socioeconômicos e culturais, Staudt e Wagner (2011) compararam pais de classe média do Brasil e da Espanha, investigando 178 homens brasileiros, pais de crianças em idade escolar que frequentavam desde o primeiro até o quinto ano do ensino fundamental de escolas particulares da cidade de Porto Alegre e 133 homens espanhóis, pais de crianças que frequentavam a educação primária de escolas públicas (o que correspondia do primeiro ao quinto ano do ensino fundamental no Brasil).

Tanto no Brasil quanto na Espanha, as referidas autoras perceberam a influência do modelo de dominação masculina na forma de pensar e no comportamento das pessoas. Esse modelo de dominação masculina, como destacado anteriormente, tem sido questionado na contemporaneidade, principalmente pelo movimento feminista, que tem reivindicado conquista de espaço e liberdade para as mulheres, abrindo novas maneiras de ser para homens e mulheres.

Segundo Staudt e Wagner (2011), a aprovação da Lei do Divórcio, em 1977, no Brasil, e em 1981, na Espanha, propiciou a ampliação das possibilidades dos papéis de gênero. Mesmo assim, os salários entre homens e mulheres continuam desiguais e as mulheres ainda permanecem em situação de inferioridade social. Dessa forma, várias políticas são elaboradas e tentam efetivar o princípio de igualdade de direitos entre homens e mulheres. Nesse momento de mudanças e ressignificação da estrutura social, continuidades e descontinuidades de ideologias e comportamentos são observadas, conectando novos e antigos valores.

Conforme Staudt e Wagner (2011), há muita contradição no que a sociedade pede do sujeito no exercício de seus papéis e as condições que oferece a ele para que possa desempenhar suas funções. Comparando Brasil e Espanha, a Espanha tem leis que garantem maior participação do pai no nascimento ou adoção dos filhos. No que se refere à guarda dos filhos nos dois países, a preferência continua sendo da mãe, embora ainda exista a possibilidade de o pai requerê-la. Já no Brasil, a guarda compartilhada passou a favorecer o exercício da paternidade após o divórcio.

Os autores referidos anteriormente apontaram para um maior envolvimento dos pais brasileiros com questões relativas à vida escolar dos filhos. No entanto, o tempo que os pais gostariam de estar com eles é maior do que aquele que de fato passam com seus filhos, assim como os pais de ambos os países têm menos tempo a sós com seus filhos do que gostariam de ter.

Staudt e Wagner (2011) salientam, ainda, que os homens vêm demonstrando grande desejo de estarem mais próximos dos filhos e de se envolverem afetivamente com eles em relação às gerações anteriores, que tinham tradicionalmente as tarefas de impor limites e prover a família.

Dessa forma, verifica-se que as relações familiares passam por transformações e que a interação do pai com o filho e com a companheira/esposa dão novas formas à paternidade. Ao discutir teoricamente a integração dos fatores biológicos e culturais ao ser mãe e pai, Bossardi e Vieira (2015) apontam que os modelos de família na realidade atual parecem não ter funções claramente definidas do que deve ser feito pelo pai ou pela mãe, ainda que existam especificidades nos comportamentos desempenhados por eles. Sendo assim, tanto pais quanto mães podem cuidar dos filhos, realizar atividades domésticas, como também sair de casa para trabalhar. No entanto, esses autores destacam que pode haver diferenças na forma de pai e mãe exercerem papéis similares.

Com as mudanças ocorridas nas relações familiares, a paternidade passa a ser redefinida e o envolvimento paterno começa a ser estudado. Tal envolvimento vai depender, dentre outros fatores, das condições sociais e econômicas do contexto em que vive cada família. Fatores como idade, sexo e número de filhos, satisfação conjugal, experiências vivenciadas na família de origem e condições de vida podem interferir na intensidade desse envolvimento.

Ao discutirem algumas diferenças e semelhanças entre cuidados paternos e maternos, Bossardi e Vieira (2015) salientam que essas questões irão depender de características biológicas e evolutivas em interação com o contexto cultural. As diferenças são utilizadas para compreender as atitudes parentais e o comportamento maternal e paternal humano, que vêm se modificando e tendo aspirações de igualdade.

Culturalmente, as definições de papéis de gênero podem repercutir nos comportamentos maternos e paternos. Bossardi e Vieira (2015) observam nas diferenças existentes entre pai e mãe a interação biologia-cultura, no sentido de a mãe passar a desempenhar funções antes tidas como masculinas, como ir para o mercado de trabalho e contribuir com a renda familiar, e o pai, por sua vez, passa a participar e a se responsabilizar pelos cuidados e educação dos filhos.

Os padrões culturais vão indicando um ideal paterno, construído a partir de um conjunto de valores e imagens sobre o que é ser um bom pai. As novas demandas impostas, salientam Bossardi e Vieira (2015), embora identifiquem mudanças nos comportamentos paternos e maternos, ainda qualificam a participação do homem como envolvido em jogos

físicos com os filhos e responsável pelo sustento financeiro familiar, enquanto a mulher, mesmo trabalhando fora de casa, continua realizando mais atividades de cuidado com os filhos e de tarefas de casa.

Por sua vez, Dias e Aquino (2006) apontam para um crescimento do envolvimento de homens brasileiros nas tarefas de cuidado com a criança, o que vem sendo denominado de “nova paternidade”. Independentemente do tipo de arranjo familiar em que a criança esteja inserida, é alta a proporção de mães que toma conta do filho. Todavia, entre casais unidos, é expressivo o gradual aumento da participação do pai no cuidado da prole.

Krob, Piccinini e Silva (2009) investigaram as expectativas e sentimentos de pais residentes na grande Porto Alegre durante a gestação e também a experiência da paternidade após o nascimento do bebê. Tanto as gestantes como os pais estavam esperando o primeiro filho e moravam juntos e tinham nível socioeconômico médio-baixo. Os participantes foram convidados a participar do estudo em dois locais: um hospital e um posto de saúde da rede pública. A partir dos resultados obtidos, os autores concluíram que a transição para a paternidade é um processo que envolve inúmeras alterações na vida do homem, tanto individuais quanto no relacionamento com a mãe do bebê e com a família como um todo, exigindo uma série de adaptações e mudanças por parte dos pais.

Carvalho, Moreira e Rabinovich (2015), a partir de diversos estudos sobre família desenvolvidos em São Paulo e na Bahia, de 1999 até 2015, apresentaram uma síntese de aspectos relevantes das mudanças na paternidade nesses contextos. Na população de baixa renda de Salvador-BA, os homens desempenhavam um papel secundário nos cuidados e educação dos filhos. Já em estudos sobre concepções e práticas de pais com nível superior de escolaridade sobre educação de filhos, as crianças eram o principal foco de atenção de seus pais, que pareceram se preocupar mais do que as mães com questões relativas à violência e drogas e desejavam ter mais tempo com seus filhos. Tanto em São Paulo quanto na Bahia, o pai se destacou em atividades de brincadeiras e na educação dos filhos e a mãe se sobressaiu nos cuidados e na transmissão de afeto a eles. Tais estudos revelam a importância da figura do pai, mostrando sua diversidade a depender do grupo social e cultural.

Dessen e Oliveira (2013), em pesquisa sobre a participação e apoio paterno, durante a gestação e nascimento de filhos realizada com 87 mulheres, algumas estavam grávidas e outras com bebê de colo, selecionadas em centros de saúde da rede pública do Distrito Federal, destacaram que o pai é o apoio mais importante para a mãe durante a transição decorrente do nascimento de filhos, sendo preciso estimular a participação do pai nesse momento. Os cuidados e educação da criança não são vistos apenas como responsabilidade

feminina, pois mesmo nos lares nos quais as mães são as principais responsáveis, já há uma participação paterna mais frequente, o que sugere que novas configurações de maternidade e de paternidade estão surgindo. Diante disso, quando marido e esposa compartilham tarefas, a família aparenta funcionar de forma mais harmônica.

Com a chegada dos filhos, mãe e pai passam por uma reorganização familiar nesse período que requer adaptação de papéis para esta etapa do curso de vida, na qual “pais e mães têm não somente atribuições específicas na família, como também interagem de modo distinto com seus filhos” (DESSEN; OLIVEIRA, 2013, p.185). Assim sendo, os homens ainda têm maior participação em brincadeiras e as mulheres costumam proteger e cuidar da criança com afeto. Entretanto, a mãe diminui a sobrecarga de duplas ou triplas jornadas de trabalho quando o pai deixa de ser mero coadjuvante no cuidado com os filhos e se torna responsável nessa tarefa, sendo companheiro de sua esposa nesse aspecto. Além disso, tornar-se pai é uma etapa importante para o desenvolvimento do indivíduo e da família. O pai transforma-se emocionalmente acompanhado das mudanças dos papéis sociais desse momento.

Os resultados da pesquisa citada anteriormente revelam, ainda, que é possível que as expectativas das mães quanto à participação paterna na família tenham focalizado ideais de paternidade em vez das possibilidades “reais” dos pais. Assim, as mães manifestaram o desejo de que seus companheiros educassem e/ou cuidassem dos filhos e também gostariam de receber mais atenção deles. Embora as mães alegassem pouca participação dos pais nas tarefas domésticas e cuidados com os filhos, elas informaram que estavam satisfeitas com o papel do pai na vida familiar, que se relacionava ao provimento material. Porém, tal pesquisa foi importante para valorizar o fortalecimento da participação do pai no período do nascimento de um filho como fonte de apoio materno.

Portanto, pensar a família implica em considerar que o comportamento de cada um de seus membros é interdependente, assim, o grupo familiar é visto como um conjunto, como uma totalidade cuja particularidade de um de seus membros não basta para explicar o comportamento dos demais, de forma que a análise de uma família não é a soma da análise de seus membros individuais. Nesse sentido, a unidade familiar é um sistema composto por indivíduos que podem também ser considerados sistemas por si só e, ao mesmo tempo, uma parte de um sistema, ou seja, um subsistema. Essa unidade familiar também faz parte de um sistema familiar maior que se inclui em outros sistemas mais amplos, como o sistema sociocultural e assim por diante (CERVENY, 2000).

2.4 DEFINIÇÕES E PESQUISAS SOBRE O ENVOLVIMENTO PATERNO

O conceito de envolvimento paterno surgiu a partir de vários estudos que observavam e descreviam os comportamentos dos pais com seus filhos, com o intuito de investigar as diversas mudanças na paternidade e suas repercussões para o desenvolvimento infantil (PARKE, 1996). O envolvimento paterno foi definido de muitas maneiras: participação do pai na família; interação com o filho; qualidade da relação pai-filho; cuidados com a criança, etc. As várias definições para esse conceito se constituem em um enorme desafio para as pesquisas nesta área.

Uma descrição precisa da palavra “envolver” encontrada no Dicionário Novo Aurélio (FERREIRA, 2013) apresenta muitos significados: 1. Abranger, abarcar: O silêncio envolvia a cidade; 2. Encerrar, conter: Tais palavras envolvem toda uma concepção de vida; 3. Implicar, importar: Aquela resposta envolvia uma acusação; 4. Cativar: A elegância daquela mulher o envolveu; 5. Cercar, rodear: A mãe envolveu a criança carinhosamente; 6. Comprometer: As intrigas envolveram toda a família; 7. Tomar parte, intrometer-se: Ela se envolveu na briga. Nesse sentido, o envolvimento é descrito como ação ou efeito de envolver-se.

Diante disso, vê-se a importância de ter familiaridade com as diversas formas de conceber e definir o termo “envolvimento paterno”. O conceito proposto por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985) propõe dimensões do envolvimento paterno com os filhos: interação/engajamento, acessibilidade e responsabilidade pela criança. A interação refere-se ao contato direto com o filho, em cuidados e tarefas compartilhadas. A acessibilidade implica a presença ou disponibilidade para a criança para possíveis interações. Já a responsabilidade diz respeito ao papel que o pai exerce assegurando cuidados e recursos para a criança. Tal definição é utilizada e aceita pelo maior número de pesquisadores internacionais e nacionais que abordam a temática.

Lamb e Lewis (2010), em estudo realizado com mães na Inglaterra, descrevem o envolvimento paterno com algumas atividades que os pais desenvolvem: estimular o sorriso nas crianças, trocar fraldas, dançar com as crianças, brincar com os filhos. Neste estudo, percebem-se mudanças na paternidade presentes no discurso das mães, que constata nos pais atitudes de maior envolvimento deles com os filhos e não os limita ao papel de provedor financeiro familiar, como era há décadas atrás.

Existem diversas maneiras pelas quais os pais podem estar envolvidos com seus filhos, como salienta Palkovitz (1997). Ele esclarece que o envolvimento paterno requer

múltiplos domínios de funções: cognitivo, afetivo e comportamental. Para o autor, é nesses três domínios que os pais experimentam o envolvimento com seus filhos. Ao entrevistar pais no contexto americano, ele constatou que muito da consciência, planejamento, evolução e avaliação de experiências diárias deles eram ocupados ou influenciados por pensamentos a respeito de seus filhos.

Segundo Palkovitz (1997), as conceituações predominantes de paternidade tendiam a enfatizar interações diretas dos pais com as crianças e negligenciavam as dimensões cognitivas e afetivas de paternidade. De acordo com o autor, os estudos classificam os pais como relativamente envolvidos ou não com a vida de seus filhos em sentido global, entretanto, várias dimensões de envolvimento paterno podem ser conceituadas como existindo ao longo de uma série de categorizações que vão desde o não envolvimento, baixos e moderados graus a alto grau de envolvimento. Algumas tarefas associadas com o envolvimento paterno podem ser destacadas para o pai, sendo porque lhe são aversivas (ex: lidar com a birra de uma criança) e outras porque lhe são agradáveis (ex: balançar o bebê na hora de dormir).

Embora possa ser possível descrever padrões gerais de desenvolvimento que estão associados com diferentes níveis de envolvimento parental, é importante reconhecer e respeitar diferenças individuais. Maneiras efetivas e positivas de expressar envolvimento com um filho podem ser menos efetivas ou até mesmo repulsivas para outro filho.

As conceituações atuais de envolvimento paterno não são suficientes para abarcar os diversos tipos de pais e a complexidade desse conceito. Fagan, Day, Lamb e Cabrera (2014) sugeriram que as diferentes conceituações de paternidade refletem os diferentes tipos de perguntas feitas pelos pesquisadores. Os referidos autores investigaram a maternagem e a paternagem e observaram que os pais e mães estão se tornando mais semelhantes em termos de suas funções, dos tipos de comportamentos com os quais eles se envolvem com seus filhos e na quantidade de tempo que passam com as crianças.

Como salienta Amaral (2014), um pai nasce e vai aprendendo a ser pai em várias fases do ciclo de vida, desfazendo-se e refazendo-se no convívio com os filhos. É provável que cada homem, a partir da experiência com o próprio pai, com o avô ou com adultos de referência de paternidade para ele, tenha construído um modelo ou uma ideia do que significa ser pai. Entretanto, no momento em que se descobre pai, ele vivencia um processo que ninguém jamais contou. Um processo único, de transformação de identidade, experimentando um binômio de vida e morte, de um filho que morre para dar lugar ao ser pai. É crucial pensar nesse lugar de vulnerabilidade profunda do homem enquanto pai.

Lamb (2012) salienta diversas pesquisas que têm demonstrado diferenças individuais no ajustamento psicológico da criança independente da estrutura familiar. Para o autor, o que realmente irá afetar a adaptação da criança é a qualidade da parentalidade e do relacionamento entre pai e filho, a qualidade das relações entre os pais e os recursos econômicos e sociais disponíveis para a família.

A presente pesquisa propõe pensar em paternidades no plural, rompendo com discursos muito fisiológicos, sem deixar de lado as manifestações biológicas (ex: modificações hormonais do parto e amamentação como questões viscerais que ligam o bebê à mãe), mas construindo o envolvimento paterno como um processo que está sempre acontecendo, constituinte da edificação de sujeitos, inclusive do próprio pai, pois cada filho é um outro, um estranho, que representa um eterno encontro com o surpreendente da vida.

Fagan, Day, Lamb e Cabrera (2014) não encontram em suas investigações características paternas que sejam, essencialmente, e apenas associadas aos pais. Diante disso, sugeriram que as novas pesquisas possam romper com o modelo tradicional de família que enfatiza dimensões distintas de paternidade e maternidade. Esses autores baseiam suas pesquisas em três achados: primeiro, encontraram muitos estudos recentes que mostram que as construções de maternagem e de paternagem são semelhantes (FINLEY; MIRA; SCHWARTZ, 2008; VAN LEEUWEN; VERHULST, 2004). Segundo, os comportamentos paternos e maternos (incluindo a qualidade e quantidade de comportamentos) irão influenciar as crianças de formas parecidas (CABRERA; FAGAN; WIGHT; SCHADLER, 2011; MCDOWELL; PARKE, 2009). Terceiro, os pais e mães estão se tornando mais convergentes, em termos de suas funções, os tipos de comportamentos com os quais eles se envolvem com as crianças, e da quantidade de tempo que passam com os filhos, especialmente na América do Norte, Austrália e Europa (RALEY; BIANCHI; WANG, 2012).

No entanto, Fagan, Day, Lamb e Cabrera (2014) esclareceram que o gênero dos pais continua sendo um fator relevante para compreender as maneiras pelas quais os pais e as mães interagem com seus filhos, apontando muitas pesquisas (DOUCET, 2009; LAREAU; WEININGER, 2008) que vêm, há décadas, mostrando que homens e mulheres são socializados para serem pais e mães de maneiras diferentes, o que pode ter um efeito sobre o envolvimento com seus filhos. Trazer investigações que rompam com polaridades como comportamentos que socialmente são considerados próprios do que é materno ou paterno não implica em diminuição de pesquisas específicas sobre a paternidade. Muitos são os problemas ainda sem respostas sobre o fenômeno da paternidade, assim como há questões de pesquisa com a necessidade de investigação exclusiva sobre maternidade.

Pais e mães geralmente têm diferentes crenças sobre o que significa ser um bom pai (PEDERSEN, 2012). Além disso, as crianças foram ensinadas a ter diferentes pontos de vista sobre os papéis de pais e mães (MILKIE; SIMON; POWELL, 1997). No entanto, Fagan, Day, Lamb e Cabrera (2014) salientam as grandes diferenças individuais dentro de gênero entre as mães e os pais, propondo repensar qualquer conceito que implique numa construção exclusiva e separada de comportamentos para mães e pais. Para esses autores, a cultura pode influenciar o envolvimento paterno, fato também encontrado nas pesquisas de David Shwalb, Barbara Shwalb e Michael Lamb (2013).

No Brasil, Dias e Aquino (2006) apontam para um crescimento do envolvimento de homens com as atividades domésticas, especialmente nas tarefas de cuidado com a criança, o que vem sendo denominado de “nova paternidade”. Independentemente do tipo de arranjo familiar em que a criança esteja inserida, é alta a proporção de mães que toma conta do filho. Todavia, entre casais unidos, é expressivo o gradual aumento da participação do pai no cuidado com os filhos.

A sociedade brasileira vem passando por mudanças estruturais que influenciam o papel que homens e mulheres vêm desempenhando, permitindo papéis mais flexíveis, com mulheres e homens entrando em campos antes jamais imagináveis, como a mulher no mercado de trabalho e o homem no cuidado com crianças pequenas. O incentivo da participação do pai no cuidado com os filhos impulsiona a colocar o pai em um lugar de referência fundamental para o desenvolvimento da criança, reconhecendo e estimulando seu envolvimento direto com o filho, o que aponta para a necessidade de sua capacitação nesses cuidados, já que esta é uma habilidade aprendida socialmente. Por isso, pais necessitam de sistemas de suporte que os instrumentalizem nas questões de desenvolvimento infantil e valorizem suas relações com as crianças.

A atenção junto aos homens necessita ser viabilizada em uma perspectiva integradora e socializadora de direitos, políticas públicas e informações. Este movimento deve ser estimulado desde o planejamento familiar, pois um efetivo acesso do homem a serviços e reflexões no âmbito da saúde sexual e reprodutiva pode contribuir para a inclusão deste nos cuidados gerais com a criança (em detrimento de uma participação seletiva), bem como aumentar sua responsabilidade no planejamento de novas gestações.

Tais ações fortalecem o reconhecimento da capacidade paterna na promoção do desenvolvimento, garantia de proteção e no exercício dos cuidados junto à prole; estimulando no homem a capacidade de identificar as necessidades da criança e atendê-las de maneira afetuosa, contribuindo, assim, para sua inserção no âmbito do cuidado integral.

Tal incentivo impulsiona a avaliar o pai como uma referência fundamental para o desenvolvimento da criança, reconhecendo e estimulando seu envolvimento direto com o(a) filho(a), o que aponta para a necessidade de sua capacitação nesses cuidados, já que esta é uma habilidade aprendida socialmente. Por isso, pais necessitam de sistemas de suporte que os instrumentalizem nas questões de desenvolvimento infantil e valorizem suas relações com as crianças.

Barker e Verani (2008) discutem diversos fatores que influenciam o envolvimento paterno: (a) nível educacional (escolaridade) e econômico (recursos financeiros); (b) qualidade do trabalho do pai; (c) relacionamento do pai com a mãe; (d) idade da criança; (e) idade e estágio de desenvolvimento do pai; (f) relacionamento que os pais tiveram com seus próprios pais; (g) políticas de apoio à paternidade.

Na literatura internacional, Lamb et al. (1985) indicam fatores explicativos para as diferenças sexuais entre homens e mulheres e fatores responsáveis pelas diferenças individuais entre os homens. Para eles, os fatores “biológicos” e “ambientais” são importantes, sendo de pouco valor separá-los como concorrentes ao invés de vê-los como posições complementares. Como mencionado anteriormente, os referidos autores propõem três componentes de avaliação do envolvimento paterno: interação (contato direto com o filho, em cuidados e atividades compartilhadas), acessibilidade (disponibilidade física e psicológica para a criança, possibilitando a ocorrência de interações) e responsabilidade (o papel que o pai exerce garantindo cuidados e recursos para a criança).

Dependendo da idade do filho, a interação do pai comparada à da mãe que trabalha é menos discrepante que a comparada à da mãe que não trabalha, sendo menor quando a mãe trabalha e quando os filhos são mais velhos. O que também é percebido nos estudos de Jablonski (1998) no contexto brasileiro, que alega que quando os filhos estão mais velhos podem acompanhar o pai em eventos sociais, como uma partida de futebol, por exemplo.

Acrescentam Lamb et al. (1985) que os pais estão disponíveis tanto quanto as mães e passam mais tempo interagindo com os filhos, mas isso não significa ser responsável pelas crianças e nesse componente o envolvimento paternal cai vertiginosamente. Mudanças no ambiente dos filhos têm um impacto fundamental sobre o comportamento dos pais. No ambiente social contemporâneo, os pais variam consideravelmente em relação a várias características pessoais, sociais e situacionais que podem influenciar no envolvimento paterno. O desejo dos pais de envolvimento de cuidados no dia-a-dia parece estar relacionado com a sua orientação do papel de gênero e a extensão de envolvimento com sua família de origem. Pais com maior auto-estima, melhores relações conjugais, e os níveis mais elevados

de participação nas tarefas domésticas e no pré-natal foram mais propensos a se envolverem na educação dos filhos.

Em relação ao potencial cuidador paterno, Parke (1986) comenta que o pai não apenas intervém ativamente na assistência e cuidados do bebê, mas também é um competente colaborador social, o que implica em reconhecer e interpretar corretamente os sinais emitidos pelo bebê. Parke (1996) afirma que os pais (sexo masculino) são tão sensíveis aos sinais do bebê quanto as mães. Os pais, prossegue o autor, assim como as mães, são capazes de, por exemplo, discriminar os diferentes tipos de choro do bebê. Parke (1996) ressalta, ainda, que o pai não apenas é capaz de reconhecer sinais vindos do bebê, mas também pode utilizá-los adequadamente para guiar seu próprio comportamento. Nesse sentido, tanto os pais quanto as mães reagem ao recém-nascido de forma sensível e funcional, embora suas respostas específicas possam ser distintas.

Outro estudo mencionado por Parke (1996) salienta que pais e mães diferem no que diz respeito ao brincar com o bebê. As mães tendem a falar suavemente, repetindo palavras e frases frequentemente, e imitando os sons do bebê, enquanto os pais engajam-se em jogos mais físicos do que as mães. Um dado interessante apresentado pelo autor é o de que as crianças parecem responder mais positivamente ao brincar com seus pais, do que com suas mães. Mas ambos os pais são importantes parceiros de brincadeiras, e a estimulação física do pai complementa a interação verbal da mãe. Lamb (1977) apoia a afirmação de que as crianças respondem mais positivamente às brincadeiras com o pai do que com a mãe; em seu estudo sobre a interação pais-bebê, o autor observou que as mães seguravam os bebês geralmente para realizar funções relativas ao cuidado, enquanto que os pais seguravam os filhos geralmente para brincar. Este dado sugere que os diferentes relacionamentos do bebê com o pai e a mãe envolvem variados tipos de experiência para o bebê.

Mesmo quando os homens querem se envolver na educação dos filhos, o seu envolvimento pode ser limitado pela falta de habilidades percebida ou real. Como indicado por Lamb et al. (1985), os homens parecem tão competentes como as mulheres na atenção básica do bebê, mas eles têm sido muitas vezes negados à exposição (por meio da colaboração de babás, economia doméstica e revistas femininas) para as habilidades necessárias para o sucesso e gozo no cuidado da criança. O envolvimento paterno alto é improvável de ocorrer e ser mantido a menos que outros significativos como mães, parentes, amigos, colegas de trabalho aprovelem esse comportamento. Enquanto um número significativo de pais pode receber estímulo para se envolver mais, um número maior de homens são desencorajados por

suas parceiras para sentir-se competente para se envolver mais. Além disso, mesmo quando as mães são favoráveis, amigos, parentes, vizinhos e colegas de trabalho podem não ser.

De modo geral, na sociedade de classe média a alta, a passagem da primeira etapa do ciclo vital familiar (jovens solteiros) para a segunda (o novo casal) tende a ser demarcada por um ritual de casamento, comumente um casamento civil e/ou religioso, apesar de também haver a união estável ou coabitação. Já a transição para a terceira fase (famílias com filhos pequenos) é demarcada pela gravidez do primeiro filho de um casal, a qual pode ser planejada ou não. O filho representa a continuidade da família, que é a responsável pela perpetuação da espécie (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Estudos como os de Mazet e Stoleru (1990) e de Parke (1996) constataram que a qualidade do relacionamento do casal é um importante determinante no envolvimento do pai com o bebê. No entanto, Fiterman (2012) ressalta que muitas vezes o relacionamento do casal não está bom e o que sustenta a permanência do pai na casa é a qualidade parental e o medo de se distanciar do filho. Fato também salientado por Mosmann, Zordan e Wagner (2011) que investigaram aspectos acerca dos relacionamentos afetivos e apresentam pesquisas realizadas e definições a respeito da qualidade conjugal, os fatores de proteção do ambiente familiar e da temática da conjugalidade e sua relação com a parentalidade.

Contudo, segundo autores como Anderson (1996), Parke (1996), Rustia e Abott (1993), todo um conjunto de fatores parece influenciar o envolvimento do pai com seus filhos, tais como suas próprias experiências infantis, suas atitudes em relação ao papel paterno e seus conhecimentos sobre a criação e cuidados infantis. De acordo com Lamb et al. (1985), fatores biogenéticos, determinados pela evolução de nossa espécie, fatores ecológicos e fatores psicossociais – motivação, habilidades e autoconfiança, suporte social e fatores institucionais – interagem na determinação do envolvimento do pai com seus filhos.

De acordo com Barker e Verani (2008), que realizaram um estudo no Chile, os pais de baixa renda dispõem de menos tempo para se dedicarem aos filhos que os de classe média. Os mesmos autores comprovam, a partir de um estudo realizado no Caribe, que há uma forte crença de que os homens não sabem cuidar de crianças e que elas correm risco de abusos físicos ou sexuais se tiverem maior contato com os homens.

No Brasil, cuidar dos filhos continuou sendo socialmente uma questão da mulher, permanecendo uma naturalização da maternidade e um estranhamento da paternidade, principalmente quando se trata de questões como tutela, cuidado e educação. Há um discurso social brasileiro no qual se constrói um homem que participa quando quer, fazendo o que tem desejo de realizar em relação ao envolvimento e cuidados de filhos pequenos, sendo mais

encontrado nos momentos de brincadeira com a criança e uma mulher que leva a sobrecarga da responsabilidade de ter, criar e educar o filho, como dizia Jablonski (1998).

As reflexões deste projeto permitem romper com as formas tradicionais e estáticas de família, supondo que não existe uma única maneira, um único caminho que defina, de forma única e definitiva, a subjetivação. O sujeito está sempre construindo perspectivas, que não são fechadas, acabadas e que abrem possibilidades para repensá-las. Ao questionar antigas formas de pensar e agir, o sujeito começa a revigorar novas maneiras de ser e estar no mundo. Essas construções sofrem influências da rede de significações que o sujeito adquire no decorrer de sua vida. Muitos conceitos se encontram enraizados, alicerçados em amarras culturais, mas é imprescindível abrir o leque de conhecimentos e lançar neles um novo olhar.

Conforme Parke (1986), a transição para a paternidade não é um evento isolado, mas um processo gradual que consiste no homem se familiarizar com os desafios de um novo papel. O referido autor salienta que antes mesmo da gravidez, as decisões de ter filhos, quando tê-los, se quer engravidar a cónyuge ou quer adotá-los, se será reprodução assistida, constituem parte da complexa transição para a paternidade. O pai começa a ser reconhecido no desempenho de importantes papéis durante a gravidez.

A seguir será abordado o envolvimento paterno na gestação, em seguida no parto e, finalmente, com o filho bebê.

2.4.1 Envolvimento paterno na gestação

O que acontece com o homem ao receber a notícia de que vai ser pai pela primeira vez? A transição para a paternidade representa uma mudança significativa para o homem causando transformações subjetivas e também nas suas relações familiares e sociais. Assim, tornar-se pai provoca mudanças em todo o curso de vida do homem e da família.

O recente aumento da preocupação sobre as relações de pai-filho é atribuível, em parte, às mudanças de premissas sobre os papéis de homens e de mulheres e uma crença que ressurgiu de que os pais podem ter uma significativa influência sobre o desenvolvimento de suas crianças, tanto por meio de seu efeito direto sobre elas, quanto por meio da sua influência sobre as mães, que por sua vez afetam as crianças (LAMB et al., 1985).

De acordo com Palkovitz (2007), a escolha do homem por ser um pai presente proporciona a transição para a paternidade e a percepção de que a vida muda de forma significativa e que é preciso assumir responsabilidades maiores e amadurecer. Para esse autor,

homens que são pais gastam seu tempo e dinheiro de maneira diferente daqueles que não são pais. A importância dada ao trabalho muda, os conceitos de saúde e espiritualidade também, os pensamentos e emoções têm focos diferentes, uma vez que os homens têm filhos.

Enquanto o filho cresce e se desenvolve em diferentes estágios de interesses e habilidades, os pais presentes experimentam diversas situações e sentimentos que mudam constantemente. Diante disso, Palkovitz (2007) afirma que a transição para a paternidade é um evento verdadeiramente transformador de vidas com consequências duradouras.

Ainda conforme Palkovitz (2007), quando os homens se tornam pais, eles atingem um novo *status* não apenas para si, mas também para a sua família, seus amigos, seu trabalho, e para a sociedade. Criam-se novas expectativas para o homem nesse papel. Esperam-se maiores responsabilidades, qualidades e personalidade diferentes daquelas dos homens que não são pais. Alcançando um novo e mais alto nível de funcionalidade nas relações, no trabalho e na conduta pessoal.

Assim, a paternidade provê um ambiente diferente para o crescimento intelectual, físico, social, emocional e espiritual para os homens, afirma Palkovitz (2007). Após a transição para a paternidade, os homens pensam acerca de coisas nas quais eles nunca teriam pensado antes, com pontos de vista novos e diferenciados. Os pais experimentam uma nova intensidade e qualidade de sentimentos que podem somente ser vivenciados na condição de ser pai. A paternidade representa um significativo e desafiador contexto de desenvolvimento para os homens, ou seja, tem o potencial de iniciar um imenso grau de desenvolvimento para os homens que se engajam nessa tarefa.

Palkovitz (2007) acrescenta que a transição para a paternidade requer um reajuste de tarefas e prioridades. Assim sendo, a transição para a paternidade desempenha um papel particularmente desafiador e potencialmente monumental nas vidas dos homens, à medida que eles se ajustam às alegrias, sonhos desafios e necessidades representadas pelo papel de pai. O autor aponta, ainda, para a existência de diversos caminhos para tornar-se pai, múltiplas transições para a paternidade. Esses caminhos podem incluir o pai biológico, o pai adotivo, o padrasto ou uma figura paterna. Os pais podem estar casados, solteiros, separados ou divorciados, estar ou não residindo no mesmo lar que o filho. Podem fazer a transição para a paternidade mais cedo, no tempo, ou mais tarde do que o tempo prescrito como socialmente apropriado. Também o grau de planejamento, prontidão e desejo por uma criança pode variar bastante entre os homens e entre o casal. Neste sentido, as transições para a paternidade ocorrem em uma variedade de contextos que refletem a diversidade da vida dos homens. Dessa forma, homens com diferentes idades, níveis econômicos e contextos culturais fazem a

transição para a paternidade trazendo para esta um conjunto único de características, pontos fortes e fraquezas. De acordo com o autor, cada homem fazendo a transição para a paternidade assume um novo papel, redefine antigos papéis e encara novos desafios e questões que podem nunca ter sido feitas antes. Os homens que fazem a transição para a paternidade modificam muitos aspectos de suas vidas diárias, tornando-se pessoas diferente da qual eram antes de serem pais.

O autor mencionado anteriormente também destaca que o ato físico e biológico em si de ter uma criança não faz o homem passar pela transição para a paternidade, pois engloba ajustes psicológicos e comportamentais pelos quais os homens passam, em resposta à presença de uma criança em suas vidas que precise de cuidados paternos. A transição para a paternidade requer tanto uma reestruturação cognitiva (mudança na identidade dos papéis, prioridades, etc.), quanto a apropriação de mudanças comportamentais que a acompanham. Os homens que passam pela transição para a paternidade começam tanto a pensar diferentemente acerca de si, quanto a agir diferente em suas vidas e relacionamentos.

Nesse sentido, ainda conforme Palkovitz (2007), as reestruturações cognitivas da transição envolvem questões como a consideração de significados e de como os papéis de paternidade são imaginados, desejados e temidos. Essas mudanças cognitivas dão forma aos comportamentos dos pais, tanto por meio de modelos (tentando repetir os padrões de exemplos positivos providos pelos pais), quanto mediante uma reconfiguração (tentando divergir dos padrões negativos providos pelos pais). Assim, os homens passam a ter novos comportamentos e mudanças cognitivas, exercendo papéis que são centrais para sua identidade como pais. Embora alguns homens pareçam exercer imediatamente o papel de pai quando nasce um filho, conforme o autor, para a maioria dos homens, a paternidade é um papel que se desenvolve de forma lenta e gradual. As transições envolvem múltiplos aspectos e levam tempo.

Sendo assim, assumir o papel de pai causa uma reflexão no homem que passa a avaliar como foi criado, como quer ser na condição de pai, seus valores, sua moral e seu comportamento. Segundo Palkovitz (2007), ser pai provoca mudanças no grau de responsabilidade, de maturidade, no estabelecimento de raízes e na sua exposição ao risco, encorajando o pai a rever suas práticas relativas à saúde e a cuidar mais de si.

Por fim, Palkovitz (2007) descreve sete fatores importantes relacionados ao processo de transição para a paternidade: ajuste do tempo para tornar-se pai; decisão de fazer a transição para a paternidade; a preparação para a paternidade; a experiência do nascimento; as mudanças pessoais na transição para a paternidade; prover a criança e a família;

relacionamentos e uma rede de apoio para a paternidade. Para o autor, a paternidade pode ser entendida como um processo por meio do qual os homens demonstram cuidados e apoio para seus filhos em uma base contínua ao longo do tempo. Portanto, a transição para a paternidade implica na existência de um relacionamento intergeracional e contínuo com outro indivíduo em desenvolvimento. A transição para a paternidade representa, assim, um conjunto amplo e multifacetado de ajustes com repetidas oportunidades de mudanças. Tal transição envolve numerosos processos que levam tempo e uma série de mudanças contínuas e que permanecem por toda a extensão temporal do relacionamento entre pai e filho.

Ao pesquisar sobre a transição para a paternidade, Andreani (2006) investigou 20 homens, residentes em Florianópolis e de diversos níveis socioeconômicos, que acompanhavam a gestação de seu primeiro filho. Os resultados obtidos revelaram que foram diversas as mudanças percebidas na vida desses homens, principalmente na relação conjugal e nas prioridades de vida. A paternidade foi representada como positiva, aumentando a responsabilidade, sendo que a maioria dos participantes se sentia preparada para desempenhar o papel de pai.

Como apontam Piccinini et al. (2004), durante a gravidez da parceira, os futuros pais revelam-se ansiosos e preocupados com a saúde e o bem-estar do bebê e da gestante. É um período marcado por sentimentos ambivalentes de alegria e conflitos, despertando nos pais uma relação emocional com o bebê. Deste modo, a participação paterna no período da gestação poderá favorecer o envolvimento do pai com seu(sua) filho(a).

Para compreender o comportamento do pai deve-se levar em consideração as ações adotadas pela mãe durante a gravidez. Para a mulher, os primeiros meses são frequentemente difíceis, tanto psicológica quanto fisicamente. As náuseas, os vômitos, os cansaços, as dores de cabeça, podendo aparecer depressão, irritabilidade e ansiedade. Nesse período, as mulheres podem ser mais exigentes com seus maridos e chorar mais facilmente por qualquer motivo, por estarem mais vulneráveis e com a emotividade elevada, afirma Parke (1986).

Ainda conforme Parke (1996), geralmente homens que são pais pela primeira vez podem experimentar sintomas da gravidez, considerando que os futuros pais passam por uma crise, podendo causar rivalidade entre o casal, mas essa crise pode não configurar uma experiência negativa, apresentando mudanças gratificantes, que podem promover compaixão e empatia entre o casal.

No final do quarto mês, muitos desses sintomas desagradáveis desaparecem e a mulher começa a sentir o feto se movimentando, sensação considerada emocionante para o casal, podendo ser mais agradável ao pai do que à mãe. Alguns homens durante a gravidez de suas

mulheres mostram mais interesse pelos bebês e por leituras infantis. Muitos deles tentam melhorar no trabalho para aumentar suas condições econômicas, tendo mais de um emprego nesse período, o que pode ser interpretado como sinal de preocupação e ansiedade. Sua principal preocupação é a econômica e também a expectativa de como será o parto e se o bebê nascerá bem, com saúde (PARKE, 1996).

Conforme Brazelton (1994), nos últimos meses de gravidez os futuros pais tornam-se mais conscientes da nova realidade, da atividade do futuro bebê e dos enormes ajustamentos que vêm pela frente. A chegada do bebê exigirá novos comportamentos por parte dos pais e requererá outras pessoas que possam auxiliar no cuidado do bebê.

Lamb (2000) salienta que o engajamento do pai com seu bebê será influenciado pelo lugar que o bebê ocupa em suas projeções imaginárias. Outro aspecto relevante apontado por Parke e Buriel (1997) é que o envolvimento paterno se dá dentro de um sistema familiar que confere ao mesmo um significado e importância particulares, o que evidencia a necessidade de se interrogar o pai, pois a observação pura das suas ações com o bebê não alcança a subjetividade da relação.

Para Cerveny e Berthoud (2010), a formação de um novo sistema familiar altera todos os demais sistemas: assim como o casal jamais será o mesmo após o nascimento do primeiro filho, também as famílias de origem jamais serão as mesmas com o nascimento de um neto. Surge um novo vínculo entre duas gerações com o nascimento de um bebê. Assim, ser pai requer ajustes psicológicos e sociais nos indivíduos, pois as mudanças que ocorrem são irreversíveis.

Além disso, o comportamento sexual varia durante a gravidez, tendo homens que se sentem muito atraídos por suas mulheres grávidas e outros que diminuem o interesse. Mas em geral, durante a gravidez, existe uma diminuição da relação sexual. O homem tende a reagir positivamente para apoiar emocionalmente sua mulher e o apoio emocional dado pelo esposo facilita a mulher na adaptação da gravidez. O futuro pai tende a buscar apoio nos amigos que são pais e no carinho e apoio da própria mãe (PARKE, 1996).

Para Brazelton (1994), o nascimento do primeiro filho é o evento mais desafiador da vida de uma família. O sentimento de responsabilidade, as preocupações e as ansiedades são tão intensos quanto a gratificação pelo acompanhamento do crescimento do bebê. Em sua experiência clínica, o autor encontrou muitos pais que acreditavam que a ligação com o bebê era instintiva e que quando o bebê nascesse eles automaticamente saberiam como ser pai e mãe. Porém, na realidade, diz o autor, “o vínculo com o bebê é instintivo, mas não é

instantâneo e automático” (p.11). Além disso, em nossa sociedade existem poucas maneiras de preparar homens e mulheres para a parentalidade.

Com o objetivo de investigar as expectativas e os sentimentos de futuros pais em relação ao seu bebê, Piccinini et al. (2009) fizeram uma pesquisa qualitativa com 35 pais que esperavam seu primeiro filho e que viviam com a mãe do bebê, com idades entre 21 e 40 anos. Estes autores salientaram que os homens no período de gravidez de suas esposas constroem uma imagem mental de como será o seu bebê, quais serão suas características físicas e psicológicas e o sexo, assim como exibem preocupações com a sua saúde e auxiliam na escolha do seu nome.

Desta forma, poder-se-ia pensar que o fato de imaginar o bebê, investindo nele expectativas e desejos para dar “corpo” a esta imagem, tenderia a tornar o bebê mais conhecido e, portanto, mais comparável a personagens da história passada dos pais, permitindo, no mínimo, a confrontação e a conseqüente possibilidade de reformulação de conflitos anteriores (PICCININI et al., 2009, p. 379)

No entanto, é importante destacar que nem todos os homens construirão uma imagem mental do bebê. As expectativas e os sentimentos dos pais sobre o bebê são alimentados pelo próprio desejo do homem em ter o filho e no acompanhamento pré-natal, no qual a ultrassonografia é considerada um recurso importante para imaginar o bebê. Para esses autores, “todo este movimento imaginativo dos pais, que ocorre durante a gestação, influencia a futura relação pai-bebê, repercutindo nas fantasias e representações paternas e na forma de interpretação dos sinais do bebê.” (PICCININI et al., 2009, p. 380). Dessa forma, é evidenciada a relação estabelecida entre a expectativa que o pai constrói do bebê e seu envolvimento paterno, apontando para uma tendência atual de maior participação na gestação e nos cuidados dos filhos.

Apesar de ainda não existir, em nossa cultura, um termo para o “pai grávido” equivalente à expressão inglesa “expectante father” (PARSEVAL, 1986), muitos autores têm se dedicado ao estudo deste que é considerado o principal período de transição ao desenvolvimento adulto. Mas como deve ser chamado o pai durante a gestação de sua esposa? Partindo desta inquietação, Bornholdt (2002) em seu estudo sobre o “pai grávido” discute a questão. Identificou-se que durante essa etapa alguns autores podem chamar o pai de “futuro pai”, “homem grávido”, usar o termo em inglês “expectante father” ou traduzi-lo literalmente como “o homem que espera”. Segundo a autora, essa necessidade de nomear o homem diante da gestação de sua esposa reflete, de alguma forma, seus sentimentos neste período e suas

dúvidas quanto ao seu papel. Tendo em vista que as vivências dos homens podem ser bastante distintas, a autora concluiu que se o homem está bastante envolvido e já se sente verdadeiramente pai durante a gestação do bebê, ele já poderá ser chamado de “pai”, e aos outros que ainda assistem à gravidez como telespectadores podem ser denominados “futuros pais”.

Castoldi (2002) buscou em sua tese analisar como está ocorrendo este processo de construção da paternidade, durante a gestação e ao longo do primeiro ano de vida do bebê, com casais que tiveram seu primeiro filho. Acrescenta o autor que o fato de pai e mãe estarem acumulando uma dupla jornada de trabalho tem forçado uma nova divisão no trabalho de casa, bem como a partilha das tarefas relativas aos cuidados e educação dos filhos. A família extensa, que deveria funcionar como uma rede de apoio para os pais, é cada vez mais reduzida e os avós nem sempre estão disponíveis para auxiliar na criação dos netos. A saída das mães para o trabalho determinou uma modificação na participação dos pais, muitas vezes obrigados a assumir tarefas até então tidas como essencialmente femininas e para as quais eles nem sempre se sentiam preparados.

Brazelton e Cramer (1992) falam do desejo masculino de ter um filho como forma de comprovar sua potência e capacidade de engravidar a mulher, para assegurar a continuidade da família e, também, como forma de resolver suas rivalidades edípicas com o pai, tentando superá-lo por meio da criação do seu próprio filho.

Preocupado com os sentimentos dos futuros pais, Brazelton (1988), pediatra e pesquisador das relações pais-bebê, procurou legitimar o sentimento de competição que os pais tinham em relação à esposa grávida e ao bebê. Destacou que os sentimentos de exclusão do jovem pai são muito reais em nossa sociedade que torna a gestante, e depois o bebê, o centro de todas as atenções. Para se reconhecer que não há nada demais em demonstrar os sentimentos de medo, insegurança, o pai precisa de espaço para falar sobre isso. No entanto, na cultura ocidental contemporânea, ainda impera o mito de que o homem deve ser forte, protetor e que deve saber lidar com seus próprios problemas e parece que ninguém está preocupado com os sentimentos, as fantasias e os temores que enfrenta o futuro pai.

Ferreira, Leal e Maroco (2010) verificaram a existência de sintomatologia de Couvade¹ e qual a sua relação com o envolvimento paterno, realizando um estudo

¹ A Síndrome de Couvade trata-se de um fenômeno global que acontece em todos os países industrializados no mundo inteiro, que sugere uma manifestação natural associada ao período gravídico, com repercussão sintomatológica em nível físico e psicológico e sem causa patológica que ocorre em companheiros de mulheres grávidas. Os sintomas são cronologicamente relacionados com a gravidez e o seu término, no momento do parto ou num curto período pós-parto, o que sugere que a causa da síndrome seja subjacente à gravidez.

observacional-descritivo transversal em Lisboa, no qual participaram 200 pais expectantes. Seus estudos concluem que o envolvimento paterno aumenta em pais-expectantes com habilitações literárias mais baixas. Chegam à conclusão de que não existe correlação entre o planejamento da gravidez e o envolvimento paterno, no entanto, quando a gravidez é desejada aumenta o envolvimento paterno. Por sua vez, Lima (2006) salienta que o fato de o planejamento da gravidez não interferir no envolvimento paterno leva em consideração que condicionantes que envolvem a gestação podem torná-la aceita e desejada influenciando o envolvimento paterno.

De acordo com Ferreira, Leal e Maroco (2010), a correlação entre idade gestacional e o envolvimento paterno indica que, com a evolução da gravidez, aumenta o envolvimento paterno. Já quanto maior for a idade do pai, menor será o envolvimento paterno. Existe uma correlação negativa e significativa entre o estatuto da paternidade e o envolvimento paterno, demonstrando que o envolvimento paterno diminui à medida que aumenta o número de filhos. Os referidos autores concluíram que não existe correlação entre o risco associado à gravidez e o envolvimento paterno e que tal envolvimento não exerce influência significativa na sintomatologia de Couvade.

Também é importante destacar que, segundo Brazelton (1994), o pai que participa das primeiras avaliações de saúde do bebê fica mais sensível aos indícios comportamentais do mesmo e se envolve muito mais com os problemas dele ao longo de todo o seu primeiro ano de vida.

Conforme Parke (1986), seria errôneo supor que os cuidados maternos seriam biologicamente determinados: em algumas culturas, homens e mulheres dividem assistência aos filhos pequenos de forma equitativa, o que indica que os papéis desempenhados pela mãe e pelo pai não estão predeterminados biologicamente, e que esta definição de papéis pode variar consideravelmente, dependendo das condições sociais, ideológicas e físicas das diversas culturas.

Por sua vez, Szejer e Stewart (1997, apud FERRARI; PICCININI; LOPES, 2007) afirmam que cada gravidez tem sua história, e por isto não existe uma gravidez ideal; todas as mulheres e homens têm uma ideia precisa, enraizada na sua história, do que é um casal em geral e do casal do qual fazem parte em particular. Essa ideia é mais ou menos demarcada por seus modelos familiares e culturais e se é dela que a criança nascerá, dela será portadora. Mesmo para um determinado casal, cada gravidez tem um significado próprio; de um filho

para o outro, o pai e a mãe aprendem mais sobre sua função de pais. Quando se ouvem os pais, prosseguem os autores, pode-se perceber que na mente deles essa criança tem (ou ainda não tem) seu lugar, e que esse lugar ainda indefinido não só existe, como também deve ser conquistado por ela.

Szejer e Stewart (1997, apud FERRARI; PICCININI; LOPES, 2007) mencionam, ainda, que “um filho é, inicialmente, o desejo de um homem e de uma mulher, e do encontro desses dois desejos nascerá um terceiro desejo, desejo de vida que vai se encarnar no corpo do filho” (p.54). Deste encontro de desejos, nascerá um projeto, cuja configuração marcará a criança e fará parte de sua história. Para um homem, desejar um filho não significa a mesma coisa que para uma mulher: as palavras são as mesmas, mas o contexto é diferente, segundo os autores. Os mesmos autores lembram que no ser humano, a ambivalência faz parte do desejo, e que o desejo de ter um filho é diferente do projeto de ser pai, pois o último implica na forma como cada um se vê como futuro pai ou mãe.

Segundo os autores, a forma como cada um se projeta como pai ou mãe relaciona-se diretamente com os pais que eles próprios tiveram, ou ainda outros modelos parentais. Cada um tem uma ideia de como seu companheiro, sua companheira, deveria se comportar enquanto pai ou mãe, e essa projeção do outro está igualmente ligada aos modelos parentais daquele que faz esta projeção, muitas vezes não levando em conta o que o outro realmente é.

Szejer e Stewart (1997, apud FERRARI; PICCININI; LOPES, 2007) afirmam também que quando a mulher anuncia a gravidez ao marido, o homem pode começar a se projetar como pai. Neste anúncio, está implicado algo maior que o simples fato biológico: “ela designa o homem como pai e, implicitamente, anuncia o nome de família que este filho deverá ter” (SZEJER; STEWART, 1997, p.108, apud FERRARI; PICCININI; LOPES, 2007). Os autores acrescentam que a história do casal e o tipo de relação que os une estão diretamente relacionados com a reação do futuro pai à notícia da gravidez da parceira. Os pais, prosseguem os autores, designam atributos imaginários para o filho que está por vir; tanto o homem como a mulher têm necessidade de antecipá-lo e todos estes atributos os ajudam a defini-lo, permitindo-lhes fazer este trabalho simbólico.

Quando o homem é inserido no contexto da gravidez, sua participação ativa ajuda-o a envolver-se afetivamente com o filho e a sentir-se pai. No momento em que o homem recebe a notícia da gravidez, ele começa sua transição para a paternidade, podendo se envolver de diversos modos, como: apoiando a companheira, participando das consultas pré-natais, dos exames, das ultrassonografias, do planejamento para o parto, compartilhando as responsabilidades com a grávida, entre tantas outras possibilidades.

Krob, Piccinini e Silva (2009), realizaram um estudo longitudinal com 20 homens casados, com idade entre 20 e 40 anos, que estavam esperando o nascimento do primeiro filho. Esse estudo investigou as expectativas e sentimentos dos pais, durante a gestação, e revelou que a gestação foi vivida como emocionalmente intensa, marcada por alegria, ansiedade e conflitos. Preocupações com a saúde da esposa e do bebê e sentimentos de exclusão mostraram-se presentes.

Os referidos autores salientaram que os pais pesquisados mencionaram um forte desejo de ter filhos e que, em muitos casos, essa vontade começava antes mesmo de saber da gravidez de sua esposa. Outro conteúdo apresentado refere-se às preocupações com a gravidez e com o parto, tais como o medo de ocorrer um aborto durante a gestação, o medo do parto e preocupações com a saúde da gestante e do bebê. Os pais também falavam sobre a imagem mental que tinham do filho, mencionando características físicas e de temperamento.

Sobre a participação do pai na gravidez de sua esposa, Krob, Piccinini e Silva (2009) encontraram pais que procuravam informações sobre a gestação e cuidados do bebê, que participavam ativamente, oferecendo apoio emocional ou material, que se colocavam disponíveis para a esposa, tendo interesse em agradá-la e mais paciência do que tinha normalmente. Esses autores investigaram as mudanças emocionais ocorridas nos pais durante a gestação, marcadas por uma maior sensibilidade, destacando a maior união do casal e as expectativas de mudanças na vida do casal após o nascimento do bebê como ter de renunciar a algumas coisas para si, o aumento nas tarefas e nas responsabilidades, a díade marido e mulher abrir espaço para a tríade mãe, pai e filho e lidar com sentimentos de exclusão. Os pais dessa pesquisa também tinham expectativas em relação ao papel paterno, em ser um pai participativo e presente na vida do filho.

Por sua vez, Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer e Lopes (2009) evidenciam que o homem vivencia a gestação de modo diferente da mulher, pois somente a mulher irá sentir o bebê crescer dentro do seu ventre, irá parir e amamentá-lo, trazendo aspectos biológicos que podem ajudar a compreender a forma como o pai se envolve nesse período. A gestação do primeiro filho traz consigo a possibilidade de o homem vivenciar experiências desconhecidas e rever papéis. Dessa forma, “a gestação ainda é um período no qual os homens estão buscando novas formas de se inteirar e explorar, uma vez que não ocorre em seu próprio corpo.” (SANTOS; KREUTZ, 2014, p.62). Os pais na gestação do primeiro filho convivem com uma ambivalência de sentimentos de alegria e de responsabilidade ou preocupação com o novo papel.

Em investigação sobre como se dá o envolvimento paterno durante a gestação, Piccinini et al. (2004) verificaram que o homem começa a ser mais participativo no cuidado com os filhos e a ter um olhar para o privado, para a família. O pai ocupa um lugar diferente da mãe na gestação e tem um acesso também deferente ao bebê, sendo comumente referido na literatura como a terceira pessoa na relação mãe-filho. Pais e mães, além da diferença biológica, exercem funções diferentes e essenciais na constituição psíquica da criança e para o seu desenvolvimento saudável. Dessa forma, os autores referidos destacam a natureza e os limites do papel paterno, evitando-se uma equiparação com o papel materno tido como modelo ideal de vinculação com o bebê.

Cabe ainda destacar que a paternidade precisa ser olhada como produto do entrecruzamento dos discursos sociais que definem e prescrevem o que é ser pai (TONELI et al., 2011). Portanto, o estímulo à participação paterna apresenta-se como uma questão complexa e multifacetada, que articula diversas áreas, opções políticas e escolhas individuais dos sujeitos. A contribuição científica na área da família é fundamental para estimular a transformação desta realidade e a construção de novas relações de gênero na sociedade.

Os estudos da paternidade no período da gravidez, parto e pós-parto possibilitarão a visibilidade da situação dos homens como pais nesse processo, haja vista a centralidade de referências que identificam as esferas doméstica e familiar como domínio feminino, ainda reafirmando a associação mulher-mãe “naturalizando” a sua relação com os filhos.

Surgem no campo da saúde diversas propostas para sua reconstrução, sob novas ou renovadas adaptações, tais como integralidade, promoção da saúde, humanização, vigilância da saúde, entre outras. Na saúde coletiva brasileira existem processos relacionados à reconstrução das práticas de saúde, muito especialmente aqueles que circulam em torno das teorias da chamada humanização da atenção à saúde. Ayres (2004) traz em seu arcabouço teórico a noção de cuidado, com uma série de princípios teóricos e práticos que são relevantes para explicar muitos dos desafios da humanização nas práticas de saúde.

De acordo com Uriko (2011), a maneira como uma mulher se adapta ao nascimento de um filho é influenciada, além de muitos fatores diferentes, também pelo relacionamento com seu parceiro. Então, quais fatores influenciam a adaptação do homem ao nascimento de um filho? O comportamento de adaptação e processos de desenvolvimento para os homens durante a gravidez são tão complicados como para as mulheres e necessitam de investigação. Portanto, vê-se a importância de analisar as relações entre os cônjuges e entre a assistência da equipe de saúde, as redes de solidariedade, os esquemas de apoio, os conflitos, as negociações, as rupturas, os encontros e os desencontros de gênero.

No entanto, promover a inserção do parceiro no pré-natal não tem sido tarefa fácil. A inclusão do pai no acompanhamento pré-natal da mulher grávida e no nascimento do bebê é ainda restrita pelo fato de esses assuntos não serem culturalmente voltados “para homens”. O pré-natal e o parto são tradicionalmente considerados como “tarefas femininas”, “coisas de mulher”, colocações culturais que excluem o pai desses acontecimentos. No entanto, a efetiva presença do pai desde a gestação da mulher fortalece os vínculos entre pai e filho(a), entre os cônjuges e, por consequência, entre mãe e filho(a), favorecendo o bem-estar dos membros envolvidos na complexa tarefa da família que recebe um novo ser.

Ao participar do acompanhamento pré-natal, o pai pode compreender melhor as necessidades da companheira e do bebê, esclarecer suas dúvidas sobre a gravidez e o parto, além de mais facilmente poder ser cuidado pela equipe de saúde. O homem que passa pela transição para paternidade pode ter, com a equipe que acompanha a gestação, uma relação de confiança e de ajuda mútua, que valoriza a participação do acompanhante e favorece a garantia de direitos tanto da mulher grávida, quanto do próprio pai.

Atualmente os homens são chamados a desempenhar um papel muito mais ativo no cuidado da criança do que nas gerações anteriores. A presença do pai no momento do nascimento é um novo fenômeno social. Tradicionalmente, o homem não participava nem acompanhando sua parceira nas visitas médicas durante a gravidez, nem na hora do parto, nem tinha a coragem de expressar seus verdadeiros sentimentos com relação à gravidez da parceira e ao nascimento do filho. Entretanto, se o pai for bem-sucedido na adaptação à sua nova função, ele vai sentir vontade de cuidar da criança, ter confiança em ser o pai e compartilhar suas sensações e expectativas sobre a gravidez com sua parceira (URIKO, 2011).

As pesquisas sobre família e paternidade devem considerar que há várias configurações familiares e que os pais desempenham papéis diferentes nos diversos contextos culturais e épocas históricas. Assim, a paternidade “deve ser vista em uma perspectiva cultural e histórica” (LEWIS; DESSEN, 1998, p.110). Segundo os autores, há o pai tradicional, que tem o papel de provedor, ativo no mundo do trabalho e pouco envolvido nas atividades de cuidados com os filhos; por sua vez, o pai moderno se importa com o desenvolvimento moral, acadêmico e com a identidade da criança; já o pai emergente caracteriza-se por participar e envolver-se afetivamente, junto com a sua esposa, dos cuidados com os filhos. Dessa forma, esta última modalidade foi apontada pelos autores como aquela que mais favorece o desenvolvimento da criança, além de enriquecer as relações familiares.

Realizando levantamento com os descritores “pai”, “paternidade” e “paterno”, Vieira et al. (2014) analisaram cem artigos empíricos publicados entre os anos 2000 e 2012, em revistas brasileiras indexadas nas bases IndexPsi, SciELO e PePSIC. Os autores constataram a preferência na utilização da análise qualitativa de dados (70%), pelo método de levantamento de dados (60%) e pela entrevista como técnica de coleta (47%). Dentre os temas investigados, há destaque para: gestação, parto e pós-parto (25%), exercício da paternidade (22%), desenvolvimento infantil (15%), adolescência (14%) e concepções acerca do comportamento paterno (13%). Esses autores constataram que a maioria das pesquisas brasileiras teve o próprio homem que vivenciava a transição para a paternidade como principal informante, valorizando a fala do pai sobre a sua paternidade.

Vieira et al. (2014) encontraram três artigos sobre o envolvimento do pai na gravidez de suas companheiras. Em um deles, foi identificado que alguns pais tinham expectativas quanto ao bebê e mostraram-se preocupados com a saúde do filho. No entanto, em outro artigo identificaram dificuldades quanto ao envolvimento paterno com o filho durante a gestação. Foi observado que, nesses casos, mesmo após o nascimento, o envolvimento nos cuidados com o bebê ainda era insatisfatório, embora tivesse aumentado o afeto entre pai e filho. Esses autores evidenciaram a complexa transição para a paternidade e destacaram a importância de se conhecer as vivências e sentimentos do pai durante a gestação de seu/sua filho(a), permitindo o sentimento de inclusão e ajudando o homem a elaborar o novo papel que passava a assumir.

Dando continuidade às investigações, Vieira et al. (2014) identificaram que a participação do pai no parto foi tema de quatro estudos. Tais pesquisas evidenciaram que os homens que participaram do parto, manifestaram carinho e apoio à esposa/companheira em tal momento, reconhecendo que tanto ela quanto o recém-nascido precisam de dedicação após o parto. Outro dado encontrado foi o de que a participação do pai pode amenizar a depressão materna pós-parto. Também foi identificado que os pais se preparam financeiramente para a chegada da criança e desempenham papel de provedor familiar. No entanto, um dos artigos analisados identificou que, quando a relação conjugal é conflituosa e a mãe não exerce trabalho remunerado, havia alta prevalência de famílias cujo pai não se envolvia ativamente no cuidado do(a) filho(a).

Piccinini et al. (2004) investigaram como ocorreu o envolvimento paterno durante o terceiro trimestre de gestação, entrevistando 35 homens com idades entre 21 e 40 anos, com níveis socioeconômicos variados e que residiam na região metropolitana de Porto Alegre no período de gestação da companheira. Os autores identificaram que os pais passavam por

diversas adaptações ao se prepararem para a chegada do(a) seu/sua primeiro(a) filho(a) e verificaram que eles estiveram envolvidos de diversas maneiras na gravidez de suas companheiras, acompanhando a gestação, oferecendo apoio emocional e material à gestante, participando das consultas pré-natais e das ecografias, buscando informações sobre bebês e gravidez, mostrando conhecimentos sobre o seu bebê, frequentando cursos de gestantes e desejando participar do parto.

Os homens pesquisados por Piccinini et al. (2004) referiram-se como grávidos e apresentaram diferentes comportamentos e sentimentos em relação à gestante e ao bebê, participaram ativamente da gestação, dos preparativos para a chegada do primeiro filho, interagindo com ele, buscando ativamente este contato ou reagindo às manifestações do bebê no útero e ficaram preocupados com a gestante, o bebê, o parto, as finanças, o aumento das responsabilidades e com sua inexperiência. No entanto, esses pesquisadores identificaram também que alguns pais apresentavam pouco envolvimento emocional com a gestação e com seu filho, por não terem ainda o filho real.

Em pesquisa qualitativa realizada na cidade de São Paulo para compreender a experiência do parceiro como acompanhante de sua esposa/companheira no pré-natal, Cavalcante (2007) entrevistou 15 homens de diferentes profissões, escolaridade e faixa-etária entre 21 e 35 anos de idade, discutindo cinco temas: o homem e seus motivos para vir às consultas como acompanhante de sua mulher; o homem acompanhante no contexto ambulatorial; o homem acompanhante no contexto familiar; as dificuldades do homem ao acompanhar a mulher grávida nas consultas pré-natais; a experiência masculina na participação no pré-natal.

Conforme Cavalcante (2007), os homens entrevistados vivenciaram o período gestacional acompanhando a mulher grávida nas consultas pré-natais e se preparando para a paternidade. Segundo a autora, a presença masculina nos atendimentos pré-natais revela um contexto marcado pelas relações de gênero e suas regras construídas socialmente, pois ainda permanece sendo considerado como um universo feminino. Tradicionalmente, o homem colocado no papel de provedor, precisa se precaver para os gastos financeiros que a chegada do bebê representará. No entanto, os dados obtidos revelam a presença de homens nas consultas acompanhando a mulher tanto por vontade própria, quando convidado pela equipe de saúde ou quando a esposa solicita. Esses resultados apontam pais inseridos nos cuidados e orientações pré-natais, interessados no processo gestacional e cuidando da mulher e do filho.

Nesse sentido, esta pesquisa pretende colaborar para o debate do ponto de vista da produção científica sobre família, paternidade e, em especial, envolvimento paterno. Os dados

obtidos poderão colaborar com a construção de políticas públicas que promovam o reconhecimento social da paternidade. Além disso, os conhecimentos sobre o exercício da paternidade podem promover a maior participação dos homens no processo do nascimento dos filhos e nos cuidados infantis. Ou seja, poderão reconhecer o direito de se envolverem no acompanhamento da gravidez, do parto e do pós-parto de seus filhos.

2.4.2 Envolvimento paterno no parto

Gondim e Lyra (2012) questionam a reprodução da concepção de homem como coadjuvante na situação de parto, como segurança e apoio à mulher que está numa posição de dependência e submissão. Segundo os autores, a partir da década de 1980, a participação dos homens no âmbito doméstico e privado passou a ser tema de investigação na literatura científica, questionando o machismo e tentando compreender aspectos da sociedade que dificultam ou favorecem o envolvimento paterno. Os discursos sociais apresentam conceitos para paternidade relacionados à reprodução, produzindo padrões de comportamento parentais. No entanto, esses comportamentos são diversos, mudando a depender do tempo histórico, do próprio momento do ciclo de vida de cada sujeito e das relações estabelecidas com a esposa/companheira e com os filhos.

Acrescentam Gondim e Lyra (2012) que o machismo engessa homens e mulheres, dificultando um maior envolvimento dos pais na reprodução. O exame de DNA, por exemplo, no qual todo homem pode ser obrigado judicialmente a reconhecer sua prole e se responsabilizar por ela, constitui tanto uma investigação de paternidade como um questionamento da conduta masculina e dá visibilidade ao pai no início do século XXI, reforçando o papel de provedor material da família.

Surgem no campo da saúde diversas propostas para a visibilidade do homem na reprodução e nos cuidados. Em 2008, o Ministério da Saúde implantou a Política Nacional de Saúde do Homem e desenvolveu o primeiro Programa que correlaciona a saúde do pai à saúde materno-infantil, chamado “Pré-natal masculino” (BRASIL, 2008).

Com esse Programa, todos os profissionais de saúde da rede pública são treinados para incentivar os homens a fazerem exames preventivos na mesma época em que suas companheiras estiverem fazendo o exame pré-natal. O Pré-natal masculino propõe o acompanhamento profissional da saúde do pai a partir de sua participação, estimulada pela mulher, em acompanhá-la nas consultas médicas durante a gestação. Os profissionais de

saúde, por meio de exames, investigarão possíveis doenças que poderão vir a prejudicar a saúde do pai, da mãe e do feto (BRASIL, 2010).

Para Tomereli (2007), o parto humanizado se destaca em trazer o acompanhante e essa presença do pai pode ajudar a mãe, que costuma estar tensa e ansiosa, a sentir-se mais segura, acolhida e tranquila, o que pode aliviar as dores e deixá-la mais confiante no trabalho de parto. O pai pode colaborar na sala de parto dando apoio e carinho à mãe, deixando o ambiente mais tranquilo e receptivo, amparando a mãe e possivelmente diminuindo a depressão pós-parto. Segundo a autora, nesse contexto, o pai estará envolvido emocionalmente no parto. Nesse momento ocorre o primeiro contato com o filho concreto. Já na sala de parto, o pai pode estabelecer uma interação com o filho, carregando-o, olhando para ele, tocando-o, sorrindo para ele e mesmo identificando o que de si vê no bebê.

Carvalho (2002) revisa a obra de 1980 de Michel Odent, intitulada “O renascimento do parto”, que relata a sua experiência como diretor de uma maternidade que fica distante 100 quilômetros de Paris e traz o desafio de compreender o aspecto biológico sem dissociá-lo dos elementos culturais da formação das famílias. Em tal obra são apresentados possíveis prejuízos da participação do pai no parto, alegando que ele pode prejudicar com palavras e atitudes inadequadas o processo de introspecção e entrega emocional da mulher. Apesar de reconhecer que os maridos sejam o apoio emocional das mulheres nas famílias nucleares urbanas, Odent não considera que os homens, segundo sua observação nos partos, teriam condições de acompanhar a experiência profunda de uma mulher em trabalho de parto. Exemplifica, para a sua discussão, o parto de animais e de seres humanos em diferentes culturas em que os machos são excluídos.

No entanto, como destaca Carvalho (2002), a entrada do pai na hora do parto possibilita o exercício da solidariedade entre homens e mulheres em um período de transformações com a chegada de um filho, facilitando a formação de vínculos entre pais e bebês e favorecendo a construção de novos modelos para a paternidade. Nesse sentido, a referida autora salienta que os(as) acompanhantes devem ser informados e sensibilizados para o trabalho de parto. Além disso, as equipes obstétricas e pediátricas precisam ser treinadas para lidar com a família e a profundidade emocional do nascimento.

As experiências positivas de parto podem propiciar uma entrada no mundo da parentalidade de forma muito mais suave e segura tanto para o homem quanto para a mulher (URIKO, 2011). No momento do parto, a mãe passa por uma experiência pessoal, na qual necessita de atenção e acolhimento, sendo assim, a humanização é ação principal dentro de um parto natural, e melhor é quando o pai, que participa desde o princípio, está junto com a

mãe. Dessa forma, cria-se a necessidade e a responsabilidade do cuidar (BUZELLO; ZAMPIERI, 2003)

No entanto, o pai pode também estar apreensivo, inseguro, assustado, desenvolvendo fantasias de que estará sempre em segundo plano com o nascimento do bebê. Pode criar uma espécie de ciúmes do filho, conseguindo, inclusive, ter medo de traição quando não encontra semelhanças entre ele e o bebê. Os homens, ao contrário das mulheres, são biologicamente incapazes de dar à luz aos filhos. Portanto, as mudanças físicas também não podem ser as mesmas. Ainda assim, segundo Uriko (2011), é um fato conhecido que, mesmo que os homens não possam engravidar, eles podem estar emocionalmente envolvidos na gravidez da parceira. Segundo Carvalho, Brito, Araújo e Souza (2009), o homem também pode sentir ansiedade, solidão e depressão, com expectativas controversas às da parceira no período da gravidez e após o nascimento do filho. O homem pode vivenciar um processo de interação com ele mesmo no trabalho de parto, construindo uma visão positiva ou negativa do parto.

Segundo Favarato e Gagliani (2008), o nascimento do bebê é por si só um momento singular, único, uma vez que exige reestruturações e readaptações na vida do casal e pode ser um período de grandes conquistas ou, em algumas situações, desencadear sofrimento, estresse e dificuldades no casal ao vivenciar tal momento.

De acordo com os referidos autores, diversas histórias antecedem a chegada do bebê e influenciam significativamente seu desenvolvimento futuro, diante das inúmeras expectativas depositadas na gestação. O bebê já se faz vivo simbolicamente na vida dos pais muito antes de sua concepção: ele é uma promessa, terá que ser o mais bonito e o mais saudável para realizar todos os sonhos e planos dos pais que estão sendo feitos ao longo do período gestacional.

Tais pesquisas apresentam a importância da inclusão do pai no parto, tanto por se tratar de um momento em que as relações familiares podem se fortalecer, também pelo fato de o pai poder valorizar e compreender melhor sua esposa/companheira, como por ajudar o homem na construção de sua paternidade e do envolvimento com o(a) filho(a). Além disso, a presença do pai pode ajudar a minimizar a violência obstétrica e institucional, garantindo os seus direitos, os da mãe e os da criança.

2.4.3 Envolvimento paterno no terceiro mês de vida do bebê

Ao contrário dos equívocos populares, os pais não são nem inábeis, nem desinteressados em relação à interação com os recém-nascidos. Ao realizar pesquisa sobre

envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê, Piccinini et al. (2012) investigaram como os pais interagem, se disponibilizavam e assumiam responsabilidades com o bebê e constataram um aumento no envolvimento paterno nos primeiros meses do bebê. A interação com o bebê se referia atividades, de cuidado ou lazer, que os pais realizam com o bebê, como brincar, cuidar, conversar, passear, demonstrar afeto, distrair e estimular. A disponibilidade de tempo e atenção para a família e para o bebê também foi investigada levando em consideração a quantidade de tempo com o bebê e como os pais avaliavam esse tempo. As responsabilidades do pai relacionavam-se à sua participação e influência direta nos aspectos educacionais e de cuidados com o bebê, destacando as preocupações com os filhos, o aumento das responsabilidades e conversas com a esposa sobre como se organizarão para os cuidados e educação do bebê.

Nesse sentido, pensando no envolvimento do pai com o bebê, Beltrame e Bottoli (2010) realizaram pesquisa com quatro casais, com união estável há pelo menos 10 anos, visando compreender como, na atualidade, se dá o envolvimento paterno na criação do filho. Seus resultados indicam que o pai busca por meio de seus próprios parâmetros, pautados em questões transgeracionais, construir uma relação baseada no desejo de realizar trocas afetivas com seus filhos, juntamente com o que a sociedade lhe exige. Esses autores relatam a importância de olhar para o singular, sem ater-se às generalizações, pois para cada sociedade, família, casal e indivíduo existem crenças, valores e afetos que tornam o envolvimento paterno inusitado. O pai da atualidade não quer copiar padrões antigos, nem mesmo quer ocupar o lugar materno.

Dessen e Lewis (1998) apresentam três perspectivas distintas com relação ao papel do pai. Para as autoras, o pai tradicional era caracterizado como distante da família, provedor material e autoritário. O pai moderno é preocupado com o desenvolvimento físico, educacional e moral dos filhos. E o pai emergente é aquele que participa dos cuidados dos filhos, favorecendo o desenvolvimento da criança. Não há um modelo pronto para a construção dos papéis parentais. Segundo Houzel (2004), para “tornar-se pai” não basta ser genitor, tanto o pai quanto a mãe devem internalizar, tanto em nível consciente quanto inconsciente, seus papéis parentais.

A estrutura e o funcionamento familiar modificam-se ao longo do ciclo vital para adequar-se às mudanças e vicissitudes da vida. Essas transformações pedem uma nova distribuição de funções familiares, principalmente a função exercida por pai e mãe, de modo que agregue um novo membro no grupo familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995).

Nos estudos de Gomes e Resende (2004), o pai é apresentado como regulador da capacidade da criança investir no mundo real. Vê-se a importância da figura paterna no processo de desenvolvimento, especialmente no primeiro ano da criança, para que ela construa dentro de si imagem positiva das trocas afetivas durante o desenvolvimento da personalidade.

Nos estudos psicanalistas, o contato físico entre o bebê e o pai, no cotidiano, aponta para a organização psíquica da criança, devido à sua função estruturante no desenvolvimento do ego. O pai real ganha valor quando “a criança o percebe enquanto desejo da mãe e objeto daquilo que o filho está apto a apreender dele, estabelecendo uma dialética” (GOMES; RESENDE, 2004, p.121). Essa interação pai-bebê facilita a transição da criança da família para a sociedade, oferecendo condições de desenvolvimento social favorável à criança, que se desprende da estrutura doméstica confortável proporcionada pela mãe e sente-se mais segura para explorar o ambiente. Há muitos comentários sociais a respeito das mudanças nos papéis paternos, mas poucas evidências que os apoiam (DESSEN; LEWIS, 1998). Neste sentido, Gomes e Resende (2004) afirmam que o pai transita entre valores novos e arcaicos, reinventando o seu papel com uma nova postura de pai.

O reflexo dessa nova paternidade já é sentido no desempenho do homem em tarefas de limpar, lavar, cozinhar, arrumar, organizar o dia-a-dia da casa, cuidar das crianças, incluindo suporte emocional, contribuir para o bem-estar dos membros da família e para manutenção do lar (LEE; WAITE, 2005). No entanto, as mulheres ainda realizam a maior parte das tarefas domésticas. Mesmo o ingresso das mulheres no mercado de trabalho e a maior participação dos homens no cuidado com os filhos, não implicou uma divisão mais igualitária das tarefas domésticas (ARAÚJO; SCALON, 2005). Os homens mudaram mais como pais do que como maridos (WANG; JABLONSKI; MAGALHÃES, 2006).

Jablonski (1998) relata que enquanto as mães se estressam com seus filhos na alimentação, banho, cuidados corporais e vestimenta, os pais aparecem mais nos momentos de lazer, em atividades ligadas ao brincar. Nesse sentido, segundo Palkovitz (1997), a função que os pais executam é desproporcionalmente menor do que a desempenhada pelas mães nos cuidados da criança nas famílias, levando à conclusão global de que eles não são tão envolvidos quanto as mães na criação de seus filhos. Dessa forma, uma curta conceitualização de envolvimento pode fomentar os modelos deficitários de paternidade. Dessen e Lewis (1998) sugerem que as diferenças observadas no comportamento de mães e pais podem ser o produto de suas diferentes reações ao processo de ser observado, mais do que de suas diferenças sexuais.

De acordo com Carter e McGoldrick (1995), a transição para parentalidade é tipicamente acompanhada por uma diminuição geral na satisfação conjugal, por uma reversão a papéis sexuais mais tradicionais e por uma diminuição da autoestima nas mulheres. Essas autoras afirmam que a divisão de tarefas domésticas e o cuidado do novo bebê são os principais causadores de conflito entre o casal neste período de transição. Anderson (1996) preocupou-se com a forte influência exercida pela mãe no processo de inclusão ou exclusão do pai no relacionamento com o filho.

Gomes e Resende (2004) constata o transitar do tema paternidade nas situações terapêuticas de formas diversas, seja por estar presente ou ausente na vida do indivíduo, seja por internalizar formas de ser pai ou pelas representações de pai. O pai tem conflitos em relação a suas figuras parentais.

Com relação ao exercício de uma paternidade responsável e afetiva, Badinter (1992) salienta que esse pai é:

Um homem oriundo das classes médias ou altas, que se beneficia de uma formação e de uma renda mais elevada que a média. Tem uma profissão liberal que lhe permite, bem como à sua mulher, dispor livremente de seu tempo e rejeita a cultura masculina tradicional. A maioria se diz em ruptura com o modelo de sua infância e não quer, por nada, reproduzir o comportamento do pai, considerado “frio e distante”. Eles almejam “reparar” sua própria infância. Finalmente, vivem com mulheres que não têm vontade de serem mães em tempo integral. (BADINTER, 1992, p. 172)

Nas entrevistas com os pais paulistas, pertencentes à faixa etária entre 30 e 40 anos, classe média, com nível universitário e que faziam parte de contexto familiar formado pelo casamento estável, sendo que as esposas possuíam também curso superior e todos seguiam carreiras profissionais estruturadas, partilhavam o orçamento, as responsabilidades da casa, caracterizados, portanto, com situação familiar de dupla renda, Gomes e Resende (2004) identificaram que os pais reconhecem a dificuldade de afeto com seus próprios pais.

Os pais da pesquisa referida anteriormente tentam participar de forma afetiva, tendo atitude amorosa e atenciosa com o filho e a esposa, não apenas adotando uma atitude contrária à do próprio pai, mas acolhendo os próprios sentimentos e sua ambivalência. O reconhecimento da própria sensibilidade: “é este o sentimento que impulsiona a mudança, daí adotarem atitudes que correspondem ao modelo que lhes parece ser ideal, que é a conquista de seu próprio espaço afetivo” (GOMES; RESENDE, 2004, p.123). A paternidade contemporânea refere-se a pais mais presentes, mostrando-se amoroso e próximo no cotidiano

da família, rompendo com a concepção tradicional que estabelecia distanciamento físico e afetivo. Os estudos no campo familiar contemporâneo produzem questões, dando enfoque na humanização da figura paterna, sugerindo atitudes de reparação para “justificar o humor e as atitudes de seus genitores e isentá-los da culpa pelo autoritarismo e pela ausência” (GOMES; RESENDE, 2004, p.124).

Jablonski (1998) confirma que há uma mudança por parte dos pais quanto às suas funções: os pais estão mais presentes em termos de envolvimento direto, com acessibilidade e maior responsabilidade pela criação conjunta dos filhos. Em síntese, a criação dos filhos deixou de ser um trabalho exclusivamente das mulheres. Os resultados desse estudo revelam que desde a gestação, os homens dividem as tarefas, expõem sentimentos e trocam experiências e o pai de “primeira viagem” acumula dúvidas, medos e receios. Vão se descobrindo pais e desejam participar de todos os momentos da vida dos filhos. Por outro lado, em paralelo existem os pais ausentes, realidade que não se pode desconsiderar e que requer políticas que incentivem o envolvimento deles com os filhos.

Uma pesquisa que deu destaque à participação de pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos é o Projeto Cuidar², que contribuiu para uma reflexão interdisciplinar sobre paternidade e maternidade, acessando debates sobre gênero e sobre o processo de reconstrução da figura paterna. Esse projeto teve mães e pais como participantes e utilizou um questionário estruturado que foi aplicado com 300 pessoas, ou seja, maridos e esposas de 150 famílias com um ou mais filhos, foi desenvolvido na cidade de Salvador, BA. A amostra constituiu-se em três grupos:

Grupo 1: 25 famílias de nível socioeducacional médio alto e 25 de nível socioeducacional baixo, pais e mães com até 29 anos de idade, e filho caçula acima de seis meses e que ainda utiliza fralda.

Grupo 2: 25 famílias de nível socioeducacional médio alto e 25 de nível socioeducacional baixo, pais e mães entre 30 e 45 anos, sendo que as famílias de nível socioeducacional médio alto, 13 tinham filho caçula pelo critério acima e 12 tinham filho caçula com idade maior que 15 anos, e as famílias de nível socioeducacional baixo, 12 tinham filho caçula pelo critério acima e 13 tinham filho caçula com idade maior que 15 anos.

² Projeto multidisciplinar “Gênero e família em mudança: participação de pais no cuidado cotidiano de filhos pequenos”, desenvolvido pela equipe de docentes-pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador (UCSal), Bahia, com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), no período entre 2009 e 2011. Conhecido como Projeto Cuidar, é uma ampla pesquisa que envolveu todo o corpo docente e alguns alunos do Programa com a coordenação das Professoras Dra. Ana Maria Almeida Carvalho e Dra. Mary Garcia Castro.

Grupo 3: 25 famílias de nível socioeducacional médio alto e 25 de nível socioeducacional baixo, pais com idade superior a 45 anos, com filhos com idade maior que 15 anos.

O Projeto Cuidar analisou a participação dos cuidadores em termos de frequência bruta e ponderada e observou que os cuidadores principais, por ordem de frequência, são: a mãe, o pai, a babá e a avó. Na análise por tarefas, os autores ressaltaram que a mãe aparece com frequência alta em todas as tarefas de cuidados com crianças pequenas (alimentar, trocar fraldas, dar banho, brincar/distrair, educar, cuidar durante o dia, cuidar durante a noite, dentre outras) e o pai aparece sempre com frequência abaixo da mãe e apresenta maior frequência em brincar/distrair. Os resultados indicam a presença de valores e crenças relativos à maior competência do sexo feminino em tarefas de cuidado.

Dessa forma, as pesquisas revelam importantes mudanças na paternidade, destacando maior envolvimento paterno, embora sejam reforçados papéis sociais que fazem de sua frequência ainda baixa, com pais expressando o desejo de que gostariam de participar mais dos cuidados e criação dos(as) filhos(as). Assim, o objetivo das políticas voltadas à paternidade é o fortalecimento de vínculo entre pai e filho(a), por considerarem benefícios que o envolvimento paterno pode promover para o desenvolvimento da criança e do próprio pai.

Considerando alguns programas e projetos que sugerem ações políticas voltadas para a paternidade, faz-se necessário apresentar alguns trajetos já alcançados para a promoção de direitos do pai, possibilitando importantes recursos para auxiliar o pai a ser também protagonista nos cuidados com o bebê, refletindo na equidade de gênero.

O Promundo trata-se de uma organização não governamental, fundada desde 1997, tendo uma de suas sedes no Rio de Janeiro (RJ) que desenvolve trabalhos em diversos países do mundo com o objetivo de promover a igualdade de gênero, prevenção da violência. Suas ações questionam normas prejudiciais de gênero, influencia políticas públicas e realiza intervenções em grupos com homens e mulheres, apresentando noções positivas sobre o significado do que é ser homem ou mulher. O Promundo realizou diversas pesquisas e projetos, como o Programa P, o Men Care e o Men Care +, visando a promoção da paternidade envolvida, sensibilizando o público para o envolvimento dos homens no cuidado e saúde da criança e da mãe. Alcançou resultados positivos e a atenção da mídia, ajudando, dessa forma, na melhor qualidade de vida para mulheres, crianças e para os próprios pais ao visar a equidade de gênero.

O Programa P visa um impacto positivo no bem-estar da família a partir do foco do envolvimento dos homens no cuidado, beneficiando à mãe, o que pode prevenir a violência contra a mulher e crianças. O Men Care e o Men Care + , focalizam paternidade e cuidado, e defendem medidas como a licença de paternidade remunerada, flexibilidade nas políticas trabalhistas, leis que legitimam como direito a presença do acompanhante nas consultas de pré-natal e na sala de parto. Esses programas auxiliam homens e mulheres a se engajarem como parceiros na saúde infantil e nos direitos sexuais e reprodutivos a partir de estratégias para sensibilizar homens a se envolverem na paternidade e nos cuidados com os filhos.

O Instituto do Papai, é uma organização formada por profissionais de diversas áreas de atuação, fundada em 1997, que tem o intuito de refletir sobre o homem no contexto da vida reprodutiva e no cuidado com as crianças, defendendo o envolvimento dos homens nesse campo, contribuindo para promoção de qualidade de vida para os homens, as mulheres e as crianças. Tendo base no feminismo, esse grupo visa o combate das desigualdades de gênero.

O pai precisa estar disponível para participar dos cuidados e criação das crianças, sendo motivado para se responsabilizar e interagir com elas, se envolvendo afetivamente. Conforme Cabrera, Fagan, Wight e Schadler (2011), o envolvimento paterno representa um investimento social e humano, que promove ao homem comprometimento e suporte familiar. Para isso, o homem deve ser ouvido em suas inquietações e demandas frente ao processo de transição para a paternidade. Dessa forma, nota-se que a criação de políticas efetivas favorece a promoção do envolvimento paterno, evidencia a importância de incentivar e possibilitar condições materiais que irão fortalecer os vínculos familiares e, especialmente, entre pai e filho.

2.5 O ESTUDO

OBJETIVOS:

Objetivo Geral:

Investigar, na perspectiva do pai, o envolvimento paterno na gestação, no parto e aos três meses do(a) filho(a), no contexto de Salvador (BA).

Objetivos Específicos:

1. Conhecer as concepções dos participantes sobre família, sobre o que é ser pai e sobre envolvimento paterno;
2. Analisar como ocorreu o envolvimento paterno na gestação, no parto e no terceiro mês do bebê;
3. Compreender o que favoreceu ou dificultou o envolvimento paterno ao longo desses períodos;
4. Identificar a rede de apoio disponível para os pais nesse período de transição para a paternidade.

3 MÉTODO

A seguir será apresentado o percurso metodológico utilizado no presente estudo de doutorado para alcançar o objetivo geral de investigar o envolvimento paterno na gestação, no parto e aos três meses do(a) primeiro(a) filho(a), a partir da perspectiva do pai, no contexto de Salvador (BA).

3.1 DELINEAMENTO

A metodologia de pesquisa utilizada foi qualitativa, tendo sido realizado um estudo descritivo e longitudinal. Será utilizado o referencial teórico metodológico da pesquisa qualitativa buscando o enriquecimento dos dados colhidos por meio da pesquisa com amostragem intencional qualitativa, realizando análise cuidadosa dessa representatividade, sendo possível quantificar estatisticamente as respostas obtidas, obedecendo a uma hierarquia de categorias que aparece nas falas dos pais entrevistados. Essa abordagem aproxima o pesquisador da realidade observada, mostrando-se apropriada ao objeto da investigação. A pesquisa qualitativa é apropriada para compreender os fenômenos complexos específicos, em profundidade, de natureza social e cultural, sendo mais participativa, porém menos controlável que a quantitativa e, por esta razão, tem sido questionada quanto a sua validade e confiabilidade.

A pesquisa qualitativa não almeja alcançar a generalização, mas sim o entendimento das singularidades. Com essa análise será possível apreender e pesquisar a realidade alicerçada no consenso obtido da percepção de vários indivíduos do social (MINAYO; SANCHES, 1993) diante do fenômeno da paternidade.

Ressalva-se que o referencial de grande importância deste trabalho corresponde à pesquisa qualitativa devido às características do objeto de investigação e dos objetivos da pesquisa, como forma de captar a realidade dinâmica e complexa em sua realização histórico-social, em conformidade com os pressupostos teóricos que a orientam.

De acordo com Rampazzo (2005), a pesquisa descritiva tem como finalidade observar, registrar e analisar um fenômeno ou uma experiência para descobrir a frequência com que acontece ou como se estrutura e funciona. O processo descritivo visa à identificação, registro e análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno estudado. O tema geralmente já é um assunto conhecido e a maior contribuição da pesquisa descritiva é proporcionar uma nova visão sobre esta realidade já existente.

Na concepção de Gil (1999), uma das principais definições da pesquisa descritiva é a utilização de técnicas padronizadas de coletas de dados, descrevendo características de determinada população ou fenômeno e estabelecendo relações entre as variáveis. Nesse contexto, o pesquisador descreve, identifica, relata e compara fatos, opiniões ou comportamentos existentes na população analisada. No estudo descritivo, o pesquisador

preocupa-se em observar os fatos sem interferir diretamente e sem manipular o mundo físico, delimitando cuidadosamente suas técnicas, métodos e teorias que orientarão a coleta e observação dos dados, conferindo, dessa forma, a validade científica à pesquisa.

Por sua vez, segundo Rajulton (2001), o estudo longitudinal é caracterizado por seus dados, que são coletados em mais de um período de tempo, pelos participantes, que são os mesmos e podem ser comparáveis de um período de tempo para o outro, e por suas análises, que requerem foco no processo e na mudança do fenômeno que está sendo observado, no caso específico, o envolvimento paterno. Tal estudo é prospectivo por finalizar com a análise de um evento futuro da coleta de dados ao longo de um período, possibilitando detectar mudanças.

Por meio do estudo longitudinal é possível estudar um processo ao longo do tempo para investigar mudanças, considerando uma sequência de fatos. É possível analisar as inter-relações nas mudanças e identificar similaridades e diferenças tanto entre os diversos indivíduos entrevistados quanto no mesmo indivíduo ao longo do tempo.

O estudo longitudinal pode ter desvantagens como a perda dos sujeitos entrevistados ao longo da pesquisa e em termos de tempo de aplicação, além de estar sujeito a mudanças provenientes de fatores extrínsecos, podendo mudar o grau de comparabilidade entre os períodos. Críticas a esse estudo alertam que os motivos da desistência dos participantes podem criar viés na obtenção dos dados, como também a problemática ao trazer generalizações dos achados (RAJULTON, 2001).

3.2 LOCAL E PARTICIPANTES

Participaram da pesquisa 30 homens que estavam vivenciando a gestação, parto e pós-parto do seu primeiro(a) filho(a). Esses homens aceitaram colaborar com o estudo assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A) e participando de entrevistas gravadas que ocorreram em três momentos: no último trimestre de gestação, uma semana após o parto e três meses após o nascimento de sua criança.

Os participantes foram acessados em uma clínica de obstetrícia que atende população de classe média da cidade de Salvador (BA). A escolha dessa clínica em particular, foi feita utilizando o critério de acessibilidade e porque em clínica de obstetrícia seriam encontrados homens cujas esposas/companheiras estariam grávidas. Os critérios de inclusão foram: ser pai pela primeira vez, estar vivenciando o período de gravidez de sua companheira e assinar o

termo de consentimento livre e esclarecido. Estabeleceu-se como critérios de exclusão: ser pai biológico³ ou social⁴ de criança já nascida e/ou não assinar o termo de consentimento livre e esclarecido.

Na Tabela 1, a seguir, constam os dados de identificação dos participantes⁵: idade, religião, escolaridade, estado civil, ocupação, carga horária semanal de trabalho, renda familiar (em reais) e classe social. Cabe informar que, com relação à escolaridade, foram adotados os seguintes códigos: EMI (Ensino Médio incompleto), EMC (Ensino Médio completo), ESI (Ensino Superior incompleto), ESC (Ensino Superior completo), PGI (Pós-Graduação incompleta) e PGC (Pós-Graduação completa).

Também é importante destacar que as classes sociais foram definidas a partir do critério estabelecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no Censo de 2010, que estabelece os diversos níveis de classe pelo número de salários mínimos ganhos a cada mês: Classe social A – ganho mensal de mais de quinze salários mínimos (mais de R\$ 11.820,00); Classe social B – mais de cinco a quinze salários mínimos (mais de R\$ 3.940,00 a R\$ 11.820,00); Classe social C – mais de três a cinco salários mínimos (mais de R\$ 2.364,00 a R\$ 3.940,00); Classe social D – mais de um a três salários mínimos (mais de R\$ 788,00 a R\$ 2.364,00); Classe social E – até um salário mínimo (até R\$ 788,00)⁶.

³ Pai biológico refere-se à quando pai e filho têm a mesma genética e DNA.

⁴ Pai social diz respeito ao pai que, apesar de não de gerado a criança, tem a função social de cuidar, amar e educar uma criança, atendendo às suas necessidades mais básicas, para que a criança tenha seu desenvolvimento saudável quanto ao aspecto físico, emocional, psicológico e espiritual.

⁵ Os pais foram identificados com o código “P” acrescentado do número correspondente a cada um deles que variou de um (P1) a 30 (P30).

⁶ O salário mínimo à época da coleta de dados equivalia a R\$ 788,00 (setessentos e oitenta e oito reais).

Tabela 1 – Dados de identificação dos pais. Salvador, 2015

Código*	Idade	Escolaridade	Estado Civil	Religião	Ocupação	Carga horária semanal de trabalho	Renda Familiar (em reais)	Classe social
P1	29	ESI	Casado	Católica	Segurança	30 h	3.000,00	C
P2	35	EMC	Casado	Não tem	Técnico Operacional	40 h	5.000,00	B
P3	36	ESI	Casado	Católica	Gerente de loja	44 h	5.000,00	B
P4	29	ESC	Solteiro	Não tem	Biomédico	40 h	5.000,00	B
P5	35	PGC	Casado	Espirita	Engenheiro Mecânico	40 h	15.000,00	A
P6	38	PGC	Casado	Espírita	Dentista	40 h	20.000,00	A
P7	30	PGC	Casado	Católica	Medico	50 h	15.000,00	A
P8	29	EMI	Casado	Não tem	Professor	40 h	5.000,00	B
P9	25	PGI	Casado	Não tem	Empresário	60 h	4.000,00	B
P10	32	PGC	Casado	Católica	Advogado	40 h	6.000,00	B
P11	32	PGC	Casado	Católica	Engenheiro Eletricista	50 h	30.000,00	A
P12	31	ESC	Casado	Não tem	Engenheiro Eletricista	40 h	20.000,00	A
P13	23	ESI	União Estável	Católica	Assistente Executivo	40 h	1.500,00	D
P14	40	ESI	Casado	Católica	Consultor de vendas	44 h	10.000,00	B
P15	31	PGI	Casado	Católica	Engenheiro	40 h	20.000,00	A
P16	32	EMC	Casado	Não tem	Caldeireiro	40 h	3.000,00	C
P17	32	PGI	Casado	Católica	Advogado	40 h	7.000,00	B
P18	26	EMC	Casado	Católica	Inspetor Técnico	40 h	5.000,00	B
P19	33	ESI	União Estável	Não tem	Fisioterapeuta	44 h	2.400,00	C
P20	27	ESI	Casado	Não tem	Vendedor	40 h	2.000,00	D
P21	33	PGC	Casado	Não tem	Procurador Federal	40 h	16.000,00	A
P22	32	PGI	Casado	Não tem	Coordenador de imobiliária	30 h	8.000,00	B
P23	30	PGC	Casado	Não tem	Enfermeiro	74 h	8.000,00	B
P24	33	EMC	Casado	Não tem	Taxista	50 h	4.000,00	B
P25	36	EMC	Solteiro	Católica	Eletrotécnico	40 h	4.000,00	B
P26	21	ESI	Solteiro	Católica	Estudante	20 h	6.000,00	B
P27	40	ESC	Casado	Católica	Coordenador em concessionária	40 h	8.000,00	B
P28	24	ESI	União Estável	Não tem	Estudante	40 h	1.000,00	D
P29	30	PGI	Casado	Evangélica	Advogado	40 h	8.000,00	B
P30	36	PGC	Casado	Adventista	Chefe de RH	40 h	7.000,00	B

* Os participantes foram identificados pela letra “P” de pai e, em seguida, por seu número correspondente, que variou de 1 a 30 (correspondente ao número total deles), ficando P1, P2, e assim por diante.

A idade por participantes variou de 21 a 40 anos, sendo que, 14% dos pais tinham de 21 a 25 anos, 23% de 26 a 30 anos, 40% de 31 a 35 anos e 23% de 36 a 40 anos, ou seja, 63% deles tinham mais de 30 anos. A Média das idades é 31 e o Desvio Padrão é 5.

Com relação à religião, 43% eram católicos, 8% eram espíritas, 3% eram adventistas, 3% eram evangélicos e 43% informaram que não tinham religião, sendo assim, dentre os pais que informaram ter alguma religião, predominou a católica.

A escolaridade dos pais variou de Ensino Médio incompleto à Pós-graduação completa, sendo que, 3% dos pais cursaram o Ensino Médio incompleto, 16% o Ensino Médio completo, 27% o Ensino Superior incompleto, 10% o Ensino Superior completo, 17% a Pós-graduação incompleta e 27% a Pós-graduação completa. Assim, 54% deles cursaram pelo menos o Ensino Superior completo.

No que diz respeito ao estado civil, 80% dos entrevistados eram casados, 10% tinham união estável e 10% eram solteiros, sendo assim, a maioria era de pais casados.

Os tipos de ocupação dos participantes foram diversos, sendo que: 21% atuavam na área administrativa (um gerente, dois coordenadores, um empresário, um assistente executivo, um chefe de RH), 18% eram profissionais da área de saúde (um dentista, um médico, um fisioterapeuta, um enfermeiro e um biomédico), 11% eram engenheiros, 11% eram da área de Direito (três advogados e um procurador), 11% dos pais eram técnicos no setor industrial, 7% eram vendedores, 4% eram caldeireiros, 4% faziam serviço de segurança, 3% professores e 3% eram taxistas. Além disso, cabe destacar que 7% dos entrevistados não estavam trabalhando no momento, mas eram estudantes do Ensino Superior.

No que diz respeito à carga horária semanal de trabalho, 3% dos pais trabalhavam 20 horas semanais, 7% trabalhavam 30 horas semanais, 67% trabalhavam 40 horas semanais e 23% dos pais trabalhavam mais de 40 horas semanais (17% por 50 horas, 3% por 60 horas e 3% por 70 horas). Dessa forma, é relevante destacar a elevada carga horária laboral dos pais, sendo que 90% deles trabalhavam por 40 horas ou mais.

A renda familiar variou de um a trinta mil reais e a classe social variou de A à D, sendo que, 23% dos pais eram de classe A, 57% de classe B, 10% de classe C e 10% de classe D. Como destacado anteriormente, a clínica na qual os pais foram acessados atende predominantemente pessoas das classes A e B, no entanto, também foram encontrados participantes das classes C e D em decorrência de planos de saúde adquiridos a partir do trabalho dos pais ou das mães dos bebês. Diante de tal realidade, 80% dos pais pertenciam às classes A ou B, cuja renda familiar mensal era superior a cinco salários mínimos, e 20% deles eram das classes C ou D, com renda familiar mensal de mais de um a cinco salários mínimos.

Mesmo isso ocorrendo, os dados dos participantes serão analisados conjuntamente, pois essa pesquisa não tem por objetivo comparar classes sociais.

Dados sobre a esposa/companheira encontram-se na Tabela 51 que consta no Apêndice E.

3.3 INSTRUMENTOS

Para a realização da pesquisa foram construídos três roteiros de entrevista que foram aplicados em diferentes momentos: durante a gestação (Apêndice B), uma semana após o parto (Apêndice C) e aos três meses de nascimento do primeiro filho do participante (Apêndice D). Os instrumentos foram construídos utilizando-se como base o referencial teórico sobre o envolvimento paterno do autor Lamb (1985) e também o roteiro de entrevista da pesquisa intitulada “Concepções de pais e suas crianças sobre a paternidade contemporânea”, desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa “Família e Desenvolvimento Humano” do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador (2014). O roteiro de entrevista caracterizou-se por ser semiestruturado e tendo questões abertas, possuindo o formato do tipo pergunta e resposta e tendo questões precisas e ordem, mas também permitiu que a entrevista fosse desenvolvida com flexibilidade, como um resultado da troca entre entrevistado e pesquisador, sendo que o participante pôde falar bastante ou muito pouco, o tanto quanto ele achasse melhor.

A entrevista consiste em uma interação ou troca direta, geralmente verbal, entre o pesquisador e o participante que está sendo pesquisado. De acordo com Breakwell (2010), o roteiro de entrevista é um instrumento de pesquisa singular, pois não se limita a qualquer teoria, orientação epistemológica ou tradição filosófica, podendo ser utilizado por pesquisadores de todas as abordagens como um meio de ordenar a coleta de dados. A entrevista pode gerar muitos tipos de informações e os dados que elas fornecem podem ser interpretados e representados de múltiplos e diferentes modos.

O contexto das entrevistas produz dinamismo nos dados coletados, ou seja, causa interferências no fenômeno que é observado. A trajetória de vida dos indivíduos incluídos nas amostras permite uma compreensão mais profunda sobre as relações entre as variáveis observadas, como, por exemplo, renda familiar, sexo da criança, idade do pai, se a gravidez foi planejada ou não, etc.

3.4 PROCEDIMENTOS

Foi realizada revisão de literatura sobre família, paternidade e envolvimento paterno. Com base em tais dados foram construídos os roteiros de entrevista e o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Maternidade Climério de Oliveira, número do parecer 482.943 (ANEXO A), como critério primordial para a efetivação do mesmo.

Após a aprovação do estudo em tal comitê, foi realizada a coleta de dados. Foram convidados a participar do estudo homens cujas mulheres estivessem grávidas e estivessem sendo acompanhadas em uma clínica obstétrica de Salvador que atende, em sua maioria, a população de classe média. Os pais de menores rendas familiares têm como assistência para esse momento gravídico-puerperal o plano de saúde das empresas que trabalham.

Foi estabelecido contato com os participantes em três momentos distintos: no último trimestre de gestação, uma semana após o parto e três meses após o nascimento de sua criança. As entrevistas foram gravadas e ocorreram em local de conveniência para os pais. Todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

3.5 ANÁLISE DOS DADOS

As entrevistas gravadas foram transcritas e posteriormente foram analisadas utilizando o sistema de análise qualitativo proposto por Biasoli-Alves e Dias da Silva (1992), que apontam que entrevistas semiestruturadas produzem um volume muito grande de informações que se acham extremamente diversificadas pelas peculiaridades de cada entrevistado. O sistema de análise proposto pelas autoras consta de dois momentos: um levantamento de todas as respostas obtidas de forma a compor uma lista que dará origem, a seguir, a uma categorização de acordo com a proximidade de sentido e depois de uma análise minuciosa do significado que pode ser atribuído a cada resposta. Quando o sistema de categorias é construído (infere-se o sentido), passando, a seguir, a quantificar, contando a frequência com que as categorias aparecem, verificando as respostas iguais ou semelhantes, para ponderar a prevalência das categorias em cada grupo de participantes.

Visando validar o procedimento de análise, as categorizações foram realizadas por dois codificadores, para, em seguida, serem confrontadas e reformuladas, até chegarem em um consenso.

Para fins de análise, foi utilizada uma estrutura derivada das três categorias das pesquisas de Lamb (1985), dos grandes temas investigados nas próprias questões das entrevistas e da leitura das respostas dos pais entrevistados. As respostas dos entrevistados foram analisadas na gestação, na primeira semana após o nascimento do(a) filho(a) primogênito(a), aos três meses do bebê e longitudinalmente, conforme serão apresentados no próximo capítulo, de Resultados e Discussão.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos em cada uma das três fases de coleta de dados: (a) período da gestação do primeiro filho; (b) uma semana após o parto; (c) aos três meses do bebê. Após a apresentação dos dados de cada etapa será feita a discussão dos mesmos e, ao final, será realizada uma discussão geral considerando os aspectos longitudinais da investigação.

4.1 DADOS OBTIDOS NO PERÍODO DA GESTAÇÃO DO PRIMEIRO FILHO

Os tópicos a seguir apresentam os resultados obtidos a partir das entrevistas com os 30 pais participantes do estudo, no último trimestre da gestação do(a) primeiro(a) filho(a) deles, consistindo na primeira fase da coleta de dados.

4.1.1 Concepções do pai sobre família durante o período da gestação do(a) primeiro(a) filho(a) e composição familiar

As concepções sobre família apresentadas pelos pais, no período de gestação do(a) filho(a), foram divididas em sete categorias: (a) União: família enquanto pessoas que convivem cotidianamente e têm um vínculo; (b) Base de formação da pessoa: o grupo familiar como aquele que propicia as condições necessárias para o desenvolvimento da pessoa (por exemplo, educação, transmissão de valores, cuidados básicos); (c) Apoio incondicional: pessoas que fornecem suporte em qualquer circunstância da vida; (d) Sentido da vida: o que há de mais importante para uma pessoa; (e) Amor: pessoas que sentem ou transmitem afeto positivo/carinho umas com as outras; (f) Composição familiar: lista de pessoas que são membros da família; (g) Consanguinidade: família enquanto pessoa do mesmo sangue.

Tais dados constam na Tabela 2, a seguir.

Tabela 2 - Concepções de família apresentadas no período de gestação. Salvador, 2015⁷

Concepções de família	Percentagens*
União	30%
Apoio incondicional	23%
Base de formação da pessoa	22%
Sentido da vida	13%
Amor	6%
Composição familiar	4%
Consanguinidade	2%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (47).

Observa-se um destaque para a família enquanto *união*, com 30% das respostas, como indicam as falas dos entrevistados: “é um laço que, independentemente de qualquer coisa, é intocável” (P1) e “Família é um estado de união, que seja alguém que você possa sempre contar em momentos tanto de dor, como de alegria. Alguém que você queira compartilhar tanto os momentos bons, como ajudar nos momentos ruins.” (P23).

Destaca-se, em segundo lugar, a concepção de família como *apoio incondicional*, em 23% das respostas, que é citada textualmente nos seguintes fragmentos: “um local que você se sente abrigado” (P2); “quem sempre você vai poder contar” (P25) e “quem você pode recorrer, é quem está para lhe amparar” (P29). A seguir, há uma ênfase para a família como a *base de formação da pessoa*, com 22%, como é ilustrado na seguinte fala: “é o núcleo onde você é criado, onde você aprende os primeiros conceitos de vida [...] É o lugar onde você é educado, onde você desenvolve sua personalidade, onde você desenvolve seus conceitos sobre a vida, independentemente de ser com seus pais. Tem gente que nem foi criado com os pais e nem por isso deixa de ter uma família se teve esse meio. Acho que é isso.” (P15).

A concepção da família como *sentido da vida* obteve 13% das respostas, como é exemplificado no relato “Família é tudo para mim” (P14). Os percentuais mais baixos foram para as concepções de família relativas ao *amor*, com 6%, tendo como exemplo relacionado a essa concepção a fala “Família é carinho, afeto, é atenção, é companheirismo” (P16); *composição familiar*, com 4%, exemplificado por “é pai, mãe, filhos” (P7); e

⁷ Todas as tabelas da presente pesquisa apresentam percentagens relativas ao número de entrevistados ou ao de respostas, correspondendo a: de 1 a 25% - um/alguns pais; de 26 a 50% - muitos pais; de 51 a 75% - a maioria dos pais; de 76 a 100% - a grande maioria/todos os pais.

consanguinidade (2% das respostas), que tem como exemplo: “família é uma união de pessoas do mesmo sangue” (P19).

Dados semelhantes foram obtidos por Rabinovich e Moreira (2008) que identificaram cinco conceitos principais para família, na perspectiva de crianças paulistas: uma visão afetiva; a ajuda que presta; companhia; sentido da vida e pessoas que fornecem sustento. Dados análogos também foram encontrados por Moreira, Rabinovich e Silva (2009), sendo que, ao entrevistar crianças baianas, obtiveram as seguintes categorias a partir da concepção que apresentavam sobre família: pessoas que cuidam; significado afetivo; grupo de pessoas que vivem juntas; fornece sustento; educa a nova geração; sentido da vida; estrutura/definição legal; e diverte, passeia.

Nas concepções dos pais sobre família apresentadas no presente estudo foi possível verificar a positividade e a relevância da família para eles. Identificar tais concepções ajuda a perceber como estas poderão influenciar o lugar do pai, da mãe e da criança na família. Concepções essas factíveis de influenciar a vivência da paternidade e o envolvimento do pai com o filho de diversas formas, como será exibido mais adiante.

Na sequência, serão apresentadas as composições familiares dos participantes nos períodos da infância, adolescência e no período de gestação do primeiro filho deles. Para tanto, foi perguntado com quem eles residiam na infância, na adolescência e com quem eles residem atualmente. Para a classificação dos resultados encontrados foram utilizados os critérios empregados por Carvalho, Moreira e Rabinovich (2010), quais sejam: família nuclear (N), na qual moram apenas pai, mãe e filhos; ampliada (A), que abarca a família nuclear e mais um ou dois membros (avós ou, às vezes, tio/a); e extensa (E), incluindo a família nuclear, além de avós, tios, primos.

Pelo fato de tais classes não contemplarem todas as respostas dos participantes do presente estudo, acrescentaram-se outras, como a família monoparental feminina (MF) e a família monoparental masculina (MM) definindo a família construída só por um dos genitores e seus respectivos filhos; a família reconstituída feminina (RF), a família reconstituída masculina (RM), que após a separação conjugal fez novos arranjos familiares, incluindo, entre outros membros, a madrasta, o padrasto e meio-irmãos; a família de origem (O) para incluir nessa condição os entrevistados que não residem com suas esposas/companheiras e permanecem residindo com os pais, conforme aponta a Tabela 3:

Tabela 3 – Dados sobre a composição familiar do entrevistado na infância, na adolescência e atualmente. Salvador, 2015

Composição familiar	Com quem residia*		Com quem reside*
	na infância	na adolescência	atualmente
Família Nuclear	64%	46%	83%
Família Extensa	-	-	-
Família Ampliada	10%	07%	07%
Família Monoparental Feminina	23%	27%	-
Família Reconstituída Feminina	-	10%	-
Família Reconstituída Masculina	03%	10%	-
Família de Origem	-	-	10%
Total	100%	100%	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Constata-se que, à época da infância, 64% dos participantes viviam na chamada família nuclear (N), 23% em família monoparental feminina (MF); 10% em família ampliada (A) e apenas 3% em família reconstituída masculina (RM). Já durante a adolescência, quase metade dos entrevistados (46%) vivia em família nuclear (N); 27% em família monoparental feminina (MF); 10% em família reconstituída masculina (RM); 10% em família reconstituída feminina (RF) e 7% em família ampliada (A). Entretanto, atualmente, 83%, ou seja, a maioria dos participantes reside numa família nuclear (N); 10% ainda moram com a família de origem (O) e 7% em família ampliada (A).

Assim, a família nuclear continua tendo grande relevância, sendo a principal resposta dada na infância, na adolescência e atualmente. No entanto, a construção de uma família nuclear não está excluída por formas diferenciadas da família de origem.

São apresentados, a seguir, na Tabela 4, os dados referentes às respostas dos pais à pergunta: “Quem faz parte de sua família?”.

Tabela 4 – Dados referentes às pessoas que fazem parte da família, na perspectiva dos pais entrevistados. Salvador, 2015

Composições sobre pessoas que fazem parte da família	Percentagens*
Família Extensa	53%
Família Nuclear	20%
Família de Origem	17%
Família Ampliada	10%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Referente às concepções sobre pessoas que fazem parte da família, os participantes se manifestaram da seguinte forma: 53% referem a família extensa; 20% a família nuclear; 17% conceberam apenas a família de origem e 10% apontam a família ampliada.

4.1.2 Concepções sobre o que é ser pai e experiências da paternidade

Neste tópico, serão apresentadas as concepções sobre o que é ser pai e as experiências da paternidade. Aos participantes questionou-se sobre “o que é ser pai” no período de gravidez da esposa ou companheira deles. Como pode ser observado nas falas dos pais, constata-se que o período da gestação nem sempre é o marco da transição imediata e clara de paternidade para eles, mas que pode favorecer a reflexão e a tomada de consciência dessa nova condição ou papel. É o que ilustram as seguintes falas: “eu estou descobrindo ainda o que é ser pai” (P11) e “Eu saliento que não sei o que virá, mas que é muito agradável” (P9).

Além disso, um dos pais relata a diferença que existe no momento da gestação em termos da percepção de ser pai ou mãe e da interação com o bebê: “Eu acho que no homem cai a ficha de ser pai depois que o menino nasce. Durante a gravidez parece que você ainda está flutuando, sem cair na real e a mãe já começa na gravidez aquela sensação de mãe mesmo. Eu estou muito feliz, muito alegre, mas ainda não caiu a ficha. Eu acho que eu só vou ter essa sensação verdadeira mesmo quando eu ver o bebê, quando eu tocar. Eu acho que a mãe sente mais, sente o bebê mexendo, tem mais intimidade com o bebê do que o pai” (P6).

Outro pai relata a diferença da paternidade vivenciada no momento da gestação e a que é vivida após o nascimento do bebê: “Ser papai no momento que meu filho não nasceu. Ser pai, para mim, está sendo acompanhar minha esposa. Nos cuidados, porque ela precisa de muitos cuidados. Para mim, tem sido isso. Espero que, depois que nasça, esse meu conceito mude. Porque, até conversando com os colegas que já são pais, todos eles falavam sempre a mesma coisa: ‘Rapaz, a gente só é pai depois que o filho nasce’. Quando a gente faz e a gente sabe que vai ser pai, a gente só está cuidando da esposa. Depois que ele nasce é que a gente vai ter realmente o sentimento de pai” (P19). Tal fala traduz a noção de que o homem só vai vivenciar a paternidade com o nascimento do bebê.

As respostas obtidas sobre o que é ser pai foram agrupadas em nove itens:

(a) Educar/Orientar: transmitir ensinamentos e valores; (b) Ser responsável: providenciar o que for necessário para o bem-estar do filho; (c) Estar descobrindo o que é ser pai: agrupa

respostas que revelam que a concepção sobre pai está sendo reestruturada ou construída a partir da própria experiência de paternidade; (d) Amar: transmitir carinho/afeto positivo; (e) Cuidar: prover cuidados diretos e indiretos com a criança; (f) Estar presente: acompanhar o(a) filho(a) no cotidiano ao longo da vida dele(a); (g) Resposta valorativa positiva: agrupa respostas que consideram que ser pai é muito bom, uma felicidade; (h) Ser referência: ser exemplo, autoridade para a criança; (i) Sentido da vida: centralidade do(a) filho(a) na vida do pai.

A Tabela 5, a seguir, apresenta tais resultados:

Tabela 5 - Concepções sobre o que é ser pai. Salvador, 2015

Concepções sobre o que é ser pai	Percentagens*
Educar/orientar	19%
Ser responsável	17%
Estar descobrindo o que é ser pai	16%
Amar	11%
Cuidar	09%
Estar presente	09%
Resposta valorativa positiva	09%
Ser referência	07%
Sentido da vida	03%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (64).

Observa-se um destaque para o pai enquanto educador (19% das respostas), o que pode ser ilustrado na seguinte fala: “Eu vou tentar passar o que eu aprendi com meu pai de ensinamentos, de mostrar o que é a vida, como é que ele deve proceder na vida” (P14). Tem-se, ainda, as concepções de que pai como: responsável pelo(a) filho(a), 17% das respostas, ainda está descobrindo o que é ser pai, com 16% das respostas, e como aquele que ama sua criança, 11% das respostas, como os conceitos que mais se destacam. Outras concepções também aparecem: cuidar (9%); estar presente (9%); resposta valorativa positiva (9%); ser referência (7%); e sentido da vida (3%).

Na sequência foi perguntado aos participantes quais são os deveres e os direitos do pai. No que diz respeito aos deveres, a partir das respostas encontradas, foram elaboradas sete classificações: (a) Educar/Orientar: transmitir ensinamentos e valores; (b) Ser responsável pelo/a filho/a: providenciar o que for necessário para o bem-estar do filho; (c) Amar: transmitir carinho/afeto positivo; (d) Cuidar: prover cuidados diretos e indiretos com a criança; (e) Estar presente: acompanhar o filho no cotidiano ao longo da vida dele; (f) Apoiar a esposa/companheira: dar o suporte necessário à esposa para que ela tenha melhores condições de cuidar do filho; (g) Ser referência: ser exemplo, autoridade para a criança.

A Tabela 6 faz referência às concepções sobre os deveres de um pai.

Tabela 6 - Concepções sobre os deveres de um pai. Salvador, 2015

Concepções sobre os deveres de um pai	Percentagens*
Educar/orientar	27%
Ser responsável	21%
Amar	20%
Cuidar	18%
Estar presente	06%
Apoiar a esposa/companheira	05%
Ser referência	03%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (77).

Constata-se que, para os entrevistados, os deveres de um pai são principalmente: educar (27%), ser responsável pelo filho (21%), amá-lo (20%) e cuidar dele (18%).

Exemplos que elucidam as falas sobre “educar/orientar” são os seguintes: “Educar, mostrar o que é certo e o que é errado, dentro do melhor que for possível, porque a gente também erra. Nós somos seres humanos, também erramos, mas dentro das nossas possibilidades, fazer tudo isso” (P5), “Aí cabe a educação, dar formação ao indivíduo para conviver em sociedade. Você passar todos os princípios que você acredita para seus filhos” (P8) e “É assim, temos os deveres mais básicos, que eu acho que é [...] educacional. São vários componentes que estão dentro da educação: tem a educação formal, tem a educação sentimental, a educação de visão de mundo, são várias coisas.” (P26).

A título de exemplificação sobre o que se entende por *ser responsável*, podem-se trazer as falas: “Fornecer ao filho as necessidades básicas, alimentação, estudos, etc.” (P2) e “Prover a parte material que é necessária no mundo de hoje. Para dar uma boa educação, dar saúde, precisa de dinheiro. O dinheiro faz parte, então a gente tem que trabalhar também para ter o dinheiro e poder oferecer para ele (o filho) o que for melhor dentro do possível.” (P5).

As falas seguintes enfatizam o entendimento dos entrevistados sobre *amar*: “O essencial é que o pai faça a criança se sentir amada. Se a criança se sentir amada pelo pai, ela vai saber se amar, vai saber amar os outros, vai ter respeito por si mesma, pelos outros. Isso, como consequência, gera todo o resto.” (P17) e “dar carinho, dar amor, dar a vida por eles” (P25).

Já a explanação sobre *cuidar* traz como exemplo a fala: “Proteger, cuidar, não só do sentido físico, mas também sobre as influências do mundo [...] a proteção física, o cuidado físico e sentimental” (P15).

Referente aos direitos de um pai, obtiveram-se os seguintes dados que levaram em conta as respostas referidas: (a) Estar presente; (b) Ser respeitado pelo filho e pela família; (c)

Amar e ser amado; (d) Escolher como educar o filho; (e) Estar ainda descobrindo quais são os seus direitos; (f) Cuidar; (g) Ter o pai direito a dar o seu sobrenome a filhos biológicos ou adotivos; (h) Ter um trabalho que favoreça a convivência com os filhos.

A Tabela 7 apresenta a maneira como os entrevistados concebem os direitos de um pai:

Tabela 7 - Concepções sobre os direitos de um pai. Salvador, 2015

Concepções sobre os direitos de um pai	Percentagens*
Estar presente	29%
Ser respeitado	22%
Amar	19%
Escolher como educar	12%
Ainda está descobrindo	10%
Cuidar	04%
Filho ter o sobrenome do pai	02%
Trabalho favorecer o convívio	02%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (51).

Observa-se que, no rol de direitos, o mais evidenciado foi o de *estar presente* na vida do filho (29% das respostas), em segundo lugar veio o direito de *ser respeitado* pelo filho e pela família (22% das respostas), enquanto *amar* e ser amado ocupa um terceiro lugar (19% das respostas) e o quarto lugar foi para a *escolha de como educar o filho* (12% das respostas).

A seguir são apresentadas falas que exemplificam os vários direitos do pai: (a) No que diz respeito ao direito de estar presente: “Direito a ter a convivência com o filho, ao lado” (P2) e “De ter um momento junto com o filho. De ter tempo para curtir e passar exemplo” (P6); (b) Sobre o direito a ser respeitado: “Em relação à mãe, é de ser ouvido, de ser considerado, respeitado” (P10) e “Eu acho que todo pai tem que ser respeitado [...] ser respeitado, ser obedecido.” (P20); (c) No que se refere a amar e ser amado: “direito à afeição” (P7) e “Receber o carinho de volta” (P12); e (d) na liberdade de escolher como educar o filho: “É o direito de conduzir a educação do filho de acordo com o que acha. Que seja o que o seu juízo determine como mais adequado. Isso é um direito de um pai: tomar as decisões que ele acha mais benéficas para o filho.” (P21).

Durante a coleta de dados percebeu-se que foi mais fácil para os pais se posicionarem sobre os seus deveres do que sobre os seus direitos e alguns deles parecem não ter muito clara a diferença entre direitos e deveres. Por exemplo, um pai refere: “Não sei se eu tenho direito. Acho que eu tenho mais deveres que direitos” (P11). Outro participante, ao responder sobre seus direitos, salienta que “Meio que se mistura com o que eu tenho de deveres. Eu tenho deveres e direitos, algo muito relacionado, muito misturado.” (P19). Um

terceiro pai destaca que “A gente como pai não tem [...] muitos direitos, são mais deveres” (P25).

Por sua vez, as concepções sobre pai ideal foram agrupadas nas seguintes categorias: (a) Ser companheiro; (b) Ser educador; (c) Ser responsável; (d) Ser afetivo; (e) Ser paciente/compreensivo; (f) Ser cuidadoso; (g) Ser sensível às necessidades do filho; (h) Ser religioso. A Tabela 8 mostra tais resultados:

Tabela 8 - Concepções sobre pai ideal. Salvador, 2015

Concepções sobre pai ideal	Percentagens*
Ser companheiro	28%
Ser educador	20%
Ser responsável	14%
Ser afetivo	12%
Ser paciente	09%
Ser cuidadoso	09%
Ser sensível	06%
Ser religioso	02%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (65).

Percebe-se que, na concepção dos participantes, o pai ideal caracteriza-se principalmente por ser: companheiro (28% das respostas), educador (20% das respostas), responsável (14% das respostas) e afetivo (12 % das respostas). Algumas falas a seguir exemplificam essa concepção de pai ideal dos entrevistados: “Acho que companheiro, estar presente em todos os momentos da vida da criança” (P1), “Ser amigo. Conversar bastante. Proteger sempre que preciso. Amar sempre e orientar, ser um orientador, um bom orientador” (P3), “Amoroso, carinhoso, atencioso. Tem que educar também. Não pode só dar amor ao filho e achar que está tudo certo. Se preocupar com o futuro do filho.” (P6) e “Ser um pai responsável. Cumprir com seus deveres realmente de pai. Pai não é só aquele que coloca o filho no mundo, mas sim que educa. Que assume realmente a parte de pai, que é educar, alimentar, cumprir com sua parte” (P16).

Ao se perguntar sobre quem os participantes consideram como pai, verificou-se que 68% deles afirmam que o próprio pai biológico ocupa tal papel. As justificativas encontradas para tal afirmação são: porque ele cuida, é referência, é o genitor, educa, é responsável, ama e está presente. Na sequência, 14% dos entrevistados referem-se à mãe como sendo a pessoa que exerce o papel de pai, justificando que o pai biológico era ausente e, por outro lado, a mãe cuidava do filho e o amava, estava presente, era responsável e também referência. Outras seis composições sobre pai foram encontradas, representando 3% cada uma delas: pai biológico e padre (por educar, ser referência e cuidar); avô materno (por ser referência); tio materno (por

estar presente); pai biológico, sogro e pais de amigos (por educarem); avô materno e padrasto (por estarem presentes, cuidarem e educarem); pai biológico e Deus (o pai biológico, por ser responsável, e Deus, por ser pai de todas as pessoas).

No que diz respeito a como se dá o relacionamento do participante com o pai dele, constata-se que 63% dos entrevistados consideram tal relacionamento como predominantemente positivo, tendo como justificativas: o companheirismo; as orientações/educação recebidas; interações pouco frequentes com o pai, mas boa qualidade interativa toda vez que se encontram; ter afetividade recíproca; o pai ser referência masculina e de pessoa para o filho; identificação do filho com o pai que é presente em sua vida. Todavia, 17% dos participantes avaliam como sendo predominantemente negativa a interação com o pai, apresentando os seguintes argumentos: o pai biológico é distante ou ausente, sendo que outra pessoa (mãe, avô materno ou padrasto) assumiu o papel de pai de forma positiva, diminuindo o impacto da ausência paterna; pai e filho trabalham juntos e este discorda da atuação do pai, além de considerar que se priorizou a formação intelectual, mas se negligenciou a afetividade no relacionamento.

Por outro lado, 17% dos entrevistados informaram que a interação com o pai foi negativa no passado, mas atualmente é positiva, fundamentando o seguinte: o pai foi ausente/distante na infância e atualmente é próximo; o relacionamento foi conflituoso na fase da adolescência, mas atualmente é positivo; no período da gestação do próprio filho do entrevistado foi retomada a convivência com o pai. Por fim, 3% dos entrevistados consideram que o relacionamento com o pai foi positivo no passado e atualmente é negativo, a razão fornecida foi a de que o pai foi importante na formação do filho, no entanto, a partir da adolescência, a interação passou a ser conflituosa.

É importante destacar que a separação conjugal ou o fato de a mãe ser solteira provocou um maior distanciamento entre pai e filho, deixando considerável saldo de mágoas e conflitos no filho por conta da ausência do pai biológico. Alguns participantes têm pais falecidos, mas guardam uma imagem positiva deles. Além disso, em alguns casos a adolescência configura-se uma fase de relacionamento conflituoso que por vezes é retomado na vida adulta.

Ao serem perguntados sobre quem os participantes concebem como referência de paternidade, verificou-se que 30% deles afirmam ser o pai biológico. Em seguida, 10% dos participantes referem ser o pai e o avô materno, 10% deles consideram o pai e um homem amigo que avaliam como sendo bom pai, 7% informam ser a mãe, 7% dos pais alegam ser o pai e o sogro. Outras 12 configurações de referência de paternidade foram encontradas,

representando 3% cada uma delas: sogro e avô paterno; mãe e padrinho de batismo; padre e um amigo; avô materno; tio materno; pai e tios paterno e materno; mãe, avó materna e tio materno; pai, tio paterno, São José, avôs materno e paterno; Jesus Cristo e mãe; mãe, avó, tia e tio maternos; mãe e avó materna; e pai e mãe.

Diante das referidas informações, nota-se que o pai biológico aparece em 17 configurações, representando 57% dos participantes. Outras pessoas do sexo masculino estão presentes nas respostas apresentadas pelos entrevistados, sendo alguns familiares: avô materno (apontado por 17% deles); tios maternos (13%); tios paternos (10%); avô paterno (7%); outros homens não familiares, apontados como referência de pai, são: homem amigo que é bom pai (13%); padrinho (3%); e também foram mencionados em 10% dos entrevistados figuras religiosas: Jesus Cristo, São José e um padre. Além disso, é importante destacar que aparecem algumas mulheres como referência de paternidade para os participantes, tendo destaque a mãe (27%), a avó materna (13%) e tia materna (3%). Nas percentagens apresentadas, cada entrevistado pode ter exibido respostas classificadas em mais de uma configuração.

Em síntese, mais da metade dos entrevistados atribuem ao próprio pai a referência que têm de paternidade. No entanto, em decorrência da ausência de alguns pais na vida cotidiana dos participantes, os entrevistados atribuem à mãe legitimidade no exercício tanto do papel materno quanto do paterno. Além disso, outros familiares e não familiares também são referência de paternidade, havendo destaque para pessoas do sexo masculino e de membros da família materna.

Nos estudos de Marília Gabriel e Ana Dias (2011) constatou-se similaridades com os dados encontrados na presente pesquisa. Os resultados revelaram que existem diferenças e semelhanças dos entrevistados em relação ao próprio pai no modo de exercer a paternidade. Assim como foi observado nesta pesquisa, os participantes desejam reproduzir os acertos e não querem repetir os erros dos próprios pais. As concepções e experiência de paternidade vão ajudar a analisar e a entender o modo como os pais se envolvem com seus filhos.

4.1.3 Concepções sobre envolvimento paterno durante o período da gestação do primeiro filho

O conceito de envolvimento paterno mais utilizado é o definido por Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), que o descrevem em três dimensões: interação;

acessibilidade e responsabilidade. Será privilegiada tal noção de envolvimento paterno para agrupar as respostas explicitadas pelos entrevistados da presente pesquisa durante o período da gestação do primeiro filho.

A seguir, na Tabela 9, constam as concepções sobre envolvimento paterno apresentadas pelos pais.

Tabela 9 – Concepções sobre envolvimento paterno apresentadas no período da gestação do primeiro filho. Salvador, 2015

Concepções de envolvimento paterno (Gestação)	Percentagens*
Ênfase na interação	37%
Ênfase na interação e na responsabilidade	16%
Ênfase na responsabilidade	13%
Ênfase na acessibilidade	10%
Ênfase na acessibilidade e na responsabilidade	10%
Ênfase na interação e acessibilidade	07%
Ênfase na interação, acessibilidade e responsabilidade	07%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

No primeiro momento, houve ênfase na interação (37% dos participantes), sendo ilustrada na fala: “Carinho, amor, estar presente o máximo possível.” (P6). A seguir foi ressaltada a interação e responsabilidade (16% dos participantes), tendo como exemplo a fala: “Envolvimento paterno é você participar da criação do seu filho, estar junto, estar presente nas decisões. Errando, acertando, envolvido. Poder levar no médico, poder levar na escola. Tentar participar o máximo possível na criação do seu filho” (P5).

A ênfase na responsabilidade representa 13% dos participantes, o que pode ser ilustrado no seguinte relato: “Conjunto de deveres e responsabilidades que um pai tem relacionado ao seu filho” (P21). Quanto à acessibilidade, ela foi destacada em 10% das respostas, como pode ser mostrado na fala: “Estar por dentro de todos os problemas que cercam o dia-a-dia da família.” (P2) A notoriedade para a acessibilidade e responsabilidade está contida no relato seguinte: “envolvimento paterno é o pai que é dedicado, é o pai que se preocupa em dar uma boa educação para o filho, é o pai que está preocupado não apenas de suprir as necessidades materiais do filho, mas saber escutar, saber o que é que ele precisa não só em material, mas sim, sentimental, né.” (P25).

Por fim, com 7% cada, o destaque é concedido para a interação e acessibilidade, tendo como exemplo a fala: “Abraçar, estar com a criança, estar com o filho junto, em qualquer momento, em qualquer situação, ser amigo” (P14) e o relevo para a interação, acessibilidade e responsabilidade evidencia-se na fala a seguir: “É um envolvimento bem carnal, assim, no sentido de que ele é muito próximo, é uma coisa visceral. A relação do pai com o filho é uma

relação que acho que ela vem acima de todas as outras [...] Então, é uma relação para a vida toda. É uma relação que está em constante construção. [...] É uma relação de eterna aprendizagem, tanto para o filho, quanto para o pai” (P26).

Na sequência, perguntou-se aos participantes: “Em quais aspectos um pai costuma se envolver com os seus filhos?”. Os dados obtidos constam na tabela 10.

Tabela 10 – Concepções sobre como os pais costumam se envolver com seus filhos. Salvador, 2015

Concepções de pais de tipo de envolvimento	Percentagens*
Ênfase na interação, acessibilidade e responsabilidade	27%
Ênfase na interação e responsabilidade	27%
Ênfase na interação e acessibilidade	20%
Ênfase na interação	16%
Ênfase na responsabilidade	07%
Ênfase na acessibilidade	03%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

A ênfase na interação, acessibilidade e responsabilidade ganhou destaque entre as concepções de envolvimento dos pais com os filhos, sendo que 27% dos participantes lhes deram notoriedade como ilustrado nas seguintes falas: “Primeiro, educação de valores, educação religiosa. Segundo, cuidar, [...] trocar fraldas, dar banho e fazer as coisas que a mãe não dá conta de fazer [...] fazer as coisas da casa, porque ela (refere-se à esposa) está pesada [...] dar segurança a ela, saber que estou do lado dela e que isso é estável” (P7), e a segunda com o relato: “Quando o filho erra, acho que o pai tem que estar presente para dizer qual o certo, instruir o caminho certo.” (P18).

Em seguida, foram enfatizadas a interação e a acessibilidade com 20% dos participantes, tendo como exemplo a fala: “interesse em querer saber do filho o que é que ele está fazendo, procurar esclarecer algumas dúvidas do filho naquilo que ele estiver fazendo, procurar ajudar também quando o filho tem dificuldade de estar fazendo alguma coisa” (P20). E destacou-se a interação, com 16%, sendo ilustrada na fala: “Ensinando o que é errado para que não pratique, dando conselho, ensinando com a primeira namorada” (P24).

A ênfase na responsabilidade foi apresentada em 7% dos participantes, tendo como exemplo o relato: “Eu acho que muito mais presente no começo e a partir dos 13 anos, período da adolescência, merece uma conduta muito forte dos pais. Se o pai grita com o filho, se o pai grita com a mãe, se o pai faz alguma coisa errada, esse filho tem 50% de chance de agir da mesma forma. Evitar o máximo possível de espelhamento errado, porque nessa idade eles interpretam da sua forma as coisas” (P9). E, por fim, o realce para a acessibilidade (3%),

como mostra a fala: “Acho que na adolescência já. Quando o filho começa a se relacionar com outras pessoas, estudar, decidir o que quer da vida. Acho que o pai se envolve mais nesse momento.” (P29). Podem-se perceber algumas falas que indicam que o pai se envolverá mais com o filho na adolescência, no esporte e na vida sexual (30% dos participantes).

A respeito da concepção dos entrevistados sobre envolvimento paterno, coletada no período da gestação do(a) primeiro(a) filho(a), verificou-se que, embora os relatos revelem que o pai deveria se envolver nos diversos aspectos em termos de interação, responsabilidade e acessibilidade, a dimensão que melhor definiu tal envolvimento foi a interação, que implica em estar presente, no contato diário com o filho, engajando-se nos cuidados diretos com a criança.

Ao se perguntar como o pai se considera no período da gestação do filho, tendo em vista que a companheira é considerada grávida, obtiveram-se as seguintes respostas que, por sua vez, foram apresentadas na Tabela 11. A partir das respostas obtidas, estabeleceram-se alguns critérios explicativos para entender o que é ser pai no período da gestação, que se retratam nas seguintes categorias: “considera-se pai”; “transição para a paternidade”; “ainda não se considera pai”.

Tabela 11 – Considerações sobre ser pai no período de gestação do filho. Salvador, 2015

Considerações sobre ser pai (gestação)	Percentagens*
Transição para a paternidade	60%
Considera-se pai	20%
Ainda não se considera pai	20%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Apareceram de forma majoritária os pais que se consideram em fase de transição para a paternidade (60% dos participantes), o que ilustra a fala a seguir: “Grávido [...] estar se preparando para ter um bebê” (P3). Em seguida, considera-se pai (20% dos participantes), tendo como exemplo o relato: “Já sou pai” (P1). Cabe destacar que também 20% dos entrevistados ainda não se consideram pai durante a gestação do filho, é o que foi encontrado nas seguintes falas: “Eu me considero um elemento de apoio na gravidez. Não me considero grávido, até porque ela (refere-se à esposa) passa pelas maiores dificuldades e as situações, é ela que vive.” (P21) e “Esposo de uma grávida. Eu estou mais para futuro pai” (P22).

Destacou-se que, na gestação do filho, há um maior cuidado com a esposa, atenções estas que eventualmente podem se refletir no cuidado indireto com o filho. Diversos pais mencionaram as atenções e cuidados com a esposa como formas de atingir positivamente o

bebê. Tais intenções são ilustradas no relato que segue: “Ah! Eu me considero muitas vezes assim, como grávido também (risos), por assim dizer. Assim, de forma que, eu tento estar o mais próximo possível para, para entender assim, todos os momentos que ela vivencia, eu tento estar sempre próximo. Preocupar com a alimentação dela, com o sono, com todas as coisas. Eu acho que é importante desde o começo, desde o processo da gravidez que o pai esteja já inteirado, mesmo porque a mãe que está carregando a criança dentro de si, que o pai vai estar nesse momento todo de folga. Na verdade, não. Acho que ele já desde o princípio deve estar lá dando suporte. Primeiramente para a mãe, mas já pensando que aquele suporte ali já está sendo também direcionado para o filho, uma alimentação, um exercício físico, assim, uma boa atmosfera de comunicação e tudo mais, ela eu acredito que vai levar a um melhor desenvolvimento da criança né.” (P26).

As mulheres quando sabem que estão grávidas, devido às questões fisiológicas e por carregar o bebê no ventre, se dão conta, o tempo todo, da maternidade, enquanto os homens, quanto mais próximos, mais se dão conta da gestação de seu filho e quanto mais distantes, mais difícil fica de se preparar para a paternidade. A título de exemplo têm-se os relatos que expressaram essa circunstância: “Ah! A gente às vezes até usa a expressão assim, ‘está grávido também’. Mas, eu acho que o homem acaba não sentindo isso como a esposa. Eu acho que o sentimento do homem. Não sei. Acho que é bem diferente da esposa. A gente não carrega tanto. A esposa, ela grávida, uns quase dez meses durante a gravidez. O marido acha que ele se sente mais grávido, quando ele está muito próximo da esposa, assim, no momento mais descontraído. Que quando ele está trabalhando, quando ele está envolvido no dia a dia dele, não é que ele esqueça de que vai ser pai, mas não carrega aquela, aquela coisa mais tão intensa como a mãe. Então, não acho que ele chega se sentir grávido, ele participa, mas de uma forma bem mais, bem mais afastada.” (P15); “Eu me considero atualmente um meio-grávido por não estar morando com a minha companheira, porque se estivéssemos morando juntos, estaria grávido junto com ela.” (P4); “Eu queria ser um pai mais presente, acompanhar esta gravidez mais de perto, mas esta vida cotidiana, agitada, faz com que eu acabe perdendo algumas coisas, possuo dois empregos para sustentar o padrão de vida, acho que por ser jovem tenho que tentar ao máximo manter um bom padrão de vida, talvez no futuro eu não consiga manter os dois trabalhos, mas ainda sou jovem. Me considero futuro pai.” (P23). As dificuldades se dão quando o pai mora longe da grávida ou por motivo do pouco tempo disponível com a grávida devido ao trabalho.

Nas respostas se percebe que alguns pais esperam se envolver mais com o(a) filho(a) depois do nascimento, os entrevistados manifestam ter sentimentos típicos do estado de

ansiedade e expectativas sobre o nascimento iminente do filho, demonstrando o desejo de ver a criança para que ele (o pai) possa interagir melhor com seu filho.

Entre os diversos sentimentos que aparecem, destacam-se os relativos à ansiedade, apreensão e preocupação, o que se verifica nos relatos seguintes: “me considero apreensivo, aguardando muito a chegada, é algo meio introspectivo.” (P29); e “preocupado, porque eu não sei o que virá e eu tento me enquadrar no controle e na paciência para o que virá.” (P9).

Resultado que está de acordo com a observação de Bornholdt (2002) que identificou como os homens se nomeiam durante o período de gestação do primeiro filho, o que refletiu nos sentimentos vivenciados e em dúvidas quanto ao papel de pai. Nas falas dos entrevistados, parece haver uma conexão entre a forma como esse homem se nomeia ao esperar seu primeiro filho e o envolvimento paterno. Portanto, identificou-se que o homem se nomeia como grávido demarcando um processo de transição para a paternidade, o que já se percebe pai está bastante envolvido e, por outro lado, outros que ainda assistem à gravidez como telespectadores podem ser denominados “futuros pais”.

Resultado semelhante também constam nas discussões de Vieira et al. (2014), nas quais ficou evidenciada a complexa transição para a paternidade, enfatizando a importância de se conhecer as vivências e sentimentos do pai durante a gestação de seu/sua filho(a), permitindo o sentimento de inclusão e ajudando o homem a elaborar o novo papel que passava a assumir.

Na sequência foi perguntado aos participantes qual tinha sido a reação deles quando receberam a notícia da gravidez de sua esposa/companheira. As respostas deram origem e notoriedade às seguintes categorias: (a) Satisfação; (b) Preocupação inicial seguida de satisfação; (c) Reação negativa por falta de preparação para ser pai; (d) Ansiedade em decorrência de aborto espontâneo anterior. Os resultados foram apresentados na Tabela 12:

Tabela 12 – Reação do pai diante da notícia da gravidez de sua esposa/companheira. Salvador, 2015

Reação do pai com a notícia da gravidez de sua esposa/companheira	Percentagens*
Satisfação	50%
Inicialmente houve preocupação e depois satisfação	34%
Reação negativa por não estar preparado	13%
Ansiedade por ter aborto espontâneo em gestação anterior	03%
Total	100%

* As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Destacam-se os relatos que expressaram uma reação de satisfação (50% dos entrevistados), sendo exemplificados pela fala “Eu fiquei feliz. Fui eu que peguei os exames e

falei ‘Você está grávida’. Ela que não acreditou. Aí foi uma felicidade só.” (P27). A reação inicial de preocupação e depois satisfação (34% dos casos) pode ser exemplificada com o relato “A primeira reação foi de desespero né. É, porque até pela minha criação que eu tive. Acabou me trazendo a imagem de um pai responsável. Meu pai era assim, uma referência que eu tenho. Eu acabei adaptando isso para mim né. Então, eu sentia que isso seria o sinal, o símbolo de responsabilidade daqui para frente que eu teria que ter e muito, né. Eu, pelo fato de eu gostar muito de um ambiente com paz que eu possa me concentrar para minhas atividades, que eu possa me dedicar, eu ficava principalmente pensando nisso, né. Eu comecei a perceber que eu posso de alguma forma administrar isso. Aí eu fui diminuindo a ansiedade, fui diminuindo, hoje em dia eu aceito e me sinto feliz né. Ouço muita gente dizer que é o momento mais feliz na vida de uma pessoa né. Muitos colegas falam, e isso me traz curiosidade.” (P2).

Houve também algumas reações negativas pelo fato de o entrevistado não estar preparado para ser pai (13%), sendo demonstrado no seguinte relato “No momento para mim, foi um baque, foi um choque. Até porque a gente tinha uns planos para começar esse ano também aí, que devido a isso vai ter que ser adiado. No primeiro momento até a primeira semana, primeiro mês foi um choque. Ficava perdido sem saber o que fazer. Mas, depois não, depois fui me acostumando.” (P20).

Por último, se fez presente a reação de ansiedade por ter havido aborto espontâneo em gestação anterior (3%), o que pode ser visto no relato “Tive uma notícia um pouco conturbada, pois tentamos que ela engravidasse outras vezes, mas ela perdeu três vezes. Perdeu de forma espontânea. Então, até esta gravidez está sendo um pouco insegura. Por ela ter três perdas, possuo muito medo em relação a toda sintomatologia, qualquer alteração. Tento dar todo o suporte que eu possa dar para ela como gestante, por exemplo, quando eu estou folgando, eu levo ela no trabalho, faço com que ela não tenha esforço físico, estímulo atividade física e alimentação balanceada, até porque tenho medo do dano psicológico que ela possa ter se ela tiver outra perda. Creio que agora não tenha mais este risco pois ela já está com sete meses, a última ela tinha perdido com 3 meses, mas mesmo assim é algo que foi bastante inseguro para mim, recebi a notícia da gravidez um pouco temeroso.” (P23).

4.1.4 Planejamento da gravidez e desejo de ter filhos

Sobre o planejamento da gravidez e o desejo de ter filhos, 67% dos entrevistados informaram que haviam planejado a gravidez, enquanto 97% relataram que tinham o desejo de ter filhos. Ao explicitarem sobre o desejo de terem filhos, os participantes alegaram que:

(a) Tinham o desejo de ser pai, mas somente após terem condições de arcar com as responsabilidades para com o filho (22%), como aponta o relato: “Eu sou um cara muito metódico, então a gente se casou e tinha que se estruturar, se organizar para ter o filho. Eu sou muito cartesiano nas minhas coisas, gosto muito de planejar tudo. Então chegou no momento certo e a gente disse, é a hora, então ela deixou de tomar o anticoncepcional e com dois meses ela engravidou. Foi planejadinho mesmo.” (P11);

(b) Reconheciam que estavam ficando mais velhos e necessitavam ter filhos logo (12%), tendo como exemplo a fala “Eu já estava ficando velho, eu estou com 38 anos e eu queria curtir meu filho, brincar. Eu sempre quis ter filho.” (P6);

(c) Após alguns anos de casados, o casal reconheceu que era o momento de ter filhos (12%), como ilustra o relato “Eu estou casado há três anos e aí a gente falou: já curtimos, já viajamos, já ficamos juntos um pouquinho, vamos ter filhos”. (P12);

(d) Conviver e gostar de crianças (12%), apresentado na fala “Desejo porque sempre tive afinidade com criança e trabalhei com criança.” (P8);

(e) Haviam encontrado a mulher com a qual reconheciam que poderiam constituir família (12%), sendo ilustrado pela fala “E para mim era só uma questão de tempo. De encontrar, assim, a mãe perfeita. A mãe que, que seria o veículo para isso, não só o veículo para ser pai, para ser a minha mulher também.” (P25);

(f) Todo homem tem o desejo de ter filho, sentindo-se mais completo com a paternidade (10%), tendo como exemplo o relato “Eu queria muito, muito. Não sei a razão. Eu sentia um vazio e precisava de uma pessoa para me fazer companhia. O nome de minha filha eu já tinha na minha cabeça desde quando eu era pequeno. E assim, é até maluquice, mas quando eu tinha 14 anos eu já sonhava como seria minha esposa e minha filha. Eu já tinha na cabeça.” (P27);

(g) Aspirava dar continuidade à família (10%), como é exemplificado em “Isso faz parte da própria perpetuação do homem. Tem muito de instintivo nisso. Você querer deixar um legado, dizer que passou pelo mundo e alguma coisa sua permanece e principalmente quando faz um filho. Existe um desejo que é latente nas pessoas de ouvir um pouco isso, de saber que estão deixando isso, acima de tudo, e, não é só isso; além desse aspecto que é

biológico, instintivo, tem o aspecto cultural. Eu acho que a família se completa com a chegada dos filhos, então eu penso que nós éramos a preparação da família, marido e mulher” (P17);

(h) Foram estimulados pela experiência positiva de paternidade das gerações anteriores da família (5%), sendo ilustrado com o relato “Eu acho que faz parte muito do que eu vi. Fazendo um contexto geral, das referências que eu tive de pai. Eu vi meu pai criar os filhos dele e ser muito feliz com isso e os filhos acompanham ele até hoje. Eu vi o meu avô criar bem os filhos dele e acompanharam ele até o dia que ele faleceu. [...] E eu tenho esse desejo também. Acho um desafio pessoal interessante” (P15);

(i) Desejava ter filhos para compensar a experiência de ausência de seus próprios pais, por falecimento ou abandono (5%), tendo como exemplo as falas “Bem, eu acho que por ter perdido meu pai muito cedo, eu senti essa falta da figura paterna [...] Então eu sempre quis ter filho” (P28) e “Dar ao filho a figura de pai, presente 24 horas, que eu nunca tive e honrar com isso.” (P8).

Cabe destacar que um dos pais não tinha o desejo de ter filho (P9), mas considera que quando ele nascer, irá se apegar a ele: “A gente compreende a realidade e assume a responsabilidade acima de tudo, porque eu sou um homem, e levar, né, não com a plena felicidade, mas eu imagino que, quando ela nascer e eu a olhar, eu vou me apegar.” (P9).

De modo geral, constatou-se que o desejo de ter filhos estava atrelado a algumas condições, como: ter como assumir as responsabilidades para com a prole; estar ficando mais velho; ter encontrado a mulher ideal para constituir família; estar casado há algum tempo amadurecendo e usufruindo a conjugalidade e gostar/conviver com crianças. Nesse sentido, tais condições estimularam a paternidade.

Com relação ao que os participantes estavam achando de ser pai, obtiveram-se as seguintes respostas:

(a) Resposta valorativa positiva (60% dos entrevistados), sendo exemplificado com os relatos “Adorando.” (P6) e “Já me acostumei com a ideia, estou gostando já e acho que vai ser bom também não só para o bebê, mas para o nosso relacionamento também (relacionamento conjugal).” (P13);

(b) Aumentou a responsabilidade e ansiedade (27% dos entrevistados), sendo ilustrado na fala “Eu estou ansioso, extremamente ansioso. Por aquilo que eu lhe falei, não tem plano. Acho que não tem nenhum livro que eu vá ler e vá me dar um plano perfeito. E sim, instrução de pessoas mais velhas, instrução de médico, instrução acho que contribui muito. E é isso! A ansiedade, assim, de saber como é que virá, qual vai ser a personalidade dela, qual vai ser o gênio dela, qual vai ser. Claro! A aparência também, saber se ela parece com o pai ou se

parece com a mãe. Todo mundo fica meio vaidoso quando tem traço de um e de outro, mas também de personalidade para eu ver, encontrar esse equilíbrio e a nossa comunicação ser boa.” (P15);

(c) Considera que só saberá após o nascimento do bebê (7% dos entrevistados), tendo como exemplo “Por mais que eu esteja tendo esse cuidado enorme com minha companheira e a gravidez, de cuidar, ir nos ultrassons, acompanhar, eu acho que só vou saber mesmo o que é ser pai quando ele nascer.” (P4);

(d) Está se sentindo pai cada vez mais (3%), como é ilustrado na fala “É. Eu estou me sentido cada vez mais pai. Então, assim, eu não tenho a sensação plena ainda porque falta o filho para a gente materializar isso, né. Mas, a cada dia que passa, quando eu percebo assim, até pelos exames de ultrassom (ultrassonografia) estou sentindo mais a paternidade chegando.” (P21);

(e) Experiência difícil por não ter desejado ser pai, ilustrado no relato “A princípio, está sendo muito difícil, eu como sou uma pessoa que penso muito mais com a razão do que com o coração, está sendo muito mais difícil, porque como não foi planejada, você passa a organizar a vida com base em outra pessoa e não do jeito que você gosta de levar a sua vida. Então, há uma insatisfação nesse momento.” (P9)

Com o fato de ser pai, novas experiências são vivenciadas, coisas que os entrevistados nunca tinham vivido. Diante disso, ao se perguntar se algumas mudanças estavam ocorrendo na vida dos participantes em decorrência da gestação do primeiro filho, identificou-se que quase a totalidade deles (97%) avalia que sim. As alterações apontadas foram:

(a) Aumentaram as responsabilidades, as preocupações e o planejamento para o futuro, sendo ilustrativas as seguintes falas: “Primeiro a responsabilidade. As atitudes e os atos que estou tomando estão sendo mais concretos. Estou pensando mais no futuro, me programando mais” (P8) e “Só o fato de maior preocupação, essas coisas assim, né. É preocupação, tem que ir para acompanhar no médico, essas coisas” (P22);

(b) Houve tendência a priorizar o(a) filho(a) e a família, o que se reflete nos relatos: “Eu estava num momento muito, muito intenso de trabalho em que eu às vezes perdia muitos limites pessoais em função do trabalho, de chegar em casa muito mais tarde do que deveria, de trabalhar dias que eu deveria estar com a minha família, de priorizar alguns eventos profissionais em relação aos pessoais [...], mas desde que eu soube que ia ser pai, eu estabeleci a minha meta de atender como prioridade o máximo possível dos eventos ligados à minha família, principalmente ligados à minha filha e dar mais valor a isso. Então, se tem uma reunião e se eu já marquei com a minha família alguma coisa e tem uma reunião, eu não vou

desmarcar o evento com a minha família, eu vou dizer que não vou poder ir, se for naquele dia eu não vou poder ir. Se eu já marquei uma viagem para ficar um final de semana com a minha filha e vai chegar alguém importante da empresa, eu vou comunicar que naquele final de semana eu estou ausente. E se me for feita a proposta de ficar, eu vou conversar. Mas, vou deixar bem claro que agora a proposta é a família, o que não era antes. Infelizmente não era antes. Eu não sei se infelizmente, eu acho que é momento, acho que é momento. Eu tinha abertura de falar com minha família, assim: ‘Olha mudei de plano. Ao invés de ir nessa semana, eu vou na semana que vem’. E eu não quero mais pedir isso. Nesse momento agora que eu vou ser pai, eu não quero mais pedir isso, eu quero que ela fique bem tranquila de que a prioridade é a família, a prioridade é ela, a prioridade é o filho.” (P15) e “Claro! Do meu lado, você não pensa mais em si. Você quer fazer aquela coisa, você já vai pensar naquela pequena criança que está ali ao lado. Às vezes, eu quero fazer uma coisa. Poxa, eu não vou fazer. Já vou pensando no filho” (P24);

(c) Intensificam-se as preocupações e cuidados com a esposa ou companheira grávida, ilustrando com as falas a seguir: “Mais preocupação com ela (refere-se à esposa), mais do que eu já tinha, mais cuidado com ela.” (P3) e “Aliás, o humor dela (refere-se à esposa) mudou. É complicado. Eu respiro umas dez vezes de coisas que eram sempre normais. Vou dar um exemplo. Eu reclamo de alguma coisa, sempre reclamei e ela sempre levou numa boa. Agora não, eu falei, aí ela fala ‘Ah, você está falando mais alto’. Agora está aflorando mais com o nenê. Às vezes eu fico chateado de ela estar reclamando de alguma coisa, mas aí eu paro, respiro.” (P14);

(d) Verifica-se maior empenho no trabalho ou na mudança de emprego visando o sustento e melhores condições de vida para a família, tendo como exemplo o relato: “Eu tinha sido desempregado em outro emprego no ano passado e estava bem, mas com a gravidez, corri atrás de outro. Isso pesou, alterou todo o fluxo de vida. Se eu não fosse pai, eu não teria dois empregos e ficaria mais tempo com a família, estaria com a qualidade de vida até superior à que eu estou sendo forçado a ter agora” (P23);

(e) Houve mudança de trabalho ou na rotina de trabalho para ter mais tempo com a família (proximidade da casa e/ou carga horária menor), que se ilustra na fala: “A forma como eu lido com o trabalho e no trabalho tem duas coisas: primeiro, a carga horária, que hoje eu penso em ter uma carga horária mais confortável para tentar estar mais em casa. Estou tentando ajustar. Hoje eu almoço todos os dias em casa. Isso não era uma preocupação antes. Tento vir em casa todo dia para almoçar e aí depois volto para o trabalho, tento sair do plantão, não ficar dando plantão noturno porque ela fica sozinha” (P7);

(f) Houve mudanças de rotina e de hábito, conforme ilustrado nos relatos: “Então, você tem coisas que você fazia, você já não vai fazer mais.” (P16) e “Várias. Eu saía muito, gosto da noite, gosto de sair. Meus amigos continuam os mesmos. Meus amigos continuam. Apenas as companhias não são, por conta de ter programa de solteiro e hoje eu já não posso mais ter, né. Não que me impeça, mas eu tenho uma mulher, tenho filho que vai chegar. Então, trava um pouco esse lado, mas muita coisa boa também acontece, você passa a chegar em casa para ver sua esposa e seu filho, não mais chegar em casa para se arrumar e sair. Não que a vontade passe, mas os valores se modificam.” (P25);

(g) Intensificou-se o compromisso conjugal em decorrência de o casal ter um filho em comum, realidade que pode ser ilustrada na fala: “No relacionamento, ser mais paciente, tenho que ouvir mais, ser mais compreensivo, buscar ser mais carinhoso, entender o lado da minha esposa quando ela tiver suas situações difíceis, complicadas” (P28);

(h) Aumenta o envolvimento nos preparativos para a chegada do bebê (reforma, organização do quarto do bebê), como pode ser visto no relato: “Dentro de casa, a gente está transformando fisicamente o apartamento. Nós tínhamos um quarto branco, que era o quarto de visitas. Agora é o quarto rosa, que é o quarto de minha filha. Eu tive que jogar um monte de papel fora. Eu sou advogado e gosto muito de papel, mas não tem mais espaço pra isso na minha vida” (P17);

(i) Tendo em vista o novo membro da família, há mudanças quanto a aquisição de bens (compra de carro, casa, apartamento), como indica a fala: “Estamos vivendo várias mudanças, estamos comprando outro apartamento. Então estamos correndo contra o tempo, só temos três meses para comprar o outro apartamento e mobiliá-lo, até porque pretendemos morar sós. Isto tudo está causando mudanças em nossas vidas” (P 23);

(j) Observam-se alterações na forma de pensar e se ampliam as reflexões sobre a sociedade, o que pode ser ilustrado com o relato: “Quero ver como será minha relação. Lá na igreja tem pessoas que já têm filho e vejo que os hábitos e conversas são outros. Quero ver como será esta mudança social, pois serão outras conversas e círculos. Quero ver como serão estas mudanças na área social.” (P30);

(l) Há toda uma reorganização do trabalho da esposa para que ela tenha tempo de cuidar do filho, como confirmado nas falas: “A gente pensa em ela não trabalhar mais ou trabalhar menos. Por causa dos filhos. Essa é uma coisa que a gente não pensava quando casou” (P7) e “Mudou mais para ela (refere-se à esposa) do que para mim. Eu mudei de trabalho, ela saiu.” (P13);

(m) Valoriza-se mais a vida de modo geral, como consta no relato: “Ampliei muito em ter cuidado, por exemplo, quando vejo uma criança num carro, sem cinto, eu fico com vontade de me aproximar e falar ‘por favor, coloque o cinto em seu filho’.” (P4);

(n) Aumentam as expectativas para a chegada do bebê e se preparar para isso por meio de cursos e grupo de pais, além de acompanhar a gestação, segundo a seguinte fala: “A gente participou do curso de pais e aquilo tudo lhe emociona, lhe toca, né, de ver toda a formação do feto, acompanhar de semana a semana, ver mãozinha, ver pezinho.” (P11).

É importante ressaltar que um dos participantes (P9) alegou que a mudança ocorrida teve aspectos negativos, pois se sentiu na obrigação de se casar devido a gravidez indesejada, além de ter sido uma exigência da sogra. Por sua vez, só para um dos participantes (P21) nada mudou em decorrência da gravidez.

Essas observações são concordantes com o estudo de Andreani (2006) sobre a transição para a paternidade, no qual foram identificadas mudanças percebidas na vida dos homens, principalmente na relação conjugal e nas prioridades de vida, quando eles tornam-se pais.

Com relação a como tem sido a participação do pai no período da gestação, obtiveram-se as seguintes respostas: (a) Estando próximo à esposa ou companheira grávida; (b) Cuidando da saúde da gestante e do filho; (c) Organizando a residência para a chegada do bebê; (d) Informando-se sobre gravidez e/ou cuidados com o bebê; (e) Conversando com o(a) filho(a); (f) Escolhendo o nome do bebê.

A Tabela 13 a seguir mostra a percentagem das respostas obtidas:

Tabela 13 – Participação do pai no período de gestação do(a) primeiro(a) filho(a). Salvador, 2015

Tipos de participação do pai no período da gestação do primeiro filho	Percentagens*
Estando próximo à esposa grávida	44%
Cuidando da saúde da gestante e do bebê	31%
Organizando a residência	11%
Informando-se sobre gravidez	06%
Conversando com o(a) filho(a)	06%
Escolhendo o nome do bebê	02%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (54).

Destacou-se a resposta (a) Estando próximo à esposa/companheira grávida (44% das respostas), sendo ilustrada com as falas: “Eu estou procurando o máximo estar ao lado dela a todo o momento, a cada novidade” (P1) e “Eu estou fazendo o possível para sempre estar fazendo as coisas que ela (refere-se à esposa) pede, estar entendendo esse momento dela, que

afinal, são os hormônios que começam a vir com força. Então, eu dando apoio para ela, os momentos que ela está nervosa, mesmo que eu esteja nervoso também. Que a gente esteja, sei lá, discutindo por algum motivo, eu procuro, busco lá dentro a paz para poder acalmá-la também, que eu sei que se esbravejar também vai ser pior. Então eu procuro sempre manter ela calma, tranquila.” (P12).

Em seguida, apareceu a resposta (b) Cuidando da saúde da gestante e do filho (31% das respostas), o que é ilustrado na fala: “Tenho acompanhado com ela os cuidados com alimentação [...] para poder se sentir bem, para que os índices dela entrassem naqueles que são mais recomendáveis pelos médicos, de glicemia, glicose, colesterol [...] então eu acompanhei junto com ela. Por exemplo, se tinha alguma coisa que não era recomendável ela comer, a gente simplesmente nem comprava para dentro de casa.” (P17).

Logo depois vieram as respostas (c) Organizando a residência para a chegada do bebê (11% das respostas), tendo como exemplo o relato: “A gente fez reforma em casa para a chegada de minha filha” (P11); (d) Informando-se sobre gravidez e/ou cuidados com o bebê (6% das respostas), o que pode ser ilustrado com a fala: “No início, ela tomou vacina e aí ela achou que tinha algum problema para o bebê. Eu pesquisei na *internet*, vi que não e tranquilizei ela. Fomos no médico.” (P6); (e) Conversando com o filho (6% das respostas), como pode ser visto no relato: “Eu tento conversar com, tento não, converso com M. (refere-se à filha). Não fico nhem, nhem, nhem, mas eu converso” (P7) e (f) Escolhendo o nome do bebê (2% das respostas), o que pode ser visto na fala: “Nunca faltei nada. A participação é integral, escolha de nome, escolha de quarto, tudo.” (P10).

É importante salientar que um pai apresentou algumas expectativas sobre como será o bebê, como é ilustrado na fala: “eu estou imaginando muito como é que vai ser quando o bebê nascer, quando ele estiver com uns três anos, com uns quatro anos. Imaginando como ele vai ser, como é que vai ser o cabelo, como é que vai ser o rosto.” (P3).

Salienta-se que um pai (P15) relatou que gostaria de participar mais, alegando que o fato de morar em cidade diferente da esposa, devido ao trabalho dele, fez com que eles só se encontrassem quinzenalmente, assim, ressentia-se por ter perdido alguns momentos com a esposa e com a filha ainda na barriga da mãe.

Ao serem perguntados sobre como os entrevistados estavam sendo incorporados/inseridos nesse contexto de gravidez, os mesmos apresentaram como respostas: (a) Ambos os cônjuges compartilham a experiência da gravidez; (b) Esposa/companheira solicita/incentiva a participação do marido na gestação; (c) Os amigos valorizam o participante no papel de pai; (d) Passou a ser visto pela sociedade como “pai de família”; (e)

Marido busca participar do momento da gestação, mas a esposa/companheira impõe restrições; (f) As famílias de origem do pai e da mãe valorizam e incentivam a parentalidade; (g) A mãe e o bebê são o centro da atenção da sociedade; (h) Os colegas de trabalho valorizam o participante no papel de pai; (i) A família de origem da mãe focaliza a gestante e o bebê, enquanto a família de origem do pai também valoriza o entrevistado. Foi construída a Tabela 14 para apresentar tais dados.

Tabela 14 – Como o pai tem sido inserido no contexto de gravidez. Salvador, 2015

Inserção do pai na gravidez	Percentagens*
Ambos os cônjuges compartilham a experiência da gravidez	34%
Esposa/companheira solicita/incentiva a participação do marido na gestação	31%
Os amigos valorizam o participante no papel de pai	08%
Passou a ser visto pela sociedade como “pai de família”	08%
Marido busca participar do momento da gestação, mas a esposa/companheira impõe restrições	05%
As famílias de origem do pai e da mãe valorizam e incentivam a parentalidade	05%
A mãe e o bebê são o centro da atenção da sociedade	05%
Os colegas de trabalho valorizam o participante no papel de pai	02%
A família de origem da mãe focaliza a gestante e o bebê, enquanto a família de origem do pai também valoriza o entrevistado	02%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (39).

Houve destaque para o fato de que ambos os cônjuges compartilham a experiência da gravidez (34%), sendo ilustrada com a fala: “Eu me sinto bem, assim, eu tenho uma relação maravilhosa com a minha mulher então a gente partilha tudo, a gente compartilha os momentos, cada presentinho, os sapatinhos, o papel de parede, cada conquista dessa a gente vai compartilhando. Então eu me considero completamente inserido e participativo nesse processo.” (P11).

Na sequência apareceram as respostas que apontam a esposa/companheira solicitando e incentivando a participação do marido na gestação, como pode ser verificado na fala: “Assim, por parte dela (refere-se à esposa), o máximo possível. Ela sempre tentando me avisar com o máximo de antecedência dos eventos, pensando programar os horários dela em função de alguma coisa que tenha mais chance de eu atender, se pode ser no final de semana, tenta sempre que seja no final de semana e criando, quando não tem eventos, assim, ligados ao médico, criando eventos que eu possa participar, que eu possa estar presente. O chá de alguma coisa e alguma reunião com a família, um almoço para que eu possa participar da forma como estou podendo hoje.” (P15).

Na sequência, apareceram, com 8% cada, as respostas em que os amigos valorizam o participante no papel de pai, como é relatada na fala: “Os meus amigos me dão os parabéns,

prestam mais atenção em mim” (P3) e respostas nas quais o entrevistado passou a ser visto pela sociedade como “pai de família”, o que é ilustrado na fala: “Agora eu perdi a figura de E (nome do entrevistado). Agora eu sou o pai de A (refere-se à filha). As pessoas estão sendo bem amigáveis comigo [...] Apesar de eu ter perdido a minha figura, eu estou achando ótimo ser o pai de A” (P8).

Com 5% das respostas, tem-se que: o marido busca participar do momento da gestação, mas a esposa/companheira impõe restrições, como é exemplificado na fala: “No início foi difícil. No início ela estava muito mais pensando nela e no bebê e muito mais complicado para mim, porque eu me via fazendo um tudo por ela, por ele, e não, não via retorno nenhum, nem tampouco retorno sentimental. Eu a via mais distante, carinho para mim praticamente não existia. Eu era como se fosse um operário, escravizado numa fábrica. Ela era a patroa e eu tinha que ficar sempre ali, a serviço dela. Hoje já melhorou um pouco, eu acho que toda mulher passa por isso, enjoa da cara do marido e aí eu tinha que ter paciência e entender esse lado dela” (P19); 5% das respostas indicam as famílias de origem do pai e da mãe na valorização e incentivo à parentalidade, como é ilustrada na fala: “Estamos juntos [...] Todo mundo muito feliz. A família junta. Está tudo muito bem integrado, está harmônico. Estão muito felizes. Os meus pais querem estar presentes. Minha sogra também está muito feliz. Movimento familiar.” (P5) e 5% das respostas apresentam que a mãe e o bebê são o centro da atenção da sociedade, tendo como exemplos as falas: “As pessoas não enxergam o homem participando da gestação” (P17) e “Não me sinto excluído, não, mas as atenções são, de fato, para ela e N. (refere-se ao filho) que ainda está dentro da barriga de L. (refere-se à esposa)” (P25).

Com 2% das respostas, tem-se que: os colegas de trabalho valorizam o participante no papel de pai, o que confere a fala: “no trabalho novo, o pessoal sabe que eu quis mudar de trabalho por causa da gravidez de minha esposa, da vinda de M. (refere-se à filha). Então, eles estão cientes que está nascendo M.” (P5) e em 2% das respostas a família de origem da mãe focaliza a gestante e o bebê, enquanto a família de origem do pai também valoriza o entrevistado, como ilustra a fala a seguir: “Eu acho que a família dela presta mais atenção nela e no bebê. [...] A minha família me dá os parabéns e presta atenção em mim.” (P3).

Resultado que está de acordo com o estudo de Cavalcante (2007), no qual os homens entrevistados vivenciaram o período gestacional acompanhando a mulher grávida nas consultas pré-natais e se preparando para a paternidade. Tais resultados revelam a presença de homens inseridos nos cuidados e orientações pré-natais, interessados no processo gestacional e cuidando da mulher e do(a) filho(a).

Na sequência, foi perguntado aos participantes sobre a forma de envolvimento com o(a) filho(a) no período da gestação, sendo que foram encontradas as seguintes respostas: (a) Ênfase na interação; (b) Ênfase na responsabilidade; (c) Ênfase na interação e responsabilidade; (d) Ênfase na interação e acessibilidade; (e) Ênfase na Acessibilidade e Responsabilidade; (f) Ainda não tem se envolvido com o(o) filho(o), acha que isso ocorrerá quando o bebê nascer. A Tabela 15 a seguir mostra a frequência das respostas dos entrevistados:

Tabela 15 – Envolvimento do pai com o(a) filho(a) no período da gestação. Salvador, 2015

Forma de Envolvimento	Percentagens*
Ênfase na interação	74%
Ênfase na responsabilidade	07%
Ênfase na interação e responsabilidade	03%
Ênfase na interação e acessibilidade	03%
Ênfase na acessibilidade e responsabilidade	03%
Ainda não tem se envolvido	10%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Ao explicitarem sobre a forma de envolvimento com o filho no período da gestação, os participantes destacaram formas de envolvimento com ênfase na interação (74% dos participantes), como pode ser ilustrado nas falas: “Estou sempre alisando ela na barriga e quando eu toco, ela reage. Eu creio que ela já sabe que sou eu” (P1) e “Converso com ela, faço carinho na barriga, dou beijo [...] Contar meu dia, eu faço muito isso. E aí filha? Como é que está aí dentro? Como foi seu dia? Está cansada? Está descansada? Está com sono? O dia de papai foi assim, assim, assado. Fiz isso, isso e aquilo. [...] Aí eu boto o ouvido na barriga, ela responde, na ficção, né. [...] Eu faço uma pergunta, ela chuta.” (P5).

Em seguida, ressaltaram a ênfase na responsabilidade (7%), tendo como exemplo a fala “Eu tenho pensado nele (filho) e agora materializado como gênero masculino [...] na medida em que a gente vai visualizando através do ultrassom a imagem dele, aí eu fico imaginando como é que ele está ali dentro e se está tudo bem, se está confortável, se tem algum agente externo que possa influenciar.” (P4).

Dando continuidade, foram registradas, com 3% cada, o foco na interação e responsabilidade, a ênfase na interação e acessibilidade e o destaque na acessibilidade e responsabilidade.

O pai tenta se vincular ao(à) filho(a) desde a gestação e busca a reação dele(a), como é ilustrado na fala: “dá para a criança ir se acostumando com a voz do pai [...] eu acredito realmente que ela (refere-se à filha) reage aos estímulos que eu faço. Eu procuro ir para um

lado da barriga e conversar com ela e sinto aquele mondronguinho se deslocando para aquele lado. Dou a volta, vou para o outro lado da barriga e sinto o mondronguinho se deslocando para lá também” (P17). Tal interação é feita por meio do corpo da mãe (ela como intermediária).

No entanto, cabe destacar que apareceu a resposta “ainda não tem se envolvido com o filho”, apresentada por pais que consideram que isso ocorrerá quando o bebê nascer (10% dos participantes), que pode ser ilustrada com a fala: “Eu tento, ela (refere-se à esposa) fala que podemos conversar com ele (filho) na barriga que ele escutará. Eu tento, mas eu acho que a relação será melhor quando nascer.” (P30).

Ao serem questionados sobre como pretendem se envolver com o filho depois de nascido, obtiveram-se as seguintes respostas dos pais:

(a) Ênfase na interação, sendo considerados os cuidados que exigem interação direta com o bebê como trocar fraldas, dar a mamadeira, dar banho, brincar, conversar, ensinar e dar amor;

(b) Ênfase na acessibilidade, referindo-se ao tempo disponível e presença do pai no cotidiano da criança;

(c) Ênfase na responsabilidade, relacionada com prover recursos que atendam às demandas da criança, castrar, orientar, controlar, influenciar o filho e ser seu referencial;

(d) Ênfase na interação e acessibilidade, ou seja, dar banho, trocar fraldas, segurar no colo, realizar atividades com o filho, como também ter tempo disponível para o filho;

(e) Ênfase na responsabilidade e acessibilidade, sendo considerado o transmitir conhecimentos, ensinando, ajudando e apoiando o filho, como também dividir o tempo para cuidar do desenvolvimento do filho e estar junto;

(f) Ênfase na interação e responsabilidade, que inclui dar carinho, atenção e educação, como também ser referência;

(g) Ênfase na interação, responsabilidade e acessibilidade, relacionada com interação direta com o filho, como trocar fraldas, fazer carinho, pôr para dormir, conversar, educar, como também estar junto para poder ir ao médico acompanhar a esposa e o bebê, pegar na escola, ter tempo disponível e ser dispensado do trabalho para cuidar do filho;

(h) Não sabe ainda, não se encaixando em nenhuma das respostas anteriores.

A Tabela 16 a seguir mostra as percentagens das respostas dos entrevistados:

Tabela 16 – Como o pai pretende se envolver com seu/sua filho(a) depois de nascido. Salvador, 2015

Expectativa de envolvimento com o filho depois de nascido	Porcentagens*
Ênfase na interação	17%
Ênfase na acessibilidade	13%
Ênfase na responsabilidade	03%
Ênfase na interação e acessibilidade	38%
Ênfase na responsabilidade e acessibilidade	03%
Ênfase na interação e responsabilidade	13%
Ênfase na interação, responsabilidade e acessibilidade	10%
Não sabe ainda	03%
Total	100%

*As porcentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Há destaque maior na interação e acessibilidade conjuntamente, com 38% dos casos, podendo ser ilustrada com a fala: “Eu pretendo realmente estar o máximo possível ao lado dela para conhecer todas as necessidades, todos os gostos dela. O que ela prefere, de que forma ela gosta de ser segurada, se ela gosta de vento. Eu realmente pretendo estar bem próximo para conhecer bem a fundo todas as características dela.” (P26).

Em seguida, aparece a ênfase na interação, com 17% dos casos, tendo como exemplo a fala: “Eu penso até em fazer um curso para aprender a dar banho, porque eu quero dar banho nele, trocar fralda. Como eu tenho muito medo de pegar em recém-nascido, eu quero aprender qual é a forma mais segura, mais carinhosa de estar pegando, de estar próximo. Eu quero muito participar dessa fase. Eu quero perder noites, ouvir os choros, ver o desenvolvimento dele e as roupinhas se apertarem. Estou muito ansioso para vê-lo e pegá-lo. Por enquanto, está sendo uma experiência maravilhosa.” (P28).

Logo depois, há enfoque na acessibilidade, como se pode observar na fala: “Eu pretendo disponibilizar todo o meu tempo livre para ele (refere-se ao filho)” (P03) e a ênfase na interação e responsabilidade, como é ilustrado a seguir: “Eu vou dar todo carinho que ela (refere-se à filha) precisar, tudo o que eu achar produtivo para que envolva na educação e no crescimento dela, eu vou oferecer a ela” (P21), ambas respostas com 13%.

Dando continuidade, aparece o destaque na interação, responsabilidade e acessibilidade, com 10% dos casos, sendo exemplificado com a fala: “Ajudar a trocar a fralda, fazer carinho, botar para dormir. Estar junto para ela reconhecer a minha voz, meu cheiro, meu tato. Ser presente, presente mesmo. Poder ir ao médico, ir ao pediatra. Se eu conseguir sair do trabalho para ir, eu ir junto. Uma vez por semana conseguir sair do trabalho mais cedo e ir pegar ela na escola. Tentar ser presente o máximo que eu puder” (P5).

Por último, sobressai a responsabilidade, a exemplo: “Fazer com que eu sirva como exemplo, seja um facilitador da realização de desejos e sonhos dele. Eu ser um referencial.”

(P10) e a ênfase na responsabilidade e acessibilidade, como ilustra a fala: “Depois de nascido, eu vou procurar me focar muito nele e tentar deixar de lado meus projetos pessoais. Dividir, vou ter que aprender a dividir meu tempo e cuidar do desenvolvimento dele o máximo que eu puder, porque eu sei que a nossa realidade é difícil. No país é difícil de se viver” (P2), ambas respostas com 3%.

Vale dizer que um entrevistado (P9) alegou não saber ainda como pretende se envolver com o filho depois de nascido, correspondendo a 3% dos participantes.

Nas respostas a essa questão, foi salientada a importância de o pai estar presente no cotidiano da criança. Também foi possível perceber falas (7%) que traziam que a única coisa que o pai não fazia era amamentar enquanto o bebê estivesse amamentando só no peito da mãe, mas que relataram o desejo de amamentar, como é exemplificado na fala: “Eu só não vou poder amamentar, né. Bem, se puder, eu vou estar amamentando também. Sei lá! Pegar um peito de silicone e colocar leite” (P27).

Ao perguntar aos entrevistados o que favoreceu o envolvimento com o(a) filho(a) no período da gestação, constataram-se as seguintes respostas, apresentadas na Tabela 17:

Tabela 17 – O que favoreceu o envolvimento do pai com o(a) filho(a) no período da gestação. Salvador, 2015

O que favoreceu o envolvimento do pai com o(a) filho(a) no período da gestação	Porcentagens*
CARACTERÍSTICAS DO PAI	
O próprio desejo do pai em envolver-se	40%
O cuidar bem da esposa para influenciar positivamente no desenvolvimento do feto	17%
Ter a rotina mais voltada para a família	03%
Ser cristão	03%
CARACTERÍSTICAS DA ESPOSA	
A esposa incentiva o envolvimento do pai	20%
A esposa estar mais feliz com a gravidez	03%
CARACTERÍSTICAS DO CASAL	
Bom relacionamento conjugal	33%
Independência do casal com relação à família de origem	10%
Morar junto	07%
Estar casado	07%
Ter a casa própria do casal	03%
CARACTERÍSTICAS DO(A) FILHO(A)	
Os movimentos do feto estimulam o envolvimento do pai	03%
O sexo da criança	03%
INFLUÊNCIAS EXTERNAS	
O trabalho	10%
A família de origem estimula o envolvimento do pai	07%
Compartilhar experiências com outros pais	03%
NADA FAVORECE	03%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de um item que favoreceu. A porcentagem foi realizada considerando o número total de participantes (n=30).

Observou-se o que favorece o envolvimento do pai com o filho no período da gestação, constatando-se maior relevância na resposta “o próprio desejo do pai em envolver-

se”, com 40%, como pode ser ilustrada na fala: “Passei a me exigir mais responsabilidade, já que agora não sou apenas eu e minha esposa. Somos nós e nossa filha.” (P29).

Em seguida, apareceu a resposta “Bom relacionamento da esposa”, com 33%, tendo como exemplo a fala: “A minha boa relação com minha esposa. A gente é confiante, companheiro e isso une mais ainda no desejo maior de ver a criança brotar” (P1) e da resposta “A esposa incentiva o envolvimento do pai”, com 20%, podendo ser vista na fala: “Acho que a mãe dele, a minha esposa, me incentiva a estar próximo” (P28). Logo depois, foram apontadas as respostas: “O cuidar bem da esposa para influenciar positivamente no desenvolvimento do feto”, com 17%, “O trabalho” e “A independência do casal com relação à família de origem”, ambos com 10%. Foram mencionadas as respostas “Morar junto”, “Estar casado” e “A família de origem estimula o envolvimento do pai”, com 7% cada. Por último, os participantes apresentaram as seguintes colocações, com 3% cada: “Ter a casa própria do casal”, “Ter a rotina mais voltada para a família”, “Os movimentos do feto estimulam o envolvimento do pai”, “O sexo da criança”, “Compartilhar experiências com outros pais”, “A esposa estar mais feliz com a gravidez” e “Ser cristão”. Cabe ressaltar que um entrevistado (P19) alegou que nada favorece, correspondendo a 3% das respostas.

Destacou-se nas respostas fatores relacionados ao próprio entrevistado, à esposa grávida, ao trabalho, à família de origem e aos amigos. Foi possível também perceber, nas falas dos participantes, o envolvimento entre pai e filho(a) acontecendo desde a gestação e pais sensíveis às demandas da grávida, como exemplifica o relato: “Favorece que minha esposa já faz a maior parte das coisas por mim. Minha esposa já carrega minha filha, já sente as dores, é o pé dela que incha. Então, para o pai, é muito confortável. O que sobra para mim é tudo muito fácil, muito tranquilo: é conversar com a barriga, é levar e trazer das consultas, é fazer o mercado, é fazer a faxina da casa. Minha esposa não pode fazer esforço. Então, a parte mais fácil sobrou para mim, que é a parte leve, menos dolorida. Eu não vou ter as dores do parto. O que facilita é que minha esposa tem feito o trabalho pesado por mim. Então, tudo mais é leve, tudo mais é agradável.” (P17). Assim, tal pai reconhece o estado da esposa grávida e as possíveis dores e dificuldades dela, revelando que não se sente sobrecarregado por ter que desempenhar diversas atividades. Sendo assim, o sentido atribuído às tarefas realizadas influenciou bastante a postura positiva que o pai apresenta diante do contexto de gravidez.

Quando os entrevistados foram questionados sobre o que dificultou o envolvimento com seu/sua filho(a) nesse período da gestação, várias respostas apareceram, elas constam na Tabela 18 a seguir:

Tabela 18 – O que dificultou o envolvimento entre pai e filho(a) no período da gestação. Salvador, 2015

O que dificultou o envolvimento entre pai e filho(a) no período da gestação	Percentagens*
INFLUÊNCIAS EXTERNAS	
Trabalho	43%
Falta de tempo devido aos estudos	07%
Problemas do cotidiano	03%
Conflitos entre a esposa e a mãe do participante	03%
Risco de aborto natural ou nascimento prematuro	03%
CARACTERÍSTICAS DO PAI	
Mudanças no próprio participante	10%
Ter que abdicar os próprios interesses em benefício do filho	07%
Falta de experiência com o bebê/com a paternidade	03%
Gastar mais tempo organizando o ambiente, do que interagindo com o feto por meio da grávida	03%
CARACTERÍSTICAS DA ESPOSA	
Mudanças na esposa	23%
CARACTERÍSTICAS DO CASAL	
Não residir com a grávida	07%
CARACTERÍSTICAS DO FILHO	
O fato de o filho ainda não ter nascido	07%
NADA DIFICULTOU	17%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma dificuldade. A percentagem foi realizada considerando o número total de participantes (n=30).

Destacaram-se dificuldades relacionadas ao trabalho, apontada por 43% dos casos, como o tempo gasto no trabalho, trabalhar em outra cidade ou outro país, trabalhar viajando, cansaço e estresse no trabalho, explicitadas na fala: “Eu ia trabalhar fora e quando voltava a barriga já estava maior, né. Não podia conversar com minha filha, não tinha como. Minha esposa filmava ela mexendo, chutando a barriga e me mandava para me envolver, mas não tinha como eu estar conversando e nem tocando, né.” (P5)

Em seguida, apareceram as dificuldades relacionadas às mudanças ocorridas na esposa devido à gravidez, com 23% dos casos, como isolamento da esposa em alguns momentos, variação de humor, variações hormonais, cansaço, nervosismo, insegurança emocional, enjoos, estar dormindo muito, ilustradas nas falas: “O que pode dificultar, às vezes, são as relações com a mãe, porque eu dependo da mãe para me relacionar com a criança que está nela e, às vezes, os humores, os hormônios, eles modificam um pouco a forma como a mulher reage às coisas do mundo. Isso, para mim, é um momento de muita tensão, de muito cuidado, de muita gravidade. Eu fico preocupado porque eu sei que não posso argumentar. Eu entendo que, do jeito que minha esposa está, ela não está suscetível aos argumentos.” (P17) e “Minha mulher é uma ‘onça’. Ela quando está meio nervosa, é complicado para mim, porque a gente quer ajudar e em alguns casos, você carregando uma lua nas costas para entregar para ela não vai bastar. Então, essa mudança hormonal, se o pai não tiver muita paciência, complica.” (P25).

Logo depois, ressaltaram as dificuldades relacionadas às mudanças ocorridas no próprio participante, com 10% dos casos, como conflitos envolvendo a esposa, estar preocupado, cansado, tendo como exemplo a fala: “Eu acho que tem a ver com os hormônios dela e também comigo, né, de estar muito preocupado, com muita coisa em mente. Aí eu acho que isso gera dos dois lados algum tipo de atrito desfavorável para a gravidez” (P 26).

Também foram apontadas dificuldades como: não residir com a grávida, falta de tempo devido aos estudos, o fato de o filho ainda não ter nascido, ter que abdicar os próprios interesses em benefício do filho, com 7% cada. Por último, os participantes apresentaram dificuldades como: problemas do cotidiano, falta de experiência com o bebê/com a paternidade, gastar mais tempo organizando o ambiente, do que interagindo com o feto por meio da grávida, conflitos entre a esposa e a mãe do participante e risco de aborto natural ou nascimento prematuro, com 3% cada.

Importa destacar que alguns pais alegaram que nada dificultou o envolvimento com o filho durante a gestação, com 17% das respostas.

O fato de o filho ainda não ter nascido limita a interação, como aparece no relato: “O que dificulta primeiro é ele estar na barriga dela. Para mim, é a primeira barreira, é territorial. Não tem como. [...] Só é pai depois que nasce, porque ali você está vendo a criança, ela está sentindo, é a forma como ela reage à sua presença. Na barriga, por mais que a gente converse, por mais que ela me chute, não sinto não.” (P19).

4.1.5 Informações sobre gravidez

Dos participantes, 73% buscam informações sobre a gravidez e os demais não. Os que afirmaram buscar informações pesquisam de diversas formas, conforme consta na Tabela 19:

Tabela 19 – De que forma o pai busca informações sobre a gravidez. Salvador, 2015

De que forma o pai busca informações	Percentagens*
<i>Internet</i>	32%
Livros e mídia impressa	16%
Orientações do senso comum	16%
Curso de pais	14%
Com a própria esposa	07%
Com o médico	07%
Com a própria profissão	04%
Com a própria experiência com o feto	04%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (44).

A forma mais utilizada pelos pais para buscar informações é a *internet*, com 32% das respostas, seguida de: *livros e mídia impressa*, como revistas e jornais (16%); *orientações do senso comum*, como falar com familiares, amigos e pessoas que já tiveram filhos (16%); *curso de pais* (14%); *com a própria esposa* (7%); *com o médico* que acompanha a gravidez (7%); *com a própria profissão*, por trabalhar na área da saúde (4%); e *com a própria experiência com o feto* (4%).

As informações obtidas abrangeram diversos conteúdos: a gravidez, o período gestacional, a educação dos filhos, os cuidados com o bebê, os tipos de parto, o desenvolvimento do feto, citando *sites* como o *Baby Center*, que mostra de semana a semana tal desenvolvimento, a alimentação na gestação, o desenvolvimento da criança, a amamentação, a troca de fraldas, as formas de como organizar o ambiente do bebê, os cuidados com o ambiente, como por exemplo, o uso de ar-condicionado.

Ao se perguntar se os participantes conseguiam estabelecer algum tipo de relação com o médico que acompanhava a gestação, identificou-se que 70% deles estabeleciam tal relação e os demais não.

A Tabela 20 mostra a explicação dos pais que conseguiam estabelecer algum tipo de relação com o(a) médico(a) que acompanhava a gestação:

Tabela 20 – Tipo de relação estabelecida pelos pais com o(a) médico(a) que acompanhava a gestação. Salvador, 2015

Tipo de relação estabelecida pelos pais com o(a) médico(a)	Percentagens*
Esclarece dúvidas	41%
Acompanha consultas	36%
Tem confiança no médico	15%
Avalia a competência do médico	05%
Pede à esposa para esclarecer as dúvidas dele com o(a) médico(a)	03%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (39).

Dos pais que alegaram estabelecer algum tipo de relação com o(a) médico(a), destacam os que esclarecem dúvidas pessoalmente, por telefone e por whatsapp diretamente com o médico e que o profissional estava disponível para dar informações, com 41% das respostas. Em seguida, aparece a justificativa de acompanhar consultas/exames de ultrassom, variando entre pais que acompanham sempre e outros esporadicamente, com 36%. Logo depois, informaram que têm relação de confiança com o médico, com 15%. Por último, aparecem as respostas: avalia a competência do médico, com 5%, e pede à esposa para esclarecer as dúvidas dele com o(a) médico(a), com 3%.

Dentre os que disseram que não conseguem estabelecer algum tipo de relação com o(a) médico(a) (30%), as justificativas foram: a esposa/companheira é quem se comunica com o médico, tanto por conta do trabalho do pai que choca com os horários das consultas, quanto pelo fato de o(a) médico(a) interagir na consulta somente com a grávida, sem se dirigir ao pai; o médico tem atuação estritamente profissional, focada no modelo de atuação biologizante; o pai não pergunta nada; e mudou de médico por causa do plano de saúde e ainda não conseguiu estabelecer contato com o novo médico que cuida da grávida.

Em seguida, os pais foram questionados sobre o que sabiam sobre as licenças maternidade e paternidade e também sobre a lei do acompanhante.

No que se refere à licença maternidade, os pais que sabiam algo a respeito (93%), tinham informações sobre: o tempo de licença, a assistência que o trabalho oferece à grávida, o tempo de amamentação e primeiros cuidados com o bebê. Também estiveram presentes as noções de que as mulheres autônomas e as desempregadas não têm direito à licença maternidade, o que é uma informação equivocada no caso das que contribuem com o INSS. Cabe ressaltar que um pai afirmou que em caso de óbito da mãe, o pai tem direito à licença maternidade.

Sobre a licença paternidade, os pais que sabiam a respeito (93%) tinham o conhecimento sobre o tempo de licença, sendo que dois deles acrescentaram que não usufruiriam de tal direito, um porque diminuiria o valor da produtividade e outro porque não trabalha, é estudante universitário. Por outro lado, dois pais disseram que iriam tirar as férias na data próxima da licença paternidade para terem mais tempo com o filho e darem apoio à esposa.

Em relação à lei do acompanhante, apenas 13% dos pais responderam ter conhecimento sobre o assunto: informaram que a mulher tem direito a ter um acompanhante na sala do parto ou no quarto do hospital.

Diante desse quadro, é importante destacar que, quando o homem recebe informações adequadas e adquire o conhecimento necessário para se ajustar ao seu novo papel que é o de pai, ele vai se sentir mais seguro para cuidar da criança e da mãe, resultado também encontrado nos estudos de Uriko (2011).

4.1.6 Expectativas quanto à criança, ao projeto de vida do pai e ao relacionamento do casal

Perguntou-se aos entrevistados se, antes da confirmação do sexo do bebê mediante os recursos disponíveis pela medicina, tinham expectativas se teriam um filho ou uma filha. Dentre os pais, 40% não tinham expectativas quanto ao sexo, 33% esperavam ter um menino e 27% gostariam de ter uma menina.

Na sequência, os pais foram indagados se tinham ou não conhecimento sobre qual era o sexo do(a) filho(a), sendo que 97% deles já sabiam. Do total de pais, 53% tiveram meninas e 47%, meninos. Como curiosidade, dentre os pais que tinham expectativas quanto ao sexo da criança, em metade dos casos tal desejo foi correspondido, o que remete à questão da probabilidade.

A seguir serão apresentados relatos sobre tais expectativas:

“Ela (a esposa) queria menina e eu, menino. Quando eu soube que era menina, meu sentimento mudou. Eu senti diferente. Agora é uma menina” (P1), sendo assim, mesmo a expectativa não sendo correspondida, houve acolhimento da filha.

“Eu tinha expectativa, não vou negar, por uma menina. Principalmente pelo fato de que é mais carinhosa. Dizem que dá menos trabalho” (P2), o pai alega expectativa do sexo baseada no estereótipo da relação de gênero, de menina mais doce, mais amável, mais tranquila.

“Eu, desde sempre queria menino e veio menino” (P4), a expectativa foi correspondida neste caso.

Embora o P12 não informasse ter uma expectativa específica para o primeiro filho, gostaria de ter um casal, como é ilustrado a seguir: “A gente está querendo ter um casal. Então, a expectativa vai para o segundo, né? Sendo menina, a gente vai querer que o próximo seja menino. E sendo menino, a gente vai querer que a próxima seja menina.” (P12)

“Eu sempre imaginei mais de um filho. Vai ser pelo menos um menino e uma menina. Como eu passei por uma experiência em que eu fui o irmão mais velho, eu achava que esse era um bom desenho para reproduzir dentro de casa, que o primeiro filho fosse um homem. Eu ser o único filho homem e o mais velho, me tornava como que o filho varão, aquele que sucedeu o pai nos negócios, que tomava conta das irmãs. Como sou um pouquinho machista, eu acreditava que isso era interessante” (P17), neste caso fica evidente o desejo pelo filho primogênito homem, o herdeiro.

Um pai, embora alegasse não ter uma preferência, apontava que os homens gastam menos que as mulheres: “Todo mundo que perguntasse para gente a preferência era que venha com saúde, independente do sexo [...] Eu não tenho preferência, mas que venha homem porque o gasto vai ser menor. Mulher tem muito aquela coisa do cabelo, unha, apetrechos e coisa e tal” (P19), também uma visão do estereótipo de gênero.

“Eu queria menino, minha esposa também. Acho que isso tem um fator psicológico atrelado a isto. Minha esposa se sente sozinha, pois a família é toda do interior. Sabemos que filha menina normalmente é mais apegada ao pai. Então, se vier uma menina, ela ficaria muito apegada a mim e vai esquecer-se da mãe. Então, se viesse um menino, acho que seria melhor, até porque todo homem quer um filho homem e minha esposa queria ter essa companhia mais apegada para o lado dela” (P23), aqui estão presentes conhecimentos de senso comum atrelados a vagas e imprecisas noções de Psicologia.

“Em alguns momentos eu quero menino, em outros eu quero que seja menina. Em ambos os casos, a aproximação vai existir da mesma forma, mas é claro que a relação é diferente. Eu acho que uma relação de pai e filho tem mais cumplicidade. Já o pai com a filha eu acho que é um pouco conturbada.” (P26), o que reverbera conceitos culturais de gênero.

Dentre os participantes, 97% tinham expectativas gerais sobre como seria a criança, apresentando:

(a) Características físicas relativas a parecer fisicamente com o pai ou com a mãe, cor de pele, de olhos e de cabelo, se será bonito(a) ou “fofo(a)”, por exemplo: “Como vai ser fisicamente, eu já sonhei algumas vezes, que vai ter a minha orelha e a boca de minha esposa, que vai ser pequena” (P7);

(b) Temperamento/personalidade, ou seja, ter o mesmo temperamento/personalidade do pai ou da mãe, ser agitada, quieta, alegre ou engraçada. A fala a seguir ilustra: “Eu sinto que ele (filho) vai aprontar muito, vai ser um garoto muito agitado pelo fato de eu ter sido e minha esposa também” (P2);

(c) Ter saúde, sendo ilustrado na fala: “a prioridade é que venha com saúde” (P10); e

(d) Ser estudiosa/educada, tendo como exemplos os relatos: “Eu quero que ela seja bem estudiosa [...] a construção da educação dela vai interferir diretamente na personalidade” (P9) e “Eu sempre peço isso nas minhas conversas com ele: - eu quero que você internalize isso, seja um menino educado, um bom homem. Como o pai dele é” (P25).

Apenas um pai (P28), 3% dos casos, referiu que ainda não tinha nenhuma expectativa de como seria a criança.

Resultado semelhante foi obtido no estudo de Piccinini et al. (2009), no qual a grande maioria dos pais expressou suas expectativas quanto ao bebê que estava esperando nascer, explicitando qual era a imagem mental que tinham de seu filho, incluindo seu sexo, suas características físicas e de temperamento/personalidade, sua saúde e educação.

Sobre como o pai pensa que será a sua própria vida após o nascimento do bebê, encontrou-se as respostas que constam na Tabela 21:

Tabela 21 – Expectativas sobre como será a vida do pai após o nascimento do bebê. Salvador, 2015

Vida do pai após o nascimento do bebê	Percentagens*
Respostas valorativas positivas	21%
Irá priorizar o tempo para as questões do(a) filho(a) e da família	19%
Vai ficar mais atarefado, no entanto, satisfeito e realizado	19%
Vai amadurecer/ser mais responsável	19%
Haverá mudanças de rotina	12%
Terá menos tempo para o próprio descanso e lazer individual	10%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (42).

Foram destacadas as *respostas valorativas positivas*, com 21% das respostas, sendo ilustradas nas falas: “Eu acho que vou ser mais feliz, mais completo.” (P3), “Vai ser mais completa (a vida). Eu já vivi muita coisa, mas falta, falta isso, falta ser pai” (P12), “Com certeza, vai estar para melhor” (P14) e “Eu acredito que será melhor, que vou ver a vida com outros olhos e aproveitá-la mais e as pessoas que estão ao meu redor.” (P30).

Em seguida, apareceram as respostas: *irá priorizar o tempo para as questões do(a) filho(a) e da família*, tendo como exemplo a fala: “Eu vou ter que saber administrar meu tempo e me dedicar. Dedicar o tempo às coisas que mais importam” (P2); *Vai ficar mais atarefado, no entanto, satisfeito e realizado*, sendo ilustrada na fala: “Uma coisa que vai ser no início, com certeza, cansativo, né, porque tem que se dedicar a ajudar. Nos primeiros meses dorme pouco. Então, vai ser um período cansativo, mas, com certeza, muito enriquecedor, uma experiência nova de vida total. Vou estar feliz” (P5); e *vai amadurecer/ser mais responsável*, como se pode ver na fala: “Pouco sono, mas com um peso de responsabilidade muito maior” (P10). Todas as respostas com 19% cada.

Logo depois, foi colocada a resposta: *haverá mudanças de rotina*, com 12% das respostas, sendo exemplificada na fala: “Vai ter uma mudança de rotina, de horário” (P5). Por último, apareceu a resposta: *ter menos tempo para o próprio descanso e lazer individual*, com 10%, podendo ser ilustrada na fala: “Hoje eu me dedico muito às minhas coisas e muito às coisas de casal. Tenho muito tempo para aquilo que é exclusivamente meu, para jogar bola,

para encontrar com os amigos, para passear à vontade. Com minha filha, isso não vai ser feito mais da forma como era antes” (P17).

De modo geral, constatou-se que os pais têm noção de que, com o nascimento do bebê, estarão mais atarefados e com menos tempo para o próprio descanso ou lazer individual. Além disso, a chegada do(a) filho(a) requererá uma maior responsabilidade por parte deles. No entanto, terão mais satisfação e passarão a priorizar a família e o tempo de convivência com o(a) filho(a).

Com o nascimento do bebê, a família vai precisar de uma adaptação, o que faz com que os pais percebam esse momento como difícil, mas depois consideram que a família se reorganizará, o que é ilustrado nas falas a seguir: “Acho que será de mais responsabilidade. No início, será mais difícil, mas depois, talvez não” (P29) e “Tudo na vida tem seus prós e seus contras, né. Tudo na vida. Que nem como você diz, uma coisa é você não ter o filho, você pensa para si. Outra coisa é você já ter, você já muda seu conceito de pensar” (P24).

Quanto aos projetos que os participantes têm para a própria vida depois do nascimento do filho, a Tabela 22 retrata as respostas obtidas:

Tabela 22 – Projetos dos pais para a própria vida após o nascimento do bebê. Salvador, 2015

Projetos	Percentagens*
Progredir no trabalho/carreira	25%
Priorizar os filhos e a família	17%
Ampliar a própria escolaridade	15%
Promover o desenvolvimento e crescimento do filho	15%
Adquirir residência própria	11%
Conciliar família e trabalho	11%
Ampliar o rendimento financeiro	06%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (47).

Destaca-se a *progressão no trabalho/carreira*, com 25% das respostas, e *priorizar os filhos e a família*, com 17%. Em seguida, os projetos que apareceram foram: *ampliar a própria escolaridade e promover o desenvolvimento e crescimento do filho*, ambos com 15% cada. Logo depois, vieram os projetos *adquirir residência própria e conciliar família e trabalho*, ambos com 11% cada. Por último, apontaram o projeto de *ampliar o rendimento financeiro*, com 6%.

Em síntese, os projetos de vida dos participantes após o nascimento do bebê giram em torno do trabalho e da família. A fala a seguir ilustra o projeto de vida de um pai: “Criar os filhos e amá-los. Acho que agora ele (filho) é o centro da minha vida. O centro da minha vida virou a família. A coisa mais importante virou a família. Primeiro, minha esposa, depois os

meninos. Agora a gente não pensa mais tanto em mudar de cidade como pensava. Pensa em juntar dinheiro e comprar uma casa e pôr na escola o mais tarde possível” (P7). Perceber o que os pais almejam e quais são suas expectativas e demandas pode auxiliar na construção de políticas públicas para a família e a paternidade.

Sobre quais eram as expectativas dos participantes sobre como ocorreria o relacionamento deles com a mãe do bebê após o nascimento do filho, obteve-se as respostas elucidadas na Tabela 23:

Tabela 23 – Expectativas dos pais sobre o relacionamento deles com a mãe do bebê após o nascimento do filho. Salvador, 2015

Expectativas para o relacionamento pai-mãe	Percentagens*
Haverá fortalecimento da conjugalidade	53%
O foco não será apenas na conjugalidade, mas também na parentalidade	23%
Manter o relacionamento como era antes de ter o filho	17%
Não sabe se será bom ou ruim devido às diferenças de criação que tiveram	07%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Houve um destaque para a expectativa de que, após o nascimento do(a) filho(a), *haverá fortalecimento da conjugalidade*, com 53% dos casos, como ilustram as falas a seguir: “A melhor possível. Temos um relacionamento um muito presente na vida do outro. Vai fortalecer esse laço.” (P1), “Acho que reforça ainda mais a cumplicidade, a questão da estabilidade, porque, por mais que você diga que você oriente, eu acho que a criança percebe que o clima dos pais não está bom. Então, evitar isso ao máximo. Tentar viver no máximo possível em harmonia para que a nossa filha perceba que a gente não está só orientando ela, mas que a gente vive aquilo que a gente fala.” (P15), “Que nós tenhamos um relacionamento passivo, harmonioso, de evitar discussões na frente do nosso filho, de não desautorizar um ao outro” (P28) e “Eu vejo que depois que houve a gravidez, houve uma aproximação maior com ela. Quando minha mãe estava grávida, meu pai sempre tentava agradá-la e estou procurando fazer isso também, como uma forma de agradecer minha esposa” (P30).

Em seguida, apareceu que *o foco não será apenas na conjugalidade, mas também na parentalidade*, com 23% dos casos, como ilustra a fala: “Acho que eu tenho uma expectativa boa, porque a gente já tem um bom relacionamento. É eu acho que vai melhorar, principalmente porque o foco vai deixar de ser eu, né. Vai dividir um pouco o foco. Pouco não, né. Totalmente com o filho.” (P22).

Alguns pais acreditam que irão *manter o relacionamento como era antes de ter o filho* (17%) e poucos *não sabem se será bom ou ruim devido às diferenças de criação que tiveram* (7%).

O fortalecimento da conjugalidade visou dois aspectos: o primeiro deles foi o de manter um bom clima familiar construindo um ambiente adequado para o desenvolvimento do filho e o outro aspecto foi a conjugalidade em si, ou seja, ter uma convivência conjugal satisfatória tanto para o marido quanto para a mulher.

Cabe, ainda, informar que a grande maioria dos participantes (77%) já conversou com a esposa/companheira sobre como vão se organizar para o cuidado e educação do filho. Os assuntos tratados foram: qual seriam a melhor escola e a melhor forma de educação e estudo a serem dados para a criança; dar bons exemplos e transmitir valores familiares e morais para o filho; quem seriam as pessoas que poderiam ajudar nos cuidados com o bebê; como seria a divisão de tarefas para os cuidados com o bebê; sobre a organização do ambiente para receber o bebê e sobre o trabalho da esposa.

As falas a seguir ilustram os assuntos abordados: “A gente não vai ter muita dificuldade com isso não porque a gente tem um berço cultural muito semelhante. Ambos sabemos que a família tem um valor muito grande, que é importante a pessoa ter formação para poder desenvolver suas capacidades para realizar seus sonhos. Então, a gente vai investir nisso.” (P17); “Minha esposa não quer, por exemplo, por ser a casa em cima da casa de minha mãe, ela já falou que não quer envolvimento de ninguém, de nenhum familiar na educação dele. Já nos cuidados, ela quer ajuda de todos. Todos realmente ela quer que contribuam que estejam presentes, que deem carinho e tal, mas para educar na formação de cidadão, ela não quer. Ela quer que seja a gente, que parta de mim e dela” (P19); “Já pensamos em colégio, sobre ele estudar em colégio particular em um período e já se preparar para um colégio militar. Não temos muito dinheiro. Então, temos que nos preocupar com essa parte, mas penso que determinadas coisas que eu não tive, que ele tenha” (P30).

Sobre o trabalho da esposa, enquanto um pai preocupa-se que a mesma retorne logo ao trabalho para aumentar a renda familiar (P13), outro relata a pretensão de a esposa não voltar a trabalhar para cuidar do filho (P16).

4.1.7 Apoio ao casal na gestação do(a) primeiro(a) filho(a)

Ao serem perguntados se, durante o período da gestação, o participante e sua esposa/companheira haviam recebido algum tipo de apoio, todos os pais afirmaram que sim.

Cabe destacar que a grande maioria dos pais (97%) alegou ter recebido apoio de pessoas da família. Assim sendo, a grande maioria dos pais (83%) relatou ter recebido auxílio dos avós do bebê, havendo destaque tanto para a avó materna (27%) quanto paterna (também mencionada por 27% dos participantes), mas também apareceram citações dos avós de modo geral (17%) e do avô materno (3%) e paterno (3%). Desse modo, mesmo havendo a citação de um maior apoio por parte das avós do que dos avôs, não se identificou diferenças entre avós/avôs paternos e maternos neste período de gestação, na perspectiva dos pais.

Ao se investigar o tipo de apoio fornecido pelos avós, verificou-se os seguintes: (a) avó materna: apoiar emocionalmente; colaborar com o enxoval do bebê; orientar sobre os cuidados com o bebê e fazer companhia à grávida; (b) avó paterna: preocupar-se com a gestação; disponibilizar-se para no futuro cuidar o bebê; (c) avô materno: aconselhar; (a) avô paterno: organizar o quarto do bebê; (e) avós/avôs de modo genérico: orientar.

Além disso, 33% relataram ter recebido ajuda de familiares de um modo geral, sem especificar os membros. Foi exemplo de colaboração: solicitando informações sobre o período gestacional; demonstrando preocupações e apoiando tal período e colaborando com o enxoval do bebê.

Foi mencionada, ainda, por 10% dos participantes, a ajuda das tias do bebê, sendo referidas as maternas (7%) e paternas (3%). A colaboração delas foi apontada no sentido de poderem transmitir as experiências adquiridas com os próprios filhos e, em um dos casos, por atuar profissionalmente na área de saúde.

No que diz respeito à colaboração de pessoas do trabalho, somente alguns pais (10%) afirmaram ter recebido tal apoio; sendo que 7% tiveram suporte do patrão/chefe e 3% dos colegas de trabalho. O auxílio dado foi no sentido de flexibilizar horários para que o pai acompanhasse a grávida quando necessário. Houve, ainda, a citação do chefe da grávida que por questão de segurança para a gestação, alterou seu local de trabalho.

A grande maioria dos entrevistados (80%) informou que nesse período de gestação, o casal recebeu apoio de profissionais da saúde ou de hospitais/clínicas. Detalhando tal informação, os pais referiram os apoios: do médico (37%), esclarecendo dúvidas e orientando sobre a gestação; do curso para pais oferecido em hospitais (37%), orientando sobre cuidados

com o bebê; da enfermeira (3%), orientando sobre amamentação; da doula (3%), com sugestões sobre a gestação e o parto.

Ainda é importante salientar que alguns pais (13%) citaram o auxílio de amigos por meio de: companhia à grávida; esclarecimentos sobre gravidez e cuidados com o bebê.

Por fim, cabe mencionar que um dos pais afirmou que receberá apoio da faculdade em que estuda após o nascimento do filho, pois disponibiliza atendimento em instituição de educação infantil.

Além disso, a maioria dos pais (53%) tem em sua residência algum tipo de ajuda profissional doméstica, sendo que 50% têm diaristas e 3% têm babá, por se tratar de uma profissional que trabalha na casa do participante desde a infância dele como sua babá e agora será a babá de seu filho.

Essas observações são concordantes com as de Oliveira e Dessen (2012), no que diz respeito ao apoio prestado, sendo mais oferecido pelos avós da criança, havendo destaque para as avós. Os resultados corroboram com a importância da rede social de apoio para o bem-estar da nova família que se constitui com o nascimento de um bebê.

Os resultados da presente pesquisa destacaram também o apoio de profissionais da saúde ou de hospitais/clínicas, o que revela a importância do desenvolvimento de mais programas de inclusão da participação dos pais e de profissionais que apoiem o nascimento do pai, ou seja, o homem no processo de transição para a paternidade, assim como quando o Ministério da Saúde implantou, em 2008, a Política Nacional de Saúde do Homem que desenvolveu o primeiro Programa que correlacionava a saúde do pai à saúde materno-infantil, chamado “Pré-natal masculino” (BRASIL, 2008). Como, em 2010, quando os profissionais de saúde, por meio de exames, passaram a investigar possíveis doenças que poderiam vir a prejudicar a saúde do pai, da mãe e do feto (BRASIL, 2010).

4.2 DADOS OBTIDOS NA SEMANA POSTERIOR AO PARTO

Os tópicos a seguir apresentam os dados obtidos na primeira semana após o nascimento do(a) primeiro(a) filho(a) exibindo os resultados das respostas coletadas na segunda fase de entrevista realizada com os pais, expondo questões sobre o envolvimento do pai no parto e na primeira semana de vida do bebê.

4.2.1 Envolvimento paterno no momento do parto

O planejamento sobre o tipo de parto era o seguinte: a maioria dos pais (53%) informou que a expectativa do casal era a de realizar parto natural; muitos pais (43%) disseram querer parto cesáreo e apenas 3% deles não havia planejado o parto. No entanto, na prática, a maioria dos partos (73%) foi cesáreo e 27% deles foram naturais⁸.

Ao se perguntar sobre como foi o parto do filho, os pais apresentaram as seguintes respostas que constam na Tabela 24:

Tabela 24 – Como foi o parto do filho. Salvador, 2015

Como foi o parto do filho	Percentagens*
Ocorreu tudo bem	43%
O casal planejava parto natural, mas precisou ser cesáreo	20%
O parto ocorreu antes do esperado	20%
O parto ocorreu depois do esperado	17%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Muitos pais (43%) disseram que ocorreu tudo bem no parto, que foi muito bom e bonito, como é exemplificado na fala “Foi bem. Foi cesáreo.” (P24) e “Foi natural. Foi muito bom.” (P26). Alguns pais (20%) informaram que o casal planejava parto natural, mas precisou ser cesáreo por diversas questões como: o tamanho grande do bebê; não haver dilatação suficiente; diminuição dos batimentos cardíacos do bebê; a mãe não entrou em trabalho de parto; e posição do bebê. Um exemplo disso é a fala: “O parto foi bem, mas, no dia, foi um susto danado, porque a gente foi para a consulta que era a última consulta do obstetra, aí o doutor achou o batimento do coração dele muito fraquinho e a gente saiu correndo do consultório para o hospital. Chegou lá, a médica que eu acho que era até plantonista da equipe do doutor falou ‘olha, a gente vai ter que fazer o parto agora’, porque ela (refere-se à filha) estava correndo risco de vida e porque o coração dela estava batendo devagar e aí foi aquela correria. Foi uma correria lá, mas foi tudo bem. Foi cesáreo, mas ela (refere-se à esposa) queria tentar parto normal.” (P14).

Além disso, 20% dos entrevistados alegaram que o parto ocorreu antes do esperado, por alguns dias ou horas, como se pode ver no relato seguinte: “O parto, em si, eu não vi. Não presenciei, porque eu estava no trabalho, não estava previsto para quarta, tinha sido marcado para quinta, mas veio na quarta. Foi cesáreo, minha cunhada que pegou minha esposa e levou para o hospital na quarta, porque ela tinha consulta com o anestesista. Ela foi ao banheiro, aí

⁸ Dados sobre a gravidez, o sexo do bebê e o tipo de parto constam na Tabela 56 (Apêndice D).

viu que já estava saindo um líquido. Ela ligou para a médica e a médica falou que era para ela entrar na emergência que ela já estava em trabalho de parto. Ela já estava com dilatação. Quando minha filha nasceu, eu estava no engarrafamento, fui pegar as roupinhas dela em casa. Como foi cesariana, eu estava ansioso, preocupado com minha esposa e com minha filha, com a saúde das duas. Cheguei no hospital e vi minha esposa primeiro e depois minha cunhada me levou até o berçário para eu ver minha filha. Quando eu vi que estava tudo bem, eu sosseguei.” (P16).

Outros pais (17%) informaram que o parto ocorreu depois do esperado, tanto pelo tempo de espera, por ser parto natural, quanto pela espera do médico que estava em outro atendimento, como é ilustrado na fala: “Não foi fácil. Foi um parto difícil e demorado. Foi um parto natural. Ela queria que fosse natural. Demorou de nascer. Não foi tão fácil quanto ela imaginava. Eu também imaginava que fosse mais rápido.” (P3).

Os pais participaram do parto de diferentes formas: a grande maioria (93%) esteve presente na sala de parto, sendo que lá apoiou a esposa, ficou atento ao parto e aos procedimentos médicos, tirou fotos, filmou o parto e pegou o(a) filho(a) no colo. A fala a seguir ilustra o apoio do pai à esposa no momento do parto: “Participei. Eu entrei na sala, acompanhei o parto, tudo normal. [...] A minha preocupação era só confortar minha esposa, ficar ali acompanhando, segurando a cabeça dela.” (P11).

Um pai acompanhou o parto pela janela de vidro que mostra a sala de parto em decorrência de que havia sofrimento fetal (batimentos cardíacos com baixa frequência) e não houve tempo para preparativos de entrada do pai.

Apenas um pai não participou do parto. Como explicitado anteriormente, a esposa foi a uma consulta na companhia da irmã. De lá foi indicado que fizesse o parto naquele momento. Assim, o pai saiu do trabalho e foi buscar as roupas do bebê em casa. Em decorrência do trânsito e desse percurso, não presenciou o momento do parto. De qualquer modo, mesmo que estivesse no hospital, o pai disse que não entraria na sala de parto por alegar não ter coragem para tanto. Sendo assim, quando chegou ao hospital, foi ver a esposa que já estava no quarto e, logo em seguida, a filha no berçário.

Sobre como foi o envolvimento paterno no momento do parto, os entrevistados apresentaram várias respostas, como consta na Tabela 25:

Tabela 25 – Envolvimento paterno no momento do parto. Salvador, 2015

Envolvimento paterno no momento do parto	Percentagens*
O próprio reconhecimento da paternidade ao ver o(a) filho(a)/emoção pelo nascimento	30%
Carregar o filho no colo	17%
Proteger o bebê	17%
De forma indireta, apoiando a esposa	17%
Esteve presente no parto transmitindo amor/carinho	05%
Conversou com o bebê	05%
Fazendo registros	05%
Limpou o bebê	03%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (40).

Destacou-se nas falas dos entrevistados *o próprio reconhecimento da paternidade ao ver o(a) filho(a)/emoção pelo nascimento*, com 30% das respostas, sendo exemplificado em: “Eu estava ansioso porque eu já conversava, eu tentava interagir com ela (filha) a partir da barriga da mãe. Então, eu queria mesmo falar com ela, segurar ela, encontrar com ela pessoalmente, poder confirmar se ela reagia à minha voz, se ela já estava acostumada. Eu estava esperando por isso. E conhecer, saber quem era essa pessoazinha que estava chegando para fazer parte da família, que até então a gente só sabia que tinha alguém ali na barriga, mas nunca tinha visto, olhado no olho, dado uma cheirada. Então, isso foi importante, acontecer tudo isso.” (P17) e “As pessoas que estavam auxiliando no parto acharam que eu estava nervoso, mas eu não estava. Eu estava mais emocionado.” (P3).

Carregar o filho no colo, com 17% das respostas, pode ser ilustrado com a fala: “Aí eu peguei, beijei, abracei e levei para a mãe pegar” (P28). Também com 17%, apareceu a resposta *proteger o bebê*, ou seja, verificar se o bebê estava sendo cuidado adequadamente e evitar troca ou desaparecimento da criança, como é ilustrado na fala: “O mais próximo possível, sempre ficando próximo do berçário, de olho para ninguém trocar. Quando minha filha foi para o quarto, eu fiquei o mais próximo possível.” (P13). Igualmente, com 17%, os entrevistados falaram que o envolvimento ocorreu *de forma indireta, apoiando a esposa*, como é exemplificado em “No momento do parto, meu envolvimento foi muito pouco, né. Afinal de contas, eu estava atrás da cortina. Eu não gosto muito de sangue, eu não gosto muito dessa coisa de ver a minha esposa ali com a barriga aberta. Então, eu estava atrás da cortina e, no momento do parto, meu envolvimento era com minha esposa na verdade, não com minha filha.” (P11).

Apareceram respostas relativas a *estar presente no parto transmitindo amor/carinho*, sendo ilustrada em: “Estive ao lado dela (filha) tentando mostrar que estava ali para proteger e dar muito amor naquele novo momento da vida dela.” (P27); *conversou com o bebê* (5%) para

acalmá-lo ou incentivá-lo a nascer, pode ser exemplificado na fala: “Eu falava com as duas (esposa e filha), eu falava com ela (refere-se à filha): - Vamos! Já está na hora. A gente está te esperando aqui.” (P26); e *fazendo registros* (5%), quer dizer, fotografando, filmando. Apenas um pai (3%) apresentou como resposta que *limpou o bebê*, como pode ser visto na fala: “A primeira limpa, o primeiro mecônio, quem limpou foi eu. O umbigo, eu que limpei.” (P11).

Na sequência, os entrevistados foram questionados sobre como eles vivenciaram a experiência de ver o(a) seu/sua filho(a) pela primeira vez. As respostas foram diversas, como pode ser visto a seguir, na Tabela 26.

Tabela 26 – Experiência do pai ao ver o(a) seu/sua filho(a) pela primeira vez. Salvador, 2015

Experiência de ver o(a) filho(a) pela primeira vez	Percentagens*
Grande satisfação/emoção	48%
Ficou contemplando o bebê	18%
Preocupação/expectativa	11%
Passou a ter noção concreta de que é pai	09%
Reconhecimento de um milagre	07%
Houve reconhecimento da fragilidade do bebê	07%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (45).

Destacou-se *grande satisfação/emoção*, com 48% das respostas, sendo ilustrada na fala: “Foi bem o que a gente já vinha discutindo antes que eu já tinha assistido alguns partos por conta da profissão, mas a emoção de ver o meu filho foi diferente da emoção de ter visto outros partos. Na hora deu vontade de chorar, deu vontade de desmaiar, tremedeira nas pernas foi uma emoção bem forte.” (P19).

Logo depois, foi apontada a resposta *ficou contemplando o bebê*, com 18% das respostas, quando o pai tentou conhecer o(a) filho(a) e identificar semelhanças entre eles, como pode ser exemplificado com a fala: “Sensacional. Ela nasceu muito parecida comigo. Na hora que você vê aquela coisinha linda, maravilhosa, fruto seu, parecida com você, é perfeito, sem palavras. Quando eu a vi nascer, ela ficou metade do lado de dentro e metade do lado de fora, olhando para minha esposa e chorando, e minha esposa chorando também. Foi um momento muito impactante, de muita alegria, parecia que uma estava chamando a outra, com os braços abertos.” (P9).

Foi relatada *preocupação/expectativa*, em 11% das respostas, no sentido de saber se estava tudo bem com o bebê. A fala a seguir ilustra tal resposta: “Eu fiquei um pouco sem entender direito a situação. Eu fiquei com preocupação se saiu tudo bem, porque ela sai toda sujinha. A gente fica meio assustado, no sentido de saber se já está tudo bem. Então, quando

eu a vi no berçário, já foi uma visão diferente. Eu já estava mais tranquilo e ela já tinha passado pelos médicos. Já estava tudo ok.” (P1).

Na primeira experiência direta com o filho, alguns entrevistados disseram que *passaram a ter a noção concreta de que é pai* (9%). É exemplo de tal resposta a fala: “Entre vidros. Ah cara! Emoção muito grande. Eu não parava de chorar. A emoção é uma coisa que não tem explicação. Eu não sei se o pai, apesar de a mãe estar carregando ali, naquela coisa, mas, por mais que o pai se envolva, só naquela hora do nascimento ali, eu acho que o pai tem é uma real situação. Eu, então, não conseguia parar de chorar.” (P14).

Ainda alguns pais *reconheciam a fragilidade do bebê* (7%), como pode ser ilustrado na fala: “Ah um choque. Um susto. [...] E a equipe médica é muito tranquila, já entrega aquele bebê lambuzado mesmo para você, sabe, com o cordão umbilical e fala: - ‘Toma aí que é seu. Mãe, abraça! Pai, beija pai! Beija, mãe!’ Você acha aquilo ali tão delicado, tão singelo, que você fica: ‘Ai meu Deus! Eu não posso abraçar, não posso beijar, não posso nem pegar.’ E o médico não, o médico fala justamente o contrário: - ‘Não, beija! Não, abraça! Não, pegue!’ Então, você fica muito receoso, mas aí vai dando uns segundinhos e você vai se acostumando. [...] E aí você se sente mais à vontade de pegar na mãozinha, de passar a mão, de pegar na cabeça.” (P15).

Por fim, em algumas respostas (7%), os pais apresentaram nas falas o *reconhecimento de um milagre*, como pode ser visto a seguir: “A primeira vez foi surpresa. Meu Deus! Tinha uma menina dentro da barriga de minha mulher e essa menina saiu e de repente, pluf, sai começa a chorar e a comer. É um milagre.” (P7).

Logo depois perguntou-se aos entrevistados sobre como eles vivenciaram a experiência de segurar o bebê no colo pela primeira vez. As respostas foram diversas, como pode ser visto a seguir, na Tabela 27.

Tabela 27 - Experiência do pai de segurar o bebê no colo pela primeira vez. Salvador, 2015

Experiência de segurar o bebê no colo pela primeira vez	Percentagens*
Com satisfação/prazer/emoção	36%
Teve bastante cuidado ao segurar o bebê	36%
Passou a ter a noção concreta de que era pai	15%
Sentiu-se seguro para carregar o bebê	13%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (39).

Houve destaque para a resposta *com satisfação/prazer/emoção*, 36% das respostas, sendo ilustrada na fala: “Quando botou no meu colo, rapaz é algo muito forte. Muito forte mesmo. É único. Eu já sabia disso, mas eu senti, até então eu não tinha sentido. É muito bom.” (P5). Também, com 36% das respostas, os pais falaram que *tiveram bastante cuidado ao segurar o bebê*, tanto pela fragilidade do filho, quanto pela inexperiência de carregar bebê, como pode ser ilustrado nas seguintes falas: “Foi com muito cuidado, com medo, porque ele (bebê) é muito pequenininho. Todo frágil, mas é confortante. Uma coisinha tão pequenininha, tão frágil.” (P6) e “Fiquei com medo e nervoso.” (P18).

Ao segurar o bebê no colo pela primeira vez, alguns entrevistados disseram que *passaram a ter a noção concreta de que eram pais* (15%), inclusive de responsabilidade, de proteção, de que o filho é parte dele, como mostra a seguinte fala: “Muito bom, muito gostoso, era como se eu estivesse me pegando no colo, era como se ele fizesse parte de mim.” (P10).

Por fim, alguns pais alegaram que *se sentiam seguros para carregar o bebê* (13%), como ilustra a fala: “Uma emoção também muito diferente e ao mesmo tempo surpreendente, porque eu nunca peguei um recém-nascido e, com meu filho, eu parecia um *expert*, porque ele é todo molinho, todo sensível e eu peguei, quebrando os paradigmas. Hoje em dia, eu pego qualquer recém-nascido de boa.” (P25).

Pode-se perceber, ainda, que em relação a pegar o bebê no colo, alguns entrevistados pareciam esperar serem “autorizados” a carregar o filho pela equipe médica e pela família, sendo que alguns pais foram incentivados a carregar o bebê logo após o parto, inclusive primeiro que a mãe, mas algumas equipes só entregavam para a mãe ou após procedimentos de cuidados iniciais. Observa-se a iniciativa do pai seja para querer pegar logo ou demorar um pouco mais para adquirir confiança. Além disso, é colocada a função ao pai de pegar o bebê no colo para apresentar aos familiares.

Tais dados do presente estudo se assemelham com os resultados de pesquisas realizadas por Piccinini et al. (2004) ao identificarem que os pais que se envolveram com o parto manifestaram carinho e apoio à esposa e viram a necessidade da dedicação pós-parto. Resultado encontrado no estudo de Tomereli (2007), que destaca a presença do pai no parto fazendo carinho e ajudando a mãe, que costuma estar tensa e ansiosa, a sentir-se mais segura, acolhida e tranquila. A participação do pai no parto reforçou o sentimento de responsabilidade e sua transição para a paternidade. Esse destaque também foi identificado na pesquisa de Carvalho (2002), que retratou a entrada do pai na hora do parto como um processo que facilita

a formação de vínculos entre o pai, o bebê e a mãe, favorecendo a construção de novos modelos para a paternidade.

Na sequência, foi perguntado aos entrevistados como tem sido se deparar com o bebê concreto, real, e as respostas foram agrupadas conforme consta na Tabela 28:

Tabela 28 – Como tem sido para o pai se deparar com o bebê concreto, real. Salvador, 2015

Como tem sido para o pai se deparar com o bebê concreto, real	Percentagens*
Satisfação/noção de completude	35%
Ampliou a noção de responsabilidade	30%
Tem buscado conhecer o bebê	19%
Passou a ter noção concreta de que é pai	14%
Passou a ter uma maior compreensão sobre os próprios pais	02%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (43).

Destacou-se *satisfação/noção de completude*, com 35% das respostas, sendo ilustrativa a fala: “Ah, uma coisa maravilhosa. Assim, sua cabeça muda, porque você sai de casa querendo voltar. Muitas vezes você não quer sair de casa querendo ficar um pouquinho mais com ele. A ficha cai, mas você fica tão maravilhado. Pelo que eu falo, eu sempre queria ter um filho. E eu fiquei super feliz.” (P14).

Os pais relatam, ainda, que *ampliou a noção de responsabilidade*, com 30% das respostas, como é exemplificado em: “Rapaz, esse primeiro mês dá trabalho. É legal, mas dá trabalho. O bichinho chora bastante e a gente não dorme direito, mas, mesmo assim, a gente fica louco para chegar em casa. Estar com ele é ótimo. A gente começa a cair na real e a responsabilidade que você tem com aquela vida, ali, pequenininha, que depende de você.” (P6).

Alguns pais (19%) alegaram *ter buscado conhecer o bebê*, suas capacidades, características e preferências, como mostram as seguintes falas: “Bem, no início teve surpresa e estranhamento. Eu não esperava, eu não previ que isso fosse acontecer. Foi amor à primeira vista, mas também foi estranhamento à primeira vista. Devagarzinho, eu fui me apegando e fui conhecendo, porque minha filha era uma ilustre desconhecida. Depois: - ‘Olha! Ela coloca a mão igual a como a gente viu que ela fazia no ultrassom. Olha! Ela gosta daquela música que eu toco no piano, que ela já gostava quando estava na barriga.’ Aí, eu fui associando que a mesma menina que estava na barriga era a menina que agora está fora, mas me surpreendeu

esse estranhamento. Quando minha filha está ativa, tem um bebê conforto em cima do piano. Aí eu coloco ela lá, toco piano e ela adora. Aí fica ouvindo, não dorme, mas dá para ver que ela gosta, porque ela relaxa na hora. Aí eu sei que ela está gostando.” (P7) e “Não é mais o bebê ideal, né. Está sendo fantástico. Eu já estou há cinco dias com ela (refere-se à filha) e já estou vivendo várias coisas que antes eu só imaginava. Ah, como é que é para segurar, como é que faz quando ela chora, quando ela soluça. A gente fica o tempo todo procurando a solução. Eu já estou começando a conhecer algumas feições que ela faz e qual carinho que faz na hora que ela está mais inquieta.” (P26).

Alguns participantes (14% das respostas) *passaram a ter noção concreta de que é pai*, como ilustra a seguinte fala: “A sensação real que eu tive é que eu estava ao lado de outra pessoa: eu mesmo. E que, daqui para frente, minha vida nunca seria mais a mesma. Diretamente relacionada ao nascimento, entre todas as preocupações, entre todos os projetos, todos os planos, tudo voltado para meu filho e eu me senti ao lado de uma outra pessoa. O senso de responsabilidade é outro. Eu senti que estava abandonando uma vida, uma casca e assumindo uma outra vida, muito melhor.” (P25). Essa fala revela a transição para a paternidade.

Apenas um pai (P10) disse que ao se deparar com o bebê concreto, real, *passou a ter uma maior compreensão sobre os próprios pais*.

Ao serem questionados sobre o que favoreceu o seu envolvimento no parto, os entrevistados deram várias respostas, como pode ser visto a seguir, na Tabela 29.

Tabela 29 – O que favoreceu o envolvimento paterno no parto. Salvador, 2015

O que favoreceu o envolvimento paterno no parto	Percentagens*
CARACTERÍSTICAS DA INSTITUIÇÃO/EQUIPE DE SAÚDE	
Poder estar na sala do parto	43%
Equipe profissional atenciosa/eficiente e de confiança	30%
CARACTERÍSTICAS DO PAI	
O desejo de ser pai e envolvimento na gestação	27%
Satisfação pelo nascimento/amor pelo bebê	20%
Ser profissional da área de saúde	10%
Ser cristão	03%
CARACTERÍSTICAS DO CASAL	
Desejo conjunto do casal de o pai participar do parto	27%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma coisa que favoreceu. A percentagem foi realizada considerando o número total de participantes (n=30).

Como algo que favoreceu o envolvimento paterno no parto, muitos pais (43%) alegaram o fato de *poder estar na sala do parto*, apoiando a esposa e vendo o bebê, como foi ilustrado na fala: “Eu dei muito incentivo à minha esposa, conversei com ela. A minha melhor atuação foi para dar segurança à minha esposa, que também estava assustada. Era a primeira

vez que ela passava por uma situação dessas. Para mim, foi muito importante passar segurança para ela.” (P1).

A *equipe profissional* foi apontada em 30% das respostas como *atenciosa, eficiente e de confiança*, aspecto que facilitou para que o parto ocorresse conforme planejamento da grávida e do pai, equipe que orientava e favorecia o envolvimento, como pode-se ver nas falas: “O médico me incentivou a estar ao lado sim.” (P24) e “Primeiro, que a gente tinha uma obstetra que era da minha confiança e fez as coisas do parto de modo a me ajudar a participar.” (P7).

O *desejo de ser pai e envolvimento na gestação* também apareceu como favorecedor do envolvimento paterno no parto, assim como o *desejo conjunto do casal de o pai participar do parto*, ambos com 27% das respostas cada. A primeira é exemplificada no relato: “Os nove meses de espera. Agora é real, é vivo, depende de você” (P25) e a segunda é ilustrada na fala: “A minha vontade, a vontade da minha esposa e o hospital ter possibilitado. Minha vontade de ver e participar. Foi isso, o parto que eu não iria perder.” (P10).

Outro favorecedor foi a *satisfação pelo nascimento/amor pelo bebê*, com 20% das respostas, sendo ilustrado na fala: “Foi mais o amor. Depois de ver, foi mais amor, mais afeto.” (P16).

Alguns pais (10%) disseram que *o fato de ser profissional de saúde* (um médico, um fisioterapeuta e um enfermeiro) favoreceu o envolvimento no parto, como se pode ver na fala: “Favoreceu ser da área. O primeiro ponto foi ser da área de saúde. Para mim, aquela vivência dentro daquele ambiente já foi tranquilo.” (P19).

Apenas um pai alegou *ser cristão* (3%) como favorecedor do envolvimento no parto: “Eu acredito que, por ser cristão e estar casado, além da educação que meus pais me deram. Diferente de outras pessoas que têm filhos fora do casamento ou resolvem se separar, a educação que meus pais me deram foi de ter responsabilidade, de saber das consequências e sofrer as consequências. Não que seja ruim. Ter a responsabilidade, o casamento e a família como algo eterno, isto que quero dizer. Isto para mim facilitou muito o meu envolvimento, quando a gente casa a gente diz que é até que a morte nos separe, a educação que recebi é até que a morte os separe. Se estivermos com problema, temos que resolver e não separar.” (P30).

Ao serem perguntados sobre o que dificultou o seu envolvimento no momento do parto, muitos pais (30%) alegaram que não houve dificuldade. Os que disseram ter algo/alguém que dificultou, responderam conforme é apresentado na Tabela 30, a seguir:

Tabela 30 - O que dificultou o envolvimento paterno no momento do parto. Salvador, 2015

O que dificultou o envolvimento paterno no momento do parto	Percentagens*
CARACTERÍSTICAS DO PAI	
Medo	28%
Desconhecimento sobre o parto/falta de experiência	17%
Ansiedade do pai/nervosismo	13%
CARACTERÍSTICA DA INSTITUIÇÃO/EQUIPE DE SAÚDE	
Rotina rígida do hospital	13%
CARACTERÍSTICAS DO FILHO	
O filho ter que ficar em observação	03%
INFLUÊNCIAS EXTERNAS	
Família de origem residir em outra cidade	03%
CARACTERÍSTICA DA MÃE	
Dificuldade na convivência com a mãe do bebê	03%
NADA DIFICULTOU	23%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma dificuldade. A percentagem foi realizada considerando o número total de participantes (n=30).

O que mais apareceu como dificultador do envolvimento paterno no parto foi o *medo* (28% das respostas), sendo informado o medo pela demora do nascimento, de ver sangue, de estar em hospital, de atrapalhar a equipe médica, de algo não dar certo, de o filho ter alguma deficiência como outro familiar, como é ilustrado na fala a seguir: “O meu medo de algumas coisas. Receio também de atrapalhar a equipe médica. Só isso.” (P20).

O *desconhecimento sobre o parto/falta de experiência* apareceu, com 17% das respostas, como mostra a fala: “Acho que a principal dificuldade é a falta de experiência, o desconhecimento de algumas coisas que você vai aprendendo no o dia a dia. Como sou marinheiro de primeira viagem, termina que você desconhece algumas coisinhas, que aí vem uma enfermeira e lhe ensina, vem uma auxiliar e lhe ensina, mas isso que dificultou.” (P11).

Também foi mencionada *ansiedade e nervosismo do pai* (13%), devido as intercorrências relativas à saúde do bebê, para saber se estava tudo bem, como pode-se ver no relato: “Só tive mesmo apreensão, ansioso, porque a gente não tem o conhecimento.” (P1).

A *rotina rígida do hospital* (13%) foi apontada como dificultadora do envolvimento paterno no parto, tanto por profissionais que não consideravam as especificidades de cada caso, quanto pela burocracia da instituição, o que pode ser visto em: “Primeiro, o parto hospitalar, o hospital. Aí você fica como visita e tem que sair para resolver as coisas da internação. A menina vai para o berçário. Aí fica três horas no berçário e você tem que ficar em cima. Eu senti muito o hospital. A dinâmica do hospital atrapalhou muito. Eu repensei várias coisas enquanto profissional. A gente é muito intervencionista. Eu já tinha pensado nisso, lido sobre isso, mas é diferente quando é na sua pele, porque o que eu vi de minha filha, foi uma menina que nasceu bem, normal, com parto de baixo risco, mas que se não tivesse acontecido logo na emergência não iria ficar com a mãe, não iria mamar no peito, iriam botar

uma sonda no nariz dela, depois iriam levar para UTI neonatal, ficar de três a seis horas na UTI neonatal sem a mãe, para um menino que não precisa, porque nasceu bem. Não teve tudo isso, mas teve ameaça disso que foi a hora que ela foi para o berçário fazer a rotina. Tudo isso, porque o hospital só funciona dessa forma. Essas coisas do hospital que dificultou.” (P7).

O filho *ter que ficar em observação* e a *família de origem residir em outra cidade* foram apontados apenas por P14 (3%) e a *dificuldade na convivência com a mãe do bebê* foi dita pelo P26.

Em síntese, os dados obtidos revelaram que, de modo geral, os pais sabem pouco sobre os procedimentos médicos do parto, e manifestam pouca clareza sobre como participar deste momento.

Os entrevistados foram questionados sobre seu relacionamento com a esposa nesse período da primeira semana de vida do filho, o que foi retratado na Tabela 31, a seguir:

Tabela 31 - Relacionamento com a esposa na primeira semana de vida do(a) filho(a). Salvador, 2015

Relacionamento com a esposa na primeira semana de vida do(a) filho(a)	Percentagens*
A chegada do filho fortaleceu o relacionamento conjugal	87%
O casal entra em acordo em relação às decisões sobre o filho	17%
A esposa passou a focalizar o filho em detrimento do marido	13%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma resposta sobre seu relacionamento com a esposa. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

No que diz respeito ao relacionamento com a esposa nessa primeira semana após o parto, a grande maioria dos participantes revelou que a chegada do(a) filho(a) fortaleceu o relacionamento conjugal (87%), além de haver decisões conjuntas sobre a vida do bebê (17%). No entanto, 13% dos pais se queixaram de que suas esposas passaram a focalizar o(a) filho(a) em detrimento do marido.

Foi perguntado se os entrevistados deram apoio à esposa nessa primeira semana de nascimento do bebê, tais dados constam na Tabela 32 a seguir:

Tabela 32 – Apoio à esposa na primeira semana de nascimento do(a) filho(a). Salvador, 2015

Apoio à esposa na primeira semana de nascimento do bebê	Percentagens
Tem cuidado com a saúde e o descanso da esposa	73%
Apoio psicológico	23%
Apoio em tarefas domésticas	07%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de um apoio à esposa. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

Os participantes informaram que têm apoiado as esposas principalmente tendo *cuidados com a saúde e o descanso delas* (73%), assim como fornecendo *apoio psicológico*

(23%) e *realizando tarefas domésticas* (7%), como arrumar a cama do bebê, lavar a roupa da criança e fazer supermercado.

4.2.2 Envolvimento paterno nos primeiros dias de vida do bebê

Os entrevistados foram questionados sobre como havia sido seu envolvimento com o bebê nos primeiros dias de vida dele. Diante disso, foram apresentadas diversas formas de envolvimento: preocupações gerais; provimento financeiro; cuidados físicos; registro da criança no cartório; transportar o bebê da maternidade para casa; levar o bebê para consultas/exames médicos e para tomar vacina; brincar com o recém-nascido; além de outros tipos de interação.

Sobre as *preocupações gerais*, destacou-se a relativa à saúde do bebê (57% dos entrevistados), o que pode ser ilustrado na fala: “No primeiro dia foi sinistro, pois toda hora eu acordava, queria ver se ela estava respirando, foi meio complicado.” (P22). Outra preocupação bastante apontada foi de ficar atento ao choro do bebê (23% dos entrevistados), como é relatado em: “Como a gente não pode interagir muito com o recém-nascido, é aquela coisa de um tentando entender o outro. Meu filho tentando me entender e eu tentando entender ele. Então, o envolvimento tem sido este, um conhecendo o outro. Tentado ficar atento a estes momentos de choro principalmente.” (P4). Nessa resposta, pode-se perceber que o pai está sensível às necessidades do bebê, tentando compreender as reações de choro do filho.

Os pais também ficam preocupados em saber como o filho está a cada momento (10% dos entrevistados). Exemplo disso é a fala seguinte: “Sempre preocupado, sempre ligando, sempre perguntando: e aí? Ela já mamou? Ela já dormiu?” (P16). Ou seja, mesmo quando o pai não está presente, ele está envolvido com o(a) filho(a), preocupando-se com coisas da rotina do bebê.

Foram relatadas, ainda, preocupações com o futuro e a educação do(a) filho(a) (10% dos entrevistados), como é exemplificado na fala: “Quando a gente vai ter um filho, sempre pensa que a cada dia que passa o mundo está mais difícil. Principalmente educação, é algo que a gente sempre pensa.” (P24).

Proteger o bebê foi relatado por um pai (3% dos casos): “Eu me preocupo se ele está respirando, quando ele fica com cólica. Eu me preocupo com a cabecinha dele que é molinha na hora de pegar. Eu me preocupo na hora da mama, para minha esposa não dormir e derrubar

o bebê. Então, eu fico junto, eu acordo, eu acompanho, na medida em que eu posso, porque tem horas também que eu não aguento, mas o máximo que eu posso eu fico ali.” (P3).

O segundo item investigado sobre envolvimento paterno nos primeiros dias de vida da criança foi sobre o *provimento financeiro* familiar, como é apresentado a seguir.

A maioria dos pais (73%) informou que provê financeiramente a família, enquanto muitos pais (27%) relataram que o casal se organizou antecipadamente para prover as necessidades financeiras do bebê, como ilustra a fala: “Quando eu soube que a gente iria ter alta, aliás, desde que minha filha nasceu, diariamente eu sempre vinha em casa e arrumava mais alguma coisa. O berço já estava pronto, aí eu terminava de ajeitar a casa. Dava para fazer mais uma limpeza. Chamei uma pessoa para arrumar. Isso faz parte de preparar o ambiente que vai receber minha esposa e minha filha. Providenciei que uma amiga nossa viesse em casa para lavar as roupas de minha filha que já estavam sujas do uso do hospital mesmo, para que a gente tivesse todo o nosso estoque à disposição. Quando a gente soube do dia da alta, eu ainda fui fazer uma última limpeza no carro, terminar de verificar se o banquinho estava bem instalado e fiz a compra de um pouco mais do que a gente ia precisar: sabia que não ia ser alimentação exclusiva no peito, então já comprei um pacote de leite para lactentes, mais algodão, mais cotonete, para que a casa estivesse abastecida daquilo que precisa.” (P17). Dessa forma, o pai conta que provê deixando a casa abastecida, arrumada e limpa para que nada faltasse à filha.

Dando continuidade à compreensão de como o pai está se envolvendo com o filho nos primeiros dias de vida da criança, o terceiro item foi sobre *cuidados físicos com o recém-nascido*, o que foi descrito a seguir na Tabela 33.

Tabela 33 - Envolvimento paterno relativo aos cuidados físicos nos primeiros dias de vida do bebê. Salvador, 2015

Cuidados físicos	Percentagens*
Colocar para arrotar	77%
Trocar fraldas	73%
Acordar à noite para atender o bebê	70%
Dar banho no bebê	30%
Dar mamadeira ao bebê (alimentar)	13%
Colocar o bebê para dormir	13%
Carregar o bebê	07%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de um cuidado físico. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

O cuidado físico exercido pela grande maioria dos pais (77%) foi colocar o recém-nascido para arrotar, como ilustram as falas a seguir: “No começo eu estava sentindo dificuldade com a posição, [...] mas aí a gente foi na pediatra e ela ensinou uma posição melhor. Agora está tranquilo. Ela não está nem arrotando tanto. Eu acho que ela está pegando bem o peito, mas também golfou uma vez só, duas. No começo a gente estava com dificuldades, mas depois agora a gente está com uma posição.” (P12) e “Geralmente sou eu quem põe para arrotar. Eu coloco ela em pé e dou de levinho uns toquinhos nas costas, até porque não está fácil dela (refere-se a mãe do bebê) carregar peso e para colocar para arrotar é preciso de um pouco mais de força.” (P26).

A maioria dos pais (73%) troca fraldas, o que pode ser visto nas falas “Já troquei uma vez só a fralda. Mas acompanho sempre né, para tentar e ver tudo certinho e fazer da próxima vez.” (P13) e “Sempre estou à disposição para troca de fraldas.” (P27).

A maioria dos pais (70%) também acorda à noite para atender o bebê. Esse tipo de envolvimento é constatado na fala “Já estou acostumado a levantar durante a noite. Acordo sempre para ajudar.” (P20).

Além disso, 30% dos pais relataram que dão banho no recém-nascido ou auxiliam na realização desta atividade, como se pode verificar nas falas seguintes: “Hoje meu papel no banho é deixar ele mais tranquilo. Eu seguro ele, brinco, canto, distraio ele, porque o recém-nascido não é muito chegado ao banho. Então, quando tira a roupa dele, ele sente frio e chora. Então, meu papel no banho é esse.” (P25) e “Eu aprendi no hospital a dar banho. No primeiro dia as enfermeiras que dão e no segundo dia já são os pais que dão.” (P28).

Alguns pais (13%) alimentam o bebê dando leite na mamadeira, o que é ilustrado na fala “A gente teve dificuldades. A mãe teve certa dificuldade para tirar o leite. Ele precisou tomar o leite para lactentes. Eu já dei leite na mamadeira” (P2). É importante salientar que os pais que informaram não alimentar o bebê, justificaram que o mesmo está sendo amamentado somente no peito da mãe, mas que estão envolvidos nesse momento, providenciando o que é necessário fazer para esse tipo de cuidado, o que é ilustrado na fala: “Exceto na amamentação em si, porque não tem como eu ajudar, né. Toda a outra parte de ferver água, arrumar a panelinha, tudo isso geralmente eu que estou fazendo.” (P26).

Os pais também colocam o bebê para dormir (13% dos entrevistados), como é exemplificado no relato “Botei para dormir, [...] passei a noite em claro.” (P5).

Ainda há alguns pais (7%) que levam o bebê para a mãe, realizando o traslado do berço para o colo da mãe, o que é ilustrado na fala: “Eu só levanto e dou o bebê para ela, mas eu estou sempre ali. Levantou para mamar, eu levanto junto, mesmo que não vá fazer nada, só

pra dar apoio para ela, a mãe. Eu levanto, quando ela diz ‘pode dormir’ eu digo ‘não quer que eu carregue ele um pouquinho, bote para arrotar, bote para pegar no sono?’ Ela diz ‘não, deixa que eu dou de mamar, boto para arrotar e boto para dormir’. Então eu digo ‘tranquilo’. Aí eu vou, deito para dormir, mas eu estou tentando acompanhar todos os momentos.” (P19).

Todos os pais foram registrar o filho no cartório. Tal momento foi relatado tanto de forma positiva: “Foi tranquilo. Cheguei com os documentos e não teve empecilho.” (P10); quanto de forma negativa, com o pai informando dificuldades para registrar: “Deixei a esposa em casa e fui fazer o registro. Espantei-me porque muitas mães vão com os filhos para não pegar fila. Foi uma fila imensa. Fui em dois cartórios errados e no terceiro que fui, encontrei o que eu deveria fazer o registro, aí fiz o registro tranquilo” (P23) e “Foi um tumulto né. Demorou muito. Recebi o registro com erro, que tive de corrigir.” (P2).

A quinta questão sobre envolvimento paterno nos primeiros dias de vida da criança, foi sobre *levar a criança do hospital para casa*, os resultados relativos a tal questão revelam que a grande maioria dos pais realizou tal transporte. No entanto, um pai (P3), 3% dos casos, relatou que teve o auxílio do sogro, outro pai (P8), 3% dos casos, informou que o cunhado ajudou e um terceiro pai (P5), 3% dos casos, contou com o apoio da sogra e dos pais para transportar a esposa e o recém-nascido. Apenas um pai (P10), 3% dos casos, não pôde transportar o bebê. O entrevistado justificou que na alta hospitalar havia se machucado ao fazer as mudanças da casa e, portanto, estava na emergência tomando medicamento.

Os pais também informaram nessa questão que a responsabilidade para dirigir automóvel aumentou, junto com a preocupação com a segurança e o conforto do bebê.

Ainda sobre o envolvimento paterno nos primeiros dias de vida da criança, a sexta questão foi sobre levar o recém-nascido para exames médicos.

A grande maioria (90%) respondeu que leva a criança para exames médicos, sendo que alguns pais (17%) afirmam que têm o papel de segurar o bebê para vacinar e tirar sangue. Os pais que não levaram a criança (10%) alegaram o trabalho como impedidor.

Perguntou-se aos pais se eles brincavam com o bebê na primeira semana de vida. As respostas constam na Tabela 34 a seguir:

Tabela 34 – Brincar com o bebê na primeira semana de vida. Salvador, 2015

Brincar com o bebê	Percentagens*
Brincar de modo genérico	80%
Brincar focalizando a visão	17%
Brincar estimulando o sorriso da criança	17%
Considera que a criança não está na fase de brincar	20%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma resposta referente a brincar com o bebê. A percentagem foi realizada considerando o número total de participantes (n=30).

A grande maioria dos pais (80%) referiu brincar de modo genérico com o bebê, sendo que 17% deles informou que brinca focalizando a visão do recém-nascido, como exemplifica a fala: “Brincar com meu filho tem sido uma ferramenta de conhecimento [...] é com a visão que estamos tentando brincar com ele” (P4) e 17% que brincam estimulando o sorriso da criança, como se pode verificar no relato: “Brinco beijando a barriga dele e ele fica querendo dar umas risadinhas” (P24). No entanto, alguns pais (20%) não brincam com o recém-nascido, pois consideram que o bebê não está na fase de brincar, conforme relata: “Ela não brinca, ainda, ela não interage com a gente [...], mas brincar requer reciprocidade no meu entendimento e não existe essa reciprocidade.” (P11)

Muitos pais referiram que conversavam com o bebê (43%), como se pode observar na fala: “Ela estava chorando, aí peguei ela e comecei a conversar, porque minha esposa precisava. Falei com ela: sua mãe precisa tomar banho, se acalme, você vai mamar depois. Eu faço um acordo com você, espere sua mãe terminar o banho que você vai mamar. Eu te garanto. Fique tranquila agora. Não sei a razão, se ela entendeu ou não, calou a boca. Ficou uma hora lá esperando minha esposa acabar. Engraçado isso. Então existe interação. Ela sabe quem é o pai. Eu conversei muito na gravidez com ela na barriga. Então minha voz ela conhece.” (P5).

Constatou-se também que 27% dos entrevistados afirmaram estar manifestando afeto e carinho para o bebê, como pode-se observar na fala “Beijo barriga, fico olhando [...] Creio que ele já reage, fica olhando, parece que fica querendo dar uma risadinha. ” (P24). Beijar a barriga do bebê, essa manifestação de afeto/carinho, foi uma forma que o pai encontrou para interagir e demonstrar seu envolvimento com o filho. Alguns pais (17%) informaram que cantam música para o bebê. Um pai (P16), 3% dos casos, relatou que conta histórias para o bebê e outro entrevistado (P15), 3% dos casos, referiu estimular o desenvolvimento motor do bebê “Então você bota ela em cima do peito, da barriga ela consegue empurrar com os bracinhos.” (P15).

Na sequência, os pais foram questionados sobre como estava sendo o envolvimento deles com o bebê em termos de interação, tais dados constam na Tabela 35:

Tabela 35 – Envolvimento paterno durante a primeira semana de vida do bebê em termos de interação. Salvador, 2015

Interação	Percentagens*
Pegar no colo	37%
Conversar com a criança	33%
Cuidados físicos	33%
Brincar com o bebê	30%
Tomar conta da criança	27%
Cantar para a criança	13%
Manifestar carinho/amor/afeto	10%
Interagir por meio da visão	10%
Contar histórias	07%
Acalmar a criança	07%
Busca formas para que a criança o reconheça	07%
Estimula o desenvolvimento motor	03%
Cheirar a criança	03%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma forma de envolvimento em termos de interação. As percentagens foram calculadas considerando o número total de participantes (n=30).

Constata-se que 37% dos pais relatam que pegam o bebê no colo como uma forma de se envolver com o filho em termos de interação, o que ilustra a fala: “Sempre trazendo ele para o colo para dar mais segurança.” (P2). O comportamento de pegar o bebê no colo é uma forma de o pai propiciar um ambiente seguro, de aconchego e conforto para o filho.

Tanto conversar com a criança, quanto realizar cuidados físicos foram as formas de envolvimento em termos de interação citadas por 33% dos entrevistados cada uma. A primeira forma foi evidenciada no relato: “Eu falo para minha filha com aquela voz de ‘maternez’, sabe. Aquela voz de mongoloide, sabe. Eu não pensava que iria fazer, porque eu não faço com os meninos no consultório. Por exemplo, na hora que eu vou dar o leite: - ‘vem minha filhinha, mamãe está cansada, papai vai dar o leitinho, abre o bocão.’ Sabe, essas coisas. Às vezes ela dá uns resmungos de noite, faz ‘heen’. Aí eu falo: - ‘É a fralda, né nenê, papai vai trocar sua fralda.’” (P7). A segunda forma citada se exemplifica na fala: “Desde a primeira limpeza de fralda, limpeza do umbigo. Muitas pessoas acharam que eu não iria ter muito jeito para isso, que eu não iria gostar, que eu não iria fazer, mas, ao contrário, eu me mostrei, até para minha própria surpresa, solícito. E aí eu me envolvi em tudo.” (P11). Os pais

relataram que se envolvem, interagindo com o recém-nascido, ao trocar fraldas ou roupas, ao dar o “banho de sol” no bebê, colocar para dormir, para arrotar, pôr no berço, dar banho, dar a mamadeira.

Brincar com o bebê foi identificado por 30% dos entrevistados como a forma que eles se envolveram com o recém-nascido em termos de interação, conforme ilustra a fala: “Aquela coisa de usar a brincadeira como uma ferramenta de comunicação mesmo. Claro que ele nem sabe o que é brincadeira ainda, mas ele nos segue com a visão, estamos interagindo muito neste aspecto.” (P4).

Informaram tomar conta do bebê 27% dos entrevistados, como exemplifica a fala: “Sempre, a todo momento, todos os dias, papai olha ela” (P9). Esta fala refere-se a um pai que fica com o bebê, pajeando-o. Cantar para a criança foi colocada por 13% dos participantes como forma de envolvimento em termos de interação: “Canto umas músicas e ela reage legal, dá uns sorrisos.” (P9). Além disso, 10% dos pais manifestaram carinho/amor/afeto como forma de envolvimento em termos de interação, o que foi ilustrado na fala: “Muito amor e afeto de pai e filho.” (P18). Interagiram com o filho por meio da visão 10% dos pais, sendo exemplificado pelo relato: “Eu fico olhando, ele olha de volta” (P30). Dessa forma, os pais buscam estabelecer contato visual com o filho. Contavam história para o bebê 7% dos pais e também 7% deles acalmavam o bebê nos momentos de agitação ou cólica.

Alguns entrevistados (7%) buscavam formas para que os filhos os reconhecessem enquanto pai, como ilustram as falas: “Eu gostaria de poder demonstrar que pai pode não ser mãe, mas também não é como qualquer tio, qualquer tia; pai é pai. Eu quero marcar presença, quero marcar esse lugar, então eu tento interagir bastante, fazer ela se acostumar com a minha voz, fazer, apesar da memória dela ser uma coisa que eu não compreendo muito, tentar registrar na memória dela o meu timbre, duas ou três músicas que são aquelas que eu sempre repito para ela, para ver se memoriza, então, eu tento fazer, marcar presença nessa relação com ela.” (P17) e “Eu não seria pai se não estivesse perto. Um dia, ele estava no colo da mãe e eu estava tirando foto e ele sorriu para mim e foi fantástico. Eu pego a mão dele e passo no meu rosto para ele sentir.” (P25).

Um pai (P15), 3% dos casos, relatou que estimula o desenvolvimento motor do bebê como forma de envolvimento em termos de interação e outro (P1), 3% dos casos, informou que dá “um cheiro” na filha (essa é uma expressão nordestina, típica na Bahia, que representa a ocasião de beijar, cheirando antes, carinhosamente, outra pessoa, no caso específico, o bebê). Com os dados apresentados até o momento, fica evidente a importância da interação

como um aspecto do envolvimento paterno que é relatada de diversas formas pelos pais entrevistados durante a primeira semana de nascimento do bebê.

Um dos pais, 3% dos casos, parece não ser autorizado tanto pela mãe, quanto pela avó materna do bebê, a realizar cuidados diretos com o recém-nascido: “Não dou banho [...] Não tenho prática, minha sogra é quem dá banho. Nem a mãe mesmo ela deixa dar banho. Não consigo pôr para arrotar. Não sei pôr ele na posição direito. Não que eu não saiba, mas prefiro deixar a mãe e a sogra botar para arrotar. Também não me deixaram trocar a fralda, o pessoal está cheio de cuidados. Já estou acostumado a levantar durante a noite, acordo sempre para ajudar. Durante o dia, é mais questão de alimentação e banho, mas ele fica mais com a mãe e com a avó. [...] Minha interação está 50%, pois não faço tudo, como já foi dito, mas tudo que der para fazer, eu faço e está sendo uma sensação boa. Estou só para ajudar mesmo. Fico na retaguarda.” (P20). Esta fala também revela um pai que, diante de sua inexperiência nos cuidados com o bebê, tenta se sustentar no lugar de pai que ajuda. Neste caso, pode-se refletir sobre o conceito de ajudar, como se os cuidados com o filho fossem do outro, no caso específico, da mãe e da sogra, e não como uma obrigação dele como pai. Também se vê a importância de se valorizar e incentivar a participação do pai.

Por outro lado, observam-se pais participativos, que são sensíveis às necessidades do bebê, como na fala “Interação, como eu lhe disse, é mais da minha parte, dando carinho. O que eu soube é que ele enxerga embaçado, que ele está se adaptando ao ambiente, que ele enxerga normal, que ele precisa de colo, porque se sente inseguro. Uma reação normal de bebê, quando está de barriga para cima, ele tem a necessidade de pegar, de chutar, porque remete ao período dele que ele estava no útero, né.” (P2) e “Tem algumas brincadeiras que eu faço que é em relação a deixar o rosto dela úmido, molhado; eu estou limpando o pescoço dela com algodãozinho molhado, que ela está muito babada. Ela fica com o rosto molhado. Aí eu pego qualquer coisa e abano ela, faço aquele ventinho, ela sente aquele fresquinho no rosto e gosta muito. Então, nós estamos interagindo. [...] O importante é dar segurança, é dar conforto para a criança, abraçar e deixar ela envolvida, para que ela não tenha um choque muito grande do que era no útero, do que passou a ser no berço e do que é agora aqui em casa.” (P17). Observa-se nessas falas a capacidade do pai de observar e atender as necessidades do recém-nascido. Essa sensibilidade, do pai estar atento às necessidades do bebê, essas noções os entrevistados relataram que foram construindo a partir de leituras, da própria observação e da experiência com o filho.

Percebe-se também que não importa apenas a aptidão para realizar algum cuidado físico com o bebê, pois, independente da capacidade do pai com relação a realizar algumas

tarefas, ao desempenhar tais atividades, o pai registra ali a sua presença, ampliando seu envolvimento com o filho. Tal envolvimento não se limita a questões técnicas como, por exemplo, trocar fraldas, mas é o pai quem está trocando fraldas, o que pode ser evidenciado na fala seguinte “Sempre que eu faço as trocas de fraldas existe uma interação entre eu e minha filha, com muitas risadas e brincadeiras” (P27). Tal fala salienta o pai como um cuidador significativo, não é qualquer pessoa, é o pai.

Ao se abordar sobre o envolvimento paterno nos primeiros dias de vida do bebê, identificou-se que as concepções e noções sobre as capacidades e necessidades do bebê influenciaram o envolvimento que o pai estabeleceu com o filho. A seguir, serão apresentadas algumas das capacidades do bebê relatadas pelos entrevistados:

(a) O recém-nascido enxerga embaçado (7% dos entrevistados), como ilustra a fala: “Ela olha a lâmpada quando está acesa. Não enxerga direito. Na verdade, ela não enxerga ainda, enxerga muito pouco. Ela só vai começar a enxergar com um mês.” (P15).

(b) O recém-nascido é completamente dependente, o que foi relatado por P17.

(c) O recém-nascido está se adaptando ao ambiente, descrição realizada por P2.

(d) O recém-nascido precisa de colo para se sentir seguro, dito na fala de P2.

(e) O recém-nascido apresenta reflexos (reflexo de mouro, palmar, sorriso), o que foi reconhecido por 10% dos pais.

(f) A capacidade de audição do bebê, relatada por 20% dos entrevistados, como exemplifica a fala: “Ela acompanha a voz.” (P15). Dessa forma, pode-se mencionar que o recém-nascido reconhece a voz dos cuidadores principais (mãe e pai). É também pela audição que o pai interage com a criança e se sensibiliza às necessidades dela, conforme ilustra a fala: “Procuro ficar conversando com ela o tempo todo. Quando ela está mais agitada, está chorando mais, eu fico falando pertinho do ouvido dela, baixinho. Ela aparentemente responde. Quando ela está nervosa, ela vai se acalmando. Eu fico conversando com ela, contando um monte de histórias, como se ela estivesse entendendo.” (P12). Sendo assim, apareceu a questão de estimular além da capacidade da criança, do que ela pode corresponder.

(g) O recém-nascido gosta de aconchego, o que foi relatado por P3.

(h) O recém-nascido tem limitações físicas que requerem cuidados com “golfar” e sufocamento.

(i) O bebê tem mais reações fisiológicas.

(j) A baixa imunidade do bebê.

(k) Capacidade de o bebê interagir pela visão, reconhecida por 10% dos pais, o que é ilustrado no relato: “eu ouvi falar que segurar no colo e olhar nos olhos, é a distância que fica melhor para a criança ter o foco no rosto de quem está segurando ela” (P17).

(l) O recém-nascido não reage muito aos estímulos, por exemplo como brincar, relatado por 23% dos pais, conforme descreve a fala “Ainda não está na fase de brincar. A gente tenta até brincar. Está muito bebezinho. Às vezes dá um sorrisinho. A gente não consegue ainda não.” (P6).

(m) Noção que se deve ter cuidado com a moleira do bebê.

(n) A criança se comunica por meio do choro, conforme ilustra a fala: “Não só de passar os estímulos para ela, mas também de receber os estímulos dela e de entender quais são as necessidades dela a cada choro dela, porque a criança se comunica através do choro.” (P17).

Essas noções se dão pela leitura sobre desenvolvimento infantil e cuidados com o bebê e pela experiência, da observação com o próprio filho.

As concepções que os pais têm sobre noções de cuidado e desenvolvimento do bebê podem influenciar as práticas, por exemplo, como ele cuida do recém-nascido e também o que ele não se considera capaz de fazer: “Só não dei o banho, por eu sentir ainda não ter jeito para dar o banho, por conta dos ouvidos. E ele não tem o controle cervical. Aí eu fico com medo de que aconteça alguma coisa de anormal.” (P19).

Os pais buscam sinais de interação e também desenvolvem a sensibilidade para detectar as necessidades do recém-nascido. Tal sensibilidade é a capacidade de o pai observar e atender as necessidades da criança.

O pai percebe quando a criança se sente bem na presença dele, como, por exemplo, é retratado na fala seguinte: “ela fica bem comigo” (P22). O pai também identifica que a criança gosta da forma com que ele interage como se pode ver na fala: “Eu pego ela no colo, eu canto para ela e acho que ela gosta bastante. Eu faço carinho nela e passo a mão nas sobrancelhas dela que ela gosta.” (P26).

Percebe-se que à medida que o bebê responde mais aos estímulos, aumenta a interação paterna. Nesse sentido, os pais manifestam o desejo de que o(a) filho(a) cresça para poder interagir mais, como ilustra a fala seguinte: “Interação total. Já dei até algumas broncas, reclamo, converso, faço uns ‘psiu’ quando ela está chorando. Ela até deixa de chorar por um tempinho, fica me olhando. Digo: - ‘sua mãe está cansada’. Converso com ela. Ela fica quietinha, daqui a pouco abre o berreiro de novo, mas estou muito ansioso pelo crescimento

dela, para que ela saia desta fase e comece a brincar, sorrir, engatinhar, estou muito ansioso por isto.” (P23)

Nesse momento da primeira semana do nascimento do filho, os entrevistados alegam que a mãe tem mais sensibilidade, mas eles também procuram desenvolver tal habilidade. Observa-se aqui a noção de que o pai é necessário assim como a mãe. Portanto, o pai não deve ser dispensado dos cuidados nos primeiros dias de vida do bebê, como retrata a seguinte fala: “Eu preciso de minha esposa porque eu não dou conta. Esse esquema do aleitamento eu não dou conta sozinho e minha esposa não dá conta sozinha. Tem coisas que minha esposa é quem faz, que são coisas da mãe, que é ficar atenta a ela (refere-se ao bebê) o tempo todo, cuidar o tempo todo. Aí eu posso eventualmente fazer as coisas. Pôr para arrotar, trocar a fralda, mas aí tem essa parte da retaguarda que minha esposa precisa e não tem como fazer. Então um precisa do outro. ” (P7).

Enfim, dentro das capacidades do recém-nascido, os pais buscam formas de interagir com eles.

Quando perguntados sobre como é o envolvimento do pai com o bebê quanto à acessibilidade/disponibilidade, os pais responderam como mostra a Tabela 36:

Tabela 36 – Envolvimento paterno durante a primeira semana de vida do bebê em termos de acessibilidade/disponibilidade. Salvador, 2015

Acessibilidade/disponibilidade	Percentagens*
No tempo em que está em casa, fica bastante disponível ao filho	57%
Disponibilidade integral	23%
No período em que está no trabalho, está disponível por meio de telefonemas e mensagens com a esposa	17%
Pouca disponibilidade em decorrência da alta carga horária de trabalho	13%
Está disponível para providenciar o que a criança precisa	07%
Sente-se disponível, mas não exerce cuidados diretos	03%
Pouca disponibilidade em decorrência da alta carga horária de estudo	03%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma resposta em termos de acessibilidade/disponibilidade. As percentagens foram calculadas considerando o número total de participantes (n=30).

Quanto ao envolvimento paterno em termos de *acessibilidade/disponibilidade* durante os primeiros dias de nascimento do bebê, constatou-se que a maioria dos entrevistados (57%) no tempo em que está em casa, fica bastante disponível ao filho, sendo que esse período ocorre mais à noite, após o trabalho e em finais de semana, quando os pais tentam aproveitar ao máximo o momento com os filhos. Percebe-se que os pais que alegaram ter disponibilidade

integral (23%) estavam de licença paternidade, haviam tirado férias no período do nascimento do filho ou trabalhavam em casa.

Alguns pais (17%) informaram que no período em que estão no trabalho, se disponibilizam por meio de telefonemas e mensagens eletrônicas com a esposa/companheira. Foi averiguado que 7% dos entrevistados estão disponíveis para providenciar o que a criança precisa, por exemplo, comprar fraldas. Um pai (P6) alegou que se sente disponível, mas não exerce cuidados diretos com o bebê por se considerar “desajeitado”. Alguns pais relataram pouca disponibilidade para os filhos em decorrência da alta carga horária de trabalho (13%) e de estudo (3%).

Alguns pais manifestaram que gostariam de ter mais tempo com o bebê, o que é dificultado em decorrência da alta carga horária de trabalho: “Eu estou triste, porque estou ficando pouco com minha filha. Porque eu chego tarde, ela está dormindo. Quando acorda, eu fico um pouquinho, mas eu também já chego destruído [...] eu estou triste, na verdade, porque eu estou ausente nesse iníciozinho. Eu queria estar mais presente.” (P5) e “Tenho muitas coisas para resolver. Mesmo quando estou em casa, tenho atividades da faculdade e até mesmo do trabalho. Acaba meio que comprometido. Não é muito tempo que eu tenho disponível não para ele.” (P13).

Por outro lado, outros pais manifestaram-se satisfeitos com o tempo em que permanecem juntos com o bebê, como retrata a fala: “Eu acho que estou ficando uma quantidade de tempo bacana.” (P26). Esse pai tem horários mais flexíveis no trabalho.

Também decorrente do tempo de trabalho, há maior disponibilidade dos pais à noite, nos dias de semana, e nos finais de semana.

No tempo em que estavam de licença, houve ampla disponibilidade dos pais, mas depois houve a necessidade de conciliação com o trabalho. Como mencionado anteriormente, alguns pais, além do tempo de licença paternidade, tiraram férias nesse período para ficar mais tempo com a criança, como ilustra a fala seguinte “consegui 20 dias de recesso” (P10) e “Por enquanto, está tranquilo, porque eu estou ainda de licença. Vou ficar de férias também. Estou aqui 100% disponível para ela (refere-se à filha)” (P12).

Quando a pergunta foi como é seu envolvimento com seu filho em termos de *responsabilidade*, as respostas foram diversas, sendo apresentadas na Tabela 37:

Tabela 37 - Envolvimento do pai com seu filho em termos de responsabilidade na primeira semana após o parto. Salvador, 2015

O pai é responsável por	Percentagens*
Providenciar o que o filho precisar/prover	33%
Cuidar do bebê	27%
Priorizar as necessidades do(a) filho(a)	20%
Proteger/defender o bebê	17%
Promover o bem-estar da esposa	17%
Promover o bem-estar do bebê	13%
Providenciar os documentos do bebê	10%
Providenciar plano de saúde	07%
Intermediar as relações da família com a sociedade	03%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma responsabilidade. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

Constatou-se que os pais se consideram bastante *responsáveis*. Na percepção deles, são responsáveis por:

- (a) Providenciar o que o filho precisar/prover (33%), como ilustra a fala: “Eu me considero muito responsável em relação a ele. Tento suprir de todas as formas todas as necessidades dele e proporcionar um crescimento bacana e legal para ele, tanto com médico, como com alimentação, com tudo.” (P13).
- (b) Cuidar do bebê (27%), exemplificado na fala: “Então a responsabilidade é toda minha. Desde o primeiro momento, desde a primeira limpeza de fralda, limpeza do umbigo.” (P11).
- (c) Priorizar as necessidades do filho (20%), o que pode ser visualizado no relato: “A todo tempo um pai presente. Se tiver que cancelar um compromisso, eu cancelo para levar ela onde tiver que levar. A minha prioridade é ela (refere-se à filha).” (P9).
- (d) Proteger/defender o bebê (17%), como ilustram as seguintes falas: “Estar atento, principalmente quando ele dorme. A gente comprou uma babá eletrônica para não descuidar, porque nem sempre dá para ficar com os olhos nele. Aí, com a babá eletrônica, qualquer som a gente fica atento. A gente tem medo também que ele sufoque.” (P2), “Desde a hora que minha filha nasceu, eu fico com aquele negócio da proteção. Acho que é mais agora um instinto, mais primitivo, digamos assim. De proteção mesmo. O pessoal que foi levar ela para limpar, para medir. Aí eu já

fiquei preocupado, eu perguntei se poderia ir junto. Eles falaram que é só aqui na sala ao lado. Acho que a responsabilidade, por enquanto, na minha cabeça, é mais essa questão.” (P12) e “À noite, em alguns momentos, estou dormindo aí tem algum barulho ou minha esposa está cuidando dele, dou logo um salto da cama. Me lembro também que quando estávamos ainda no hospital eu falei para minha esposa, penso logo no pior, as portas dos quartos ficam sempre abertas. Aí na hora de dormir eu disse para colocar o bebê em um canto, pois vai que a gente está dormindo e alguém o leva. Às vezes não demonstro, mas me preocupo muito. Já pensei dele cair no chão ou parar de respirar também. Nos três primeiros dias eu sempre ia conferir, mas graças a Deus está tudo bem.” (P30).

- (e) Promover o bem-estar da esposa (17%), que refletirá no bem-estar do bebê, conforme a fala seguinte: “Me sinto totalmente responsável pela mãe, de você falar bem assim: ‘Mãe vai dormir. Você precisa dormir’. Porque a mãe não dorme se não tiver muito, muito tranquila de quem está com ela e como a filha está sendo cuidada. Ela pode estar três horas sem a filha, ela não dorme. Na hora que você entrar no quarto, ela está acordada. Então, eu me sinto responsável por ser pai e por ter que transmitir para a mãe que a filha dela está sendo cuidada. Se não ela vai se destruir em algumas semanas e vai realmente entrar em colapso. Porque se chora ou se ouve que a filha está inquieta ou desconfortável. É mais um motivo para dizer eu tenho que cuidar muito bem por ser pai e para deixar a mãe tranquila que a filha dela está bem cuidadinha.” (P15). Essa fala retrata o senso de realidade trazido pelo pai de que a filha está bem e que a mãe precisa descansar já vai fazendo os cortes para que não se construa uma simbiose patológica que prejudique a mãe e sua relação com o bebê, com o pai e com outras pessoas ao seu redor.
- (f) Promover o bem-estar do bebê (13%), evidenciado na fala: “Então, eu tenho todo um cuidado de saber se está tudo bem, o que precisa, o que está faltando. Estar lembrando de alguma coisa que tem que fazer. Ter uma pessoa que depende de mim (refere-se à filha). Hoje eu posso esquecer até alguma coisa minha, mas alguma coisa dela eu não posso, então o foco é total.” (P1)
- (g) Providenciar os documentos do bebê, como o registro em cartório (10%).
- (h) Providenciar o plano de saúde (7%).
- (i) Intermediar as relações da família com a sociedade (3%), tanto no que diz respeito ao pai ser aquele que apresenta o filho ao mundo, quanto ao estabelecer limites ao

outro em relação ao(à) filho(a) e à esposa, tendo como exemplo a fala: “A responsabilidade é social na hora de comunicar a todo o mundo: - Olha, minha filha nasceu!” (P17) .

Há um destaque para a noção de que a responsabilidade aumentou após o nascimento do bebê. Os pais estão compreendendo que a responsabilidade é mais ampla do que prover e que eles, assim como as mães, são tão importantes, ambos são bastante responsáveis pelo bebê. O pai, na gestação, se sentia responsável, e percebe que essa responsabilidade é ampliada mais ainda após o nascimento do bebê.

A noção de que o pai tem sobre as necessidades do bebê também pode influenciar seu envolvimento em termos de responsabilidade, como ilustra a fala: “A responsabilidade é com relação à saúde, de ver se não falta fazer algum exame, de botar todas as vacinas que deram pra fazer, de ver se a menina tá assada, se tá cagada, se tá mijada, se tem que trocar, se tem que dar de mamar, se tem que dar complemento no leite, quer dizer, responsabilidade é a mais ampla que pode ser. Nossa responsabilidade é tão grande quanto for a dependência da criança, então, como a criança é completamente dependente, nós somos completamente responsáveis.” (P17)

Sobre a rede de apoio nesse período do parto e da primeira semana após o nascimento do bebê, os entrevistados falaram que receberam bastante apoio da sogra (77%), da mãe (40%), do sogro (23%), do pai (13%), da madrinha da esposa (7%) e de outros parentes que contam 3% cada, como a cunhada, o irmão, a tia do entrevistado, a tia da esposa e 3% citaram os amigos. A sogra e a mãe do entrevistado, principal rede de apoio, auxiliaram nos cuidados com o bebê, como dar banho, e o apoio e companhia para a mãe do bebê. Além disso, neste momento também apareceu a questão das visitas ao recém-nascido, que é uma questão cultural, e que foi colocada como apoio, fazendo companhia à mãe do bebê.

O casal também contava com o apoio das babás para os cuidados com o bebê (7%) e com o auxílio das diaristas para as tarefas domésticas (27%).

4.3 DADOS OBTIDOS AOS TRÊS MESES DO BEBÊ

Os tópicos a seguir apresentam os dados obtidos no terceiro mês do(a) primeiro(a) filho(a), exibindo os resultados coletados na terceira fase de entrevistas realizadas com os pais.

4.3.1 Mudanças advindas com a experiência da paternidade

Inicialmente, foi perguntado como havia sido o período entre o nascimento do bebê até os três meses de vida dele. As respostas encontradas foram subdivididas em 11 itens, como apresenta a Tabela 38 a seguir:

Tabela 38 – Como foi o período entre o nascimento do bebê até os três meses de vida dele. Salvador, 2015

Como havia sido o período entre o nascimento do bebê até os três meses	Percentagens*
Respostas valorativas positivas	25%
Momento de descobertas/aprendizagens	19%
Está acompanhando a evolução do desenvolvimento do bebê de forma participativa	16%
Período trabalhoso, cansativo, mas também de grande satisfação/felicidade	16%
Priorizou/passou a dedicar mais tempo à família	08%
Período de preocupações	04%
Responsabilidade com o trabalho	04%
Responsabilidade com o estudo	02%
Gostaria de estar mais tempo com o bebê	02%
Melhorou o relacionamento conjugal	02%
Diminuíram os conflitos familiares	02%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (49).

Houve destaque para as *respostas valorativas positivas*, com 25% das respostas, sendo esse momento do nascimento aos três meses do bebê apresentado como maravilhoso, ótimo, feliz, fascinante, muito bom, prazeroso e fantástico.

Em seguida, 19% das respostas referiam como *momento de descobertas /aprendizagens*, alegando novos sentimentos, experiências, visão de mundo, do que é ser pai, novos projetos de vida, a lidar com o bebê. É exemplo a fala a seguir “No começo, sempre no começo por ser uma novidade, eu acho que a coisa é mais difícil, mas com o passar do tempo a gente vai se adequando, se adaptando, aí fica mais tranquilo. Hoje, está tranquilo. A gente quer brincar, quer estar sempre perto, quer carregar, aí está tranquilo.” (P19).

Logo depois aparece, em 16% das respostas, *pais que estão acompanhando a evolução do desenvolvimento do bebê de forma participativa*, como ilustra a fala “Alegria de ver aquele serzinho se desenvolvendo e crescendo.” (P10).

Também, com 16% das respostas, tal período é tido como *trabalhoso/cansativo, mas também de grande satisfação/felicidade*, como pode ser exemplificado com a fala “Estou

cansado, mas estou bem. Algumas noites mal dormidas, dias que durmo em casa, dias na casa do sogro. A vida está um pouco conturbada. Estou cansado, mas estou feliz.” (P6).

Em 8% das respostas, os pais *priorizaram/passaram a dedicar mais tempo à família*, viajando menos, ficando mais com a família e cuidando do bebê, como ilustra a fala “Coisas que eu costumava fazer, já não faço mais. Eu costumava ir jogar videogame quando chegava em casa, ou ficar na frente do computador. Isto já é algo que não posso mais fazer, pois minha esposa precisa de um suporte.” (P30).

Com 4% das respostas, foi considerado um *período de preocupações*, como se pode ver na fala “Em relação ao cuidado, eu continuo com aquela preocupação, certo, posterior, porque no mundo que nós vivemos, você tem que ter uma preocupação, sabe. Não adianta você passar os seus princípios e aí no mundo é totalmente diferente, sabe.” (P8). As preocupações apresentadas são com a interferência do mundo na vida da criança e com a saúde.

As responsabilidades com o trabalho (4% das respostas) e as *responsabilidades com os estudos* (2% das respostas) aumentaram nesse período para alguns pais.

Um pai (P8), 3% dos casos, relata que melhorou o relacionamento conjugal, ficou mais afetivo. Outro pai (P26), 3% dos casos, alega que diminuíram os conflitos familiares. Por fim, um pai (P9), 3% dos casos, diz que gostaria de estar mais tempo com o bebê, sugerindo ampliação da licença paternidade.

Seguindo as questões da terceira fase de entrevista, foi perguntado aos entrevistados “Como tem sido a experiência de ser pai?”. Sendo que, 57% dos entrevistados a consideram como bastante positiva, apresentando as seguintes justificativas: é uma experiência ótima, é uma novidade positiva, há boa interação pai/bebê, é gratificante e especial. Os demais participantes (43%) avaliam a experiência de ser pai como positiva, mas que requer empenho diante das demandas do bebê. As justificativas para tal avaliação consistem em: há responsabilidades/preocupações, assim como satisfação pela agradável convivência com o(a) filho(a); o bebê requer muitos cuidados, o que implica em bastante trabalho, em paralelo, a experiência da paternidade é boa e prazerosa; é maravilhoso ser pai, no entanto requer mudanças no estilo de vida (o que não representa algo árduo, pois é um sacrifício compensador). Por fim, é importante destacar que nenhum dos pais apresenta como predominantemente negativa, a experiência da paternidade.

Na sequência, são apresentadas as respostas relativas à questão: “Depois que se tornou pai, mudou alguma coisa em você ou não?”. A grande maioria dos participantes (93%) alegou que sua vida apresentou mudanças e apenas 7% deles informaram não ter havido mudanças.

As transformações ocorridas, segundo os entrevistados, foram: houve um destaque para o fato de ter-se tornado mais responsável, assim como de terem sido alteradas as prioridades de sua vida e sua forma de pensar, passando a valorizar mais intensamente a família e a priorizar a convivência neste âmbito, implicando em mudança de rotina (tendo menor tempo para o lazer e para o descanso, até mesmo dormindo menos).

No âmbito familiar, o casal precisou gastar tempo para o cuidado com o bebê, alterando inclusive o relacionamento conjugal. Além disso, constatou-se uma maior preocupação com o futuro (do/a filho/a, de sua própria vida e da família como um todo), havendo um maior sentido para a vida. Por fim, também foram apontadas mudanças no temperamento, como: ficar mais calmo, tolerante e emotivo, além de passar a gostar mais de crianças.

As falas a seguir ilustram tais mudanças: “Mudou, porque agora tem uma coisa principal que é a coisa da doação. Porque quando era eu e minha esposa, a gente caminhava junto. Agora tem nossa filha e eu preciso aprender a me doar. Doar de tudo, de tempo principalmente. Tem horas que eu preciso ficar com ela para minha esposa poder descansar. Eu preciso pôr minha filha para dormir. Eu preciso acordar mais cedo porque ela acorda mais cedo e vai tomar café comigo. Para mim, está sendo uma escola de doação. Porque as coisas que eu fazia para minha esposa, no fundo era um pouco para mim. Agora não. Eu estou aprendendo que amar é se sacrificar mesmo.” (P7); “Confesso que fiquei mais calmo, dando o tempo ao tempo, pois, era muito nervoso. Me deixou com um sentimento de amor e carinho muito grande por crianças, que antes, não gostava muito.” (P9); “Mudou, eu agora penso duas vezes antes de tomar algumas atitudes, por exemplo, eu estou em um emprego que não gosto tanto assim, no entanto não estou ganhando bem neste emprego, estou trabalhando demais, está mexendo até com minha saúde, no entanto teve um dia que me estressei ia até falar com a chefe que ia entregar tudo, mas aí lembrei da minha filha e desisti. O fato de você ser pai traz um senso de responsabilidade maior e também de você se abdicar de certas coisas.” (P23). “Sim, mudou, o senso de responsabilidade é outro, a forma como você encara as coisas, por exemplo, no trânsito penso que tenho uma filha em casa me esperando, as prioridades, inclusive financeiras, para fazer uma previdência privada, pensar no futuro, estruturar melhor a vida dela.” (P11). Tornar-se pai focaliza o sentido da vida, como pode ser retratado na fala: “Saber que nesse momento me deu mais vontade de viver e amar cada vez mais minha esposa e filha” (P27).

Resultado que está de acordo com o estudo de Palkovitz (2007), que salientou as modificações ocorridas em diversos aspectos da vida dos homens quando eles fazem a

transição para a paternidade. O homem no papel de pai amadurece com as mudanças provindas do nascimento de um filho. Modificações na relação que ele estabelece com o outro, com a família, com o trabalho e com o mundo. A presente pesquisa corrobora para tornar visível, a partir das falas dos pais, o poder transformador da paternidade.

4.3.2 Envolvimento do pai com o bebê aos três meses de idade

Os entrevistados foram questionados sobre como havia sido seu envolvimento com o bebê no terceiro mês de vida dele. Diante disso, foram identificados diversos aspectos. Os entrevistados apresentaram *preocupações gerais* principalmente com a saúde do bebê (77% dos casos), como ilustra a fala: “Graças a Deus, meu filho é saudável e está com desenvolvimento normal, peso adequado, tamanho adequado, está dormindo bem, sendo amamentado só com leite materno. Ele já está recebendo visitas, como falei, sou meio chato com a questão de higiene e pessoas, [...] mas pedimos sempre que lavem as mãos, estas coisas.” (P30).

Outras preocupações gerais foram alegadas pelos entrevistados como *preocupar-se com o futuro e a educação da criança* (30% dos casos): “Agora, com nossa filha crescendo, a preocupação com educação está tomando um caminho, amadureceu” (P7). Constatam-se pais que ficam atentos aos choros do bebê (23%): “Os cuidados são de sempre deixar ele bem, de sempre entender os choros dele, os incômodos dele.” (P4) e, “Portanto, se ela chorar, eu vou acordar também” (P23) e “O momento que ela teve gases. Ela entrou em choro. Eu nunca tinha visto minha filha chorar daquele jeito. Eu entrei em desespero. Nem a mãe. Todo mundo ficou assim, sabe, sem saber o que fazer. Foi um momento diferente. Aí, a gente foi buscar saber e a criança, que está somente amamentando, pode passar por um período presa (em termos de funcionamento intestinal) e sofrer. A gente teve alguns deslizes com a alimentação e ela sofreu com alguns gases. Mas isso é coisa do aprendizado e a gente já resolveu.” (P8).

Além disso, 17% dos pais se preocupam em compartilhar os cuidados do bebê com a esposa/companheira, como ilustra a fala: “Eu tenho conseguido compartilhar com minha esposa, para tirar um pouco essa carga dela, ainda mais porque ela também tem preocupações com o trabalho dela” (P2).

Alguns pais preocupam-se em proteger o bebê (7%), o que se constata no relato: “Olha, eu tenho me preocupado principalmente de mantê-lo protegido.” (P4). Por outro lado, outros pais (10%) relataram, ainda, que diminuiu a preocupação com a imunidade do bebê,

pois o filho já tinha recebido as vacinas necessárias, estava mais amadurecido fisicamente e crescendo saudável, como ilustra a fala: “Antes eu me preocupava mais com a questão física dele, né. Aí o bebezinho vai amadurecendo e a gente vai se preocupando um pouquinho menos, mas eu acho que a gente vai estar sempre preocupado.” (P3) e “O pescoço já está durinho, ela já está durinha” (P8).

Em relação ao provimento do bebê, todos os pais alegaram que o fazem. Entretanto, 7% deles consideraram que os custos financeiros estavam muito altos nesse período dos três meses do bebê.

O envolvimento paterno relativo aos cuidados físicos do bebê aos três meses de vida, consta na Tabela 39:

Tabela 39 - Envolvimento paterno relativo aos cuidados físicos do bebê aos três meses de vida. Salvador, 2015

Cuidados físicos (terceiro mês de vida do bebê)	Porcentagens*
Trocar fraldas	90%
Colocar para arrotar	83%
Dar banho no bebê	80%
Acordar à noite para atender o bebê	63%
Segurar o bebê para a mãe se alimentar	47%
Colocar o bebê para dormir	43%
Dar mamadeira ao bebê (alimentar)	27%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de um cuidado físico. A porcentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

Quanto aos cuidados físicos, aos três meses do bebê, a grande maioria dos pais (90%) troca fraldas, como ilustra a fala: “Quem troca a fralda sou eu.” (P12). Eles geralmente colocam o bebê para arrotar (83%), o que pode ser visto na fala: “Ela amamenta, aí eu boto para arrotar.” (P16). Os participantes dão banho no filho (80%), situação constatada nas falas: “Banho é algo mais comum para eu fazer, é mais viável, porque antes de eu sair para o trabalho eu pego ele para tomar banho comigo.” (P28) e “Eu fico sempre tentando aprofundar mais essa relação com ela. Eu tenho um pensamento de que a relação do pai com os filhos é sempre mais frágil do que a da mãe com os filhos, não tem tanta intensidade, não é visceral como é a relação da mãe, então eu tento compensar isso através da participação, de reservar espaços que sejam meus, por exemplo, um espaço que está reservado, e que é meu, é a hora do banho, principalmente o banho no chuveiro. Outro banho a mãe dá, mas tomar banho no chuveiro, só eu.” (P17).

A maioria dos entrevistados acorda à noite para atender o bebê (63%), o que elucidam os relatos a seguir: “Sempre ajudando, principalmente durante a madrugada” (P22) e “Vira e mexe acordo às quatro da manhã e ele quer conversar, quer atenção. Sempre fico mais com ele neste horário.” (P24). Muitos pais seguram o bebê para a mãe se alimentar/descansar (47%), como pode verificar-se na fala: “Segurar o bebê quando ela for comer” (P3).

Além disso, muitos entrevistados colocam o bebê para dormir (43%), como é exemplificado no relato: “Hoje já sinto a máxima confiança no momento de pôr para dormir e aí já estou começando a entendê-lo mais.” (P4). Alguns pais alimentam/dão mamadeira para o bebê (27%), como ilustra a fala a seguir: “Com a amamentação está tranquilo, inclusive fui ao pediatra a primeira vez que eu fui sozinho, porque a mãe teve uma reunião no trabalho, aí chocou com os horários do pediatra. Aí eu fui levar meu filho, inclusive minha mãe foi junto. E aí, foi a primeira vez sozinho para amamentá-lo e foi uma sensação, aquela sensação que estava faltando para eu saber como era amamentar o próprio filho.” (P4) e “Fiquei só com ela, ela estava com fome e eu não sabia manusear a mamadeira. Porém, depois que consegui, ficou tudo sob controle” (P22).

Perguntou-se aos pais se eles brincavam com o bebê no terceiro mês de vida. As respostas constam na Tabela 40 a seguir:

Tabela 40 – Brincar com o bebê no terceiro mês de vida. Salvador, 2015

Brincar com o bebê no terceiro mês de vida	Percentagens*
Brincar de modo genérico	100%
Brincar estimulando o sorriso da criança	70%
Brincar estimulando o desenvolvimento motor da criança	47%
Brincar focalizando a visão	17%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma resposta referente a brincar com o bebê.

A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

No que se refere a brincar com o bebê aos três meses, todos os pais relataram que brincam com seus filhos. A maioria deles brinca estimulando o sorriso da criança (70%), como fazendo caretas, tocando na barriga do bebê fazendo cócegas, o que pode ser visto nos relatos: “Eu faço careta e ela dá risada.” (P26). Muitos pais brincam estimulando o desenvolvimento motor (47%), como colocar a criança para segurar um brinquedo, ensinar o bebê a rolar, a chutar, conforme exemplificam as falas: “Ela já faz aviãozinho comigo, ela adora ser jogada para cima, já ri porque me conhece.” (P7), “Eu coloco ela no colinho, fico balançando, canto umas músicas e ela reage legal, dá uns sorrisos.” (P9), “Tem os brinquedinhos, tipo um chocalhinho, ela já está pegando, já está tentando colocar tudo na

boca, a gente sempre fica estimulando” (P12), “Eu normalmente, quando estou junto com ele, fico brincando, dançando e ele sempre dando risada.” (P25), “Ela gosta quando eu pego ela de barriga para baixo e fico passeando com ela. Ela fica mexendo os bracinhos como se estivesse nadando. Ela gosta muito disso e eu vejo isso como uma forma dela brincar.” (P26) e “Eu boto ele no pescoço, finjo que é cavalinho, que está voando” (P24). As brincadeiras focalizando a visão foram constatadas em 17% dos pais, como ilustra a fala: “a gente brinca com ele, ele acompanha a gente com o olho” (P18). É importante destacar que as reações das crianças às brincadeiras estimula o envolvimento paterno, como ilustra a fala: “Fico feliz quando minha filha tenta imitar um motor com a boca.” (P16)

Outros tipos de interação foram relatados pelos entrevistados aos três meses do bebê. Muitos pais conversavam com o filho (47%), como pode ser observado na fala: “Conto meu dia para ela como foi, peço para ela contar o dela” (P5) e manifestavam afeto/carinho (30%), tendo como exemplo as falas: “O tempo todo, beijando e olhando, procurando fazer com que ele me perceba.” (P10) e “O máximo de contato e carinho possível.” (P15). Alguns pais cantavam música para o bebê (10%), o que é ilustrado por: “Ela gosta muito quando eu canto. Parece que ela se acalma.” (P26).

Quando foram questionados sobre como era o envolvimento deles com o bebê aos três meses de idade em termos de *interação*, os pais responderam conforme a Tabela 41:

Tabela 41 - Envolvimento paterno durante o terceiro mês de vida do bebê em termos de interação. Salvador, 2015

Interação (terceiro mês de vida do bebê)	Percentagens*
Brincar com o bebê	77%
Cuidados físicos	50%
Conversar com a criança	47%
Manifestar carinho/amor/afeto	33%
Interagir por meio da visão	23%
Acalmar a criança	23%
Cantar para a criança	07%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma interação. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

Constatou-se que a grande maioria dos pais (77%) brinca com o bebê, considerando a principal forma de envolvimento em termos de interação, conforme é ilustrado na fala: “Interação é no momento que estou brincando com minha filha.” (P29). Muitos pais (50%) apontaram que os cuidados físicos que têm com o bebê é uma maneira de se envolverem em termos de interação, o que foi exemplificado na fala: “O xixi dela, de manhã, é meu e de

noite, de vez em quando, uma fralda. Quando eu estou em casa, mamou, vem para mim. Eu sou o ‘arrotadouro’” (P7). Conversar com a criança foi relatado por 47% dos entrevistados como uma das formas de interagir com o filho, como pode ser visto nas falas: “Ele quer conversar, quer atenção, sempre fico mais com ele neste horário (noturno).” (P24) e “A gente conversa bastante. Ela balbuciando e a gente fingindo que entende. Esta fase que a criança começa a se expressar e a reconhecer nossas vozes é marcante” (P29). Uma maneira de se envolver em termos de interação foi manifestando carinho/amor/afeto (33%), que foi ilustrado nas falas: “Fico fazendo carinho para ele não chorar.” (P6), “O amor paterno. [...] Todos os dias eu abraço ela.” (P8) e “Estamos tendo um grande laço de amor entre nós dois, a ponto de sentir falta mútua entre nós” (P27). Alguns pais (23%) ficam interagindo por meio da visão, como é constatado na fala: “Ele compreende já, acompanha a gente com o olho.” (P6). Outros pais (23%) referem acalmar a criança como um envolvimento paterno em termos de interação, o que ilustra a seguinte fala: “Tem momentos que ela está chorando e eu tento acalmar e nem sempre funciona e o choro aumenta e ela fica vermelha, e não fico em desespero, mas fico angustiado quando não consigo acalmar. Aí, para acalmar, eu sugeri à mãe a gente dar chá, porque era o que minha mãe dava quando eu era bebezinho e tinha cólica, e eu tenho costume de tomar chá.” (P26). Cantar para a criança também foi colocado como uma forma de interação (7%), como exemplifica o relato: “Eu quero marcar presença, quero marcar esse lugar. Então, eu tento interagir bastante, fazer ela se acostumar com a minha voz. Fazer, apesar da memória dela ser uma coisa que eu não compreendo muito, tentar registrar na memória dela o meu timbre, duas ou três músicas que são aquelas que eu sempre repito para ela, para ver se memoriza. Então, eu tento fazer, marcar presença nessa relação com ela.” (P17).

Observa-se que os pais vão aprendendo a cuidar do bebê e a compreendê-lo por meio da interação que estabelecem diariamente, como retrata a fala: “Muitas vezes eu vejo que as dicas que aparecem, por mais que as pessoas tenham a intenção boa de ajudar, eu já consigo perceber que não batem com a realidade de minha filha. Por exemplo, a gente já conseguiu notar que ela é uma criança muito calorenta e o conselho é deixar ela bastante coberta, mas ela não gosta e faz o maior esforço para tirar as roupinhas e joga os panos no chão. Então, a gente vai aprendendo muito com a criança, com observação. É um aprendizado constante, que tem que estar perto mesmo. E muito perto, vai construindo com a criança o entendimento por ela.” (P26).

Quando perguntados sobre como é seu envolvimento com o bebê aos três meses de idade quanto à acessibilidade/disponibilidade, os pais responderam como mostra a Tabela 42:

Tabela 42 - Envolvimento paterno durante o terceiro mês de vida do bebê em termos de acessibilidade/disponibilidade. Salvador, 2015

Acessibilidade/disponibilidade (terceiro mês de vida do bebê)	Percentagens*
Tem mais disponibilidade aos fins de semana e à noite	53%
Tem mais disponibilidade aos fins de semana e pela manhã	23%
Disponibilidade integral	23%
No período em que está no trabalho, está disponível por meio de telefonemas e mensagens com a esposa	13%
Pouca disponibilidade em decorrência da alta carga horária de trabalho e estudo	03%
Pouca disponibilidade por trabalhar em outro Estado	03%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma resposta em termos de acessibilidade/disponibilidade. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

A maioria dos pais tem mais disponibilidade para o filho aos fins de semana e nos dias de semana à noite (53%), em decorrência do trabalho, e alguns pais podem se disponibilizar mais aos finais de semana e nos dias de semana pela manhã (23%). Os pais que têm disponibilidade integral (23%) estão de férias ou trabalham apenas um turno ou não trabalham. No período em que estão no trabalho, 13% estão disponíveis por meio de telefonemas e mensagens eletrônicas com a esposa. Um pai relatou ter pouca disponibilidade em decorrência da alta carga horária de trabalho e estudo e outro pai também, por trabalhar em outro Estado.

Alguns pais (23%) manifestaram que gostariam de ter mais tempo com o bebê, o que é dificultado pela alta carga horária de trabalho: “Preciso conseguir ficar mais junto ainda. Às vezes, ela está tranquila comigo, mas não consigo permanecer ali. Aí pego e entrego à minha esposa, por mais que ela esteja bem comigo, porque antes era diferente, dava 20 minutos e ela começava a chorar, 10 minutos às vezes. Ela agora começou a ficar tranquila comigo, mas aí, eu cheio de coisa para fazer, depois de meia hora, entrego para minha esposa para que eu possa fazer minhas coisas. Quero ver se encontro uma forma de poder estar mais junto ainda. Tenho refletido sobre isto e me cobrando mais ainda.” (P5) e “Eu não consigo estar presente o tanto que eu gostaria” (P22).

Entretanto, outros pais manifestaram-se satisfeitos com o tempo em que permanecem juntos com o bebê, como retrata a fala: “Meu trabalho me ajuda, porque eu não tenho ido mais no período administrativo. Eu tenho ido em período de turno e isso me ajuda muito. Eu acho que isso faz muita diferença numa família. Você ter o planejamento do tempo que você vai ter para dedicar a uma criança. Isso faz muita diferença na criação.” (P2).

Verifica-se a importância de mencionar o que aconteceu nos casos em que a mãe e o pai não estavam morando juntos: “Minha disponibilidade está de acordo com o trabalho e o momento em que estou com a mãe. Então, são estes momentos que eu tenho ou não acesso. Fora isso, só. [...] a questão da relação entre família. É a relação de estarem os pais somente com seus filhos. O que fisicamente a gente ainda não está. A gente só vai estar daqui a alguns meses” (P4) e “Eu tenho passado sempre com ela e a mãe do lado. Agora está um período bacana, porque eu tenho conseguido ficar bastante tempo com ela. Eu não consigo estar presente o tanto que eu gostaria, mas, mesmo quando eu não estou lá (na residência da mãe da criança), eu tento estar sempre a par do que está acontecendo.” (P26).

Sobre o envolvimento com o filho em termos de *responsabilidade*, as respostas foram variadas, sendo apresentadas na Tabela 43:

Tabela 43 - Envolvimento do pai em termos de responsabilidade, aos três meses do bebê. Salvador, 2015

O pai é responsável por (terceiro mês de vida do bebê)	Percentagens*
Providenciar o que o filho precisar/prover	50%
Cuidar do bebê	43%
Saúde do bebê	27%
Educação do bebê	20%
Promover o bem-estar da esposa	20%
Desenvolvimento afetivo	07%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma responsabilidade. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

Todos os pais se sentiam bastante responsáveis pelo filho. Verificou-se, a partir das falas dos entrevistados, que o pai é responsável por: providenciar o que o filho precisa/prover (50%), como ilustram os relatos: “Eu me considero muito responsável em relação a ele. Tento suprir de todas as formas todas as necessidades dele e proporcionar um crescimento bacana e legal para ele, tanto com médico, como com alimentação, com tudo.” (P13) e “Responsabilidade total, pois tudo o que é necessário para o bem estar dele, já nos preocupamos em achar, comprar, procurar.” (P20); cuidar do bebê (43%), o que é exemplificado na fala: “Estou me sentindo mais responsável, sabendo que tenho que cuidar dela.” (P12); saúde do bebê (27%), tendo como exemplo o relato: “Tenho 100%, me preocupo com o calendário de vacinação, vou junto para a vacinação, pergunto quando será o pediatra, vou junto para o pediatra.” (P5); Educação do bebê (20%), como pode-se constatar na fala: “Desde a primeira vez que a vi, sei que tenho toda responsabilidade do mundo, junto com a

mãe, para educar e dar tudo de bom para ela.” (P27) e “Sei que tenho responsabilidades, principalmente esta, como cristão, de ensiná-lo um caminho correto, e principalmente dar o exemplo, estou me esforçando para isto.” (P30); Promover o bem-estar da esposa (20%), ilustrado na fala “Na ajuda com o bebê. Tento ajudar no que é possível” (P6) e pelo desenvolvimento afetivo (7%), “Acolher, dar proteção e amor. Esta parte que o pai fica mais responsável.” (P6).

A seguir será apresentada a avaliação que os entrevistados fazem de si mesmos na condição de pais. Destaca-se que 70% deles têm uma avaliação predominantemente positiva de si enquanto exercendo o papel de pai. As principais justificativas são: consideram-se bons pais, sendo participativos e presentes na vida do bebê. Além disso, também se consideram responsáveis, amorosos e cuidadosos. Por outro lado, 30% dos participantes consideram que precisam melhorar enquanto pais, alegando que ainda estão aprendendo a cuidar do bebê (dar banho, carregar com confiança, colocar para arrotar e acalmá-lo) e a ser pai. Também gostariam de ter maior disponibilidade de tempo nos dias úteis, o que é prejudicado pela carga horária de trabalho, assim como gostariam de adquirir maior conhecimento sobre cuidados e educação dos filhos por meio de leituras e compartilhamento de vivências com outros pais. Além disso, reconhecem que precisam compartilhar mais com a esposa os cuidados do bebê.

A fala seguinte ilustra o momento de transição para a paternidade: “Eu já gostava de me organizar, de fazer planos e eu acho que isso aumentou umas mil vezes. Eu estou querendo buscar, sempre lendo alguma coisa, sempre conversando com alguém, buscando mais informações sobre bebê, sobre educação. Ontem mesmo estava conversando com uma tia minha que é fisioterapeuta sobre os cuidados com a coluna da criança. Preocupado em buscar novos conhecimentos para dar a minha filha uma educação melhor” (P26).

Sobre as fontes de aprendizagem relacionadas à como ser um bom pai, identificou-se que os participantes aprendem a ser pai: observando a interagindo com o(a) próprio(a) filho(a); relembando a experiência com o próprio pai; observando como a companheira cuida do bebê; lendo sobre o assunto e compartilhando vivências com outros pais e mães.

Ao se perguntar se o pai gostaria de mudar alguma coisa no envolvimento que estabelecia com seu/sua filho(a) aos três meses de idade, identificou-se:

A maioria dos pais (60%) não gostaria de mudar nada, tanto por considerar que está tudo bem/ótimo, o que consta na seguinte fala: “Não queria mudar nada. Eu acho que está tudo indo gradativamente bem.” (P25), quanto por acreditar que o pai real corresponde ao pai ideal, como ilustra a fala a seguir: “Acho que o tamanho do amor que sinto e a maneira que me comporto perante as situações são perfeitas” (P1). Muitos pais (40%) gostariam de mudar

alguma coisa: querem ter mais tempo disponível para o bebê; gostariam de poder sair mais com o bebê, o que não é possível em decorrência da pouca idade e da fragilidade dele; gostariam de ter mais confiança para cuidar do bebê; e gostariam de ampliar a interação com o bebê, como conversar mais.

Ao se perguntar o que favoreceu o envolvimento paterno com o bebê aos três meses de idade, foi verificado o que está registrado na Tabela 44:

Tabela 44 - O que favoreceu o envolvimento paterno com o bebê aos três meses de idade. Salvador, 2015

O que favoreceu o envolvimento paterno com o bebê aos três meses de idade	Percentagens*
CARACTERÍSTICAS DO PAI	
Estar presente	50%
Desejo de ser pai	20%
Manifestação de carinho/amor/afeto	10%
Brincar com o bebê	03%
Conversar com o bebê	03%
Gostar de crianças	03%
Personalidade/temperamento do pai	03%
Ser cristão	03%
CARACTERÍSTICA DO FILHO	
O bebê reagir aos estímulos do pai	10%
O desenvolvimento do bebê	10%
O sorriso do bebê	07%
Personalidade/temperamento do bebê	07%
O bebê chorar menos aos três meses de idade	03%
CARACTERÍSTICAS DA ESPOSA	
A esposa incentiva o envolvimento do pai	17%
INFLUÊNCIAS EXTERNAS	
Família extensa próxima nesse período	07%
Ter horário flexível no trabalho	07%
Não trabalhar nesse período	03%
CARACTERÍSTICAS DO CASAL	
Bom relacionamento conjugal	10%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de um fator que favoreceu. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

Muitos pais (50% dos entrevistados) responderam que estar presente fortalece o vínculo e os laços afetivos entre pai e bebê. Outros favorecedores foram: o desejo de ser pai (20% dos entrevistados); a esposa (17%), tanto solicitando o pai, quanto dando apoio, ajuda e deixando o pai à vontade com o bebê; o bom relacionamento conjugal (10%); o fato de o bebê reagir aos estímulos do pai (10%); ver o desenvolvimento do bebê (10%); a manifestação de afeto (10%); o sorriso do bebê (7%); o temperamento do bebê (7%); a família extensa próxima nesse período (7%); ter horário flexível no trabalho (7%). Também citaram como algo que favorece o envolvimento paterno aos três meses do bebê, com 3% cada resposta: brincar com o bebê; conversar com o bebê; o bebê chorar menos nesse período; gostar de crianças; não trabalhar nesse período; ser cristão; e características da personalidade do pai.

Os pais foram questionados sobre o que dificulta o seu envolvimento com o(a) filho(a) aos três meses de idade. As respostas a essa questão são apresentadas a seguir, na Tabela 45.

Tabela 45 – O que dificultou o envolvimento paterno aos três meses do bebê. Salvador, 2015

O que dificultou o envolvimento paterno aos três meses do bebê	Percentagens*
INFLUÊNCIAS EXTERNAS	
Trabalho	50%
Vida social agitada	07%
CARACTERÍSTICAS DO CASAL	
Distância por não residir com a esposa	07%
CARACTERÍSTICAS DO FILHO	
O choro do bebê	07%
CARACTERÍSTICAS DO PAI	
Ansiedade	03%
NADA DIFICULTOU	27%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma dificuldade. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

Muitos pais (50% dos entrevistados) referiram que o trabalho, tanto pelo cansaço, quanto, principalmente, por não conseguir passar mais tempo com o bebê, foi referido como um grande dificultador do envolvimento. Outros pais relataram que o choro do bebê (7%), a vida social agitada (7%) e a distância por não morar com a esposa (7%) dificultam o maior envolvimento. Apenas um pai (3% dos casos) respondeu que a sua ansiedade dificulta seu envolvimento com o bebê. E para 27% dos entrevistados, nada dificulta o envolvimento.

Ao serem questionados se as expectativas iniciais dos pais com relação ao bebê correspondiam à realidade, constatou-se que: a maioria dos pais (63%) informa que sim. Muitos pais (37%) responderam que não correspondiam: uns alegando ser mais fácil cuidar do bebê do que se esperava. Já outros disseram que era mais difícil cuidar do bebê do que se esperava, dá mais trabalho, demanda mais tempo e disposição física do que imaginava. Também disseram que, por mais informações que o pai possa obter, sempre há uma novidade, algo que surpreende.

Foi perguntado aos participantes como estava o relacionamento deles com a esposa ou companheira e quais eram as repercussões disso para o desenvolvimento do bebê, o que é apresentado a seguir, na Tabela 46:

Tabela 46 - Relacionamento com a esposa e repercussões para o desenvolvimento do bebê. Salvador, 2015

Relacionamento com a esposa e repercussões para o desenvolvimento do bebê	Percentagens*
Relacionamento conjugal estável e harmonioso repercute positivamente no desenvolvimento do bebê	37%
Relacionamento entre os genitores com bom diálogo, visando o melhor interesse do bebê	27%
Há conflitos entre os cônjuges, mas os genitores tentam preservar o bebê	16%
O pai reconhece que precisa estar se relacionando bem com a esposa para poder interagir bem com o(a) filho(a)	13%
Conflitos no relacionamento conjugal repercutem negativamente no bebê	07%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Os dados encontrados revelaram que: (a) O relacionamento conjugal estável e harmonioso repercute positivamente no desenvolvimento do bebê (parecendo ser mais tranquilo, mais seguro), como afirmam 37% dos entrevistados; (b) O relacionamento entre os genitores com bom diálogo, visando o melhor interesse do bebê (27%); (c) Há conflitos entre os cônjuges, mas os genitores tentam preservar o bebê (17%); (d) O pai reconhece que precisa estar se relacionando bem com a esposa para poder interagir bem com o(a) filho(a) (13%); (e) Conflitos no relacionamento conjugal repercutem negativamente no bebê (apresenta maior tensão), com 7% dos entrevistados.

Os participantes foram questionados sobre qual apoio eles ofereciam à esposa nesse período do terceiro mês do bebê. A Tabela 47 a seguir apresenta esses dados:

Tabela 47 – Apoio à esposa no terceiro mês de vida do bebê. Salvador, 2015

Apoio à esposa no terceiro mês de vida do bebê	Percentagens*
Compartilha os cuidados com o bebê	60%
Atende às solicitações da esposa	50%
Tarefas domésticas	13%
Apoio psicológico	13%
Reduziu o apoio à esposa	10%

*Cada entrevistado pode ter respondido mais de uma forma de apoio. A percentagem foi calculada considerando o número total de participantes (n=30).

Os resultados destacaram que o pai apoia a esposa com o bebê aos três meses, compartilhando os cuidados com o bebê (60%), inclusive ficando com ele para a mãe poder se alimentar, tomar banho, descansar e resolver coisas individuais dela. Em seguida, é mencionado o apoio atendendo às solicitações da mãe (50%), seguido de apoio realizando tarefas domésticas (13%) e apoio psicológico (13%). Por fim, alguns pais (10%) relataram que reduziram o apoio à esposa.

Muitos pais afirmaram que o bom relacionamento entre eles e a esposa/companheira facilita a negociação de como eles irão compartilhar com a mãe os diversos cuidados com o bebê, refletindo em benefícios para o desenvolvimento da criança. Resultado que vai ao encontro do estudo de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985) que enfatizaram o bom relacionamento entre pai e mãe favorecendo o envolvimento paterno e contribuindo para pais mais presentes na vida dos filhos.

Ao serem perguntados se os participantes e suas esposas/companheiras haviam recebido algum tipo de apoio aos três meses do bebê, a grande maioria dos pais (90%) afirmou que sim, que tinham recebido apoio de pessoas da família.

Cabe destacar que a maioria dos pais (53%) alegou ter recebido apoio da avó materna do bebê, alguns pais (23%) receberam auxílio da avó paterna do bebê. Também apareceram citações do avô materno (17%) e do avô paterno (3%). Além disso, os pais relataram ter sido ajudados por familiares como tia materna do bebê (13%), tia paterna do bebê (7%), tio materno do bebê (3%) e bisavó paterna do bebê (3%). Ao se investigar o tipo de apoio fornecido verificaram-se os seguintes: lavar a roupa do bebê; tomar conta do bebê; segurar o bebê para a mãe descansar, se alimentar, tomar banho, trocar de roupa; ser suporte nos cuidados com o bebê; acompanhar a mãe nas consultas médicas e exames; fazer companhia à mãe; comprar roupas, fraldas e outras coisas para o bebê.

A maioria dos pais (53%) tem em sua residência algum tipo de ajuda profissional doméstica, sendo que 40% têm diaristas e 13% têm babá.

Nesse período do bebê aos três meses de idade, cabe destacar que 10% dos entrevistados informaram que a esposa está morando com o bebê na casa dos avós maternos e 3% que está morando na casa dos avós paternos.

Também é importante destacar que 10% dos entrevistados informaram não ter nenhum tipo de auxílio, por não terem profissionais trabalhando em suas residências e nem familiares ajudando, diante do fato de morarem em Estado diferente daquele no qual reside a família extensa.

Por fim, foi perguntado novamente aos pais, desta vez no período dos três meses do bebê, o que é família, quem compõe a sua família e o que é envolvimento paterno.

A Tabela 48 apresenta a percentagem e frequência para as respostas de concepções de família exibidas pelos entrevistados.

Tabela 48 – Concepções de família apresentadas aos três meses do bebê. Salvador, 2015

Concepções de família	Percentagens*
União	26%
Base de formação da pessoa	21%
Apoio incondicional	17%
Amor	14%
Sentido da vida	11%
Composição familiar	11%
Total	100%

*Houve respostas múltiplas e as percentagens foram calculadas com base no número total de respostas (57).

No período dos três meses do bebê, *união* (26% das respostas) foi a concepção mais referida pelos pais. Destacou-se também a concepção de *base de formação da pessoa* (21% das respostas). Em seguida, foram apresentadas pelos entrevistados as concepções *apoio incondicional* (17% das respostas), *amor* (14% das respostas); *sentido da vida* (11% das respostas) e *composição familiar* (11% das respostas). Além disso, no período dos três meses do bebê, nenhum dos participantes mencionou a concepção de consanguinidade, como havia apresentado no período de gestação do(a) filho(a).

Os pais foram questionados sobre quais pessoas eles consideravam que fazia parte da família deles. É importante lembrar que tal questão constou também na coleta de dados ocorrida no período de gestação do(a) filho(a). As respostas a essa pergunta foram explicitadas a seguir, na Tabela 49:

Tabela 49 – Dados referentes às concepções sobre pessoas que fazem parte da família, no período em que o(a) filho(a) tinha três meses. Salvador, 2015

Concepções sobre pessoas que fazem parte da família apresentadas aos três meses do bebê	Percentagens*
Família nuclear	50%
Família extensa	47%
Família ampliada	03%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Referente às concepções sobre pessoas que fazem parte da família, durante o período dos três meses do bebê, houve destaque para a família nuclear, com 50% dos casos, seguido de 47% trazendo a família extensa e 3% que considerou a família ampliada.

A visão de família extensa ocorreu nos dois períodos, durante a gravidez e aos três meses do bebê. No entanto, aos três meses do bebê, o que prevaleceu foi a concepção de família como nuclear. A família nuclear continua tendo grande relevância, sendo a principal resposta na infância, na adolescência e atualmente. No entanto, a construção de uma família

nuclear não é impedida por formas diferenciadas da família de origem. Para 50% dos pais, quando a criança nasceu, se materializou o surgimento da concepção de família como sendo a nuclear. Ou seja, quando ocorre o nascimento do(a) filho(a), em termos de concepção, há um foco na família nuclear que foi constituída.

Embora tenha havido uma queda na formação da família ampliada ou da extensa, destaca-se que atualmente 17% dos pais moram dependentes da família de origem, seja essa dependência financeira, emocional ou por gostar de ter a família de origem junto, reforçando o significado família enquanto união.

Os resultados da presente pesquisa estão de acordo com os estudos de Palkovitz (2007), que revelam que a paternidade simboliza um *status* social, um papel social, influenciando a forma como esse homem, ao se tornar pai, se comporta na sociedade. Há uma relação de interatividade com a realidade que o pai vive, sendo que o homem transforma seus vínculos sociais e afetivos quando se coloca no papel de pai.

A seguir, na Tabela 50 constam as concepções sobre envolvimento paterno apresentadas pelos pais no terceiro mês do filho.

Tabela 50 – Concepções sobre envolvimento paterno aos três meses do bebê. Salvador, 2015

Concepções sobre envolvimento paterno	Percentagens*
Ênfase na interação	30%
Ênfase na responsabilidade	23%
Ênfase na interação e responsabilidade	17%
Ênfase na interação, acessibilidade e responsabilidade	13%
Ênfase na acessibilidade	07%
Ênfase na acessibilidade e responsabilidade	07%
Ênfase na interação e acessibilidade	03%
Total	100%

*As percentagens foram calculadas com base no número de participantes (n=30).

Constatou-se um destaque para a *interação* (30%), o que ilustram as falas: “Eu diria que é você abrir mão do seu lado masculino, que vem da natureza. O macho, ele não foca no cuidado com a cria, mas na proteção. Então, você abrir um pouco mão disso aí, o pai, o homem, o pai também faz a diferença na criação, no direcionamento, na instrução.” (P2) e “Envolvimento paterno é o pai estar presente, fisicamente presente. Acompanhar mesmo. Ver crescer. Ser pai é ser autoridade e agora eu já estou fazendo isso. Tem horas que minha esposa já me pede esse tom.” (P7) e “O envolvimento paterno é a sua participação no crescimento, no desenvolvimento da criança.” (P13).

Em seguida, é mencionada a ênfase na *responsabilidade* (23%), sendo exemplificada na fala: “É você compreender que você deixou agora de ser o filho para ser um pai e que acho

que o maior fundamento que eu tenho é que um ser depende pura e exclusivamente de você até o fim da vida dele” (P25).

Depois os pais apontaram: *ênfase na interação e responsabilidade* (17%), como ilustra a fala “É você não apenas prover alimento e teto, mas também o emocional. Não é só de alimento e roupa que vive uma criança. Temos que dar atenção e carinho, pois a criança percebe” (P30). *Ênfase na interação, acessibilidade e responsabilidade* (13%), o que constata a fala: “É o pai, o homem, né, no caso, do sexo masculino estar ali presente, não fugir desta responsabilidade, dar atenção, dar carinho, dar afeto, chegar junto realmente com suas obrigações. Estar o mais presente possível também, né. Porque tanto a esposa, como a filha vão precisar do pai realmente, do homem dentro de casa, do chefe de família, que chega e está presente para tudo” (P16).

Por fim, foi mencionada a *ênfase na acessibilidade* (7%), como ilustra a fala: “O pai está ali para o que der e vier. Que ele pode contar com o pai, que ele não precisa esconder do pai o que acontecer com ele de bom e de ruim” (P3). *Ênfase na acessibilidade e responsabilidade* (7%), explicitada na fala “Renúncia, é isso que é envolvimento paterno, é você renunciar de várias coisas para poder viver em prol daquilo ali que você acha que é tudo, aquele serzinho ali, fantástico, perfeito. Hoje fui para a pediatra com ela, ela está super saudável. Você não sabe a alegria que é saber destas coisas” (P23); e *ênfase na interação e acessibilidade* (3%): “Sempre estar presente” (P22).

Considerando-se a análise das respostas dos entrevistados com relação à concepção que eles tinham de envolvimento paterno com o filho aos três meses de idade, notou-se que era alta a relacionada com a interação, o que confirma a participação ativa desses pais no cotidiano e na criação de seu filho. Dessa forma, as concepções de envolvimento paterno reforçam a construção dos papéis paternos e apontam o quanto é importante para esses pais interagir com o bebê, compartilhando os cuidados com a mãe, ter responsabilidade com o filho e estar acessível à criança.

4.4 DISCUSSÃO GERAL – ASPECTOS LONGITUDINAIS DA INVESTIGAÇÃO

Nesse tópico serão discutidos os resultados da pesquisa, analisando os aspectos longitudinais da investigação, observando continuidades e mudanças durante os três períodos de entrevista.

4.4.1 Família

Diante da necessidade de investigar o envolvimento paterno, conhecer as concepções que os entrevistados tinham sobre família foi essencial para compreender o desenvolvimento familiar desse homem que vivenciou um período de transição no seu curso de vida. No período da gestação do filho, as concepções que mais apareceram foram “União”, “Apoio incondicional”, “Base de formação da pessoa” e “Sentido de vida”. Já aos três meses do bebê, as concepções principais foram “União”, “Base de formação da pessoa”, “Apoio incondicional” e “Amor”.

Assim, entre o período da gestação do primeiro filho e os três meses do bebê, mantiveram-se como principais concepções de família a “União”, a “Base de formação da pessoa” e o “Apoio Incondicional”. Entretanto, as duas últimas concepções mais citadas trocaram sua prioridade ao longo desse momento do curso de vida dos pais. Dessa forma, fica evidente que “União” é a concepção mais utilizada nos dois períodos e que a “Base de formação da pessoa” passa a ter maior destaque que “Apoio incondicional” aos três meses do bebê.

A concepção “Amor” passa a ter maior destaque do que “Sentido de vida” no terceiro mês de vida do bebê. Ainda assim, houve um incremento do conceito de família como “Composição familiar”. Cabe, ainda destacar que, no período dos três meses do bebê, não apareceu a ideia de família como “Consanguinidade”. A família de modo geral foi vista de forma positiva. No que se refere à composição familiar, houve predominância da família nuclear nos três períodos. No entanto, no período da adolescência dos pais entrevistados houve uma distribuição maior entre os tipos de família, diminuindo a família nuclear.

Ao se abordar as concepções sobre quem faz parte da família, foi interessante identificar que a família extensa foi bastante enfatizada tanto no período da gestação (53%) quanto aos três meses do bebê (47%). Apesar disso, evidenciou-se um movimento grande no sentido de uma maior valorização da família nuclear que passou de 20% no período da gestação, para 50% no período dos três meses do bebê, o que revela que a chegada do filho fez com que o pai continuasse valorizando a família extensa, mas focasse a família nuclear e a tríade construída (mãe-pai-bebê). Embora a maior parte dos entrevistados residisse em família nuclear, no período da gestação os pais consideraram a família como extensa. Já com a chegada do primeiro filho, aumentou o foco na família nuclear.

Este resultado está de acordo com os estudos de Dessen e Lewis (1998) revelando que a formação familiar e demais interações são responsáveis pela construção da concepção

de família do indivíduo. Tal resultado também vai ao encontro do estudo de Singly (2007) que considera a dimensão relacional na construção da identidade do indivíduo.

4.4.2 Paternidade

Este item visa abordar o que apareceu sobre paternidade ao longo dos três períodos de entrevistas. Foram constatadas mudanças na vida dos participantes ao tornarem-se pais. Os pais estão mais participativos.

Diante da pesquisa realizada, observam-se transformações no comportamento paterno desde a gestação, momento em que se verificou o aumento da responsabilidade, concentrando-se na preocupação e planejamento do futuro do filho. Houve também o enfoque no filho e na família, maiores preocupações e cuidados com a esposa e busca da melhora da qualidade de vida, tentando conciliar a profissão e a família.

O compromisso conjugal se intensificou em decorrência da chegada do filho, com a necessidade de aquisição de bens e investimento, com o casal buscando se estruturar como família. O pai alterou a forma de pensar, passando a valorizar mais a vida de modo geral, gerando expectativas para a chegada do bebê, preparando-se para isso, por meio de cursos e grupos de pais.

Os resultados revelam mudanças positivas trazidas com a gestação do primeiro filho. Ainda assim, outros dados constatarem aspectos negativos, a exemplo de um dos participantes que alegou que se sentiu obrigado a se casar, devido à gravidez indesejada. Outro pai informou que não houve mudanças em decorrência da gravidez da esposa.

No período do terceiro mês do bebê, as mudanças ocorridas foram: maior responsabilidade, valorização mais intensa à convivência familiar, priorizou a ampliação do tempo para o cuidado com o bebê; maiores preocupações com o futuro (do/a filho/a, de sua própria vida e da família como um todo). Todas essas transformações demonstram uma ampliação no sentido da vida desses pais, apresentando uma preocupação mais concentrada na família que está sendo construída.

Há também mudanças na visão do que é ser pai. Tanto no período da gestação quanto aos três meses do bebê, os pais destacam o fato de se tornarem mais responsáveis, tendo um empenho maior no trabalho e maiores preocupações com a esposa e com o filho. Houve a valorização da família e o filho é a centralidade na vida desses pais. Tornar-se pai amplia o sentido da vida.

Resultado também encontrado nos estudos de Krob, Piccinini e Silva (2009), revelando a transição para a paternidade como um processo que abarca diversas mudanças na vida do homem, tanto pessoais quanto no relacionamento conjugal e com a família como um todo, exigindo uma série de ajustes por parte dos pais.

4.4.3 Envolvimento paterno

Durante a gestação do primeiro filho, as concepções de envolvimento apresentadas pelos pais, destacaram a ênfase na interação, com os pais alegando que fazem carinho e beijam a barriga da companheira grávida, além de conversar com o bebê e acreditar que o movimento do feto é uma reação à presença do pai, sentindo-se reconhecidos pelo(a) filho(a). Também houve um destaque da ênfase na responsabilidade, como levar o filho ao médico, levar para a escola (futuramente) e tomada de decisões sobre a vida do filho. Por último, os pais apresentaram poucas falas que se enquadram em acessibilidade, o que pode sugerir que ainda há uma dificuldade na quantidade de tempo disponível para acompanhar a gestação. Observa-se que o pai da contemporaneidade acompanha, se envolve, está participando e tendo um papel mais atuante na gravidez da esposa/companheira, destacando o comportamento de participar de exames médicos e ultrassom, preocupar-se com a saúde da esposa e do feto. Essa é uma grande transformação dos pais no contexto atual em relação aos de décadas atrás.

No terceiro mês do bebê, a concepção do pai sobre envolvimento paterno reforça a ênfase na interação, com o pai atuante nos cuidados do bebê, manifestando carinho/amor/afeto, conversando e brincando com o filho. A interação continua sendo o aspecto predominante no envolvimento, no entanto teve um pequeno declínio. O aspecto responsabilidade foi o que mais se destacou por ter um aumento de 13% no período da gestação para 27% aos três meses do bebê.

Na gravidez da esposa/companheira, o pai participou estando próximo a ela, cuidando da saúde da gestante e do bebê, organizando a residência para a chegada do filho, informando-se sobre gravidez e cuidados com o bebê, por meio de cursos, grupos de pais e leituras sobre o tema, conversando com o filho, escolhendo o nome do bebê, buscando uma forma de interação nesse período no qual a mãe que gera o filho, sente o feto dentro dela, diferente do pai que, por meio dela, busca envolvimento com o filho ao participar dos cuidados para o desenvolvimento saudável da gestação.

A grande maioria dos pais esteve presente no momento do parto, dando todo sustento e apoio emocional à esposa, transmitindo carinho e tentando trazer tranquilidade para ela, permanecendo vigilante no parto com os procedimentos médicos e hospitalares, participando, tirando fotos, filmando o parto e carregando o filho no colo. A participação do pai no parto sugere uma tentativa de garantia dos direitos da mãe e da criança, assegurando respeito ao plano de parto desejado pela mãe.

No parto houve um destaque para o próprio reconhecimento da paternidade ao ver o(a) filho(a) e na emoção sentida pelo nascimento do bebê, acompanhado da relevância de carregar o bebê ao colo e protegê-lo. Nos primeiros dias de vida da criança houve preocupação maior com a saúde do bebê do que aos três meses, por acreditarem que ela está fortalecendo a imunidade física.

Resultado que está de acordo com os estudos de Tomereli (2007) que revela que a participação do pai no parto pode ajudar a mãe que está tensa e ansiosa a se sentir mais segura, acolhida e relaxada, colaborando no trabalho de parto, dando apoio e carinho a ela. É também no parto que se passa o primeiro contato com o filho concreto, real, no qual o pai parece intensificar seu envolvimento com o filho, pois sai de uma imagem mental para a construção de vínculo e interação com o filho que nasceu.

Na gestação, o envolvimento paterno se deu na maioria dos pais principalmente com a interação relatada pelos entrevistados. Os pais informaram que dentre as principais atividades no processo de interação estão o fazer carinho na barriga da grávida, beijar a barriga, conversar com o bebê pela barriga da mãe e botar o ouvido próximo da barriga. Assim, os entrevistados acreditavam que existia interação com a criança, pois o feto reagia aos estímulos que os pais faziam.

Essa interação, desde a gravidez da esposa/companheira, reforça o quanto os pais estão querendo participar da vida do(a) filho(a). Em seguida, foi destacada a responsabilidade, apresentando pais preocupados com a saúde e o desenvolvimento do bebê, providenciando os recursos necessários para que o filho e a mãe estejam bem. Por fim, a acessibilidade é pouco relatada pelos pais, pois se deu pela quantidade de tempo que o pai esteve próximo da esposa/companheira, disponível para resolver coisas em prol do filho. No entanto, cabe destacar que alguns pais relataram que ainda não têm se envolvido com o filho, pois acreditam que tal envolvimento acontecerá após o nascimento do bebê.

No parto, os pais relataram como principal forma de envolvimento quando se reconheceram no próprio filho e sobre a emoção que sentiram pelo nascimento do bebê. Em seguida, carregar o filho no colo, proteger o bebê e apoiar a esposa/companheira foram

maneiras de envolvimento descritas pelo pai. Os pais também se envolveram com o bebê estando presentes no parto, transmitindo amor e carinho, conversando com o bebê, fazendo registros fotográficos e filmagem, cortando o cordão umbilical e limpando o bebê.

Nos primeiros dias de vida da criança, o envolvimento paterno se deu por meio de preocupações com a saúde do bebê, pelo fato de o pai ficar atento ao choro do bebê, em querer saber como o(a) filho(a) está a cada momento, preocupações com o futuro e educação da criança e em proteger o bebê. A maioria dos pais provia financeiramente o bebê e a família. Os pais informaram que realizavam cuidados físicos com o bebê como colocar para arrotar, trocar fraldas, acordar à noite para atender o bebê, dar banho no bebê, alimentar/dar mamadeira ao bebê, colocar o bebê para dormir, carregar o bebê para a mãe. Os cuidados físicos apareceram nos relatos dos pais com uma percentagem alta, o que reforçou a coparentalidade e o compartilhamento com a esposa/companheira dos cuidados do filho.

A grande maioria dos pais se envolveu em brincadeiras com o(a) filho(a) já nos primeiros dias de vida do bebê, enquanto alguns pais relataram que consideram que a criança não estava na fase de brincar. No entanto, os pais estabeleceram também outros tipos de interação com o bebê além de brincar, como conversar com o bebê, cantar música, contar histórias para o bebê, estimular o desenvolvimento motor do bebê, manifestar afeto/amor/carinho ao filho, pegar no colo, cheirar a criança, interagir por meio da visão, tomar conta da criança, acalmar o bebê e buscar formas para que o filho o reconheça como pai.

No terceiro mês do bebê, ao falarem sobre o envolvimento que tinham com o filho, foi visível o aumento da preocupação com a saúde do bebê. Aumentou também a preocupação com o futuro e educação da criança, diferente de quando o bebê nasceu, quando se teve uma preocupação mais imediata, visando a saúde e os choros do bebê, começando no terceiro mês do filho a emergir pensamentos em longo prazo. Alguns pais relataram ter diminuído a preocupação com a imunidade do bebê, pois o filho estava se desenvolvendo bem e tinha amadurecido fisicamente. Também foi apresentada a preocupação em compartilhar os cuidados do bebê com a esposa, o que sugere uma diminuição de sobrecarga de cuidados com o bebê por parte das mães e que é um período que alguns pais informaram que suas mulheres estão retornando ao trabalho após a licença maternidade. Dessa forma, salienta-se que compartilhar os cuidados do bebê com a esposa já está na lista de preocupações dos pais.

Em relação aos cuidados físicos, nas diversas formas (colocar para arrotar, trocar fraldas, dar banho no bebê, dar mamadeira, colocar o bebê para dormir e carregar o bebê) continuou mostrando um aumento da participação paterna aos três meses do bebê. Aumentou

a quantidade de pais que carregam o bebê ao colo. Entretanto, o cuidado físico, de acordar à noite para atender o bebê, diminuiu, sendo que os pais alegaram que a criança, aos três meses, já estava se acostumando aos horários dos pais, acordando em horários adequados para os pais e dormindo mais durante a noite.

O brincar com o bebê passou a ser um tipo de interação unânime de todos os pais aos três meses, sendo que na primeira semana de vida da criança alguns pais alegaram não brincar por considerarem que não era o momento para brincar com o bebê, pois ele não reagiria às brincadeiras. Sobre as formas de brincar, brincavam estimulando a visão na mesma proporção que antes, sendo que aumentou o brincar estimulando o sorriso e com o bebê aos três meses de idade brincavam bastante estimulando o desenvolvimento motor da criança. Alguns pais cantavam música para o bebê.

Esses resultados estão de acordo com as pesquisas de Piccinini et al. (2012), que revelaram a satisfação e o imenso prazer ao brincar com seu bebê. Os pais faziam brincadeiras que estimulavam o desenvolvimento motor do bebê, como cócegas, danças, brincadeiras com objetos, como brinquedos, com parte do corpo do pai. Nesses estudos as conversas entre pai e bebê foram bastante mencionadas como forma de interação. Mesmo com o aumento da interação e dos cuidados com o bebê, poucos pais conseguiam manifestar afeto para o(a) filho(a) através de carinho, abraços e beijos.

Por sua vez, a manifestação de carinho/amor/afeto e as conversas com o bebê também aumentou entre os pais no período dos três meses do bebê, o que indica que o pai vai se sentindo mais à vontade e mais motivado para interagir com o filho aos três meses, inferindo fortalecimento de vínculo com o(a) filho(a) e que há um ajuste da paternidade ao longo do tempo. Os entrevistados continuam buscando formas para que a criança o reconheça como pai.

Resultado que está de acordo com os estudos de Palkovitz (2007), revelando que o homem passa por um reajuste de tarefas e prioridades ao desempenhar o papel de pai. As diversas mudanças associadas com a transição para a paternidade levam tempo e envolvem múltiplos aspectos pelo fato de a paternidade ser um papel complexo. Os pais podem demonstrar um comportamento ou atitudes paternas em algumas áreas de cuidado do desenvolvimento infantil e não em outras. Dessa forma, os homens adquirem um novo conjunto de papéis que são centrais para a sua identidade como pai. Os pais repensam a si mesmos em relação ao novo papel e essa transição requer mudança no comportamento, que necessita de tempo para acontecer. A experiência da transição para a paternidade ocorre para cada homem com sua própria sequência de eventos, trajetórias e conjunto de tarefas.

Os dados encontrados destacam a participação paterna nos cuidados físicos da criança. Observa-se que esse comportamento ativo do pai no cotidiano do filho está relacionado às concepções e noções que o entrevistado tem sobre as capacidades e necessidades do bebê.

O envolvimento paterno em termos de acessibilidade, no período dos primeiros dias de vida do bebê, foi relatado por muitos pais como satisfatório, com disponibilidade integral, pois estavam no período de licença paternidade. Alguns pais manifestaram que gostariam de ter mais tempo com o bebê, o que era dificultado pela alta carga horária de trabalho. Também decorrente do tempo de trabalho, os pais tinham maior quantidade de tempo com seus filhos à noite, durante os dias de semana e em finais de semana. Alguns pais, além do tempo de licença paternidade, tiraram férias nesse período para ficar mais tempo com a criança.

Já aos três meses do bebê, a maioria dos pais tinha mais disponibilidade aos finais de semana e à noite. Alguns pais tinham disponibilidade integral por não estar trabalhando ou por trabalhar apenas em um turno. Outros pais relatam que desejavam ter mais tempo disponível para o bebê, informando que tinham muito trabalho. Também houve pais buscando conciliar o tempo, os problemas do trabalho e os de casa. Um pai informou ter pouca disponibilidade por trabalhar em outro estado e outro por trabalhar e estudar ao mesmo tempo. Os resultados revelam que houve uma diminuição da disponibilidade do pai ao longo dos três meses do bebê, sendo justificada pela alta carga horária de trabalho.

Em relação ao envolvimento do pai com o bebê em termos de responsabilidade, tanto nos primeiros dias de vida da criança quanto no terceiro mês do bebê, todos os pais se declararam bastante responsáveis. No entanto, nos primeiros dias do bebê, os pais se disseram responsáveis principalmente por providenciar o que o(a) filho(a) precisava, prover, depois por cuidar do bebê, priorizar as necessidades dele, proteger/defender o bebê, promover o bem-estar da esposa visando promover o bem-estar do bebê, providenciar os documentos do bebê, providenciar o plano de saúde e intermediar as relações da família com a sociedade. Já aos três meses da criança, os pais falaram que eram responsáveis principalmente por providenciar o que o(a) filho(a) precisa/prover, depois por cuidar do bebê, pela saúde do bebê, pela educação do bebê, por promover o bem-estar da esposa e pelo desenvolvimento afetivo do filho. A responsabilidade do pai em prover a criança ainda é considerado um forte definidor do papel paterno. A presente pesquisa comprovou a abrangência e o interesse dos pais em assumir o cuidado com o bebê como sua responsabilidade juntamente com a esposa/companheira. Outro fato interessante é que aos três meses do bebê, surge em seus

relatos a responsabilidade com a educação da criança, demonstrando maior preocupação com o futuro do bebê.

Diante das análises realizadas foi observado que um dos aspectos mais abordados foi a ênfase na interação, que está na prática e no desejo do pai em ser mais atuante nas tarefas e no dia a dia do seu filho. Esse ponto é trazido tanto no momento da concepção quanto no envolvimento propriamente dito. A ênfase na interação vem novamente à tona entre os entrevistados que afloram o seu desejo em participar ativamente na vida do seu filho. A interação antes trazida no âmbito da concepção, afirma-se com a chegada da criança demonstrando que os pais não só desejam, mas, de fato, envolvem-se, interagindo com seu/sua filho(a). Em seguida, houve ênfase na responsabilidade, pois embora todos os pais tenham se declarado bastante responsáveis, as falas dos participantes nos diversos momentos das entrevistas referiram a responsabilidade como segunda dimensão em destaque. Por último, a acessibilidade é mencionada pelos pais mais de forma a desejar ser mais disponível para a criança.

Além disso, os resultados da pesquisa permitiram compreender o que favorece e o que dificulta o envolvimento paterno durante a gestação, o parto e aos três meses do bebê.

Durante a gravidez da esposa apareceu como favorecedor do envolvimento paterno principalmente características do pai, como o próprio desejo do pai em envolver-se, cuidar bem da esposa para influenciar positivamente o filho, ter a rotina mais voltada para a família e ser cristão; em seguida, favoreceram as características do casal, como ter bom relacionamento conjugal, a independência do casal em relação à família de origem, morar junto, estar casado e ter a casa própria do casal; logo depois, as características da esposa favoreceram o envolvimento, como a esposa incentivar o envolvimento do pai e a esposa estar mais feliz com a gravidez; dando continuidade, favoreceram o envolvimento algumas influências externas como o trabalho, a família de origem estimular o envolvimento do pai e compartilhar experiências com outros pais; por fim, as características do filho também foram favorecedoras do envolvimento, como os movimentos do feto que estimulam o envolvimento do pai e o sexo da criança. Cabe destacar que um pai relatou que nada favorece o envolvimento dele com o filho, pois se tratava de uma gravidez indesejada.

No parto, o que foi relatado como maior favorecedor do envolvimento paterno foram as características da instituição/equipe de saúde, como poder estar na sala do parto, ser uma equipe profissional atenciosa/eficiente e de confiança; em seguida, um grande favorecedor foram as características do pai, como o desejo de ser pai, envolvimento na gravidez, satisfação pelo nascimento, amor pelo bebê, ser profissional da área de saúde e ser cristão. Por fim, uma

característica do casal também foi relatada por muitos pais, que era o desejo conjunto do casal de o pai participar do parto.

No terceiro mês do bebê, o que favoreceu o envolvimento paterno foram principalmente as características do pai, como o desejo de ser pai, manifestação de afeto do pai, brincar, conversar com o bebê, gostar de crianças, a personalidade do pai e ser cristão; em seguida, favoreceram as características do filho, como o bebê reagir aos estímulos do pai, ver o desenvolvimento do bebê, o sorriso do bebê, o temperamento do filho e o bebê chorar menos nesse período; logo em seguida, outro favorecedor foram as características da esposa, tanto solicitando o pai, quanto dando apoio, ajuda e deixando o pai à vontade com o bebê. Depois, influências externas foram relatadas como favorecedoras, como a família extensa estar próxima nesse período, ter horário flexível no trabalho e não trabalhar nesse período.

Sobre o que dificultou o envolvimento paterno durante a gestação, os entrevistados relataram principalmente influências externas, sendo que o trabalho foi colocado como grande dificultador, seguido de falta de tempo devido aos estudos, problemas no cotidiano, conflitos entre a esposa e a mãe do participante e risco de aborto natural ou nascimento prematuro. Em seguida, os pais apontaram suas próprias características, como mudanças no próprio participante, falta de experiência com o bebê e com a paternidade e gastar mais tempo organizando o ambiente do que interagindo com o feto por meio da grávida. Mencionaram também características da esposa, como mudanças corporais, de hormônio, de temperamento/personalidade e de comportamento/atitudes ocorridas na esposa. Por último, outros dificultadores mencionados estavam relacionados a características do casal, como não residir com a grávida, e a características do(a) filho(a), como o fato dele/dela ainda não ter nascido. Ainda assim, cabe destacar que alguns pais referiram que nada dificultou seu envolvimento durante a gestação do(a) primeiro(a) filho(a).

No momento do parto, o que mais dificultou o envolvimento do pai com o(a) filho(a) foram algumas características do pai, como o sentimento de medo, desconhecimento sobre o parto, falta de experiência, ansiedade do pai e nervosismo. Em seguida, influências externas, como principalmente a rotina rígida do hospital e dos procedimentos hospitalares, seguido de o fato da família de origem residir em outra cidade. Um pai relatou uma característica do(a) filho(a) que dificultou, que foi a necessidade de dele/dela ter que ficar em observação no hospital, e outro pai mencionou uma característica da esposa, que foi a dificuldade na convivência com a mãe do bebê. Por outro lado, alguns pais informaram que nada dificultou seu envolvimento com o filho no instante do nascimento.

Aos três meses do bebê, os pais mencionaram as influências externas como grandes dificultadoras do envolvimento paterno, apontando como principal dificultador o trabalho, tanto pelo cansaço, quanto pela falta de tempo com o bebê, seguido da vida social agitada. Logo depois, o choro do bebê foi uma característica do(a) filho(a) que dificultou e também uma característica do casal, que foi o fato da distância, pois o pai não mora com a esposa. Apenas um pai referiu uma característica própria que dificultou seu envolvimento: a ansiedade. Cabe destacar que muitos pais alegaram que nada dificultou o envolvimento com o bebê no terceiro mês de idade.

O resultado do trabalho como dificultador é encontrado também nas pesquisas de Santos e Moreira (2016) que considerou diversos estresses que os homens passavam no trabalho, tendo como consequência comprometimentos com sua saúde, pouco tempo para se dedicarem ao lazer, sentimentos frequentes de medo, ansiedade, culpa, tristeza, impaciência, problemas de sono, vida agitada e hábitos prejudiciais à saúde. É observada como uma interferência negativa para o envolvimento paterno mudar de cidade para ir trabalhar. Nesse sentido, um grande desafio que os pais passam é tentar alcançar o equilíbrio entre a vida profissional e familiar.

Em síntese, os resultados revelam que o envolvimento do pai com o(a) filho(a) do período da gestação aos três meses do bebê ocorreu de diversas formas, não se restringindo a um aspecto, havendo maior destaque na interação, principalmente em cuidados físicos e momentos de brincadeira, mas também ao manifestar carinho/amor/afeto, conversar, cantar, contar história, dançar, orar e estimular o desenvolvimento infantil por meio da visão, da audição e da motricidade.

Conforme Carvalho e Moreira (2016), o engajamento positivo do pai no lugar de alguém que cuida é um grande fator de motivação para os homens se envolverem mais com os filhos. Piccinini et al. (2012) também salientam diversas formas de envolvimento do pai com o bebê em termos de interação, como realizar atividades de cuidado com o bebê, como em momentos de ficar responsável e vigilante pelo bebê. Os cuidados ocorriam algumas vezes quando a mãe precisava fazer outras atividades como se alimentar e tomar banho. Alguns pais também faziam os cuidados para poupar esforços físicos da esposa recém-operada. No entanto, muitos pais da presente pesquisa relataram que desempenhavam essas atividades de cuidados sem precisar da solicitação da mãe, por vontade própria, por considerar natural dele, seu papel enquanto homem e pai de cuidar do(a) seu(sua) filho(a).

Outro grande destaque foi o envolvimento paterno em termos de responsabilidade, que correspondeu tanto às preocupações com o bebê, quanto à participação na tomada de decisões

sobre seu/sua filho(a) e em conseguir os recursos necessários para as demandas e o desenvolvimento da criança, certificando-se que ela está sendo cuidada. Esse resultado não condiz com os estudos de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), que mostram que os pais assumem responsabilidades mais frágeis relacionadas aos cuidados e educação das crianças. No entanto, investigações recentes nacionais de Carvalho e Moreira (2013) confirmam os resultados do presente estudo, uma vez que constata mudanças no envolvimento paterno, apontando para maior responsabilidade do pai pela criança.

Diante dessas constatações, pode-se inferir que o nível de envolvimento do pai aumentou tanto em relação ao pai tradicional de décadas atrás, quanto em relação ao próprio entrevistado e suas experiências com o(a) filho(a) ao longo das três fases da coleta de dados.

4.4.4 Conjugalidade e parentalidade

Durante a gestação do primeiro filho, os pais relataram expectativas a respeito do relacionamento com a esposa. Em primeiro lugar se encontra a perspectiva de fortalecimento da conjugalidade com o nascimento do bebê, aumentando a harmonia, a estabilidade e a cumplicidade do casal. Em seguida, foi mencionado que o casal não se concentrou apenas na conjugalidade, se destacando a parentalidade em suas vidas, mudando o foco da relação com a chegada do(a) filho(a), priorizando-o(a). Alguns pais acreditavam que, com o nascimento do filho, não haveria mudanças no relacionamento conjugal. Por fim, outros pais relatavam não saber como será o relacionamento, alegando as diferenças de criação que tiveram.

No período da primeira semana de vida do bebê, os resultados revelaram que a chegada do(a) filho(a) fortaleceu o relacionamento conjugal, sendo que em alguns casos o casal entrou em acordo em relação às decisões sobre o(a) filho(a) e em outros, a esposa passou a focalizar o bebê em detrimento do marido. Nesse momento, os pais apoiaram a esposa tendo primeiramente cuidado com a saúde e o descanso da esposa, dando apoio psicológico e auxílio nas tarefas domésticas.

Aos três meses do bebê, os entrevistados responderam como se encontrava o seu relacionamento com a esposa e quais os aspectos disso refletiam diretamente no desenvolvimento do bebê. Muitos pais alegaram que o relacionamento estável e harmonioso refletia positivamente no desenvolvimento do bebê e que o bom diálogo do casal estaria visando o melhor interesse do bebê. Alguns pais relataram que os conflitos conjugais existiam, mas havia uma preocupação para preservar o bem-estar do bebê. Há o

reconhecimento de que para interagir bem com o(a) filho(a) precisa ter um bom relacionamento com a esposa. Por fim, ainda tiveram pais que informaram que os conflitos conjugais repercutiam negativamente na criança.

Dados da pesquisa revelaram no terceiro mês do bebê que o apoio à esposa se deu por compartilhar os cuidados com o bebê, atendendo às solicitações da esposa, auxiliando nas tarefas domésticas e oferecendo apoio psicológico. Ainda assim, alguns pais informaram que reduziram o apoio à esposa nesse período.

Os resultados da pesquisa revelaram que durante o período da gravidez a maioria dos pais (53%) tinha a expectativa de que o nascimento do bebê fortaleceria a conjugalidade, o que na prática teve uma queda nos primeiros dias de vida do bebê, com 33% dos entrevistados confirmando que fortaleceu, o que voltou a crescer aos três meses do bebê, com 47%. Tal dado confirma que há um período de adaptação do casal com a chegada do bebê e o desenvolvimento da parentalidade.

Já o apoio dado à esposa no período da gravidez foi bastante relatado, pois o que ocorria com a esposa influenciaria diretamente a saúde e o desenvolvimento do bebê, na perspectiva dos pais. Durante os primeiros dias de vida da criança, a maioria dos pais (73%) informou que tinha bastante cuidado com a saúde e o descanso da esposa, sendo que 23% davam apoio psicológico e 7% realizava tarefas domésticas. Aos três meses do bebê, 60% dos pais informaram que apoiavam compartilhando os cuidados com o bebê e 50% davam apoio quando eram solicitados, 13% davam apoio psicológico e 13% realizavam tarefas domésticas. Aos três meses do bebê alguns pais (10%) informaram que reduziram o apoio à esposa.

Esses resultados estão de acordo com Fagan, Day, Lamb e Cabrera (2014) que observaram papéis mais equitativos entre homens e mulheres nos cuidados com os bebês, percebendo um aumento dos comportamentos com os quais eles se envolvem com seus filhos e na quantidade de tempo que passam com as crianças. No entanto, o discurso de alguns pais destacava diferenças entre maternidade e paternidade, frisando o papel do homem e da mulher na família com continuidades do sistema familiar tradicional, salientando maior envolvimento da mãe com o bebê como justificativa de que eles, como pais, não precisavam se envolver em determinados cuidados.

4.4.5 Rede de apoio

É notório o apoio dado pelas avós do bebê, havendo destaque para a avó materna desde a gestação até os três meses do bebê, sendo que a porcentagem foi diminuindo nesse último período, o que pode indicar que o casal começa a ter maior independência da família de origem ou que a família de origem dispensa os apoios iniciais a essa nova família que se constrói por acreditar que os filhos e noras/genros não precisam de maiores apoios e, como diz o ditado popular, “Quem pariu Mateus, que o balance”.

Além disso, o casal contava com o apoio de profissional trabalhador doméstico para o auxílio das tarefas domésticas durante a gestação (53% dos entrevistados), durante os primeiros dias de vida do bebê (27% tinha diarista e 7% tinha babá) e aos três meses da criança (40% tinha diarista e 13% tinha babá). Dessa forma, constatou-se a necessidade de um apoio pago em tarefas domésticas para a diarista e para a babá nos cuidados com o bebê e auxiliando seus pais/mães.

Houve apoio para tomar conta e cuidar do bebê, segurar o bebê para a mãe descansar, fazer companhia à mãe, comprar coisas para o bebê, para as tarefas domésticas. Ainda assim, no período dos três meses do bebê, 10% dos entrevistados informaram que não tinham nem auxílio de familiares e nem de profissionais trabalhando em sua residência, o que reforçava a necessidade do apoio entre o próprio casal.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando o objetivo geral do estudo, que consiste em investigar, na perspectiva do pai, o envolvimento paterno na gestação, no parto e aos três meses do(a) primeiro(a) filho(a), no contexto de Salvador (BA), verificou-se que houve um avanço na investigação, sem, contudo, ter esgotado tal propósito.

Entrevistar os pais auxiliou a pesquisadora a compreender os valores e crenças que compõem os conceitos sobre a família, a paternidade e o envolvimento paterno, sua influência nos comportamentos e atitudes dos pais e, mais especificamente, a maneira como eles se envolvem com seus filhos. Na sequência, serão apresentados os resultados mais relevantes que respondem a cada um dos objetivos específicos desta tese de doutorado.

O primeiro deles foi conhecer as concepções dos participantes sobre família e sobre o que é ser pai. As concepções de família revelaram que ela foi definida principalmente como união, apoio incondicional, base de formação da pessoa, sentido da vida.

No que diz respeito à composição familiar, a família extensa foi enfatizada no período da gestação. No entanto, a família nuclear foi bem mais enfatizada aos três meses do bebê do que na gestação, revelando que, com o nascimento do filho, o pai continuou valorizando a família extensa, mas focalizou a família nuclear (mãe, pai, bebê). Também é importante destacar que tanto no período da gestação quanto aos três meses do bebê, houve a predominância da residência nuclear (pai, mãe, filho/a), embora aos três meses do bebê alguns pais informaram que estavam residindo na casa da mãe ou da sogra.

Por sua vez, as concepções sobre pai revelaram que este é visto como educador/orientador, responsável pelo filho e como aquele que ama, cuida e está presente. Cabe destacar que como essa questão foi abordada no período da gestação, alguns entrevistados afirmaram que ainda estavam descobrindo o que é ser pai.

De forma semelhante, as concepções sobre os deveres de um pai são: educar, ser responsável, amar, cuidar, estar presente, apoiar a esposa/companheira e ser referência. Já os direitos paternos consistem em: estar presente, ser respeitado pelo(a) filho(a) e pela família, amar e ser amado, escolher como educar os filhos, cuidar, dar o sobrenome ao(à) filho(a) e também do trabalho favorecer o convívio com a criança. Cabe informar que alguns pais estão descobrindo ou não têm noção de quais são os seus direitos.

Por fim, o pai ideal teria as seguintes características: companheiro, educador, responsável, afetivo, paciente, cuidadoso, sensível e religioso.

O segundo objetivo específico consistiu em analisar o envolvimento paterno. No período da gravidez, em termos de interação os pais fazem carinho, beijam a barriga da companheira, conversam com o bebê, acreditam que o movimento do feto é uma reação à sua presença. Os pais se sentem reconhecidos pelo filho quando o feto reage. Em termos de responsabilidade os pais acompanharam as esposas em exames médicos e ultrassom, sentindo-se responsáveis pela saúde da esposa e do bebê e providenciando os recursos necessários para que o(a) filho(a) e a esposa estejam bem. Em termos de acessibilidade, o pai dispõe de pouco tempo para acompanhar a gravidez da esposa.

Durante o parto, em termos de interação, a grande maioria dos pais esteve presente, carregando o filho ao colo, tirando foto e filmando. Em termos de responsabilidade, garantindo os direitos da mãe e da criança. Em termos de acessibilidade, disponibilizando suporte e apoio emocional à esposa. Nos primeiros dias de vida do(a) filho(a), em termos de interação a grande maioria dos pais se envolveu em brincadeiras com ele/ela, embora alguns pais relataram que a criança ainda não estava na fase de brincar, como também participaram dos cuidados físicos com a criança como colocar para arrotar, trocar fraldas, acordar à noite para atender o bebê, dar banho no bebê, alimentar/dar mamadeira ao filho, colocar o bebê para dormir e carregar o bebê para a mãe. Os pais conversavam, dançavam, contavam histórias e cantavam para o recém-nascido e manifestavam carinho, amor e afeto. Em termos de responsabilidade, todos os pais se declararam bastante responsáveis, principalmente por providenciar o que o(a) filho(a) precisa/prover, depois por cuidar do(a) filho(a), priorizar as necessidades dele(a) proteger e defender a criança. Em termos de acessibilidade, muitos pais consideravam satisfatório o tempo que tinham com o bebê, pois estavam de licença paternidade. No entanto, alguns manifestavam que gostariam de ter mais tempo com o bebê, o que era dificultado pela alta carga horária de trabalho.

No terceiro mês do bebê, em termos de interação, o brincar foi unânime, além de estimulação motora, houve aumento dos cuidados físicos realizados, assim como manifestação de carinho, amor e afeto. Os pais cantavam e conversavam com o filho. Em termos de responsabilidade, ampliou a de providenciar e prover o que a criança precisa e cuidar do bebê, sendo que apareceu a responsabilidade com a saúde e educação do(a) filho(a), o que demonstra maior preocupação com a criança em longo prazo. Em termos de acessibilidade, houve uma diminuição da disponibilidade, devido à alta carga horária de trabalho e os pais tentavam conciliar o tempo, os problemas do trabalho e os de casa. A dimensão do envolvimento que obteve maior destaque foi a interação, que apareceu em diversos momentos das falas dos entrevistados, revelando que os pais estão se envolvendo

mais em termos de interação com o filho ao longo desse período de transição para a paternidade.

O terceiro objetivo específico consiste em compreender o que favorece ou dificulta o envolvimento paterno ao longo desses períodos. Sobre os elementos que favoreceram tal envolvimento na gravidez foram: características do pai (desejo do pai em envolver-se, cuidar bem da esposa para influenciar positivamente o/a filho/a, ter a rotina mais voltada para a família, ser cristão); características do casal (bom relacionamento conjugal, independência do casal em relação à família de origem, morar junto, estar casado, ter a casa própria do casal); características da esposa (a esposa incentiva o envolvimento do pai, a esposa está mais feliz com a gravidez); influências externas (trabalho, família de origem estimular o envolvimento do pai, compartilhar experiências com outros pais); características do filho (os movimentos do feto, o sexo da criança)

Por sua vez, durante o parto, facilitaram: características da instituição/equipe de saúde (poder estar na sala do parto, ser uma equipe profissional atenciosa, eficiente e de confiança); características do pai (desejo de ser pai, envolvimento na gravidez, satisfação pelo nascimento, amor pelo bebê, ser profissional da área de saúde, ser cristão); característica do casal (desejo conjunto do casal de o pai participar do parto).

E por fim, aos três meses do bebê, favoreceram o envolvimento com o filho os seguintes itens: características do pai (desejo de ser pai, manifestação de afeto do pai, brincar, conversar com o bebê, gostar de crianças, a personalidade do pai e ser cristão); características do(a) filho(a) (o bebê reagir aos estímulos do pai, ver o desenvolvimento do bebê, o sorriso do bebê, o temperamento do filho, o bebê chorar menos nesse período); características da esposa (solicitando o pai, dando apoio, ajuda e deixando o pai à vontade com o bebê); influências externas (a família extensa estar próxima nesse período, ter horário flexível no trabalho e não trabalhar nesse período).

Diante disso, ao considerar os três momentos de coleta de dados, houve destaque para características do pai, principalmente no desejo dele em envolver-se.

O que dificultou o envolvimento paterno no período da gestação foram: influências externas (trabalho, falta de tempo devido os estudos, problemas no cotidiano, conflitos entre a esposa e a mãe do participante e risco de aborto natural ou nascimento prematuro); características do pai (mudanças no próprio participante, falta de experiência com o bebê e com a paternidade e gastar mais tempo organizando o ambiente, do que interagindo com o feto por meio da grávida); características da esposa (mudanças corporais, de hormônio, de temperamento/personalidade e de comportamento/atitudes); características do casal (não

residir com a grávida); características do(a) filho(a) (o fato dele/dela ainda não ter nascido). Ainda assim, cabe destacar que alguns pais referiram que nada dificultou seu envolvimento durante a gestação do primeiro filho.

Já durante o parto, foram mencionados como elementos dificultadores: características do pai (sentimento de medo, desconhecimento sobre o parto, falta de experiência, ansiedade e nervosismo); influências externas (a rotina rígida do hospital e dos procedimentos hospitalares, o fato de a família de origem residir em outra cidade); característica do filho (o filho ter que ficar em observação); característica da esposa (dificuldade na convivência com a mãe do bebê). Alguns pais informaram que nada dificultou seu envolvimento com o bebê no instante do nascimento.

Por fim, aos três meses, os itens que prejudicaram tal envolvimento consistiram em: influências externas (o trabalho, a vida social agitada); característica do(a) filho(a) (o choro do bebê); característica do casal (a distância, pelo pai não morar com a esposa); característica do pai (ansiedade). Cabe destacar que muitos pais alegaram que nada dificultou o envolvimento com o(a) filho(a) no terceiro mês de idade.

Portanto, apareceu mais relevância para característica do pai e influências externas.

O último objetivo específico consiste em identificar a rede de apoio disponível. É notório o apoio dado pelas avós do bebê, havendo destaque para a avó materna desde a gestação até os três meses do bebê, sendo que a percentagem foi diminuindo nesse último período, o que pode indicar que o casal começa a ter maior independência com relação à família de origem ou que a família de origem dispensa os apoios iniciais a essa nova família por acreditar que os filhos e genros/noras não precisam de maiores apoios ou que pode assumir as responsabilidades relativas aos próprios filhos.

Entretanto, aos três meses do bebê, alguns entrevistados estavam morando com sua esposa e filho(a) na casa da mãe ou da sogra, circunstância que revela possível apoio integral, mas com choques entre gerações sobre a forma de desempenhar o seu papel de pai.

Sobre saber se o casal dispunha de algum trabalhador(a) doméstico(a) em sua residência, constatou-se a existência de tal apoio pago em tarefas domésticas envolvendo diaristas ou babás.

Houve apoio para tomar conta e cuidar do bebê, segurar o bebê para a mãe descansar, fazer companhia à mãe, comprar coisas para o bebê, para as tarefas domésticas. Ainda assim, no período dos três meses do bebê, alguns dos entrevistados informaram que não tinham nem auxílio de familiares e nem de profissionais trabalhando em sua residência, o que reforçava a necessidade do apoio entre o próprio casal.

Analisando as estratégias metodológicas empregadas, considera-se que elas, associadas à ampla revisão de literatura realizada sobre a temática, ajudaram a pesquisadora a alcançar os objetivos propostos neste estudo, possibilitando investigar o envolvimento paterno na gestação, no parto e aos três meses do(a) primeiro(a) filho(a). Além disso, contribuíram para pensar em estratégias de políticas públicas para a paternidade e ações concretas para os desafios contemporâneos enfrentados pelos pais no que concerne à promoção de direitos e maiores possibilidades de envolvimento com o filho.

No entanto, considera-se que o número de 30 participantes não possibilitou uma análise mais detalhada da evolução de cada caso específico, o que poderá ser remediado com futuras publicações, analisando alguns casos em separado. Outro limite foi o fato de não ter uma amostra que permitisse uma análise por classe socioeconômica, pois ela não havia sido prevista no estudo em decorrência de se ter a expectativa de que na clínica em que os dados foram coletados se encontrasse famílias de classe alta. Tais diferenças de contexto também poderão ser fruto de análises em futuras publicações. Outras variáveis apareceram, como o gênero da criança, residir com a esposa ou não, influências socioeconômicas, que podem interferir no envolvimento do pai com o bebê. Entretanto, o presente estudo não se debruçou para essas investigações específicas, o que pode ser realizado em pesquisas futuras.

O envolvimento paterno na gravidez se deu por meio do desejo e afetividade do pai em relação ao filho imaginado e do bom relacionamento com a mãe do bebê. Já no parto, o envolvimento foi constatado desde a primeira vez que o pai viu o filho e o segurou colo. Por fim, aos três meses do bebê, tal envolvimento se mostrou nas diversas formas de interação, na qualidade do envolvimento no tempo disponível para a criança e nas responsabilidades adquiridas ao cuidar do filho. Conclui-se que os pais estavam de um modo geral envolvidos com seus filhos, sendo que tanto no desejo quanto na prática mostravam-se bastante envolvidos, apresentando um movimento crescente de envolvimento ao se considerar os três momentos de coleta de dados.

O homem se constrói como pai dialogicamente na relação com seu(sua) filho(a), se envolvendo desde a gestação. Sua interação e responsabilidade aumentam com o crescimento e com as reações do bebê. Sua acessibilidade ainda é pouca, com o pai desejando ter mais tempo com o (a) filho(a), o que é muitas vezes dificultado pela alta carga horária e cansaço no trabalho. Características do pai, do filho, da esposa, do casal e influências externas irão influenciar o envolvimento que o pai estabelece com o filho.

Por fim, identificou-se a necessidade de futuras pesquisas que ampliem e aprofundem os dados aqui encontrados. Por exemplo, sugere-se a realização de estudos que se proponham

a investigar a participação do pai de camada socioeconômica de baixa renda no pré-natal. Além disso, de modo geral, alerta-se para a importância de pensar em estratégias que fortaleçam o envolvimento paterno nos diversos contextos sociais e culturais.

REFERÊNCIAS

- AHMED, Ramadan A. The father's role in the arab world: cultural perspectives. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p. 122-147.
- AMARAL, Alexandre Coimbra. Paternidade sólida. In GUIMARÃES, N. V. (Org.). *Autoridade e autonomia em tempos líquidos: a teoria sistêmica na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Ophicina de Arte & Prosa, 2014, p. 227-250.
- ANDERSON, Arnette. M. Factor influencing the father-infant relationship. **Journal of Family Nursing**, 3(2), 1996, p. 306-324.
- ANDERSON, David. A.; HAMILTON, Mycol. Gender role stereotyping of parents in children's picture books: the invisible father. **Sex Roles**, Pittsburgh, v. 52, p. 145-151, 2005.
- ANDREANI, Grace. **Satisfação e responsabilidade: o envolvimento do pai na gravidez durante a transição para a parentalidade**. Dissertação (Mestrado), Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/89323/228811.pdf?sequence=1>. Acesso em: 22 ago. 2016.
- ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi. Percepções e atitudes de mulheres e homens sobre a conciliação entre família e trabalho pago no Brasil. In: ARAÚJO, Clara; SCALON, Celi (Orgs.) **Gênero, família e trabalho no Brasil**. Rio de Janeiro, Editora FGV, 2005, p. 15-63.
- AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 13, n. 3, dez. 2004. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902004000300003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 27 de Out. de 2013.
- BADINTER, E. **XY: sobre a identidade masculina**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.
- BARKER, Gary; VERANI, Fábio. Men's Participation as Fathers in the Latin American and Caribbean Region: A Critical Literature Review with Policy Considerations. Rio de Janeiro: Promundo, 2008 (Relatórios).
- BASTOS, Ana Cecília de Sousa; VOLKMER-PONTES, Vívian; BRASILEIRO, Pedro Gomes; SERRA, Helena Martinelli. Fathering in Brazil: A diverse and unknown reality. In D. W. SHWALB; B. J. SHWALB; M. E. LAMB (Eds.), **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p. 228-249.
- BELTRAME, Greyce Rocha; BOTTOLI, Cristiane. Retratos do envolvimento paterno na atualidade. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul, n.32, p.205-226, jan./jul., 2010. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/barbaroi/article/viewFile/1380/1091> Acesso em: 25 Set. 2013.
- BIASOLI-ALVES, Zélia Mana Mendes; DIAS DA SILVA, Maria Helena G. F. Análise qualitativa de dados de entrevista: uma proposta. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto,

n.2, p.61-69, July 1992. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1992000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 abr. 2016.

BORNHOLDT, E. A. **Gravidez e paternidade:** A vivência do pai grávido. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica). Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

BOSSARDI, Carina Nunes; VIEIRA, Mauro Luís. Ser mãe e ser pai: integração de fatores biológicos e culturais. In: GOETZ, Everley Rosane; VIEIRA, Mauro Luís (Orgs.) *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades*. Curitiba: Juruá, 2015, p. 15-30.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas:** sobre a teoria da ação. Campinas, SP: Papirus, 1996.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Política de Saúde do Homem incentiva pré-natal masculino**. Saúde do Homem. [Internet]. 2010. [citado em: 23 ago. 2011]. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/aplicacoes/noticias/default.cfm?pg=dspDetalheNoticia&id_area=1450&CO_NOTICIA=11705. Acesso em: 11 ago. 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Política nacional de atenção integral à saúde do homem**. Brasília, DF, 2008.

BRASILEIRO, Pedro Gomes Lima.; PONTES, Vivian. Volkmer; BICHARA, Ilka Dias; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. A transição para a paternidade e a paternidade em transição. In: MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; PETRINI, Giancarlo; BARBOSA, Francisco de Barros. (Org.). **O pai na sociedade contemporânea**. 1ed. Bauru: EDUSC, v. 1, 2010, p 145-166.

BRAZELTON T. Berry. **O desenvolvimento do apego:** uma família em formação. Artes Médicas, Porto Alegre, 1988.

BRAZELTON, T. Berry. **Momentos decisivos do desenvolvimento infantil**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

BRAZELTON, T. Berry; CRAMER, Bertrand G. **As primeiras relações**. Martins Fontes: São Paulo, 1992.

BREAKWELL, Glynis M. Métodos de entrevista. In: BREAKWELL, Glynis M.; HAMMOND, Sean; FIFE-SCHAW, Chris, SMITH, Jonathan A. Métodos de pesquisa em psicologia. Porto Alegre: Artmed, 2010, p. 238-259.

BUZZELLO, C. S.; ZAMPIERI, M. F. M. **Grupo de gestantes e/ou casais grávidos: formando, educando, mudando a realidade, ao interagir com a comunidade**. Florianópolis, 2003.

CABRERA, Natasha; FAGAN, Jay; WIGHT, Vanessa; SCHADLER, Cornélia. The influence of mother, father, and child risk on parenting and children's cognitive and social behaviors. **Child Development**, Vol. 82, 2011, p. 1985-2005.

CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Mônica. **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para a terapia familiar**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 13-29.

CARVALHO, Ana Barreiros de Carvalho; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos Moreira. **O papel do pai e as políticas voltadas à paternidade**. Curitiba: CRV, 2016.

CARVALHO, Ana Barreiros de; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; Rabinovich, Elaine Pedreira. A figura do pai: entre declínio e reorganização. In: Ana Cecília de Sousa Bastos, Lúcia Vaz de Campos Moreira, Giancarlo Petrini e Miriã Alves Ramos de Alcântara. (Org.). **Família no Brasil: recurso para a pessoa e sociedade**. 1ed. Curitiba: Juruá Editora, 2015, v. 4, p. 419-442.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira. Olhares de crianças sobre a família: um enfoque quantitativo. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 3, p. 417-426, Sept. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722010000300004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Out. 2016.

CARVALHO, Ana Maria Almeida; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; GOSSO, Yummi. Fathering in Brazil. In: ROOPNARINE, Jaipaul L. (Org.). **Fathers across cultures: the importance, roles, and diverse practices of dads**. 1ed. Santa Barbara, California: Praeger, 2015, v. 1, p. 39-62.

CARVALHO, Jovanka Bittencourt Leite de; BRITO, Rosineide Santana de; ARAÚJO, Ana Cristina Pinheiro Fernandes; SOUZA, Nilba Lima de. Sentimentos vivenciados pelo pai diante do nascimento do filho. **Rev. Rene**. Fortaleza, v. 10, n. 3, p. 125-131, jul./set. 2009. Disponível em: http://www.revistarene.ufc.br/vol10n3_pdf/a15v10n3.pdf Acesso em: 30 out. 2016.

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. **Cuidado, Sociedade e Gênero: um estudo com pais cuidadores**. Tese (Doutorado em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa EICOS – Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social, 2007.

CARVALHO, Maria Luiza Mello de. O renascimento do parto e do amor. **Estudos Feministas**, v.10, p. 521-523, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2002000200022/8861>. Acesso em: 21 Jun. 2016.

CASTOLDI, Luciana. **A construção da paternidade desde a gestação até o primeiro ano do bebê**. Porto Alegre, RS. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, 2002.

CASTOLDI, Luciana; GONCALVES, Tonantzin Ribeiro; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. Envolvimento paterno da gestação ao primeiro ano de vida do bebê. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 19, n. 2, p. 247-259, June 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722014000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Mar. 2016.

CAVALCANTE, Miriam Aparecida de Abreu. A experiência do homem como acompanhante no cuidado pré-natal. Tese (Doutorado). São Paulo (SP): Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo; 2007.

CECCARELLI, Paulo Roberto. Novas configurações familiares: mitos e verdades. In **Jornal de Psicanálise**, São Paulo, 40(72): 89-102, jun. 2007. Disponível em: <http://www.ceccarelli.psc.br/artigos/portugues/html/confmitver.htm>. Acesso em 23 Out. 2013.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira, BERTHOUD, Cristiana Mercadante Esper. (Orgs.). **Família e ciclo vital: nossa realidade em pesquisa**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira. **A família como modelo: desconstruindo a patologia**. Campinas, SP: Livro Pleno, 2000.

CHAUDHARY, Nandita. The father's role in the indian family: a story that must be told. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p. 68-94.

COLTRANE, Scott. Research on household labor: modeling and measuring the social embeddedness of routine family work. **Journal of Marriage and Family**, v. 62, n. 4, p. 1208-1233, 1 Nov. 2000.

DANTAS S, Cristina. R., JABLONSKI, Bernardo; FERES-CARNEIRO, Terezinha. Paternidade: o que muda após a separação? **Revista Paidéia**, 14 (29), 2004, 347-355.

DESSEN, M. A.; SILVA NETO, N. A. Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. **Psicologia: teoria e Pesquisa**, 16, 2000, p. 191-192.

DESSEN, Maria Auxiliadora; BRAZ, Marcela Pereira. A família e suas inter-relações com o desenvolvimento humano. In: DESSEN, M. A.; COSTA Jr., Á. L. (Orgs.). **A ciência do desenvolvimento humano: tendências atuais e perspectivas futuras**. Porto Alegre: Artmed, 2005, p.113-131.

DESSEN, Maria Auxiliadora; LEWIS, Charlie. Como estudar a "família" e o "pai"? **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 14-15, Ago. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1998000100009&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 10 Mai 2013.

DESSEN, Maria Auxiliadora; OLIVEIRA, Maíra Ribeiro de. Envolvimento paterno durante o nascimento dos filhos: pai "real" e "ideal" na perspectiva materna. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 26, n. 1, p. 184-192, 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722013000100020&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Nov. 2016.

DIAS, Acácia Batista; AQUINO, Estela M. L.. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, jul. 2006. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2006000700009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 de Nov. de 2013.

DIAS, Marcelo Couto. Repensar o lugar da família nas políticas públicas. In: FUNDAÇÃO DOM JAIME DE BARROS CÂMARA. Encontros teológicos: reforma, ontem e hoje. **Revista da Faculdade Católica de Santa Catarina (FACASC)**, Vol. 31, n. 2. Maio-Agosto, 2016, p. 357-368.

DOUCET, Andrea. Dad and baby in the first year: Gendered responsibilities and embodiment. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, Vol. 624(1), 2009, p. 78-98.

FAGAN, Jay; DAY, Randal; LAMB, Michael E.; CABRERA, Natasha J. Should Researchers Conceptualize Differently the Dimensions of Parenting for Fathers and Mothers? **Journal of Family Theory & Review**. Vol. 6, 4, 2014, p. 390-405.

FAVARATO, M. E. C. de S. & GAGLIANI, M. L. A atuação do psicólogo em unidades infantil. In: ROMANO, B. W. (Org) **Manual de psicologia clínica para os hospitais**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

FERREIRA, Liliana Sousa; LEAL, Isabel; MAROCO, João. Sintomatologia de Couvade e o envolvimento paterno vivenciado durante a gravidez. **Psic., Saúde e Doenças**, Lisboa, v. 11, n. 2, 2010. Disponível em <http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862010000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 10 Nov. 2013.

FINLEY, Gordon E.; MIRA, Sandra D.; SCHWARTZ, Seth. J. Perceived paternal and maternal involvement: Factor structures, mean differences, and parental roles. **Fathering**, 6, 2008, p. 62-82.

FITERMAN, Hannah. **Reescrevendo o pai na sociedade contemporânea: uma representação social da paternidade em Salvador-BA**. Dissertação (Mestrado). 2012. Disponível em: http://tede.ucsal.br/tde_arquivos/1/TDE-2012-09-25T083930Z-253/Publico/Hannah%20Fiterman.pdf. Acesso em: 10 Out 2013.

FOUTS, Hillary N. Fathering in Central and East Africa: cultural and adaptationist perspectives in small-scale societies. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.;

LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p.151-172.

FRIZZO, Giana Bitencourt; KREUTZ, Carla Meira; SCHMIDT, Carlo; PICCININI, Cesar Augusto; BOSA, Cleonice. O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica: implication for research and clinical practice. **Rev. bras. crescimento desenvolv. hum.**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 84-93, dez. 2005. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12822005000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 03 Mai. 2016.

GABRIEL, Marília Reginato; Dias, Ana Cristina Garcia. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. **Estudos de Psicologia**, 16 (3), 2011. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v16n3/07.pdf>> Acesso em: 07 Out. 2016.

GIDDENS, Anthony. **Mundo em descontrole**: o que a globalização está fazendo de nós. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2000.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOETZ, Everley Rosane; VIEIRA, Mauro Luís (Orgs.) Novo pai: percursos, desafios e possibilidades. Curitiba: Juruá, 2015.

GOLDBERG, W.; TAN, E.; THORSEN, K. Trends in academic attention to fathers. **Fathering**, 7, 2009, 159-179.

GOMES, Aguinaldo José da Silva; RESENDE, Vera da Rocha. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 20, n. 2, Aug. 2004. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 Out. 2013.

GONDIM, Symone; LYRA, Jorge. Mais do mesmo? Imagens cristalizadas de paternidade na literatura acadêmica. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 10 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2012. ISSN 2179-510X. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/10/resources/anais/20/1387454579_ARQUIVO_SymoneGondim.pdf. Acesso em 11 Junho 2014.

GONZALEZ-LOPEZ, G. Fathering latina sexualities: Mexican men and the virginity of their daughters. **Journal of Marriage and the Family**, 66, 2004, p. 1118-1130.

GRUSEC, Joan. E. Socialization processes in the family: social and emotional development. **Annual Review of Psychology**, 62, 2011, p. 243-269.

HAAS, Linda L.; HWANG, C. Philip. Fatherhood and social policy in Scandinavia. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p. 303-331.

HOUZEL, Didier. As implicações da parentalidade. In: SILVA, Maria Cecília Pereira da; SOLIS-PONTOM, Letícia. (Org.). **Ser pai, ser mãe**. Parentalidade: um desafio para o terceiro milênio. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 47-51.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo Demográfico, 2010. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/imprensa/ppts/00000010435610212012563616217748.pdf>. Acesso em: 13 Out 2014.

JABLONSKI, B. Paternidade hoje: uma metanálise. In: SILVEIRA, P. (Org.) **Exercício da paternidade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

KROB, Adriane Diehl; PICCININI, Cesar Augusto; SILVA, Milena da Rosa. A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 20, n. 2, June 2009. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642009000200008&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 05 Out. 2013.

LAMB, Michael E. Father-infant and mother-infant interaction in the first year of life. *Child Development*, 48, 1977, p. 167-181.

LAMB, Michael E. Fathering. In **Encyclopedia of Psychology**. Oxford: American Psychological Association, Vol. 3, 2000, p. 338-341.

LAMB, Michael E. Mothers, Fathers, Families, and Circumstances: Factors Affecting Children's Adjustment, **Applied Developmental Science**, 16: 2, 98-111, 2012. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/10888691.2012.667344>. Acesso em: 21 Nov 2015.

LAMB, Michael E.; LEWIS, Charlie. The development and significance of father-child relationships in twoparent families. In: LAMB, Michael E. (ed.), **The Role of the Father in Child Development**. Hoboken NJ: John Wiley & Sons, 5 ed., 2010.

LAMB, Michael E.; PLECK, Joseph. H.; CHARNOV, Eric. L.; LEVINE, James. A. Paternal behavior in humans. **American Zoologist**, 25, 1985, p. 883-894.

LAMELA, Diogo; NUNES-COSTA, Rui; FIGUEIREDO, Bárbara. Modelos teóricos das relações coparentais: revisão crítica. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 15, n. 1, Mar. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000100022&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 21 Out. 2013.

LAREAU, Annette; WEININGER, Elliot. B. Time, work, and family life: Reconceptualizing gendered time patterns through the case of children's organized activities. **Sociological Forum**, Vol. 23(3), 2008, p. 419-454.

LEE, Yun- Suk; WAITE, Linda J. Husbands' and wives' time spent on housework: A comparison of measures. **Journal of Marriage and Family**, v. 67, n. 2, 2005, p. 328-336.

LEWIS, Charlie. Fatherhood and fathering research in the UK: Cultural change and diversity. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p. 332-357.

LI, Xuan; LAMB, Michael E. Fathers in chinese culture: from stern disciplinarians to involved parents. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p. 15-41.

LIMA, Maria Gorete. **Representações sociais das gestantes sobre a gravidez e a consulta de enfermagem no pré-natal**. Dissertação (Mestrado). Universidade de Brasília. Faculdade de Ciências da Saúde, 2006. Disponível em: http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5241/1/2006_Maria%20Goreti%20de%20Lima.pdf. Acesso em: 21 Mai 2016.

MAZET, Philippe; STOLERU, Serge. **Manual de psicopatologia do recém nascido**. Porto Alegre: Artmed, 1990.

MCDOWELL, David. J.; PARKE, Ross. D. Parental correlates of children's peer relations: An empirical test of a tripartite model. **Developmental Psychology**, Vol. 45, 2009, p.224-235.

MCFADDEN, Karen E.; TAMIS-LEMONDA, Catherine S. Fathers in the U.S. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p.250-276.

MEDRADO-DANTAS, Benedito. **O masculino na mídia**: Repertórios sobre masculinidade na propaganda televisiva brasileira. 1997. 127 f. Dissertação (Mestrado). Puc, São Paulo, 1997.

MILKIE, Melissa. A.; SIMON, Robin. W.; POWELL, Brian. Through the eyes of children: Youths' perceptions and evaluations of maternal and paternal roles. **Social Psychology Quarterly**, Vol. 60(3), 1997, p. 218-237.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, 1993. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf> . Acesso em: 21 Out 2014.

MORAES, Maria Lydia Quartim de. A estrutura contemporânea da família. In: M. C. M. Comparato; D. S. F. Monteiro (Orgs.), **A criança na contemporaneidade e a psicanálise**. Vol. I Família e sociedade: Diálogos interdisciplinares. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001, p. 17-25.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; PETRINI, Giancarlo; BARBOSA, Francisco de Barros. (Org.). **O pai na sociedade contemporânea**. 1ed. Bauru: EDUSC, v. 1, 2010.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; SILVA, Célia Nunes. Olhares de crianças baianas sobre família. **Paidéia**, 19, 2009, 77-85.

MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos; RABINOVICH, Elaine Pedreira; ZUCOLOTO, Patrícia Carla Silva do Vale. (Org.). **Paternidade na sociedade contemporânea**: o envolvimento paterno e as mudanças na família. 1ed. Curitiba: Juruá, v. 3, 2016.

NAKAZAWA, Jun; SHWALB, David W. (2013). Fathering in Japan: Entering an era of involvement with children. In SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p. 42-66.

NOLASCO, Socrates. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

PALKOVITZ, Rob. Reconstructing "involvement": Expanding conceptualizations of men's caring in contemporary families. In A. Hawkins & D. Dollahite (Eds.), **Generative fathering: Beyond deficit perspectives** (pp. 220-216). Thousand Oaks, CA: Sage, 1997.

PALKOVITZ, Rob. Transitions to Fatherhood. In: BROTHERTON, Sean E.; WHITE, Joseph M. **Why Fathers Count: The Importance of Fathers and Their Involvement with Children**. Harriman, TN: Men's Studies Press, Vol. 5, No. 3, 2007, Chapter 2, p. 27-41.

PARKE, Ross. D. **El papel del padre**. Madrid: Ediciones Morata, 1986.

PARKE, Ross. D. **Fatherhood**. London: Harvard University Press, 1996.

PARKE, Ross. D.; BURIEL, Raymond. Socialization in the family: Ethnic and ecological perspectives. In: EISENBERG, N. (Ed.), W. Damon (Series Ed.), **Handbook of child psychology**, vol. 3. Social, emotional, and personality development. 5 ed. New York: Wiley, 1997, p. 463–552.

PARSEVAL, Genevieve. **A parte do pai**. (T. C. Stummer & L. A. Watanabe, Trad.) Porto Alegre: L&PM, 1986.

PASCOE, C. J. **Dude, You're a Fag: Masculinity and Sexuality in High School**. Berkeley, University of California Press, 2007.

PEDERSEN, D. E. The good mother, the good father, and the good parent: Gendered definitions of parenting. **Journal of Feminist Family Therapy: An International Forum**, vol. 24(3), 2012, p. 230-246.

PEDRO, Joana e GROSSI, Miriam (Orgs.), **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Mulheres, 1998.

PICCININI, Cesar Augusto, LEVANDOWSKI, Daniela Centenaro, GOMES, Aline Grill, LINDENMEYER, Daniela; LOPES, Rita Sobreira. Expectativas e sentimentos de pais em relação ao bebê durante a gestação. **Estudos de Psicologia (Campinas)**, 26 (3), 2009, p. 373-382.

PICCININI, Cesar Augusto; MOURA, Maria Lucia Seidl de. (Orgs.). **Observando a interação pais-bebê-criança: diferentes abordagens teóricas e metodológicas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1 ed., 2007.

PICCININI, Cesar Augusto; SILVA, Milena da Rosa; GONÇALVES, Tonantzín Ribeiro; LOPES, Rita de Cássia; TUDGE, Jonathan. O envolvimento paterno durante a gestação. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, 2004. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722004000300003&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 Mar. 2016.

PICCININI, Cesar Augusto; SILVA, Milena da Rosa; GONÇALVES, Tonantzín Ribeiro; LOPES, Rita de Cássia Sobreira; TUDGE, Jonathan. Envolvimento paterno aos três meses de vida do bebê. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 28, n. 3, p. 303-314, Sept. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722012000300006&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 28 Mar. 2016.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722012000300006>.

PLECK, Joseph. H. Foreword. In D. W. SHWALB; B. J. SHWALB; M. E. LAMB (Eds.), **Fathers in cultural context** (xiv - xix). New York: Routledge, 2013.

RABINOVICH, Elaine Pedreira, MOREIRA, Lúcia Vaz Campos; FRANCO, Anamélia. Papéis, comportamentos, atividades e relações entre membros da família baiana. **Psicol. Soc.**, 24(1), 2012, 139-149. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n1/16.pdf>. Acesso em: 03 Jul. 2016.

RABINOVICH, Elaine Pedreira; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. Significados de família para crianças paulistas. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 3, p. 447-455, Sept. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722008000300005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 01 Jul. 2016.

RAJULTON, F. The fundamentals of longitudinal research: an overview. Special issue on longitudinal methodology, **Canadian Studies in Population**. Vol. 28 (2), p. 169-185, 2001.

RALEY, Sara; BIANCHI, Suzanne. M.; WANG, Wendy. When do fathers care? Mothers' economic contribute and fathers' involvement in child care. **American Journal of Sociology**, Vol. 117, 2012, p. 1422-1459.

RAMPAZZO, Lino. **Metodologia científica**. 3. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

ROOPNARINE, Jaipaul L. (Org.). **Fathers across cultures**: The importance, roles, and diverse practices of dads. New York: Praeger; 2015.

ROUDINESCO, Elizabeth. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

RUSTIA, Janice. G.; ABBOTT, Douglas. Father involvement in infant care: Two longitudinal studies. **International Journal of Nursing Studies**, 30, 1993, p. 467-476.

SAMARA, Eni de Mesquita. O que mudou na família brasileira? (da colônia à atualidade). **Psicol. USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642002000200004&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 22 Out. 2013.

SANTOS, Sara Maria Cunha Bitencourt; MOREIRA, Lúcia Vaz de Campos. **Estresse, trabalho e envolvimento paterno na contemporaneidade**. Curitiba: Juruá, 2016.

SANTOS, Simoni Croch dos; KREUTZ, Carla Meira. O envolvimento do pai na gestação do primeiro filho. **Pensando famílias**, v. 18, n. 2, 2014. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v18n2/v18n2a06.pdf>. Acesso em: 21 Set. 2016.

SCHROCK, Douglas; SCHWALBE, Michael. Men, masculinity and manhood acts. **Annu. Rev. Sociol.**, 35, 277-95, 2009. Disponível em: <http://www.majorsmatter.net/gender/Readings/Men%20and%20Manhood%20Acts.pdf>. Acesso em: 13 Abr. 2016.

SHAPIRO, J. L. The expectant father. **Psychology Today**, 21 (1), 36-42, 1987.

SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013.

SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Trad. Clarice Ehlers Peixoto. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

STAUDT, Ana Cristina Pontello; WAGNER, Adriana. A vivência da paternidade em tempos de diversidade: Uma visão transcultural. In A. Wagner (Ed.), **Desafios psicossociais da família contemporânea: Pesquisas e reflexões**. Porto Alegre, RS: Artmed. 2011, p. 99-111.

SZEJER, Myriam; STEWART, Richard., 1997, apud FERRARI, Andrea Gabriela; PICCININI, Cesar A.; LOPES, Rita Sobreira. O bebê imaginado na gestação: aspectos teóricos e empíricos. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 305-313, Aug. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000200011&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 Out. 2016.

TOMERELI, Keli Regiane; PIERI, Flávia Meneguetti; VIOLIN, Mara Rúbia; SERAFIM, Deise; MARCON Sonia Silva. “Eu vi meu filho nascer”: vivência dos pais na sala de parto. **Revista Gaúcha Enfermagem**, Porto Alegre, Dez 2007; v. 28, n.4 p. 497-504. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/3110/1716>. Acesso em: 06 Nov 2013.

TONELI, Maria Juracy Figueira; ARAÚJO, Suzana Almeida; AMARAL, Marília dos Santos; SILVA, Fernando Luiz Salgado da. Exercícios e atribuições sociais da paternidade: pequeno balanço de uma década de pesquisa. In: TONELI, M. J.; MEDRADO, B. TRINDADE, Z. A.; LYRA, J. **O pai está esperando?** Florianópolis: Editora mulheres, 2011.

TONELI, M. J.; MEDRADO, B. TRINDADE, Z. A.; LYRA, J. **O pai está esperando?** Florianópolis: Editora mulheres, 2011.

URIKO, Kristiina. Adaptation at the postnatal period and the valuation of parental roles. In: VALSINER, J. **Cultural Dynamics of Women’s Lives**, Charlotte, NC: Information Age Publishing, 2011, p. 271–298.

UTRATA, Jennifer; ISPA, Jean M.; ISPA-LANDA, Simone. Men on the margins of family life: fathers in Russia. In: SHWALB, David W.; SHWALB, Barbara J.; LAMB, Michael E. (Eds). **Fathers in cultural context**. New York: Routledge, 2013, p. 279-302.

VAN LEEUWEN, Karla. G.; VERMULST, Ad. A. Some psychometric properties of the Ghent Parental Behavior Scale. **European Journal of Psychological Assessment**, Vol. 20, 2004, p. 283-298.

VIEIRA, Mauro Luís; BOSSARDI, Carina Nunes; GOMES, Lauren Beltrão, BOLZE, Simone Dill Azeredo; CREPALDI, Maria Aparecida; PICCININI, Cesar Augusto. Paternidade no Brasil: revisão sistemática de artigos empíricos. **Arq. bras. psicol.**, v. 66, n. 2, p. 36-52, 2014. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v66n2/04.pdf>>. Acesso em: 22 ago. 2016.

WANG, May-Lin.; JABLONSKI, Bernardo; MAGALHÃES, Andréa Seixas. Identidades masculinas: limites e possibilidades. **Psicologia em Revista**, 12, 19, 2006, p. 54-65.
ZAYAS, L. H. Psychodynamic and developmental aspects of expectant and new fatherhood: clinical derivatives from the literature. **Clinical Social Work Journal**. 15 (1), 8-21, 1987.

APÊNDICES

APÊNDICE A TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	83
APÊNDICE B ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS – PERÍODO DA GESTAÇÃO DO(A) PRIMEIRO(A) FILHO(A).....	85
APÊNDICE C ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS – SEMANA APÓS O PARTO.....	190
APÊNDICE D ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA OS PAIS – FILHO(A) COM TRÊS MESES.....	

APÊNDICE A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

O senhor está sendo convidado a participar, como voluntário, de uma pesquisa intitulada: O nascimento do pai: envolvimento paterno na gravidez, parto e pós-parto, que será desenvolvida pela pesquisadora Hannah Fiterman, doutoranda do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador, sob orientação da Profa. Dra. Lúcia Vaz de Campos Moreira.

Esta pesquisa tem por objetivo conhecer as experiências do pai sobre o processo de nascimento do(a) primeiro(a) filho(a). Para a coleta de dados/informações serão desenvolvidas três entrevistas com o senhor (uma no período de gestação, a outra logo após o parto e, por último, três meses após o nascimento do seu(ua) filho(a)). O roteiro compreenderá perguntas relacionadas ao tema estudado, com duração aproximada de quarenta minutos.

Esta atividade não é obrigatória e, a qualquer momento, o senhor pode desistir de participar e retirar seu consentimento, sem que haja qualquer penalização ou prejuízo para o senhor (Res. 466/12 CNS/MS).

Ao decidir participar deste estudo esclareço que:

- Caso não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, o senhor poderá deixar de respondê-la, sem que isso implique em qualquer prejuízo.
- As informações fornecidas poderão, mais tarde, ser utilizadas para trabalhos científicos e que a sua identificação será mantida sob sigilo, isto é, não haverá chance de seu nome ser identificado, assegurando-lhe completo anonimato.
- Devido ao caráter confidencial, essas informações serão utilizadas apenas para os objetivos de estudo. Por isso, a entrevista será gravada para possibilitar o registro de todas as informações dadas, as quais serão posteriormente transcritas; tais gravações serão mantidas sob a guarda da pesquisadora que, após a transcrição não identificada da mesma, apagará o conteúdo gravado.
- Sua participação não implica em nenhum custo financeiro.
- O estudo apresenta benefícios, conforme o CNS RES 466/12. Neste estudo consistem em: promover a reflexão sobre a paternidade, refletir e lidar melhor com a transição para paternidade e promover ampliação de rede de apoio na participação dos homens no processo do nascimento do primeiro filho e nos cuidados infantis. Pretende-se, em termos de retorno social, contribuir para a produção científica, quanto para o campo de formulação e avaliação de políticas públicas, especialmente aquelas voltadas à atenção à gravidez. Reforçar o maior acesso dos pais aos serviços de saúde e ajudar na capacitação técnica dos profissionais de saúde para o atendimento do pai.
- Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos de um momento emocional muito importante do entrevistado por se tratar de um período da vida que pode gerar estresse e outras mobilizações psicológicas. Caso isso ocorra, haverá apoio psicológico por parte da pesquisadora do estudo, que é psicóloga e, caso necessário, haverá encaminhamento para psicoterapia.

Em caso de dúvida ou outra necessidade de comunicação com a pesquisadora ou o CEP MCO poderá entrar em contato através do endereço/telefone:

Hannah Fiterman- doutoranda – Telefone: (71) 3354-4145 / 8727-4145

Lúcia Vaz de Campos Moreira – orientadora – Telefone: (71) 8875-7822

Universidade Católica do Salvador - Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea - Av. Cardeal da Silva, 205 – Federação, Salvador-Ba, CEP: 40.231-902

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA MATERNIDADE CLIMÉRIO DE OLIVEIRA (CEP-MCO/UFBA) -

End: Rua do Limoeiro, 137, Nazaré, Salvador, BA, CEP: 40.005-150

Telefone: (71)3283-9210 E-mail: cepmco@ufba.br

Eu, _____ aceito, voluntariamente, o convite de participar deste estudo, estando ciente de que estou livre para, a qualquer momento, desistir de colaborar com a pesquisa, sem que isso acarrete qualquer prejuízo.

Local e data: _____

Assinatura do participante: _____

Assinatura da pesquisadora: _____

APÊNDICE B

Roteiro de entrevista para os pais – Período da gestação do(a) primeiro(a) filho(a)

Data: ___/___/____. Início: _____ Fim: _____

Local: _____

I. Dados de identificação

1. Idade _____

2. Você tem alguma religião?

sim não Caso positivo, qual? _____

3. Escolaridade

Ensino Fundamental incompleto Ensino Fundamental completo

Ensino Médio incompleto Ensino Médio completo

Ensino Superior incompleto Ensino Superior completo

Pós-graduação incompleta Pós-graduação completa

4. Estado civil

solteiro casado união estável divorciado viúvo

5. Atualmente está trabalhando?

sim

não. Especificar: _____ (ex: aposentado, em licença médica, licença prêmio, desempregado).

Em caso afirmativo, perguntar:

6. Qual a função exercida? _____

7. Qual é a sua carga horária semanal de trabalho?

Menos de 20 horas. Especificar: _____

20 horas 30 horas 40 horas

Mais de 40 horas. Especificar: _____

8. A mãe da criança atualmente está trabalhando? sim não.

9. Em caso afirmativo, qual é a carga horária semanal de trabalho dela?

Menos de 20 horas. Especificar: _____

20 horas 30 horas 40 horas

Mais de 40 horas. Especificar: _____

10. Qual é a renda familiar (líquida) mensal? _____

11. Quem contribui para a renda familiar? _____

12. Com quem você reside? (parentesco com relação ao participante).

II. Concepções do pai sobre família e sobre o que é ser pai

13. Quem faz parte da sua família?

14. Com quem você morava na infância?

15. E na adolescência?

16. Para você, o que é família?
17. Em sua opinião, o que é ser pai?
18. Para você, quais são os deveres de um pai?
19. E quais são os direitos do pai?
20. Que características deveria ter um pai ideal?
21. Quem você considera como pai? Por quê?
22. Como é seu relacionamento com seu pai?
23. Quais pessoas são referência de paternidade para você?

III. Envolvimento paterno na gestação do(a) primeiro(a) filho(a)

24. Para você, o que significa envolvimento paterno?
25. Em quais aspectos um pai costuma se envolver com seus filhos?
26. No período da gestação do(a) seu(sua) filho (a), considera-se sua companheira como grávida. E você, como se considera nesse período?
27. Como foi sua reação quando você recebeu a notícia da gravidez?
28. A gravidez foi planejada ou não? sim não
29. Você tinha o desejo de ter filhos?
 sim não Conte-me um pouco sobre isso.
30. O que você está achando de ser pai?
31. Algumas mudanças estão ocorrendo na sua vida em decorrência da gravidez? sim não
quais?
32. Como tem sido a sua participação no período de gestação do(a) seu(sua) filho (a)?
33. Como você tem sido inserido nesse contexto de gravidez?
34. Você tem alguma forma de envolvimento com seu (sua) filho (a) nesse período da gestação?
35. Como você pretende se envolver com seu filho depois de nascido?
36. O que favorece o seu envolvimento nesse período de gravidez?
37. O que dificulta o seu envolvimento nesse período de gravidez?
38. Você busca informações sobre a gravidez e o cuidado com o bebê?
 sim não.
Em caso positivo: de que forma? E quais são as informações obtidas?
39. Você consegue estabelecer algum tipo de relação com o(a) médico(a) que acompanha a gestação? Explique.
40. O que você sabe sobre licença maternidade / paternidade? E sobre a lei do acompanhante?
41. Já sabe se é menino ou menina?
42. Tem/tinha expectativas quanto ao sexo do bebê? Em caso positivo, quais eram elas?
43. Você tem expectativas com relação a como vai ser seu(sua) filho(a)?
 sim não
Em caso positivo: quais são elas?
44. Como você acha que vai ser sua vida depois que o bebê nascer?
45. Quais projetos você tem para sua vida depois do nascimento dele(a)?
46. E quais expectativas você tem para o seu relacionamento com a mãe do bebê após o nascimento do filho?
47. Você e sua companheira já conversaram sobre como vão se organizar para o cuidado e educação do seu filho?

IV. Rede de apoio

48. Durante o período da gravidez, você e sua esposa estão recebendo algum apoio:

- Familiar?
- Profissional?
- Institucional?

Caso positivo, especificar (de quem e a forma de apoio).

49. Em sua residência, você e sua família contam com algum tipo de ajuda profissional doméstica? sim não

50. Em caso afirmativo, assinalar que tipo de funcionário possuem:

babá; empregada doméstica; diarista; motorista; jardineiro.

outros (especificar) _____

51. Caso tenha empregada doméstica ou babá, ela(s) dorme(m) em sua residência? sim não.

52. Em caso positivo, ela(s) presta(m) serviço para a família no período noturno?

sim não.

53. Você gostaria de comentar mais alguma coisa sobre o que conversamos?

Obrigada.

APÊNDICE C

Roteiro de entrevista para os pais – Semana após o parto

I. Envolvimento paterno no momento do parto

01. Como foi o parto do(a) seu(ua) filho(a)?
02. Você participou do parto? De que forma?
03. Como foi seu envolvimento com o bebê no momento do parto?
04. Como você vivenciou a experiência de ver seu/sua filho(a) pela primeira vez?
05. Como você vivenciou a experiência de segurar o bebê no colo pela primeira vez?
06. Como tem sido se deparar com o bebê concreto, real?
07. O que favoreceu o seu envolvimento no parto?
08. O que dificultou o seu envolvimento no momento do parto?

II. Envolvimento paterno nos primeiros dias de vida do bebê

09. Como tem sido seu envolvimento com seu/sua filho(a) nesses primeiros dias?
 - preocupações gerais
 - provimento
 - cuidados físicos, como banho, amamentação, por para arrotar, trocar fraldas, levantar a noite, cuidados durante o dia, cuidados durante a noite.
 - registro da criança
 - levar a criança do hospital para casa
 - levar a criança para exames médicos e vacinas
 - brincar com o bebê
 - apoio à esposa / relacionamento com a esposa
10. Como tem sido seu envolvimento com o(a) seu/sua filho(a) em termos de:
 - Interação
 - Acessibilidade
 - Responsabilidade

III. Rede de apoio

11. Tem algum familiar que está colaborando com o casal nesse período de nascimento do bebê? Caso positivo, quem?
12. Vocês dispõem de algum auxílio profissional? Caso positivo de quem e carga horária de trabalho. (Ex: babá, enfermeira, empregada doméstica, diarista, etc)
13. Você gostaria de comentar mais alguma coisa sobre o que conversamos?

Obrigada.

APÊNDICE D

Roteiro de Entrevista para os pais – Filho(a) com três meses

I. Experiência de ser pai

1. Como tem sido esse período do nascimento do bebê até agora?
 2. Como tem sido a experiência de ser pai?
 3. Depois que se tornou pai, mudou alguma coisa em você ou não?
- sim não.
- Em caso positivo, especificar as mudanças.

II. Envolvimento paterno no terceiro mês do bebê

4. Como tem sido o seu envolvimento com o bebê?
 - preocupações gerais
 - provimento
 - cuidados físicos, como banho, amamentação, por para arrotar, trocar fraldas, levantar a noite, cuidados durante o dia, cuidados durante a noite.
 - levar a criança para exames médicos
 - brincar com o bebê
 - apoio à esposa / relacionamento com a esposa
5. Como tem sido seu envolvimento com o(a) seu/sua filho(a) em termos de:
 - Responsabilidade
 - Interação
 - Acessibilidade
6. Como você se avalia como pai?
7. Você gostaria de mudar alguma coisa no envolvimento com seu filho? O que?
8. O que favorece o seu envolvimento com o bebê?
9. O que dificulta o seu envolvimento com o bebê?
10. Você acha que suas expectativas iniciais com relação ao bebê correspondem à realidade? sim não. Em caso positivo, especificar as mudanças.
11. Como tem sido seu relacionamento com sua esposa/companheira e as repercussões disso para o desenvolvimento do bebê?

III. Rede de apoio

12. Vocês dispõem de algum auxílio familiar ou profissional? Caso positivo de quem e carga horária de trabalho do profissional. (Ex: babá, enfermeira, empregada doméstica, diarista, etc)
- Diante do nascimento do(a) seu/sua filho(a) vou lhe perguntar novamente:
13. O que é família?
 14. Quem compõe a sua família?
 15. O que é envolvimento paterno?
 16. Você gostaria de comentar mais alguma coisa sobre o que conversamos?
- Obrigada.

APÊNDICE E - Tabela 51 - Dados sobre as esposas/companheiras dos pais. Salvador, 2015

Código	Idade (em anos) do entrevistado	Idade (em anos) da companheira	Ocupação do entrevistado	Ocupação da Companheira	Carga horária semanal de trabalho do entrevistado	Carga horária semanal de trabalho da companheira	Renda Familiar (em reais)	Quem Contribui para Renda Familiar
P1	29	31	Segurança	Recursos Humanos	30 h	40 h	3.000,00	Ambos
P2	35	32	Técnico Operacional Industrial	Professora	40 h	30h	5.000,00	Ambos
P3	36	26	Gerente de loja	Consultora de vendas	44 h	40 h	5.000,00	Ambos
P4	29	30	Biomédico	Psicóloga	40 h	40 h	5.000,00	Entrevistado e família de origem
P5	35	32	Engenheiro Mecânico	Administradora	40 h	50 h	15.000,00	Ambos
P6	38	30	Dentista	Psicóloga	40 h	40 h	20.000,00	Ambos
P7	30	27	Medico	Estudante	50 h		15.000,00	Entrevistado
P8	29	34	Professor	Terapeuta Ocupacional	40 h	50 h	5.000,00	Ambos
P9	25	20	Empresário	Auxiliar administrativa	60 h	40 h	4.000,00	Ambos
P10	32	30	Advogado	Gerente administrativa	40 h	40 h	6.000,00	Ambos
P11	32	30	Engenheiro Eletricista	Enfermeira	50 h	40 h	30.000,00	Ambos
P12	31	32	Engenheiro Eletricista	Engenheira Eletricista	40 h	40 h	20.000,00	Ambos
P13	23	24	Assistente Executivo	Não trabalha	40 h		1.500,00	Entrevistado
P14	40	33	Consultor de vendas	Administradora	44 h	40 h	10.000,00	Ambos
P15	31	30	Engenheiro	Não trabalha	40 h		20.000,00	Entrevistado
P16	32	27	Caldeireiro	Técnica de enfermagem	40 h	40 h	3.000,00	Ambos
P17	32	30	Advogado	Turismóloga	40 h	44 h	7.000,00	Ambos
P18	26	26	Inspetor Técnico	Gerente de loja	40 h	50 h	5.000,00	Entrevistado
P19	33	31	Fisioterapeuta	Auxiliar Administrativo	44 h	40 h	2.400,00	Ambos e família de origem
P20	27	28	Vendedor	Técnica em laboratório	40 h	44 h	2.000,00	Ambos
P21	33	33	Procurador Federal	Dentista	40 h	40 h	16.000,00	Ambos
P22	32	32	Coordenador de imobiliária	Publicitária	30 h	30 h	8.000,00	Ambos
P23	30	30	Enfermeiro	Farmacêutica	74 h	40 h	6.000,00	Ambos
P24	33	29	Taxista	Secretária	50 h	40 h	4.000,00	Ambos
P25	36	30	Eletrotécnico	Auxiliar comercial	40 h	40 h	4.000,00	Ambos
P26	21	21	Estudante	Estudante	20 h		6.000,00	Entrevistado e família de origem
P27	40	36	Coordenador em concessionária	Não trabalha	40 h		8.000,00	Entrevistado
P28	24	32	Estudante	Enfermeira	40 h	40 h	1.000,00	Ambos
P29	30	30	Advogado	Administradora	40 h	40 h	8.000,00	Ambos
P30	36	29	Chefe de RH	Professora de ensino superior	40 h	20 h	7.000,00	Entrevistado

Tabela 52 - Dados sobre a gravidez, o sexo do bebê e o parto. Salvador, 2015

Código	Tempo de relacionamento (em anos)	Gravidez planejada	Gravidez desejada	Expectativa sobre o sexo do bebê	Sexo do bebê	Planejamento para o parto	Tipo de Parto
P1	12	Sim	Sim	Menino	Menina	Natural	Natural
P2	6	Não	Sim	Menina	Menino	Natural	Cesárea
P3	10	Sim	Sim	Não tinha	Menino	Natural	Natural
P4	5	Não	Sim	Menino	Menino	Natural	Natural
P5	7	Não	Sim	Não tinha	Menina	Natural	Cesárea
P6	6	Não	Sim	Não tinha	Menino	Não tinha	Cesárea
P7	6	Sim A	Sim	Menino	Menina	Natural	Natural
P8	12	Não	Sim	Menino	Menina	Cesárea	Cesárea
P9	2	Não	Não	Menino	Menina	Cesárea	Cesárea
P10	5	Sim A	Sim	Menino	Menino	Cesárea	Cesárea
P11	10	Sim	Sim	Menina	Menina	Cesárea	Cesárea
P12	7	Sim	Sim	Não tinha	Menina	Natural	Cesárea
P13	7	Não	Sim	Menino	Menino	Cesárea	Cesárea
P14	5	Não	Sim	Não tinha	Menino	Natural	Cesárea
P15	5	Não	Sim	Não tinha	Menina	Natural	Natural
P16	11	Sim	Sim	Não tinha	Menina	Cesárea	Cesárea
P17	10	Sim	Sim	Menino	Menina	Natural	Cesárea
P18	13	Sim	Sim	Menina	Menino	Natural	Cesárea
P19	6	Sim	Sim	Não tinha	Menino	Cesárea	Cesárea
P20	7	Não	Sim	Não tinha	Menino	Natural	Cesárea
P21	17	Sim	Sim	Menina	Menina	Cesárea	Cesárea
P22	6	Sim	Sim	Menina	Menina	Natural	Natural
P23	9	Sim	Sim	Menino	Menina	Cesárea	Cesárea
P24	8	Sim	Sim	Menina	Menino	Cesárea	Cesárea
P25	3	Sim	Sim	Menina	Menino	Natural	Natural
P26	2	Não	Sim	Menina	Menina	Natural	Natural
P27	13	Sim	Sim	Menina	Menina	Cesárea	Cesárea
P28	5	Sim	Sim	Não tinha	Menino	Cesárea	Cesárea
P29	11	Sim	Sim	Não tinha	Menina	Cesárea	Cesárea
P30	11	Sim	Sim	Menino	Menino	Natural	Natural

ANEXO 1 – PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP COM/UFBA



MATERNIDADE CLIMÉRIO DE
OLIVEIRA ((MCO/UFBA))



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O nascimento do pai: envolvimento paterno na gravidez, parto e pós-parto

Pesquisador: Hannah Fiterman

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 14248113.5.0000.5543

Instituição Proponente: Universidade Católica do Salvador

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio
Fundação de Amparo a Pesquisa do Estado da Bahia - FAPESB

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 482.943

Data da Relatoria: 09/12/2013

Apresentação do Projeto:

A família tradicional formada por um pai provedor e por uma mãe cuidadora do lar e dos filhos, não condiz mais com as realidades vivenciadas pelos casais brasileiros na contemporaneidade. Atualmente, transita na paternidade aspectos relacionados ao cuidado e ao afeto com a prole. Assim, são necessários estudos sobre as mudanças nas famílias.

Trata-se de um estudo longitudinal quantitativo-qualitativo descritivo. A coleta de dados será realizada em uma clínica de obstetrícia que atende população de classe média alta da cidade de Salvador (Ba) (Clínica do Dr Henrique Amorim e ADEQUADA). Participarão do estudo 30 homens que estão vivenciando a gravidez, parto e pós-parto do(a) seu(ua) filho(a) primogênito(a). Serão construídos três roteiros a serem aplicados na forma de entrevista gravada. As entrevistas serão gravadas e posteriormente transcritas (anexas, adequadas). Serão construídas categorias de análise a partir dos dados obtidos com as entrevistas.

Objetivo da Pesquisa:

GERAL:

Investigar o envolvimento paterno nos momentos da gravidez, parto e pós-parto do(a) filho(a)

Endereço: Rua do Limoeiro, 137

Bairro: Nazaré

UF: BA

Telefone: (71)3283-9210

Município: SALVADOR

CEP: 40.005-150

E-mail: cepmco@ufba.br



MATERNIDADE CLIMÉRIO DE OLIVEIRA ((MCO/UFBA))



Continuação do Parecer: 482.943

primogênito(a).

SECUNDÁRIO:

1. Identificar as concepções de paternidade apresentadas pelos participantes no período de gravidez e no pós-parto.
2. Compreender como o pai lida com a transição de ter sido cuidado por seus próprios pais (ou responsáveis) para a de cuidar de sua criança.
3. Analisar as implicações do tornar-se pai para a percepção de si mesmo e para os convívios: familiar, de trabalho e social.
4. Identificar quais pessoas e instituições interferem positiva e/ou negativamente no envolvimento paterno durante a gravidez, parto e pós-parto.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS

Há o risco de desconforto em decorrência de a entrevista ser gravada e abordar conteúdos íntimos de um momento emocional muito importante do entrevistado por se tratar de um período da vida que pode gerar estresse e outras mobilizações psicológicas. Caso isso ocorra, haverá apoio psicológico por parte da pesquisadora do estudo, que é psicóloga e, caso necessário, haverá encaminhamento para psicoterapia.

BENEFÍCIOS:

Neste estudo consistem em: promover a reflexão sobre a paternidade, refletir e lidar melhor com a transição para paternidade e promover ampliação de rede de apoio na participação dos homens no processo do nascimento do primeiro filho e nos cuidados infantis. Pretende-se, em termos de retorno social, contribuir para a produção científica, quanto para o campo de formulação e avaliação de políticas públicas, especialmente aquelas voltadas à atenção à gravidez. Reforçar o maior acesso dos pais aos serviços de saúde e ajudar na capacitação técnica dos profissionais de saúde para o atendimento do pai.

Endereço: Rua do Limoeiro, 137

Bairro: Nazaré

UF: BA

Telefone: (71)3283-9210

Município: SALVADOR

CEP: 40.005-150

E-mail: cepmco@ufba.br



MATERNIDADE CLIMÉRIO DE
OLIVEIRA ((MCO/UFBA))



Continuação do Parecer: 482.943

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto é bem elaborado, possui fundamentação bibliográfica e metodologia adequadas. Porém, apresenta pendências que merecem resposta do investigador.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

TCLE: ADEQUADO.

Cronograma: ADEQUADO.

Orçamento: ADEQUADO.

Carta de Anuência: ANEXADA.

Recomendações:

-O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. 466/12 CNS/MS) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado.

-O pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. 466/12 CNS/MS), aguardando seu parecer, exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade de regime oferecido a um dos grupos da pesquisa que requeiram ação imediata. No cronograma, observar que o início do estudo somente poderá ser realizado após aprovação pelo CEP, conforme compromisso do pesquisador com a resolução 466/12 CNS/MS.

-O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo. É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP junto com seu posicionamento.

-Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara

Endereço: Rua do Limoeiro, 137

Bairro: Nazaré

UF: BA

Telefone: (71)3283-9210

Município: SALVADOR

CEP: 40.005-150

E-mail: cepmco@ufba.br



MATERNIDADE CLIMÉRIO DE
OLIVEIRA ((MCO/UFBA))



Continuação do Parecer: 482.943

e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas.

-Relatórios PARCIAIS devem ser apresentados ao CEP-MCO SEMESTRALMENTE e final na conclusão do projeto.

-Assegurar aos sujeitos da pesquisa os benefícios resultantes do projeto, seja em termos de retorno social, acesso aos procedimentos, produtos ou agentes da pesquisa (466/12 CNS/MS).

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

SALVADOR, 08 de Dezembro de 2013

Assinador por:
Eduardo Martins Netto
(Coordenador)

Endereço: Rua do Limoeiro, 137

Bairro: Nazaré

CEP: 40.005-150

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3283-9210

E-mail: cepmco@ufba.br